

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

ORDEM E PROGRESSO
O Brasil dos Gaúchos

**Jakzam Kaiser
1998.**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“Ordem e Progresso - O Brasil dos Gaúchos”

Jakzam Dalla Leite Kaiser

Orientadora: Dra. Ilka Boaventura Leite

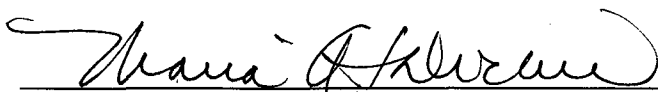
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



Dra. Ilka Boaventura Leite (UFSC-Orientadora)



Dr. Ruben George Oliven (UFRGS)



Dra. Maria Amélia Schmidt Dickie (UFSC)

Florianópolis, 04 de dezembro de 1998.

OS GAÚCHOS

Quem lhes teria dito que seus ancestrais vieram por um mar, quem lhes teria dito o que são um mar e suas águas.

Mestiços do sangue do homem branco, o menosprezaram, mestiços do sangue do homem vermelho, foram seus inimigos.

Muitos não terão ouvido jamais a palavra gaúcho, ou a terão ouvido como uma injúria.

Aprenderam os caminhos das estrelas, os hábitos do ar e do pássaro, as profecias das nuvens do sul e da lua como um halo.

Foram pastores da fazenda brava, firmes no cavaio do deserto, laçadores, marcadores, tropeiros, capatazes, vez ou outra matreiros; algum, o escutado, foi o trovador.

(...)

O diálogo pausado, o mate e o baralho foram as formas de seu tempo.

À diferença de outros campesinos, eram capazes de ironia.

Eram sofridos, castos e pobres. A hospitalidade foi sua festa.

Morriam e matavam com inocência.

(...)

Sua cinza imortal está perdida em remotas regiões do continente, em campos de batalha hoje famosos.

Do livro *Elogio da Sombra*, de Jorge Luís Borges.

*Aos meus filhos,
Gabriel e Felipe,
nascidos durante o trabalho.*

*Ao meu pai,
José Manoel Delvair Kaiser,
pelo exemplo de toda a vida.*

AGRADECIMENTOS

A minha mulher, Maria Thereza Cordeiro Kaiser, pelo companheirismo, pela paciência e pela força, mesmo estando grávida duas vezes durante a execução do trabalho. E também por submeter, por um tempo, seus planos ao meu projeto.

A minha orientadora, Doutora Ilka Boaventura Leite, que me ensinou a verdadeira dimensão do "ser professor".

Ao amigo Luiz Carlos Barbosa Lessa pelas cartas, pelo incentivo e pelo carinho.

Ao amigo Werner Zotz pela disponibilidade, pelo diálogo sempre alerta, pelos conselhos.

Às instituições de fomento e pesquisa que financiaram o trabalho: CAPES, NUER e Funpesquisa/UFSC.

Aos professores Dr. Ruben George Oliven, Dr. Rogério Haesbaert, Dra. Ana Maria Gorosito Kramer, Dra. Carmem Rial, Dr. Hélio Silva, Dra. Maria Eunice Maciel, Dr. Sérgio Alves Teixeira, Dra. Ana Lúcia Valente pelas orientações, apoio e informações.

A todos os meus colegas da Universidade Federal de Santa Catarina, do PPGAS e do NUER, em especial Raquel Mombelli, Rosana Badalotti, Pedro Martins, Aloísio dos Reis, Adiles Savoldi, Eugênio Lacerda e João Tadeu Weck.

Aos gaúchos Edson Otto; Getúlio, Chica e Pedro Taborda; Beatriz Finimundy; Carlos Alberto Viegas; Rubens Sartori; José Antônio de Oliveira; Mario Mattos; Raquel Souza; Ana Paula Rodrigues e Simaia Ferreira; ao padre Zé Vicente e ao fazendeiro mineiro Délio Lopes; aos meus familiares, amigos e colegas da Editora Mares do Sul que, de alguma forma, contribuíram com a realização desta pesquisa, e a tantos outros que encontrei nas andanças pelo Brasil e Bolívia, meus mais profundos e sinceros agradecimentos.

Jakzam Kaiser

ÍNDICE

PARTE I.

INTRODUÇÃO: O SUSSURRO DO MINUANO

Um gaúcho na diáspora pesquisa a diáspora gaúcha	01
A questão antropológica	02
Interesse pessoal na diáspora	02
Os gaúchos e os outros	03
Conversas por correspondência	04
O recorte do grupo	05
O trabalho etnográfico	06
Campo de pesquisa móvel	06
Conversas sem gravador	08
O étnico na identidade gaúcha	09
Estrutura do trabalho	11

CAPÍTULO 1: O DESAFIO DA FRONTEIRA

A aventura de uma gente pioneira	13
1.1. - O discurso da diferença	14
1.2. - Gaúchos em armas	15
1.3. - Espírito democrático	17
1.4. - A Revolução Farroupilha	18
1.5. - Os positivistas e a Constituição de 1891	18
1.6. - Os federalistas e a Revolução de 1893	19
1.7. - A Revolução de 1923	21
1.8. - O amálgama étnico	21
1.9. - Ser gaúcho no Rio Grande do Sul	24
1.10. - A diáspora gaúcha	25
1.11. - Ser gaúcho fora do Rio Grande	29
1.12. - O uso político do ser gaúcho	30

CAPÍTULO 2: REGIONALISMO MILITANTE

Tradição, família e propriedade à moda gaúcha	32
2.1. - A questão da identidade regional	32
2.2. - Regionalismo: autonomia x integração	34
2.3. - O Movimento Tradicionalista Gaúcho	35
2.4. - A comunidade imaginada gaúcha	39
2.5. - A questão da identidade nacional	41
2.6. - 1ª incursão ao mundo gaúcho: CTG Os Praianos, 12/04/94	44
2.7. - 2ª incursão ao mundo gaúcho: fundação do MTG-MT, Primavera do Leste, Agosto de 1994	45
2.8. - Primavera do Leste, 2º dia: personagens e debates	48
2.9. - Primavera do Leste: observações do pesquisador	50
2.10. - 3ª incursão ao mundo gaúcho: Seminário Nacional de Tradições Gaúchas, Capão da Canoa, Novembro de 1994	52
2.11. - O gaúcho-colono e a fundação da estância agrícola	54
2.12. - O ítalo-gaúcho	57
2.13. - Globalização e novas noções de espaço-tempo	58

2.14. - Múltiplas identidades e redes locais	59
2.15. - Rede étnico-regional gaúcha	61
2.16. - Tradição e ideologia étnica	63

CAPÍTULO 3: A CONQUISTA DA CHAPADA

Capitão Rodrigo na Terra de Guimarães Rosa ou

Como se constróem as intolerâncias	66
3.1. - Hábitos de higiene e limpeza	69
3.2. - Trabalho (savoir faire) x preguiça (incompetência)	70
3.3. - Nós e os outros: boicote étnico e violência	72
3.4. - A voz da tolerância	76
3.5. - Diferentes visões sobre gestão municipal	76
3.6. - Gaúchos não querem voltar	78
3.7. - A versão gaúcha dos tempos pioneiros	79
3.8. - Auto-imagem do gaúcho-colono	81
3.9. - A rede gaúcha: o uso político do étnico	81
3.10. - Questões sobre a moral e os costumes	82
3.11. - Gaúchos como agentes do progresso	84
3.12. - A santa dos gaúchos e a festa da padroeira	85
3.13. - Construção da identidade na diferença	87
3.14. - Ecos de Guimarães Rosa	88

CAPÍTULO 4: OUTROS TRÊS ESPAÇOS LOCAIS DA REDE GAÚCHA

Diversidade regional, pioneirismo, urbanidade

e expansão transnacional	90
4.1. - Vila dos Gaúchos, Parque Grande Sertão Veredas, Fronteira Minas Gerais, Goiás e Sul da Bahia	91
4.2. - Santa Cruz de la Sierra, Bolívia	93
4.3. - Reunião com gaúchos do MTG-NE, em Salvador, Bahia	98
4.4. - Como a informação circula na rede gaúcha	100
4.5. - Estratégias de inserção comunitária	100
4.6. - Gaúchos difundem nova lógica econômica no campo	101
4.7. - O homem sobre o trator	101
4.8. - A domesticação da natureza	101

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM QUALQUER CHÃO, SEMPRE GAÚCHO

Marketing social e a domesticação do outro	103
---	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
---	------------

PARTE II.

ANEXOS

Mapas, documentos, fotos, artigos.

INTRODUÇÃO

O SUSSURRO DO MINUANO¹

Um gaúcho na diáspora² pesquisa a diáspora gaúcha.

O objetivo desta pesquisa é investigar a emergência de uma identidade gaúcha fora do Rio Grande do Sul, num território vasto que envolve toda a fronteira oeste e noroeste do país, incluindo regiões dos países fronteiriços e a região central do Brasil.

O trabalho agora apresentado é resultado de quase uma década de observações. Em maio de 1986, aos 24 anos, por motivos pessoais e profissionais, mudei-me de Porto Alegre, de onde não havia me ausentado por mais de três meses, e fui morar em Florianópolis. Estranhei um pouco o sotaque das pessoas, o seu ritmo de vida, tive dificuldades para me acostumar com a cidade. Mas, aos poucos, fui fazendo amigos, conheci minha mulher, casei, percorri quase todos os cantos, caminhos e praias da ilha que escolhi para viver. Depois de um par de anos, comecei a me sentir em casa.

Apesar de estar à vontade em minha nova vida, sentia-me como se um estigma impedisse vínculos mais íntimos com os nativos da cidade. "Eles, os nativos", pareciam resistir ao que muitos ainda consideram uma invasão estrangeira. "Nós, os de fora", éramos vistos como invasores, ocupando o espaço "deles".

Como Florianópolis, apesar de pequena com seus 280 mil habitantes, recebe muita gente de fora, esta sensação não chegou a tornar-se um incômodo. As pessoas que vêm de fora terminam convivendo entre si - minha mulher também não é da terra.

É evidente a distância existente entre as pessoas que vêm de fora e os nativos do local - chamados de "manezinhos", apelido que pode ter uma conotação carinhosa ou pejorativa dependendo do momento e de quem e como fala. O mal-estar é maior

¹ Nome do vento sul-sudoeste que nasce na Antártica, percorre a Terra do Fogo, a Patagônia e os campos do Pampa argentino e uruguaio e atinge o Rio Grande do Sul, onde é chamado de Minuano, nome de um dos povos indígenas que habitavam a região - outros eram os Tapes e os Charruas. Em Santa Catarina, muda de nome: Vento Sul.

² Apesar do termo *migração* ser mais exato para classificar o deslocamento da população gaúcha, na medida em que esta mudança não é provocada por perseguição política, religiosa, guerra ou qualquer outro tipo de catástrofe, consideramos que o caráter de dispersão deste deslocamento e seu componente étnico, que será demonstrado no decorrer do trabalho, permite o uso do termo *diáspora* para nominá-lo.

Consideramos "*diáspora gaúcha*" o deslocamento de um grupo populacional em grandes proporções, ocorrido num determinado período da história do Brasil, que transformou-se num fenômeno de migração. O deslocamento populacional parte do Rio Grande do Sul para outras regiões do Brasil e outros países, ocasionado pela busca de mobilidade social. No caso específico da fronteira agrícola brasileira, destino preferencial desta onda migratória e foco da pesquisa, a principal causa do movimento é a expulsão dos agricultores de sua terra de procedência. A "*diáspora gaúcha*" é sustentada política, econômica e ideologicamente por um projeto de colonização que pressupõe a conquista de novos territórios e a posse de terras.

em relação aos gaúchos, maior grupo entre a população não-nativa em Florianópolis³. Em 12 anos, as situações que presenciei de intolerância entre gaúchos e manezinhos são muitas e diversas.

A de registro mais antigo foi a publicação, no Jornal *O Estado* de 7 de junho de 1989, de reportagem sob o título "Jornalista gaúcho adverte: ilhéus são vadios, frouxos, chatos e falam como bichas". A matéria transcreve artigo publicado por um jornalista residente na Serra Gaúcha, em jornal local da região, contando como foram suas férias em Florianópolis e definindo os moradores da capital catarinense com os adjetivos presentes na manchete.

A mais recente delas aconteceu durante o segundo turno da última campanha eleitoral para a Prefeitura (outubro/novembro 96). Espalhou-se a notícia de que militantes gaúchos do PT, partido que ganhou a eleição no primeiro turno em Porto Alegre, estariam vindo para a cidade reforçar a campanha do candidato do partido que passara para o segundo turno. Nas comunidades do interior da ilha, mais tradicionais, ouvia-se o discurso de que era preciso "acabar com esta invasão". O candidato do PT perdeu.

A QUESTÃO ANTROPOLÓGICA.

O pensador alemão Hanz Magnus Enzensberger conta uma história que exemplifica o mecanismo sobre a formação de afinidades de grupo e a afirmação de identidades. Dois passageiros estão na cabina de um trem. Instalam-se à vontade. Jornais e casacos ocupam os assentos vazios. A porta se abre e entram dois outros viajantes.

Não são vistos com bons olhos. Os dois primeiros passageiros, mesmo que não se conheçam, comportam-se com uma solidariedade notável na relutância em desocupar os assentos vazios e em deixarem os recém-chegados se acomodarem também. A cabine é território seu e os novos passageiros são considerados intrusos. A situação nunca atinge o conflito declarado porque existem regras de conduta e comportamento, como a cortesia, que fazem os novos viajantes serem tolerados. Acostumam-se com eles, mas permanece o estigma, que, apesar de menos acentuado com o passar do tempo, não os abandona.

Se dois novos passageiros aparecerem, o status dos intrusos muda: passam a ser nativos; já fazem parte do clã dos ocupantes da cabina.

Segundo Enzensberger, clãs e grupos tribais existem desde o aparecimento da espécie humana e os estados-nações surgiram há apenas 200 anos. Talvez exista um processo de retribalização na base do que está acontecendo com os sujeitos da diáspora gaúcha nas fronteiras do Brasil e com outros grupos em incontáveis outros lugares do planeta, onde ocorrem o ressurgimento de movimentos nacionalistas, autonomistas e regionais que envolvem constantes antropológicas como cultura, tradição, etnia e identidade.

INTERESSE PESSOAL NA DIÁSPORA.

³ Reportagem publicada no Jornal *A Notícia*, em 12 de outubro de 1995, informa que "gaúchos são maioria dos forasteiros em Florianópolis". Uma pesquisa divulgada pelo Tribunal Regional Eleitoral utilizando como fonte os dados cadastrais dos eleitores da capital comprova a informação. Os resultados mostram que os gaúchos são em maior número, inclusive, que os catarinenses do interior.

Devo esclarecer que, apesar de gaúcho, nunca tive vínculos com o universo tradicionalista. Conhecia a história do meu estado superficialmente, o nome dos personagens e a época aproximada em que os principais episódios envolvendo o Rio Grande do Sul aconteceram. Além disso, tenho familiares tradicionalistas, fui criado próximo ao culto das tradições, participando da roda de chimarrão⁴, ouvindo as histórias campeiras e a música gaúcha. Mas nunca havia prestado atenção ou dado importância ao que acontecia à minha volta. Parecia ser a ordem “natural” das coisas.

Fora do Rio Grande do Sul, a perspectiva mudou. Devagar, fui sentindo necessidade de me aproximar das coisas da minha terra. Um sentimento paradoxal de alguém que por opção própria está fora do seu mundo e, ao mesmo tempo, quer continuar pertencendo a ele. Comecei, então, a perceber a grande quantidade de gaúchos que também viviam em Florianópolis. Passei a ver cartazes e propagandas na televisão e rádios convidando para bailes gaúchos e rodeios, descobri a existência de CTGs (Centros de Tradições Gaúchas) ativos e participantes na comunidade.

Em 1990, um amigo contou-me que tinha visto, numa localidade do litoral catarinense, a placa de um CTG (Centro de Tradições Gaúchas) cujo nome era “Sapateando no Marisco”. A imagem que surgiu na minha mente foi a de um gaúcho pisando com sua bota o prato de comida do “manezinho”. Uma visão.

Este episódio deu-me a idéia do trabalho que agora apresento. Foi como se percebesse, de repente, variadas facetas de um mesmo movimento: a forte presença gaúcha no litoral catarinense, as diferenças culturais entre os nativos do local e os gaúchos migrantes, os conflitos latentes que ora acomodam-se sob o tecido social, ora vêm à tona, explosivos, viscerais.

Desde então, tenho buscado informações sobre o assunto e tentado sistematizá-las. Precisei permanecer durante 1992 em Curitiba. A mudança impediu minhas observações em Florianópolis, porém ampliou a dimensão do fenômeno: encontrei forte presença da cultura gaúcha no Paraná e descobri que esta presença era marcante em diversas regiões do país. Manchete do Jornal *A Gazeta do Povo*, de junho de 1992, anunciava: “Gaúchos ‘exportam’ as velhas tradições”. Um ano depois, reportagem no Jornal *Folha de São Paulo* mostrava a resistência de outros grupos regionais ao discurso gaúcho: com o título “Grupo de nordestinos se organiza contra ação de separatistas do Sul”, informava sobre a criação, em Fortaleza, do MPUN (Movimento Pela União do Nordeste).

OS GAÚCHOS E OS OUTROS.

A percepção de um processo de construção de alteridades provocou o surgimento das principais questões que nortearam este trabalho.

- **O conflito:** Se, em Florianópolis, as relações entre gaúchos e “manezinhos” são marcadas por conflitos, isto acontece em outros espaços regionais onde a identidade gaúcha se manifesta? Como esta oposição é construída?
- **A identidade na diáspora:** Como vivem e quem são estes gaúchos que vivem longe de casa? Como manter o núcleo da cultura tradicional em lugares vários e diferentes. Ou seja: como reproduzir práticas econômicas e políticas, relações de parentesco, rituais e todo um sistema de

⁴ Ritual da cultura gaúcha no qual toma-se chimarrão, um chá de erva-mate bebido através de um canudo feito de metal, de preferência prata, numa cuia feita de porongo, espécie vegetal que parece um coco oco, e trocam-se vivências. O chimarrão tem um modo especial de preparo, e a pessoa que prepara e serve o chimarrão aos membros da roda é chamado de cevador.

representação simbólica? Metaforicamente, como construir o Pampa no Cerrado? Ou no Sertão?

- **A construção do estereótipo e da intolerância:** Os gaúchos constroem uma representação alegórica de si mesmos, que serve como categoria de entendimento para o outro. Também refundam a idéia da mestiçagem no Brasil - o cadinho formado pelo branco português, o índio e o negro - ao incluir na formação do Rio Grande do Sul o elemento espanhol, desde o início da colonização do estado (século XVI e XVII), e os imigrantes europeus a partir do século XIX (alemães, italianos, poloneses, austriacos, ucranianos etc). Ao incluir novos elementos na formação da nacionalidade os gaúchos reforçam a idéia de nação brasileira? Ou a intolerância entre os gaúchos e outros grupos regionais tem a ver com a exacerbação desta representação ao ponto de romper com esta idéia de nacionalidade?
- **A idéia da “nação gaúcha”:** Os gaúchos mostram, como grupo social, características que permitem classificá-lo como um grupo étnico. Primeiro, ao criar espaços regionais de identidade gaúcha, não importa a localização geográfica ou aspectos históricos e culturais do lugar. Segundo, ao naturalizar a reprodução do “ser gaúcho”: os filhos de gaúchos, mesmo fora do Rio Grande do Sul, nascem gaúchos, como se esta condição fosse uma herança genética.

Em 1993, voltei a Florianópolis com interesse redobrado no assunto. Como jornalista, tentei publicar um artigo no principal diário da cidade, pertencente a um grupo de comunicação com sede no Rio Grande do Sul, no qual trabalhava à época. Fui surpreendido com o impedimento da publicação do artigo quando a página já estava pronta para ir à rotativa⁵, sob a alegação de que iria acirrar os ânimos. Aquele foi um dos períodos em que o conflito veio a público e podia ser acompanhado através da seção de cartas do jornal, espaço usado pelos leitores para se posicionar - gaúchos e “manezinhos” xingando-se mutuamente. Os responsáveis pela Redação do jornal temiam ver o jornal - visto como gaúcho por parte da população - envolvido na polêmica.

CONVERSAS POR CORRESPONDÊNCIA.

A censura do artigo no jornal fortaleceu minha certeza de que o assunto merecia ser investigado. Busquei, então, contato com o mundo gaúcho. Como a parte mais visível deste mundo é o Movimento Tradicionalista, adotei como estratégia o contato pessoal com seus dirigentes. Esta estratégia tinha duas metas:

1. A aproximação com o repertório tradicional do grupo e suas categorias de classificação do mundo;
2. Através desta aproximação em nível institucional, criar relações de afetividade e canais de informação que permitissem a observação do grupo em sua convivência cotidiana dentro de espaços de sociabilidade privados - em casa ou ambientes de trabalho.

A abordagem aconteceu de duas maneiras:

⁵ Ver em Anexos, Documentos.

1. Através do envio de correspondências, nas quais era feita uma apresentação formal do pesquisador, com a concepção geral do trabalho e uma solicitação de comentários e sugestões.
2. Participação em eventos institucionais do Movimento Tradicionalista Gaúcho, como congressos, seminários e reuniões de entidades tradicionalistas, nos quais foi possível uma apresentação pessoal sobre a pesquisa.

A resposta obtida com as cartas superou qualquer expectativa. Com alguns destes interlocutores foi iniciada uma frutífera troca de informações que perdura até hoje.

Um dos mais importantes correspondentes foi o senhor Luiz Carlos Barbosa Lessa, ideólogo do Movimento Tradicionalista Gaúcho, fundador do primeiro CTG e autor das *Teses do Movimento*, que vigoram até hoje. Apesar de ele morar no Rio Grande do Sul, tem viajado Brasil afora participando da organização e divulgação do Tradicionalismo Gaúcho. Considero esta correspondência importante pela qualidade da fonte, pelas portas que abriu durante a realização do trabalho e, mais importante, pelo diálogo que aconteceu através das cartas⁶.

O RECORTE DO GRUPO.

A diáspora gaúcha tem algumas características que a tomam diferente de migrações de outros grupos regionais. As trajetórias de vida pesquisadas apontam pelo menos duas constantes:

- Os gaúchos partem de cidades pequenas e médias do interior para outras cidades do interior, quase sempre menores que a localidade de origem.
- A maioria absoluta dos migrantes é descendente de pioneiros europeus - especialmente italianos e alemães - que colonizaram o Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX.

O grupo pesquisado é o gaúcho rural - agricultores e capitalistas rurais. Ou seja, estamos falando de um grupo sociologicamente majoritário, não-urbano, que se baseia na ética protestante da valorização do trabalho como alicerce do sucesso pessoal e familiar. Este personagem tem sido importante no processo de expansão da fronteira nacional.

Apesar da inserção neste mundo gaúcho ter se dado através do Movimento Tradicionalista, a intenção era pesquisar além da superfície institucional, buscando a convivência nos ambientes familiares e profissionais.

Uma análise das trajetórias pessoais possibilita afirmar que o grupo gaúcho é composto por pessoas que vislumbram uma aceleração da sua mobilidade social através de melhores oportunidades de negócios, em sua maior parte relacionadas com a aquisição de terras produtivas por preços baixos. O mito do gaúcho é acionado, por um lado, como base da construção da identidade étnica na diáspora, funcionando como um articulador do entendimento com os outros; por outro lado, como parte da estratégia para obter a posse de terras.

⁶ Durante estes últimos quatro anos, enviei ao senhor Barbosa Lessa todos os trabalhos, artigos, projetos, relatórios, análises e conclusões que obtive, na medida em que os textos eram produzidos. A correspondência com o senhor Barbosa Lessa estabeleceu o contraditório feito por representante reconhecido do grupo pesquisado, permitindo sua crítica simultaneamente ao desenvolvimento do trabalho, o que ajudou a enriquecê-lo.

Apesar de não ser possível definir grupos étnicos somente a partir de sua cultura, ela é parte essencial da etnicidade. Em suma, como diz Manuela Carneiro da Cunha (1986:100-101), "com o perdão do trocadilho, existe uma bagagem cultural, mas ela deve ser sucinta: não se levam para a diáspora todos os seus pertences. Manda-se buscar o que é operativo para servir ao contraste."

O TRABALHO ETNOGRÁFICO.

Se considerarmos a cultura como um sistema de significados, a etnografia pode ser definida como a tradução de um encontro entre dois sistemas de significação diferentes - o do grupo estudado e o do antropólogo, que indaga sobre a natureza das diferenças e semelhanças e utiliza o contraste como meio de investigação da diversidade cultural. A essência da antropologia é estabelecer uma ponte entre estes dois universos - quanto maior a compreensão mútua, melhor será a tradução da conversa. E o trabalho dos antropólogos em campo, feito com as técnicas da observação participante, é a própria consumação desta conversa.

A observação participante é o método através do qual o pesquisador estabelece uma convivência cotidiana com o grupo pesquisado. Neste período, presencia o comportamento do grupo diante de situações do dia-a-dia, descobre suas reações ao inesperado, suas interpretações dos acontecimentos, a forma como os membros do grupo estabelecem relações de poder, fazem alianças, respeitam hierarquias... enfim, as regras acordadas pelo grupo para o convívio social.

É importante ressaltar que as teorias sociais estão sujeitas a processos de renovação, mas as boas descrições etnográficas permanecem além das análises, permitindo reinterpretações sob novos enfoques. Para além das teorias, a prática etnográfica "artesanal, microscópica e detalhista traduz o reconhecimento do aspecto temporal das explicações" (Peirano, 1993:219).

Para conseguir os melhores dados, é necessário derrubar a desconfiança das fontes. Ter, como diz Foote-White, o apoio de indivíduos-chaves na organização social, líderes que, pela sua posição privilegiada no grupo, são observadores mais perspicazes do que seus seguidores. Como no caso descrito por Foote-White⁷, a aceitação do pesquisador pelo grupo depende muito mais das relações pessoais desenvolvidas do que as explicações que possa dar sobre a pesquisa - "se eu fosse uma boa pessoa, o projeto seria considerado bom; se não fosse, nenhuma explicação poderia convencê-los" (1980:79).

Neste aspecto, como já abordamos, foi desenvolvida uma intensa correspondência com indivíduos-chaves do grupo, obtendo sua aceitação e a aprovação ao trabalho⁸. Também foram feitas pesquisas exploratórias que proporcionaram o contato pessoal com os correspondentes e membros da direção do Movimento Tradicionalista Gaúcho em todo o Brasil, facilitando o acesso e o diálogo com os informantes nos trabalhos de campo posteriores.

CAMPO DE PESQUISA MÓVEL.

Para que a pesquisa não sofresse influência das relações de vizinhança entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina e das relações pessoais do pesquisador, o local

⁷ Trabalho de campo realizado em Cornerville, bairro com forte presença italiana em Chicago.

⁸ Nos anexos, artigos sobre a pesquisa e o pesquisador publicados na imprensa tradicionalista gaúcha mostram o nível de proximidade alcançado com o grupo e seus dirigentes.

de observação foi transferido. Buscou-se outra perspectiva comparativa para o exercício do contraste, numa relação mais ampla de deslocamento. Em vez de observar os gaúchos em Florianópolis, passei a procurar uma localidade mais distante.

No decorrer do trabalho, foram estabelecidos vínculos com diferentes grupos gaúchos fora do Rio Grande do Sul, e destes grupos entre si, em diferentes regiões, o que configura a existência de uma "rede regional", fenômeno já percebido por Haesbaert em trabalho realizado em Barreiras-BA⁹. Isto fez com que, ao invés de fixar o trabalho de campo em apenas uma localidade, a pesquisa se realizasse "em trânsito", acompanhando alguns elos desta rede.

O deslocamento dentro desta "rede gaúcha" permitiu a percepção de quatro importantes dimensões da diáspora gaúcha.

A primeira delas, sobre a qual dedicamos maior atenção, é a *diversidade regional*: o contraste entre a cultura gaúcha e a cultura pré-existente no local de destino dos migrantes.

A segunda é o *caráter pioneiro* da migração: há casos em que os gaúchos se instalam em locais sem qualquer infra-estrutura - e sem um núcleo populacional, e cultural, consolidado - sendo responsáveis pelo marco zero das povoações.

A terceira é a da *urbanidade*: apesar da diáspora gaúcha ser caracterizada, em termos quantitativos, pelo deslocamento para localidades rurais, nos casos em que os gaúchos migram para centros urbanos também é possível encontrar situações de contraste cultural, principalmente a partir da visibilidade proporcionada pela atividade dos CTGs.

A quarta é a da *transnacionalidade*: é quando a identidade gaúcha é acionada como forma de atingir a condição de "ser brasileiro".

É importante destacar, ainda, dois níveis completamente diversos na pesquisa.

O primeiro é o *contexto do próprio grupo* - as reuniões em CTGs e os congressos -, no qual o relacionamento é formal, a troca de informações é intensa, ouvem-se diferentes narrativas de diferentes lugares de procedência de cada personagem.

O segundo é o *contexto mais amplo, das relações do grupo ao interagir com a sociedade*, no qual o ritmo é o do cotidiano, o espaço de pesquisa é privado, as diferentes narrativas versam sobre a vida em um mesmo lugar, que, ao contrário, em vez de origem é destino, comum a todos os personagens.

O primeiro contato com o Movimento Tradicionalista Gaúcho aconteceu numa reunião de diretoria do CTG Os Praianos, em São José, cidade vizinha a Florianópolis¹⁰. Depois desta reunião, marquei encontro com o senhor Barbosa Lessa - então já tínhamos trocado duas ou três cartas - na cidade mato-grossense de Primavera do Leste, onde se realizaria o 1º Congresso Tradicionalista do Mato Grosso. Lá, conheci Barbosa Lessa pessoalmente e fui apresentado por ele aos dirigentes do Movimento Tradicionalista Gaúcho em todo o Brasil. Foi um momento privilegiado da pesquisa.

A partir daí, os contatos diretos foram inúmeros e proveitosos, mas só aconteceram com facilidade por causa do "apadrinhamento" do pesquisador por parte das lideranças do Movimento. É como se, no Congresso do Mato Grosso, eu tivesse sido aprovado. Torna-se evidente a importância das cartas: foi através delas que cheguei aos dirigentes do Movimento.

⁹ "Gaúchos no Nordeste: Modernidade, Des-Territorialização e Identidade." Tese de Doutorado em Geografia, USP, 1995.

¹⁰ Os contatos feitos durante as pesquisas exploratórias são descritos no Capítulo 2.

Ainda no Congresso do Mato Grosso, fui convidado a participar de um Seminário Nacional de Tradições Gaúchas, que aconteceu em Capão da Canoa, balneário no litoral norte do Rio Grande do Sul. Também conheci o senhor Getúlio Taborda, presidente do Movimento Tradicionalista do Planalto Central, que me convidou a realizar o trabalho de campo em Buritis, Minas Gerais, onde mora, o que acabou acontecendo. Em Buritis, passamos efetivamente a observar a diversidade regional num nível mais amplo: o conflito da cultura gaúcha com a cultura local.

As viagens posteriores para a Vila dos Gaúchos - para observar o 'caráter pioneiro' da diáspora - Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia - 'dimensão transnacional' - e para Salvador - 'urbanidade' - foram planejadas em Buritis, a partir de indicações feitas por Taborda, que mantinha vínculos com gaúchos nestas regiões. Foi assim que, tomando como parâmetro o trabalho de Haesbaert, que estabeleceu a existência de espaços regionais gaúchos interligados em rede, buscamos investigar a formação de uma "Rede Étnico-Regional Gaúcha Transnacional", conceito que será abordado a seguir.

CONVERSAS SEM GRAVADOR.

Os depoimentos feitos nestas viagens não foram gravados. Esta escolha metodológica foi baseada na experiência profissional do pesquisador como jornalista¹¹ e confiança na fidelidade dos relatos transcritos posteriormente apenas com o uso da memória e anotações.

A opção deu-se pela convicção do pesquisador de que, com o gravador, a conversa não seria espontânea. Sem gravador, foi possível estabelecer rapidamente vínculos de intimidade, sem os quais a realização do trabalho como se apresenta teria sido impossível. Fui beneficiário de confidências reservadas, penetrei na esfera privada e personalíssima dos informantes, na sua rotina familiar, compartilhando assuntos de família que, com o gravador, sequer teria roçado a superfície. Apenas dois exemplos.

O primeiro não é relevante na pesquisa mas é importante para justificar o método: num dos lugares em que estive, no segundo dia um informante me contou uma história que envolvia uma mulher casada, um marido traído, um filho ilegítimo e um amante secreto. Fui apresentado, posteriormente, a todos estes personagens. De forma alguma isto teria acontecido numa conversa gravada.

O segundo é a conversa com um fazendeiro gaúcho em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, na qual ele falou livremente de seus negócios e me deixou participar, durante toda uma manhã, de seus encontros e conversas de negócios¹². Com gravador, me atenderia meia hora, se tanto, numa entrevista formal, e me despacharia para tratar dos seus assuntos.

Esta técnica, entretanto, exige disciplina rigorosa. Logo que possível, é preciso que o pesquisador pegue seu caderno de campo e anote todas as conversas. Não é preciso ter precisão na cronologia. Basta que haja o registro do dia, o nome da pessoa, os assuntos tratados, as declarações do informante, se possível as situações da conversa em que os assuntos foram surgindo, as observações do pesquisador a respeito das informações. Se houver possibilidade, é bom cruzar os dados e estabelecer relações entre as várias conversas, com o mesmo informante ou com outros, para detectar tendências, padrões. Também é importante descrever o local

¹¹ Doze anos desempenhando funções de repórter, editor e chefe de reportagem em jornais (Zero Hora, Diário Catarinense) e revistas, e redator em agências de propaganda, nos três estados do sul.

¹² Ver Capítulo 4.

onde a conversa se realizou, registrar o clima do momento, o humor da pessoa, cacoetes e jeitos pessoais de falar, de gesticular. A temperatura, a cor do céu... Isto é útil para avivar a memória na hora em que estamos transcrevendo a conversa e pode ser utilizado depois se o autor optar pelo caminho literário para escrever o texto.

O ÉTNICO NA IDENTIDADE GAÚCHA.

Os gaúchos formam um grupo social que se vale de um discurso étnico-regional como diacrítico fundamental na construção de sua identidade. Recorrências sobre "raça", "sangue", "nação gaúcha" são comuns dentro e fora do Rio Grande do Sul. Foram encontrados diferentes exemplos de utilização do étnico na construção da identidade, desde um velho fazendeiro em Primavera do Leste que tem saudade de um lugar que não conhece - se diz saudoso do Rio Grande do Sul, mas não nasceu nem nunca esteve lá - até o dirigente que argumenta com a superioridade moral dos gaúchos para justificar a formação de lideranças políticas no interior do Movimento Tradicionalista¹³. Nas pesquisas realizadas, observa-se que os gaúchos em outros territórios fora do Rio Grande do Sul permanecem dizendo-se gaúchos e esta prerrogativa é herdada e assumida pelos seus filhos que nascem fora do estado.

A cultura gaúcha é um sistema simbólico que avaliza estigmas e estereótipos, sustenta a invenção de tradições e a formação de grupos de interesse e solidariedade. É através do culto a valores éticos, morais e práticas sociais consideradas seletas e o estabelecimento de tradições que justifiquem e glorifiquem as características étnico-regionais da cultura que os gaúchos geram e mantêm o sentido de sua identidade. Ter uma identidade gaúcha exige a compreensão compartilhada das tradições, dos componentes morais, das personalidades sociais que o indivíduo pode assumir de acordo com sua importância dentro do grupo. Ou seja: os gaúchos enquadram-se na concepção de grupo étnico, segundo Barth (1976), pois, na medida em que se valem da identidade étnica para si próprios e outros para propósitos de interação, formam um grupo étnico em seu sentido de organização.

A cultura gaúcha aglutina dentro de um mesmo sistema de representação diferentes comunidades étnicas que têm em comum categorias baseadas na fronteira, no pioneirismo, no trabalho de transformação da natureza, na colonização, na conquista. Gaúchos fora do Rio Grande do Sul, tenham eles origem européia - alemã, italiana, polonesa, portuguesa... - africana ou indígena, se reportam ao Rio Grande do Sul como território de origem, esta origem tornando-se símbolo maior dentro da cartografia das identidades étnicas possíveis no universo gaúcho.

A identidade étnico-regional gaúcha pode não ser traduzível em características tão objetivas quanto o fenótipo, embora seja representada, na maior parte das vezes, por um homem branco de origem européia. Mas, enquanto símbolo, adquiriu uma existência objetiva porque, nos termos da definição de Barth, é aceita pelos outros no decurso da interação social dentro da coletividade. Na medida em que a origem étnico-regional é um diacrítico na construção da identidade do grupo, toma-se um símbolo em torno do qual forma-se uma comunidade de sentimentos, emoções, comportamentos. A origem do grupo passa a expressar diferenças culturais que definem os limites do próprio grupo.

¹³ Estes depoimentos estão no Capítulo 2 (2.7, 2.8, 2.9).

A identidade étnica é difícil de ser determinada teoricamente¹⁴. Entretanto, mesmo tendo um caráter virtual e fluido, influi de forma crucial nas relações reais entre os seres humanos. Oliveira diz que as relações interétnicas dependem das representações que os grupos fazem de si próprios. Desta forma, considerando as categorias étnicas como papéis (rôles),

"a identidade étnica não pode ser definida em termos absolutos, porém unicamente em relação a um sistema de identidades étnicas, diferentemente valorizadas em contextos específicos ou em situações particulares" (1976: 9).

Para Weber (1977), grupos étnicos acreditam numa origem comum, por causa de semelhanças de tipo físico ou de costumes, ou das duas coisas, ou devido a reminiscências de colonização e migração. Guibermouat atenta que, quando se refere a grupos étnicos, Weber menciona raça e semelhanças de tipo físico como um entre outros elementos que podem ser *subjetivamente* percebidos como um traço comum, mas não como um "único elemento":

"Na visão de Weber, a integração pela etnicidade não constitui o grupo: somente facilita a formação de um grupo de qualquer espécie, em especial na esfera política. Ele acentua que é sobretudo a comunidade política, não importa quão artificialmente organizada, que inspira a crença na etnicidade comum. Isso implicaria que o estado tem a capacidade de criar uma 'identidade pressuposta' entre seus cidadãos. Para ele, a crença em uma etnicidade comum cria uma consciência comunal unificadora que tende a persistir mesmo após a desintegração da comunidade política, a não ser que drásticas diferenças de costumes, tipo físico, ou, acima de tudo, linguagem, existam entre seus membros." (1996: 40)

Royce aponta algumas características recorrentes dos grupos étnicos: 1) descendência ou cultura hereditária comum; 2) concepção da cultura como elemento de distintividade, e 3) uso estratégico da etnicidade como diacrítico em situações de contraste cultural.

Comunidades étnicas são formas de organização política, eficientes para resistência ou conquista de espaços. E, de maneira especial, a comunidade política pode suscitar sentimentos de similaridade que persistirão depois de sua sucessão e terão uma conotação "étnica". Segundo Weber:

"Indudablemente, existe un específico sentimiento 'étnico', a menudo muy persistente, allí donde há permanecido vivo por cualquier motivo el recuerdo del nacimiento de una comunidad exterior, en virtud de una escisión pacífica o migración ('colonia', versacrums y fenómenos análogos) del seno de una comunidad matriz. Pero está condicionado por la comunidad política de recuerdo o, sobre todo en los primeros tiempos, por la persistencia del lazo con las 'comunidades culturales'; además, por el fortalecimiento duradero de las comunidades de clan

¹⁴ Geralda Seyferth afirma em seus estudos que "os colonos não formam propriamente um grupo étnico nos termos das definições mais tradicionais encontradas na literatura antropológica, e criticadas por autores como Barth (1969), Aronson (1976), Epstein (1978). O fato étnico é difícil de determinar teoricamente, e conceitos como os de grupo étnico, etnicidade, identidade étnica abarcam fenômenos muito variados, conforme demonstram Glazer e Moynihan (1975). Mas estes mesmos autores constataram a persistência e a importância das formas de identificação social baseadas em critérios de ordem étnica, mesmo quando o caráter de grupo está bastante diluído." (1993: 54) Já Stuart Hall afirma que "... o próprio conceito de identidade é demasiado complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas a respeito deste tema. (...) As formulações são provisórias e abertas à contestação, e a opinião dentro da comunidade sociológica está profundamente dividida quanto a estes assuntos. As tendências são demasiadamente recentes e ambíguas. (1997: 2)

u otras en la vieja y en la nueva comunidad o por otras relaciones duraderas, sentidas permanentemente. Donde esas faltan o cesan, falta también el sentimiento 'étnico' colectivo, siendo indiferente la afinidad de sangre." (1977: 320)

Identidades étnicas só fazem sentido quando em contraste com outras e em referência a um sistema de representações de conteúdo ideológico. Bourdieu anota que os sistemas simbólicos cumprem uma função política de instrumentos de dominação ou imposição, "o poder de impor instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomia) arbitrários - embora ignorados como tais - da realidade social" (1989:11-12). O poder simbólico reside em criar axiomas que não são contestados, são ignorados como arbitrários.

Este é o processo que fundamenta, por exemplo, o papel da estância no mundo gaúcho. Dentro e fora do Rio Grande do Sul, a estância é a representação ideal de uma sociedade igualitária, na qual patrões e empregados realizam o mesmo tipo de trabalho, e o fato de um ser o dono da terra e dos meios de produção e o outro ser um assalariado é obscurecido por uma relação de compadrio.

Apesar de ser a representação de um modelo agrícola baseado no latifúndio e justificar a função econômica da terra como reserva de valor, sendo, portanto, agente da desigualdade, a estância, segundo Haesbaert, representa o espaço-símbolo viabilizador do resgate da identidade cultural do gaúcho tradicional. Para ele, seu fortalecimento é uma necessidade para a preservação da identidade:

Justifica-se, portanto, a definição da estância, do latifúndio pastoril da Campanha, como estrutura espacial padrão para a identidade gaúcha, seu espaço de referência a partir do qual é retratado e preservado um imaginário coletivo, cuja base concreta de representação são as práticas sociais nele reproduzidas. Trata-se, pois, de um dos elementos mínimos constantes, passíveis de sofrerem apenas modificações relativas, imprescindíveis para a reprodução da identidade regional. (1988: 86-87)

Identidades surgem em contextos concretos de interação. Frente ao Outro, busca-se aproximação e identificação com os Mesmos. Por isso, são categorias de classificação com forte sentido político, passíveis de manipulação. A identidade étnica pode ser utilizada por indivíduos que percebam algum tipo de vantagem nisso. Por serem situacionais, dependentes do tipo e da qualidade da interação entre os grupos, as identidades têm um caráter fluido e flexível. Ou seja: um grupo étnico não é imutável; seus símbolos podem ser adaptados em resposta a novas exigências. Diante de novos parâmetros, há uma incapacidade de classificação. A dissolução de conceitos conhecidos cria uma incoerência no discurso. No contato com os mesmos, busca-se formas de classificar o novo e recuperar a coerência do discurso.

Para Manuela Carneiro da Cunha, a etnicidade pode ser entendida como uma linguagem. Ou uma retórica, melhor percebida na diáspora, quando o apego às tradições culturais é maior. Utilizando uma imagem, Cunha fala que não se trata de, em Roma, falar como os romanos, mas de falar com os romanos:

"Isto significa que a etnicidade é linguagem não somente no sentido de remeter a algo fora dela, mas no de permitir a comunicação. Enquanto forma de organização política, ela só existe em um meio mais amplo (daí, aliás, seu exacerbamento em situações de contato mais íntimo com outros grupos), e é esse meio mais amplo que fornece os quadros e as categorias dessa linguagem. A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna 'cultura de contraste': este novo princípio que a subtece, o do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-

se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos. (1986: 99)

Ao enfatizar os elementos da sua cultura tradicional, além de retomar suas tradições, o grupo étnico provoca um realinhamento político (Cohen, 1978). Contudo, o caráter essencialmente político dos grupos étnicos foi questionado por Epstein. Para ele, os interesses de um grupo podem mudar e o mesmo continuar existindo - o interesse é variável, mas o grupo é constante:

"Definir um grupo étnico apenas como um grupo de interesse é uma visão superficial e deixaria de fora um dos aspectos mais importantes do comportamento étnico, que é a questão da afetividade". (1978:10-11)

Ou seja: ao se reconhecerem como gaúchos, os participantes do grupo pesquisado não estão apenas negociando interesses, mas em grande medida expressando um sentimento de pertencimento. Como diz Mombelli:

"O étnico confere um sentido à existência do indivíduo, uma resposta ao mundo em que ele está inserido, preenchendo de certa forma necessidades não supridas por outros mecanismos sociais. A afetividade pode ser um dos aspectos fundamentais do comportamento étnico." (1997:120)

ESTRUTURA DO TRABALHO.

No Capítulo 1, buscamos mostrar o processo de formação do mito do gaúcho como um homem da fronteira, perpetuado no imaginário dos gaúchos que vivem fora do Rio Grande do Sul. É um deslocamento temporal, através da memória acumulada pelos gaúchos. Uma viagem através de livros, documentos, jornais que serve para compreender a maneira como os gaúchos constroem a sua imagem enquanto grupo. A discussão de fundo é a construção do mito, uma narrativa de origem que é fundante da ideia de grupo. O discurso equaciona as diferenças internas num único elemento simbólico, o gaúcho, que se constrói através de uma retórica que se vale ora da tradição, ora da modernidade. O gaúcho é o ator político principal deste projeto de construção de uma identidade étnica.

No Capítulo 2, a partir do histórico da formação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, e ilustrado por depoimentos recolhidos nas incursões exploratórias do pesquisador em diferentes eventos e instâncias do movimento, discute-se as tensões entre autonomia e integração presentes no regionalismo gaúcho; a dimensão nacional do discurso de construção do étnico na identidade gaúcha; a importância do componente camponês presente a partir da justaposição do elemento europeu na construção da identidade gaúcha fora do Rio Grande do Sul; as questões das múltiplas identidades colocadas pela globalização e pelas novas noções de espaço-tempo; a construção de uma rede étnico-regional formada por espaços locais de identidade gaúcha, e, por fim, a força da tradição na consolidação da ideologia étnica.

No Capítulo 3, apresentam-se as narrativas de gaúchos estabelecidos em Buritis, cidade localizada na região noroeste de Minas Gerais. Estas narrativas evidenciam as principais categorias de pertencimento ao grupo e os diacríticos valorizados pelos gaúchos para contraporem-se à população local. Fundamentalmente, os depoimentos contam como as intolerâncias são construídas em Buritis.

No Capítulo 4, as narrativas de Buritis são enriquecidas por depoimentos recolhidos em outros três espaços locais de identidade gaúcha visitados pelo pesquisador - Vila dos Gaúchos (atualmente município de Chapada Gaúcha, próximo

de Buritis); Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, e Salvador, Bahia. O objetivo é observar as diferentes dimensões da rede regional e o modo como as informações circulam em seu interior.

Por fim, nas Considerações Finais, a partir da constatação de que os gaúchos estão envolvidos em um projeto de colonização que pressupõe a conquista de novos territórios e a posse de terras, são abordadas as estratégias de domesticação do outro que constróem e legitimam a base ideológica de sua atuação na fronteira agrícola brasileira.

CAPÍTULO 1

O DESAFIO DA FRONTEIRA

A aventura de uma gente pioneira.

O tipo regional gaúcho, hoje bem definido e exacerbado pelos inúmeros diacríticos presentes em sua construção, está devidamente delineado na literatura e na historiografia sobre o Rio Grande do Sul - hoje tidas como regionais e pouco exploradas e conhecidas pelo restante do Brasil.

Esta literatura, em diferentes recortes, seja baseada no texto ficcional ou em documentos históricos, conflui para a afirmação de que o gaúcho é um personagem mitológico que habitou o Sudoeste do Rio Grande do Sul, a região dos pampas do Sul do Brasil, na atual fronteira com Argentina e Uruguai, conhecida como Campanha. Ele existiu também nos pampas argentinos e uruguaios. O mito está associado a um cavaleiro indomável, viril, hábil no manejo das armas, guerreiro valente, capaz de suportar grandes sacrifícios e reveses.

É importante destacar que, mesmo quando ficcional, a literatura baseia-se em experiências, tipos humanos e situações que têm fundamentos na história, mesmo que mítica, da sociedade. Segundo Van Gennep, as narrativas podem alcançar com suficiente precisão de três a nove gerações, às vezes mais. Mesmo quando as narrativas se ocupam mais de aventuras fantásticas de heróis e de espíritos, ficando em segundo plano os aspectos jurídicos, técnicos e geográficos, considera-se que estão, em essência, suficientemente registradas, como em todos os momentos das genealogias de clãs e de famílias, as histórias de suas alianças, de suas vinganças e de suas migrações.

* * *

Remontam a dez gerações os registros da presença do gaúcho como tipo humano no sul da América do Sul. Fruto do encontro do europeu conquistador com as mulheres nativas da terra. Em suas veias corria sangue ibérico e árabe, guarani e caingangue... Um mestiço europeu-afro-americano. Um homem síntese de seu meio natural e de seu tempo. Armado, a cavalo, cercado pela imensidão de campos ainda sem cercas, enfrentava com estoicismo os rigores da natureza selvagem.

Podemos imaginá-lo a galope, rodando a boleadeira¹ para derrubar o animal na disparada. Tinha que ser bom vaqueiro - encarregado de uma manada, era pago por animal entregue em pé. Também precisava ser bom lutador - em tempos sem polícia, a lei era feita com a força do braço e o facão. Romanticamente, se poderia vê-lo como um herói. Na maioria das vezes, nascia bastardo e pobre. Mais sobrevivente que herói. Um camilucho ou gaudério² (substantivos que há dois séculos

¹ Arma de apreensão que consiste em três tiras de couro trançado com bolas nas pontas - uma delas, a manicla, é segura pela mão do bolcador. O cavaleiro gira as boleadeiras sobre a cabeça, como um laço, e as lança para capturar a presa em movimento, prendendo-a e derrubando-a no chão.

² Oliven busca no poeta modernista Augusto Meyer o embasamento para afirmar que a palavra gaúcho não teve sempre o sentido heróico que adquiriu na literatura e na historiografia regional. Gaudério era sinônimo de desertor de tropas regulares que adotou a vida rude dos coureadores e ladrões de gado.

identificavam os nômades, renegados, rebeldes, sem família nem propriedades), órfão de identidade, rude, de virtudes ásperas e espírito independente.

Este mito começou a se fazer presente em localidades ao norte do Rio Grande Sul a partir do início do século XVIII. Acompanhou os tropeiros, na garupa das mulas que levavam charque e cavalos para as Gerais, durante o Ciclo do Ouro. Depois, no início do século XX, foi levado nos baús dos descendentes dos pioneiros europeus do Alto Uruguai que colonizaram o oeste de Santa Catarina, sudoeste do Paraná, Mato Grosso, Rondônia... Atualmente, o gaúcho é um personagem presente em todas as regiões de fronteira agrícola do Brasil e em outras regiões de países vizinhos da América Latina.

1.1. - O DISCURSO DA DIFERENÇA.

A construção social da identidade gaúcha é baseada na idéia de que o estado ocupa um posição singular em relação ao resto do Brasil por ter características geográficas e origens históricas *sui generis* e ser um território que limita diferentes fronteiras.

Geograficamente, o Rio Grande do Sul era de difícil acesso e, por causa disso, teve uma integração tardia ao Brasil. Também constitui-se o único ponto do território nacional em que a ocupação portuguesa disputou espaços, de fato, com a espanhola. Por isso, ganhou importância estratégica e foi palco de operações militares entre os dois Impérios.

A história registra um longo período de isolamento. Embora descoberto no início do século XVI, apenas dois séculos depois, em 1760, o território foi elevado à Capitania do Rio Grande de São Pedro. Mas foi só no início do século XIX que o Rio Grande integrou-se completamente ao Brasil, em 1801, ano da incorporação das Missões Jesuíticas da margem esquerda do Rio Uruguai aos seus atuais limites.

Antes disso, os limites entre Portugal e Espanha permaneceram indemarcados, oscilando conforme a própria mobilidade do pioneiro. Ali, entre os séculos XVII e XVIII, Jesuítas e Bandeirantes redesenharam as fronteiras. A incipiente sociedade luso-brasileira espremia-se à beira do Atlântico, entre os indígenas das Reduções Jesuíticas, a oeste, e as tropas enviadas diretamente de Buenos Aires, vindas do Sul e do Sudoeste³.

“Tratavam-se de vagabundos errantes e contrabandistas de gado, numa região onde a fronteira era bastante móvel em função dos conflitos entre Portugal e Espanha. No final do século XVIII, eles são chamados de *gaúchos*, vocábulo que tem a mesma conotação pejorativa até meados do século XIX, quando, com a organização das estâncias, passa a significar o peão e o guerreiro com um sentido encomiástico” (1992: 50, citando MEYER, Augusto. *Gaúcho, História de uma Palavra*. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1957). Duas outras versões para a origem da palavra demonstram o interesse dos gaúchos pelos seus temas regionais. Bonifacio del Carril, em “El Gaucho”, diz: “La población de las campañas há conservado mucho de las costumbres atribuidas a los pastores de las Pampas. En estas llanuras inmensas vive y se desarrolla esa población notable de pastores, llamados *gauchos*. Se dice que esta palabra procede de la palabra araucana *gatchu*, com la que los indios de esta raza tienen la costumbre de saludarse, y que quiere decir compañero. (1978: 35)” Já Barbosa Lessa, no belo conto “Origem da Palavra Gaúcho”, especula que sua origem seja espanhola, trazida pelos casais de agricultores que vieram das Ilhas Canárias para povoar a recém-fundada Montevideú. *Guanches*, ou *guanchos*, seria a palavra usada nas Canárias para designar os autóctones locais. Diz-se que este autóctone é anterior à presença espanhola nas Canárias e que ainda pode ser encontrado ao sul de Tenerife (1978: 173-74)

³ Segundo Guilhermino César, três momentos assinalam e qualificam esse conflito: a destruição das aldeias missioneiras, no decênio de 1630-40, antes da constituição da capitania; a Guerra Guaranítica, consequente ao Tratado de Madrid (1750), que criou os Campos Neutros na atual fronteira com o Uruguai; e a conquista dos Siete Pueblos, em 1801 (1969: 29). Além disso, houve a Guerra Cisplatina

Com a integração ao Brasil, o Rio Grande do Sul tornou possível a constituição, em nível nacional, de um importante sistema econômico para a época. Envolveria Minas Gerais, onde se explorava intensamente o ouro; São Paulo, de onde partiam os Bandeirantes, e os rebanhos de gado bovino criados na planície da Campanha (justamente ali, na região da fronteira, encontram-se as melhores terras de pastagens do Rio Grande do Sul até hoje). Como registra Guilhermino César:

"Cada uma destas regiões, que até o século XVIII viviam independentes uma das outras, passou a depender das demais. No fastígio da era joanina, formam um todo quase interdependente, cada uma com sua feição peculiar, mas assimiladas ao interesse da pátria comum. É quando se desloca o centro de gravidade da economia brasileira (com o ouro) para o Sul, ficando o Nordeste e a Bahia adstritos à exploração da cana-de-açúcar." (1969: 31)

O tipo de povoamento também é considerado singular em relação ao Brasil e, por isso, usado como argumento no discurso de construção da diferença. Para consolidar seu domínio na região, a Coroa Portuguesa distribuiu sesmarias a tropeiros e militares, que passaram a criar gado e a defender a região, fundando um núcleo familiar, econômico e militar chamado estância.

A região é considerada, ainda, uma fronteira climática, na qual "se digladiam fronteiras polares e tropicais, gerando bruscas transformações térmicas"⁴.

O isolamento, a integração tardia com o resto do Brasil, a função estratégica de limite entre impérios, os conflitos militares, o povoamento, o tipo de atividade econômica, as fronteiras climáticas... São diversas singularidades que, reunidas, dão suporte para a construção de um poderoso sistema de práticas e representações que adquirem força na imagem de um tipo humano positivo, capaz de grandes feitos: o homem da fronteira. O escritor Érico Veríssimo evoca estes elementos em "Um Romancista Apresenta sua Terra":

"Somos uma fronteira. No século XVIII, quando soldados de Portugal e Espanha disputavam a posse definitiva deste então imenso deserto, tivemos que fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos. Pagamos um pesado tributo de sofrimento e sangue para continuar deste lado da fronteira meridional do Brasil. (...) Fomos desde os tempos coloniais até o fim do século um território conflagrado. Em 77 anos tivemos 12 conflitos armados, contadas as revoluções. Vivíamos permanentemente em pé de guerra. Nossas mulheres raramente despiam o luto. Pensem nas duras atividades da vida campeira - laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair da faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno - e vocês compreenderão porque a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Este tipo de vida é responsável pelas tendências algo impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos num permanente estado de cavalaria." (1969: 3-4)

1.2. - GAÚCHOS EM ARMAS.

Conta-se um episódio exemplar sobre esta opção pelo Brasil de que fala Veríssimo. Durante a Revolução Farroupilha, Rosas, o caudilho argentino, teria oferecido tropas ao líder farrapo Davi Canabarro. Sua resposta: "- Senhor! O primeiro de vossos soldados que ultrapassar a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a Paz de Piratini com os imperiais, pois acima de nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros." (Oliveira, 1994: 57)

Exércitos castelhanos, antes e depois do período colonial, invadiram o território rio-grandense em várias ocasiões. Segundo Guilhermino César:

(1825-28), em que o Brasil e Argentina disputaram a Província Cisplatina, atual Uruguai. A guerra terminou com o reconhecimento da Independência do Uruguai por parte do Brasil e Argentina.

⁴ Lourenço Mário Prunes, em "A Humanização da Paisagem Natural", 1969: 16.

"A ocupação da Vila de Rio Grande, em abril de 1763, e a incursão de Salcedo, a caminho de Rio Pardo, constituíram grave ameaça à estabilidade da cultura luso-brasileira. Só em 1776, após treze anos de dura peleja, o invasor foi compelido a abandonar todos os pontos que ocupara, inclusive o baluarte de Santa Tecla. Já nos combates havidos, no mar e em terra, se defrontaram tropas disciplinadas à européia, - as portuguesas consoante o regimento do Conde de Lippe, - mas foi uma admirável geração de fronteireros que nos choques verificados em campo aberto, por toda a parte, criou a legenda de bravura imortalizada em Rafael Pinto Bandeira." (1969:30)

Como observa Oliven, a bandeira do Rio Grande é emblemática da importância da cultura da guerra no imaginário social gaúcho. Duas faixas em verde e amarelo, cores da bandeira brasileira, ficam separadas por uma faixa vermelha, que simboliza o sangue derramado pelos gaúchos num sem-número de batalhas, guerras e revoluções em que esteve envolvido. No centro, duas frases parecem eternizar que o Rio Grande já foi uma república independente: "Liberdade, Igualdade, Humanidade" (lema dos Farroupilhas) e "República Rio-Grandense, Vinte de Setembro de 1835".

Após as guerras com os espanhóis, os gaúchos envolveram-se em um conflito interno conhecido como Revolução Farroupilha. O episódio colocou conterrâneos em facções opostas, uma defendendo a constituição de uma República Federativa e a outra partidária da monarquia. O conflito durou 10 anos (1835-45) e terminou com uma rendição honrosa - a Paz de Ponche Verde - que concedeu anistia completa aos revoltosos. A oferta de paz foi feita pelo comandante das tropas imperiais, Duque de Caxias, até hoje mais importante personalidade militar do país, Patrono do Exército Brasileiro. Os gaúchos ainda orgulham-se da façanha protagonizada pelos rebeldes farroupilhas, que fundaram uma república independente, conseguindo manter a vida civil relativamente normalizada e a administração pública em funcionamento enquanto enfrentavam nos teatros de guerra metade dos efetivos do Exército Nacional.

Passado apenas o espaço de uma geração, 20 anos depois da Revolução Farroupilha, o Rio Grande do Sul vê-se envolvido novamente num conflito armado: a Guerra do Paraguai (1865-70). Desta vez, o estado marcha nas fileiras do exército imperial. A cota de sacrifício é alta: um terço das tropas brasileiras era composta por rio-grandenses.

Uma nova geração nasce para viver a guerra. Novamente, o Rio Grande se divide, durante os anos de 1893-95. A Revolução Federalista, guerra civil mais sangrenta da história do Brasil, durou 31 meses e contabilizou entre 10.000 e 12.000 gaúchos mortos, numa época em que a população do estado era estimada em 1 milhão de pessoas. Historiadores acreditam que pelo menos 1.000 (em torno de 10% do total de perdas) foram mortos no ritual da degola, que consistia em matar os prisioneiros inimigos como se mata um carneiro, seccionando suas carótidas com a espada⁵.

Em 1923, 30 anos depois, outra geração de gaúchos mede forças em novo conflito, entre as mesmas facções envolvidas em 1893/95. Os combates terminam com a negociação de um pacto que muda a Constituição e impede a reeleição do Presidente da Província.

Na literatura gaúcha, é comum encontrar passagens atribuindo a esta atmosfera militar importante influência na constituição da Coluna Prestes, que começou no estado, em 1924, em Santo Ângelo. O lugar fica na região das Missões, quase fronteira com a Argentina, último território tomado aos espanhóis mais de um século antes⁶.

⁵ Ver LOVE, Joseph. O Regionalismo Gaúcho: REVERBEL, Carlos, Maragatos e Pica-paus: Guerra Civil e Degola no Rio Grande do Sul; OLIVEN, George. A Parte e o Todo.

⁶ Queda dos Sete Pueblos, em 1801.

Outro movimento militar subsequente também teve início no Rio Grande do Sul. A Revolução de 30, que instalou na Presidência da República o gaúcho Getúlio Vargas, presidente da Província, o grande beneficiário do pacto que pacificou o estado em 1925.

Esta sucessão de episódios militares permitiu a Oliveira Vianna afirmar que “o gaúcho é socialmente um produto do Pampa como politicamente é um produto da guerra⁷. A experiência da guerra desenvolveu na consciência do gaúcho, além da interdependência entre a vida da sociedade e a vida privada familiar, também o sentimento e valor do Governo como órgão supremo dos valores coletivos” (Oliven, 1994: 51 e 66).

A história mais recente reforça a idéia de que o Rio Grande do Sul tem grande influência militar. Em 1961, o estado teve crucial importância para a vitória do Movimento pela Legalidade, liderado no estado pelo então governador Leonel Brizola, que garantiu a posse do vice-presidente gaúcho João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros. A revanche deu-se três anos depois. Segundo Oliven, o Golpe de 64:

“(...) não teria se concretizado sem a adesão do III Exército, com sede em Porto Alegre e com maior efetivo do país. Dos cinco generais que governaram o país entre 64 e 85, três foram gaúchos.” (1994: 60)

1.3. - ESPÍRITO DEMOCRÁTICO.

Dois fundamentos embasam a opinião dos gaúchos sobre a vida política no Rio Grande do Sul: o embate de idéias e programas e o espírito democrático. Para Guilhermino César, a vida política do estado tem sido marcada pela sustentação de programas e idéias definidas:

“Republicanos e Federalistas, por exemplo, se distinguiram no passado pela postulação de princípios bem definidos. Alguns chefes rio-grandenses, erguidos à cúpula do poder, revelaram-se portadores de forte traço personalista. Contudo, os que mais vivo o tiveram, um Júlio de Castilhos e um Getúlio Vargas, jamais deixaram de agir em nome de um elenco de idéias. Tal se pode dizer igualmente dos grandes partidos que até 1930 atuaram no cenário estadual.” (1969: 40)

Já o espírito democrático seria a manifestação política do que Oliveira Vianna chama de democracia sulina: “no RS, havia uma tradição de igualdade e familiaridade entre patrões e servidores, fenômeno que constitui o espírito da democracia rio-grandense.” (Oliven, 1994: 51)

O fenômeno é explicado por diversos fatores. Um deles é o sentido lúdico dado ao trabalho a partir da propagação da idéia de que o meio ambiente no Rio Grande do Sul é favorável ao trabalho pastoril, que torna-se mais fácil, suave, quase um esporte. Outro é o sentido da necessidade de organização da vida comunal, decorrência do envolvimento na defesa da fronteira. Como diz Guilhermino César:

“O rio-grandense toma consciência, muito cedo, da realidade social. Um corajoso espírito republicano, caldeado na região e respondendo melhor às exigências da vida local, cimentado na fraternidade do pastoreio e da caserna, explica o processo de democratização vivido desde o começo, às vezes de forma tumultuária, por essa sociedade sui generis.” (1969: 33)

⁷ Segundo Treitschke, “a guerra é a força política por excelência. Muitas e muitas vezes se tem provado que só nela um povo se torna um povo de verdade. É apenas na realização comum de feitos heróicos pela causa da pátria que uma nação se torna verdadeira e espiritualmente unida”. (Guibernau, 1996 : 16)

1.4. - A REVOLUÇÃO FARROUPILHA.

A Revolução de 1835, episódio de grande influência no sistema de representações gaúcho, é uma boa tradução de até onde os rio-grandenses estariam dispostos a ir para defender suas idéias e programas.

A população dividiu-se em duas facções. De um lado, os *Legalistas*, ou *Caramurus*, corrente formada pelo elemento oficial ligado ao governo central e ao Império, os presidentes da Província e o restante da máquina administrativa. A outra corrente aspirava implantar a Federação no Brasil e combatia pela autonomia da Província. Os *Farrapos* se anteciparam à causa Republicana e proclamaram a República Piratini⁸.

A Revolução Farroupilha é exemplar para entender alguns dos elementos recorrentes do uso político do discurso gaúcho da diferença. O papel de vanguarda política, o espírito democrático, a superioridade física e moral, a capacidade de liderança. Uma passagem de Darcy Azambuja mostra a visão dos gaúchos sobre o episódio:

"Combatendo em todo o território da Província, ora vitorioso, ora vencido, o partido farroupilha proclama a República, organiza serviços públicos, realiza eleições livres, cria ministérios, reúne uma assembléia constituinte, e enfim dá a impressão de um governo agindo em épocas normais, atento a todos os interesses coletivos. Isso tudo, dentro de uma atmosfera de guerra, em que todos os rio-grandenses se empenhavam, sofriam e morriam pelos seus ideais." (1969: 341)

O discurso gaúcho da diferença também é construído na dicotomia entre autonomia e integração em relação ao restante do Brasil. Dependendo das circunstâncias e interesses político-econômicos, o discurso se radicaliza mais ou menos, mas é sempre recorrente. Sobre o momento que antecedeu à Revolução Farroupilha, escreve ainda Darcy Azambuja:

"O Rio Grande sofria então as maiores provações. Politicamente subjugado ao centralismo ferrenho do Império; economicamente sugado e exangue, tendo que concorrer para as despesas de outras Províncias, como Santa Catarina e mesmo São Paulo, porque a Regência cancelara a dívida delas para conosco. A situação era mesmo de desespero." (1969:341)

1.5. - OS POSITIVISTAS E A CONSTITUIÇÃO DE 1891.

Quatro décadas depois da Revolução Farroupilha e encerrada a Guerra do Paraguai há 10 anos, o Império agonizava e a causa republicana ganhava força. Fundavam-se centros republicanos por toda a parte, a maioria formada por intelectuais, professores, advogados e jornalistas. Nascia uma imprensa voltada à propagação do ideário republicano. E alguns desafiavam a monarquia, como em São Borja, na região das Missões, onde a Câmara Municipal aprovou a realização de um plebiscito republicano.

O primeiro partido a se organizar no estado foi o Partido Republicano Rio-grandense, em convenção realizada em Porto Alegre no dia 23 de fevereiro de 1882. Preconizava a República, a autonomia das províncias, a liberdade civil, o sufrágio universal e a abolição da escravidão. As principais personalidades do partido eram Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado e Assis Brasil. Em 1884, o Partido Republicano fundou seu jornal, "A Federação", que Júlio de Castilhos dirigiu de 1884 até a Proclamação da República, em 1889.

Júlio de Castilhos é retratado como jornalista de idéias claras e espírito lúcido, com cultura filosófica embasada na teoria positivista de Auguste Comte, da qual adotou alguns princípios para conceber um sistema em que o presidente

⁸ Os Farroupilhas chegaram a invadir Laguna, em Santa Catarina, em busca de uma saída para o mar, e ali fundaram a República Juliana.

concentrasse todo o poder em suas mãos. Daí nasceu a Constituição Estadual de 14 de Julho de 1891.⁹

A influência de Castilhos crescia à medida que a idéia republicana ganhava terreno. Proclamada a República, o Partido Republicano Rio-grandense enviou à Assembléia Constituinte uma representação parlamentar liderada por Castilhos, reputada por sua atuação na organização do país sob o novo regime. Deduz-se que esta bancada influenciou na adoção do lema positivista "Ordem e Progresso" na bandeira nacional.

Mas foi sobretudo na Constituição Rio-grandense de 14 de Julho de 1891 que Castilhos imprimiu a marca de sua personalidade e convicções doutrinárias, que tão largamente influíram na história e na mentalidade do Rio Grande do Sul. Com a vigência da constituição, o presidente do Estado, que era também o chefe unipessoal do Partido Republicano, pode exercer, sem contestação legal, grande soma de poderes.

Na ausência de meios legais para disputar o poder, em razão do regime arbitrário e das falhas da lei eleitoral - que atribuía o reconhecimento dos eleitos à Assembléia dos Representantes e não resguardava a pureza do voto -, a oposição levantou-se em armas.

1.6. - OS FEDERALISTAS E A REVOLUÇÃO DE 1893.

Em 31 de março de 1892, é fundado o Partido Federalista do Rio Grande do Sul, em Bagé, reunindo a velha elite do Partido Liberal do Império¹⁰. O principal personagem é Gaspar Silveira Martins, parlamentar de renome. Diz sobre ele Darcy Azambuja:

"Dentre vários homens eminentes com que contou o Rio Grande, quer no período monárquico, quer no republicano, um se destacou por dotes peculiares: foi Gaspar da Silveira Martins. Político impetuoso e sem maiores preocupações doutrinárias, foi o maior tribuno que o parlamento brasileiro conheceu." (1969: 343)

O primeiro item do programa do Partido Federalista declarava solenemente que sua razão de ser era a propaganda das doutrinas do governo parlamentar, a centralização política, a eleição do Presidente da República pelo Congresso, a

⁹ Positivismo é uma doutrina filosófica baseada no preceito de que apenas a experiência que pode ser comprovada é a verdadeira e usa o método científico como forma de atingir conhecimento. Aspecto fundamental da sociologia comteana é a distinção entre a estática e a dinâmica sociais. A primeira estudaria as condições constantes da sociedade. A segunda investigaria as leis de seu progressivo desenvolvimento. A idéia fundamental da estática é a ordem; da dinâmica, o progresso. Para Comte, a dinâmica social subordina-se à estática, pois o progresso provém da ordem e aperfeiçoa os elementos permanentes de qualquer sociedade: religião, família, propriedade, linguagem, acordo entre poder espiritual e temporal etc. (Comte, 1983: VIII a XV)

¹⁰ Importante anotar que a dicotomia Cidade-Interior - recorrência importante no discurso tradicionalista - permeia os mais importantes episódios históricos do estado. Na Revolução Farroupilha, os *Caramurus* (imperiais, legalistas) estavam sediados em Porto Alegre, enquanto os revoltosos farrapos estavam espalhados pelo interior. Na formação dos partidos políticos, repete-se o fenômeno. O Partido Republicano, sintonizado com a Presidência da República, é fundado e exerce o poder em Porto Alegre, com bases eleitorais no litoral e na serra. A oposição federalista organiza-se em Bagé, na Campanha, defendendo os interesses dos latifundiários da região. Durante a Revolução Federalista, os revoltosos, conhecidos como *Maragatos*, começam os combates na região da fronteira com o Uruguai. Os castilhistas do Partido Republicano, conhecidos também por *Chimangos* ou *Pica-paus*, têm seu quartel-general em Porto Alegre.

reforma da bandeira nacional para suprimir o lema positivista "Ordem e Progresso" e outras reformas de caráter político¹¹.

O Partido Federalista reuniria a quase totalidade dos que discordavam da orientação rigorosamente presidencialista e descentralizadora do Partido Republicano. Os federalistas levantaram-se em armas duas vezes contra os republicanos.

A primeira vez foi em 1893. O episódio ficou conhecido como Revolução Federalista e durou até 1895, envolvendo Santa Catarina e Paraná.

Desde a Proclamação da República, a situação da política estadual era de inquietação, com os espíritos irreconciliáveis. Em janeiro de 1893, assumindo Júlio de Castilhos a presidência, começaram as hostilidades. A ação militar iniciou na fronteira do Uruguai, sob o comando do general João Nunes da Silva Tavares e do caudilho Gumerindo Saraiva.

No início de 1894, os federalistas invadiram Santa Catarina e avançaram até Desterro, atual Florianópolis (em homenagem ao então presidente Floriano Peixoto). Lá, juntaram-se aos rebeldes da Revolta da Armada. Depois, entraram no Paraná e ocuparam Curitiba. Foram detidos em Lapa, a caminho de São Paulo. Então, recuaram e ficaram entrincheirados no Rio Grande. Enquanto isso, em Desterro, Floriano sufocava a Revolta da Armada.

Júlio de Castilhos foi inflexível e implacável, eliminando a oposição e constituindo-se em importante sustentáculo de Floriano Peixoto na obra de consolidar a República. O acordo de paz só foi costurado em 1895, pelo novo presidente da República, Prudente de Moraes, que anistiou os revoltosos. Pela segunda vez, a facção que estava no comando do governo manteve o poder político, o fim do conflito militar terminou em anistia e a elite da campanha brilhou no campo militar, mas perdeu espaço político¹². Darcy Azambuja conta como foi a convivência entre os partidos a seguir:

"O Partido Federalista foi o adversário permanente e vigilante do Partido Republicano. Desaparecidos os que o fundaram, o mesmo antagonismo das orientações políticas permaneceu nos sucessores, e desse choque se constitui a história do Rio Grande do Sul durante 30 anos." (1969: 343)

O sucessor de Júlio de Castilhos na Presidência do Rio Grande do Sul foi Borges de Medeiros, que consolidou e manteve a obra iniciada. Líder republicano e também positivista, exerceu cinco mandatos consecutivos durante 30 anos, constituindo-se no governante que tempo mais longo permaneceu no cargo desde a instalação da República (1898-1928). Borges de Medeiros não era da elite pecuária da Campanha. De fato, durante este período, o Rio Grande do Sul foi governado por um grupo de intelectuais que imprimiu um programa de modernização no estado, deslocando o eixo econômico do estado da agropecuária para a indústria, diminuindo a influência da região da fronteira. Como registra Oliven:

"em sua maioria, os governantes eram da região norte do estado. Um grupo de instrução universitária formada no centro do país que tinha um projeto modernizador e autoritário baseado numa leitura do Positivismo traduzido na idéia de um despotismo esclarecido encarado como melhor estratégia para organizar a sociedade. Comte era favorável à existência de "pequenas pátrias" com população não superior a 3 milhões de habitantes (o Rio Grande do Sul, na época, tinha 1 milhão), o que era interpretado pelos positivistas brasileiros com a defesa de um Federalismo radical, uma vez que não haviam condições para pleitear a independência da Província. Para Júlio de Castilhos, fundador e ideólogo do Partido Republicano Rio-Grandense, isso implicava 'o não reconhecimento de uma única nação

¹¹ Curiosamente, ao Partido Republicano de Júlio de Castilhos, cuja imprensa partidária chamava-se "A Federação" e cujo programa proclamava uma federação levada aos extremos limites, opôs-se um partido denominado Federalista, mas que pedia para o centralismo.

¹² A primeira vez foi ao final da Revolução Farroupilha.

brasileira, mas de várias nações brasileiras provisoriamente organizadas sob uma federação; a independência de cada estado para organizar-se de forma republicana sem nenhuma limitação por parte da Constituição Federal.' Júlio de Castilhos defendeu a celebração do Dia do Gaúcho em 20 de Setembro, no jornal do seu partido, ainda antes da Proclamação da República." (1994: 73)

1.7. - A REVOLUÇÃO DE 1923.

O segundo movimento armado entre republicanos e federalistas aconteceu em 1923. A causa imediata foi a fraude verificada nas eleições para a presidência do Estado, disputadas entre Borges de Medeiros e Assis Brasil, republicano dissidente, candidato das oposições, derrotado no pleito.

Após meses de luta, a insurreição terminou com o Pacto de Pedras Altas, firmado entre as facções em conflito, que previa a reforma da Constituição de 1891 e o impedimento de reeleição do presidente do estado e dos intendentos municipais, que se eternizavam no poder. A presidência continuou em mãos de Borges de Medeiros até o final do mandato, por mais três anos. Novamente, o poder político manteve-se com o partido do governo.

Em 1924, constituiu-se a Aliança Libertadora, formada por partidários da oposição, chefiados por Assis Brasil. Em 1928, em Bagé, a Aliança Libertadora se transforma em Partido Libertador, no qual se fundiu quase integralmente o velho Partido Federalista. Somente neste ano acaba o governo Borges de Medeiros. Ligeiramente modificada, a Constituição de 14 de Julho de 1891, e a consequente influência positivista no estado, subsistiram até 1930.

A posse de Getúlio Vargas na presidência do Rio Grande do Sul pressagiava a pacificação geral dos espíritos, o que efetivamente sucedeu com a constituição da Frente Única. Conciliado e em paz como jamais se vira até então, o Rio Grande do Sul veio a formar com as lideranças estaduais de Minas Gerais e Paraíba o movimento da Aliança Liberal, cujo candidato à sucessão de Washington Luís foi o próprio Getúlio Vargas.

Neste período de um século que começa em 1835 com a Revolução Farroupilha e termina na década de 30 com o início do Estado Novo, concentram-se os episódios políticos e militares que propiciaram o surgimento de afirmações sobre a superioridade moral e intelectual dos gaúchos na vida social e política, defendida, como já vimos, por Oliveira Vianna e por intelectuais gaúchos, como Guilhermino César:

"A vivacidade com que no velho Rio Grande do Sul os partidos se têm conduzido, desde o Império, delimitando e defendendo com ardor seus postulados programáticos, resultou na variedade, na riqueza de matizes que os homens de 30 ofereciam, de maneira às vezes desconcertante, se comparados com os de algumas regiões onde faltavam à competição partidária quaisquer outros suportes ideológicos." (1969: 38)

1.8. - O AMÁLGAMA ÉTNICO.

Outro aspecto recorrente na construção do discurso gaúcho da diferença é o amálgama étnico. Os diacríticos de singularidade em relação ao resto do Brasil seriam a presença do elemento espanhol na formação do tipo regional e, mais recente, as correntes imigratórias de colonização européia, especialmente alemã e italiana, estas últimas compartilhadas, em parte, com Santa Catarina e Paraná.

O gaúcho é descrito como um tipo espanholado. Paulo Prado já registra isto em 1928, no clássico "Ensaio sobre a Tristeza Brasileira"¹³:

"Destacam-se somente, neste fundo de grisalha melancolia, o gaúcho fronteiriço, mais espanholado, com um folclore cavaleiresco levemente manchado da saudade que o acompanha nas correrias revolucionárias, e o carioca, já produto da cidade grande e marítima, em contato com o estrangeiro e entregue ao lazzaronismo"¹⁴ do ambiente." (1928: 197)

Os gaúchos parecem sentir-se à vontade com sua herança castelhana. Ao ponto de buscarem, na ascendência dos espanhóis que habitavam a região da fronteira, argumentos que apoiem a construção do mito do gaúcho.

A pesquisa sobre a ascendência espanhola teve como motivo a descoberta do significado da palavra "maragato", designação conferida aos seguidores do caudilho Gumerindo Saraiva durante a Revolução de 1893¹⁵.

Segundo Manoelito de Ornellas, registros de imigração mostram que a maioria dos espanhóis que vieram ao extremo sul da América tinham procedência na região norte da Espanha. No norte da Espanha, na região de Castela, existe um lugar chamado *La Maragateria*¹⁶. Seriam de lá estes colonizadores que tornaram-se partidários e seguidores de Gumerindo Saraiva, na Revolução de 1893. As suas influências, segundo Ornellas, foram várias:

"Não se prenderam aos limites geográficos que lhe foram designados. Traziam, sem dúvida, o sangue andarilho das origens. Eles mesmos, maragatos da Espanha, faziam, em carromatos, o trânsito de Madrid ao porto de La Corunha, numa vida andarenga, pelas estradas, no comércio de vinho. (...) Trouxeram a indústria saladeril, formando as primeiras charqueadas do Sul do continente. (...) Deram à vida do campo as grandes carretas, abertas e fechadas, no modelo amplo de seus carromatos que atravessavam os caminhos da Espanha. Abriram as primeiras pulperias. Iniciaram o comércio ambulante dos mercachifles ou mascates, usando das bruacas, tão suas familiares, nas quais carregavam as mercadorias, para venda ou troca, no lombo das alimárias. Criaram as fábricas de laticínios, ainda desconhecidas na América do Sul. Usaram de maquinárias agrícolas, importando-as, tão logo apareceram no mercado do mundo. E trouxeram mais: as bombachas de dois panos, ornamentadas de moedas nos fofos laterais; as guaiacas enfeitadas também de moedas; o chapéu de abas largas e flexíveis, que o Sul da Espanha não usou; o barbicacho, preso à nuca; (...) as polainas de couro; o lenço vermelho, uma tradição de muitos séculos dos maragatos, e os arreios, com todos os seus pertences." (1969: 45-46)

Para Manoelito de Ornellas, o nome *Maragateria* e as diferenças entre o norte e o sul da Espanha remontam da ocupação árabe na Península Ibérica (séculos VIII a XV). Ele afirma que os árabes que ficaram no norte da Espanha eram bérberes, diferentes dos árabes que ficaram ao sul, muçulmanos. E indaga: "- De onde vieram esses bérberes, que formaram *La Maragateria* e contribuíram para a colonização das nossas terras do Sul? E por que deram às terras nortenhas de Espanha o batismo de *Maragateria*?" Ele mesmo responde:

"Sabemos que os 12 mil homens que Tárique comandou no assalto à Espanha, em 711, eram bérberes. Ele mesmo, o grande general da conquista, era bérbere. Onde Tárique reunira seus homens? Aqui repousa a chave da sequência de todas as perguntas que nasceram do simples apodo político usado contra os revolucionários de 1893, no Rio Grande do Sul. Esta

¹³ Além de Paulo Prado e Oliveira Vianna, colaboraram para construir uma representação positiva do gaúcho viajantes estrangeiros, como Saint-Hilaire, e escritores, como José de Alencar, que escreveu "O Gaúcho" sem conhecer o Rio Grande do Sul.

¹⁴ Do italiano "lazarone": mendigo de Nápoles; mendigo, vadio.

¹⁵ Vocabulário Rio-platense: "Maragato é todo aquele nascido na cidade ou Departamento de São José". Outros também reconhecem maragato como habitante da Patagônia. (Manoelito de Ornellas, 1969: 45)

¹⁶ A atual *La Maragateria* compreenderia a Província de Leon, com sete ajuntamentos e trinta e quatro povoações.

indagação mereceu, na Espanha, bibliografias eruditas e desafiou sociólogos, historiadores e antropólogos. Aos maragatos, foram dadas as procedências mais várias e extravagantes. Mas uma ficou, positiva, clara e convincente. Tàrique, ao formar, sob a ordem imperativa de Ibne-Noçair, a legião que deveria conduzir, através do Estreito das Colunas de Hércules, aos domínios imperiais de Rodrigo, desceu o friso milagroso do Nilo, em busca de homens excepcionais por sua bravura, destemidos lanceiros dos desertos, dos quais o próprio Califa dissera: 'Combatem com a mesma bravura dos árabes e, quando os julgamos destroçados, eles ressurgem, em maior número e mais poderosos do que nunca'. A 40 km de Siut, ao sul do Nilo, Tàrique procurou seus homens ali, onde o cristianismo primitivo não morrera e o domínio califal era apenas político. Aquele pequeno país, que era o país de Tàrique, tinha por capital, por centro político e militar, uma cidade cujo nome a geografia conservou: Maragath. Os bérberes de Maragath viviam como que isolados de todas as comunidades africanas, conservando, zelosamente, seus hábitos e suas tradições. (...) Falavam uma língua diferente, que depois se expandiu pelo Magrebe: o azonague. Com eles, o grande General Ibne-Tàrique atravessou as Colunas de Hércules, que, na História, ficaram com seu nome: Gibral-Tàrique. (...) Os bérberes enquistaram-se no território do Norte. Por serem cristãos primitivos, os reis católicos protegeram-nos. E ali floresceram cidades como Leon, Astorga, Somoza, Santiago Millas e outras. Deram os bérberes, às terras que lhes couberam, nos altiplanos da Espanha, o batismo que diríamos nostálgico, de Maragateria, em lembrança da velha cidade egípcia de Maragath, plantada no Sul, às margens do Nilo". (1969: 47-48)

Esta passagem é exemplar de como o discurso sobre os gaúchos é construído. Nela, a valentia do gaúcho ganha respaldo histórico: o sangue ancestral espanhol, quente, bravo e audaz, ferve a alma gaúcha que cavalga pela amplidão das coxilhas, o pala esvoaçante tremulando ao sabor dos ventos do Sul, como um baluarte de tempos antigos nos quais respirava-se a brisa quente do deserto¹⁷.

Os alemães chegaram em 1824. Praticamente só assistiram à Revolução Farroupilha, mas participaram da recuperação econômica do estado, produzindo gêneros que contribuiriam para diversificar, nas suas nascentes, a economia regional, que ainda girava em torno da pecuária e do latifúndio. O uso do trabalho escravo era proibido na região colonial. Tanto na lavoura quanto na pequena indústria caseira, a produção tinha participação direta da própria família imigrante. O colono estabeleceu com a pecuária extensiva e latifundiária, detentora da influência política, um regime de trocas que foi útil a ambas as partes, coexistindo sem atritos, no quadro da vida provincial, permanecendo mesmo quase inalterada até o limiar do século XX.

O mesmo aconteceu com os italianos a partir de 1875, quando já haviam cessado por completo as guerras de fronteira, cinco anos depois de finda a Guerra do Paraguai.

Alemães e italianos integraram-se rapidamente ao processo econômico. Ao luso-brasileiro coube organizar a administração pública e defender, ampliar e demarcar a fronteira. Ao alemão, consolidar a agricultura em terras até então desaproveitadas e lançar as bases da indústria do couro e da pequena metalurgia. O italiano trouxe a vinha e restaurou a lavoura tritícola que surgira com os primeiros casais açorianos e seus descendentes. Daí o comentário de Érico Veríssimo:

"Afim de contas, o que é um gaúcho? Um sujeito branquíssimo e louro chamado Schultz? Aquele senhor corpulento e corado, que atende pelo nome de Carotenuto? Ou será aquele outro de apelido luso e cara indiática como o autor deste artigo? Porque o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido cadinho racial do Brasil. Neste verde 'caldeirão' onde em remotas eras vagueavam várias tribos de índios, os primeiros povoadores puseram a ferver a rústica e honrada açorda açoriana, à qual acrescentaram elementos vindos de outros pontos do país. A sopa foi temperada com ervas indígenas e africanas; mais tarde lançaram-se nela um pouco de

¹⁷ A principal referência à cultura árabe na literatura regional gaúcha aparece na Lenda da Salamanca do Jarau. Nela, o herói, gaúcho, enfrenta uma série de desafios para libertar uma princesa moura que encontra-se prisioneira, na forma de uma lagartixa mítica, numa caverna localizada num cerro na fronteira entre Brasil e Uruguai.

repolho germânico e condimentos como a manjerona italiana e outras especiarias vindas não só da Europa como até mesmo do oriente próximo e remoto. Qual vai ser o aspecto e o gosto dessa mirabolante mistura? Isso será coisa apenas para os olhos e o paladar do futuro.” (1969: 04)

1.9. - SER GAÚCHO NO RIO GRANDE DO SUL.

Até agora, evidenciamos alguns elementos recorrentes no discurso gaúcho da diferença: 1) o homem da fronteira, 2) a existência de um tipo social específico, marcado pela bravura e desprendimento exigidos para lidar com a natureza, com a vida campeira e com a guerra, 3) superioridade ética e moral observável na vida social.

Apesar de ter grande diversidade étnica e diferenciações políticas, econômicas e geográficas internas, quando o estado é comparado ao resto do país os gaúchos reforçam sua singularidade em torno de uma só imagem: o homem da fronteira, habitante da Campanha, portador de qualidades ideais, símbolo de identidade regional.

Oliven afirma que, do século XVIII, quando o Rio Grande do Sul começa a ser colonizado, até a Revolução Farroupilha (1835-45), os contornos do sudoeste do estado eram os próprios limites da província, pois era onde a atividade econômica acontecia - o Rio Grande do Sul era o Pampa. Com a decadência da pecuária a partir de 1870 e a colonização da parte setentrional do estado por um contingente de pequenos produtores agrícolas e comerciantes com ascendência alemã e italiana, a hegemonia econômica e demográfica da Campanha ficou abalada:

“Apesar da decadência da Campanha e do crescimento de outras regiões do estado, como a região serrana de colonização alemã e italiana, a representação da figura do gaúcho com suas expressões campeiras, envolvendo o cavalo, o chimarrão e a construção de um tipo social livre e bravo serviu também de modelo para grupos étnicos diferentes, o que estaria a indicar que essa representação une os habitantes do estado em contraposição ao país.” (1994: 70)

No período que transcorreu desde que os gaúchos fundaram a República Piratini até a Revolução de 30, o Rio Grande do Sul mudou. Deixou de ser um estado com economia baseada na pecuária extensiva e diversificou as atividades produtivas com o desenvolvimento da agricultura e da indústria. Ainda segundo Oliven, estas transformações econômicas acarretaram o fim do personagem gaúcho como se imagina que ele existiu no passado. Com o cercamento dos campos, a disseminação da rede de transportes, a incorporação de novas técnicas de criação - e consequente simplificação das atividades agropastoris -, o surgimento de frigoríficos e a decadência das charqueadas, o gaúcho foi incorporado ao sistema produtivo como peão de estância. O tipo humano idealizado não existia mais, sendo substituído por um novo personagem literariamente sintetizado pelo escritor Cyro Martins na expressão “gaúcho a pé”.

Apesar da urbanização, da industrialização, do enfraquecimento econômico da Campanha e da notável projeção econômica e política dos descendentes dos colonos de origem alemã e italiana que colonizaram a região norte, o tipo representativo do Rio Grande do Sul continua a ser a figura do gaúcho da Campanha como teria existido no passado.

Também segundo Oliven, trata-se de uma construção de identidade que exclui mais que inclui, deixando de fora mais da metade do território do estado e grande parte de seus grupos sociais. O elemento indígena, por exemplo, permanece em expressões e costumes, como a manutenção de nomes de tribos - Minuanos, Tapes e Charruas; a designação “índio velho”, que refere-se positivamente aos anciãos e patriarcas, ou o grito de guerra “esta terra tem dono”, que teria sido entoado por Sepé Tiaraju, heróico chefe da resistência jesuítica. Mas a participação indígena na

construção da mitologia do ser gaúcho é vista mais como circunstancial do que como efetiva contribuição para o desenvolvimento do tipo humano regional.

O negro, então, é ainda menos visível. Na bibliografia regional gaúcha, sua participação é considerada mais restrita que a indígena, com pequena presença numérica circunscrita às charqueadas, quase inexistente nas estâncias e absolutamente nenhuma na região colonial alemã e italiana, onde o trabalho escravo era proibido¹⁸.

Ao fim das contas, os gaúchos se vêem luso-brasileiros brancos, com afinidades espanholas e influências dos imigrantes europeus, especialmente alemães e italianos. A adoção por parte dos imigrantes europeus do modelo do gaúcho seria explicada como uma forma simbólica de ascensão social, uma vez que este, com suas expressões campeiras e o cavalo, era percebido com um tipo socialmente superior. Especialmente durante o Estado Novo e no período pós-Guerra, quando houve perseguição étnica e as manifestações culturais dos imigrantes estrangeiros foram reprimidas dentro do território nacional, principalmente por um presidente gaúcho, Getúlio Vargas.

Este fenômeno do uso do "ser gaúcho" como fator de ascensão social é percebido claramente ainda hoje no caso dos negros. Há, atualmente, uma dezena de CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) fundados por negros que foram impedidos de frequentar os CTGs de brancos nas suas cidades, numa flagrante demonstração de intolerância étnica. Ao fundarem CTGs e cultuarem as tradições gaúchas, buscam nitidamente acesso a um patrimônio simbólico que só é possível conquistar através do "ser gaúcho"¹⁹.

1.10 - A DIÁSPORA GAÚCHA.

Os gaúchos se vêem como empreendedores que levam a civilização e o desenvolvimento onde se instalam, criando empregos e novas oportunidades.

Sua presença em regiões fora do Rio Grande do Sul intensificou-se nas últimas décadas. Ganhou dimensão transnacional e visibilidade nacional. Recentes reportagens publicadas na imprensa brasileira registram a presença gaúcha em quase todos os estados brasileiros, seja pela sua participação social e econômica, seja pela criação de CTGs em outras localidades no Brasil e exterior, como nos Estados Unidos, Japão e países do Cone Sul. As reportagens também informam sobre a presença de agricultores gaúchos no Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia.

Parte destes colonos no exterior são proprietários de terras no Brasil que estão investindo seus lucros ou comprando áreas maiores nestes países por encontrarem boas oportunidades de negócio.

A diáspora gaúcha começou no final do século passado, quando os primeiros colonos partiram do Rio Grande do Sul rumo ao Centro-Oeste do país em busca de terras. A maioria saiu das regiões coloniais, onde não havia grandes propriedades e, com o crescimento das famílias, as terras tornavam-se insuficientes.

Ou seja: a migração gaúcha é protagonizada pelos descendentes dos pioneiros europeus, alemães e italianos, em busca de novas terras, que já haviam adotado o modelo do gaúcho para se identificarem como brasileiros.

Oliven informa que, entre 1920 e 1950, o êxodo gaúcho compreendeu 300.000 pessoas. Neste último ano, o Rio Grande era o estado que tinha o maior contingente migratório para outros estados, ao passo que era a unidade da Federação que menor número de brasileiros recebia. Essa migração era geralmente

¹⁸ Ver LEITE, Ilka Boaventura (org.) e OLIVEN, Ruben George In O Negro no Sul do Brasil, Invisibilidade e Territorialidade.

¹⁹ Ver KAISER, Jakzam, CTGs de Negros: Racismo no Tradicionalismo Gaúcho.

do interior do Rio Grande do Sul para o interior de outros estados, em busca de novas fronteiras agrícolas, principalmente Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso.

Números de gaúchos em outros estados da Região Sul

Ano	SC	PR
1940	75.000	15.000
1950	120.000	35.000
1960	200.000	160.000
1970	260.000	340.000
1980	300.000	385.000

(Fonte: Oliven, 1994: 92-93)

“Em 1980, havia em torno de 900.000 gaúchos vivendo fora do Rio Grande do Sul, equivalente a 11,5% da população do estado. Mais de 50.000 deles estavam estabelecidos no Mato Grosso, indicando nova frente de expansão agrícola.” (Idem)

É importante observar que a migração dos gaúchos quase sempre esteve ligada à expansão agrícola. Na maioria das vezes, gaúchos buscam terras, preferencialmente em grandes extensões, e boas oportunidades de negócios. Este é um dos diacríticos do discurso gaúcho da diferença na diáspora - eles contrapõem-se a migrantes de outras regiões do país, que teriam como objetivo do deslocamento a busca de emprego, a inserção no mercado de trabalho.

A presença gaúcha no exterior é marcante nas regiões de fronteira dos países vizinhos do Brasil na América do Sul. Um exemplo é a região de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, cujas melhores terras já estão nas mãos de brasileiros que, em sua maioria, são plantadores de soja ou criadores de gado no Mato Grosso, descendentes de gaúchos que fizeram parte da corrente migratória nos anos 60/70. Eles compram 1 hectare de terra de área virgem, coberto por floresta nativa, por 200 dólares, um décimo do preço no Centro-Oeste brasileiro. E o juro do sistema bancário boliviano é de 15% ao ano, bem mais atraente que as taxas cobradas no Brasil. Donos de 1,5 milhão de hectares no Departamento de Santa Cruz, 300 fazendeiros brasileiros já respondem por 30% da produção de soja boliviana.

No Paraguai, vivem cerca de 350 mil “brasiguaios”, pequenos colonos que apenas recentemente tiveram sua situação jurídica legalizada. Destes, estima-se que em torno de 80% são compostos por sulistas, em sua maioria descendentes de gaúchos que colonizaram o oeste de Santa Catarina e o sudoeste do Paraná. No Paraguai, fundaram mais de 30 cidades, tornaram o país produtor de soja e modernizaram a agropecuária. O repórter Carlos Wagner conta que, na década de 70, pelo menos 350 colonos se instalaram na província do Alto Paraná, vizinha de Foz do Iguaçu. Destes, 33% eram gaúchos. Na localidade Esquina Gaúcha, funciona o CTG Índio José. Wagner conta que o CTG não serve só para agregar os gaúchos, mas serviu para minimizar o conflito entre os nativos paraguaios e os brasileiros: “hoje todos dançam juntos no CTG”²⁰.

No Uruguai, pelo menos 13% das terras produtivas estão em mãos de arroteiros gaúchos. Antes estes campos eram usados para pecuária extensiva, agora as máquinas substituíram os cavalos e bois.

Na Argentina, os brasileiros entram em duas frentes. Nas províncias de Comientes, Entre Rios e Santa Fé, implantaram grandes lavouras de arroz irrigado. Ao norte, na Província de Misiones, pelo menos 40 mil agricultores gaúchos já se estabeleceram, derrubaram a mata e plantaram roças de soja, milho e feijão. Esta

²⁰ Repórter Carlos Wagner, premiado várias vezes com o Prêmio Esso de Jornalismo, é o autor de O Brasil de Bombachas - Série de sete edições publicada em Cadernos Especiais no Jornal Zero Hora, entre 17 de março a 28 de abril de 1995, depois editada em livro. Também é autor do livro “Brasiguaios: Homens sem Pátria” e outras reportagens utilizadas como fonte de informação.

região, até os anos 80, era chamada da Amazônia Argentina. A floresta virou lavoura²¹.

No Brasil, além das áreas que foram destino dos colonos gaúchos e sulistas nas últimas décadas (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, Acre, Roraima, Piauí, Pernambuco...), pólos regionais têm tido marcada presença gaúcha, como Palmas, no Tocantins; Balsas, no Maranhão; Barreiras, na Bahia. Wagner publicou números que impressionam²²:

- Segundo ele, 5 mil pessoas transitam semanalmente entre o Rio Grande do Sul e as regiões de colonização gaúcha.
- Há registros de 283 projetos de colonização no Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) no norte do país. Pelo menos 60% deles têm presença de gaúchos. Muitos transformaram-se em cidades com mais de 100 mil habitantes²³.

Em 24 janeiro de 1996, Veja publicou a reportagem "A Diáspora Gaúcha", na qual é dito que "a maior leva migratória da década muda a cara do país plantando soja no Nordeste, uvas no Centro-Oeste e feijão e arroz na Amazônia". Segundo a reportagem, os gaúchos que moram fora do Rio Grande do Sul já seriam 1,2 milhão.

Eles são flagrados em todo a parte²⁴. Lendo os jornais e revistas, descobre-se, por exemplo, que em Balsas, no Maranhão, existe um CTG chamado Getúlio Vargas.

Em Gilbués, um garimpo de diamantes no sul do Piauí, os gaúchos chegaram com suas plantações de soja. O garimpo faliu, todos foram embora, menos os gaúchos, que apostam que a agricultura vai vingar.

Na região do Vale do São Francisco (Juazeiro-BA a Petrolândia-PE) dizem que os gaúchos vão fazer o sertão virar um mar... de frutas. Em Barreiras e Mimoso do Oeste, fronteira da Bahia com Goiás, os gaúchos sustentam um próspero distrito industrial.

No Cerrado brasileiro, uma extensa planície de 207 milhões de hectares²⁵, os gaúchos são parte significativa dos fazendeiros que plantam 30% dos grãos produzidos no país e criam 40% do rebanho nacional. A transformação da paisagem é espantosa - em algumas chapadas é possível ver o Cerrado virgem de um lado da estrada e campos cobertos de soja a perder de vista do outro.

Em Formoso do Araguaia, Tocantins, há um projeto agrícola chamado "Projeto Rio Formoso". Lá, 25 agricultores de São Borja plantam arroz irrigado, até pouco tempo uma cultura praticamente exclusiva do Rio Grande do Sul, em 4.287 ha. As instalações são grandiosas: 54 casas, 300 pessoas morando em ruas largas onde

²¹ A importância econômica e social do fenômeno pode ser dimensionada pelas manchetes do Caderno Folha Dinheiro, do Jornal Folha de São Paulo, de 18 de agosto de 1996: "Brasileiros tem 'um Sergipe' no exterior", "Lavoura de soja dá mais lucro na Bolívia", "Gaúchos em Rivera (Uruguai) exportam arroz ao Brasil", "Brasileiros dominam soja no Paraguai, Gaúcho chegou de mala vazia e hoje planta 250 ha", "Ocupação pacífica preocupa vizinhos".

²² É importante destacar que há muitos casos de migrantes cujos projetos fracassaram. Pesquisas como as de José Vicente Tavares mostram as trajetórias de gaúchos que retornaram. Sobre esta questão, vale registrar, ainda, que o atual MST (Movimento dos Sem-Terra) foi fundado por gaúchos no Rio Grande do Sul.

²³ Carlos Wagner, O Brasil de Bombachas nº 01, Jornal Zero Hora, 17 de março de 1995.

²⁴ Ganham destaque até no noticiário esportivo: "Técnico de Honduras (Ernesto Guedes) é gaúcho". "Técnico do Paraguai (Paulo Cesar Carpegiani) é gaúcho". Na Coluna Bola Dividida, Jornal Zero Hora (9 de junho de 1996), sob o título "Grêmio Boliviano", foto-legenda mostra grupo de estudantes segurando a faixa "Llama Gremista CBBA-Bolívia", em Cochabamba, que se diz a primeira torcida organizada do clube no exterior.

²⁵ Esta área é dez vezes maior que a área agricultável do Rio Grande do Sul. Hoje, 70 milhões de ha (um terço) do Cerrado estão ocupados.

circulam 34 automotrizes, 60 tratores e vários caminhões, tem até um lago artificial de 3 ha.

Em São Gabriel do Oeste (MS), os colonos estão cultivando parreirais de uva, atividade considerada impossível no Cerrado. Produzem vinho de mesa e estão fazendo experiências com a plantação de erva-mate. Os fazendeiros dizem que, como a erva vem do Paraná e de Santa Catarina, se a produção vingar eles vão ficar ricos.

Em Ji-Paraná, no sul de Rondônia, por causa do calor, os gaúchos tomam chimarrão com o ar condicionado ligado para lembrar o frio do Rio Grande.

Em Balsas, no Maranhão, várias gerações de famílias italianas começam a escrever uma nova saga em terras brasileiras.

Na Amazônia, eles são vistos em lugares distantes, como Apuí; dão nome a algumas localidades, como Porto dos Gaúchos; enterram mortos pela malária, como em Terranova; desbravam cidades madeireiras, como Cláudia; e enfrentam sucuris em Água Boa, oeste do Mato Grosso. Ouve-se falar sobre eles no Garimpo do Arará, Vila Nova Mamoré, oeste de Rondônia, e em São Gabriel da Cachoeira, às margens do rio Negro. Em Humaitá, no Amazonas, fundaram o CTG Sentinela dos Gaudérios.

Recentemente, a Revista Veja e o Jornal Folha de São Paulo²⁶ publicaram reportagens sobre um novo Eldorado agrícola, uma nova fronteira, onde, impulsionadas pela produção de soja, estão surgindo cidades e fortunas. A região é imensa - vai de Rondônia ao Piauí e tem o tamanho da Espanha. Uma das cidades que surgiram é Sapezal, norte do Mato Grosso, 4 mil habitantes em 1997. Os repórteres contam que não é uma cidade de sapé, pobre e perdida na selva. É próspera, cercada de plantações. O PIB per capita é de 27.500 dólares (a média brasileira é de US\$ 4.600). Dali até o sul do Piauí, passando por Tocantins e Maranhão, são 1.600 Km. Considerando-se esta linha a base de um quadrado que vai até a fronteira norte do Brasil, com o Amapá ao norte (inclusos o leste da Amazônia, Pará e Maranhão), a área territorial é enorme.

O que era um sertão improdutivo do tamanho da Bélgica hoje representa 6% da área cultivada do país, atraindo investimentos, fazendeiros que já plantaram 3 milhões de ha de soja, arroz, milho, algodão... O Ministério da Agricultura calcula em 1 milhão de pessoas a nova onda migratória para a região nos últimos três anos.

Quem criou Sapezal foi um fazendeiro que veio do Paraná, Blairo Maggi, ungido a novo Rei da Soja. Maggi, um descendente de italianos, também é prefeito da cidade, e impôs como condição que os vereadores não poderiam ter salários. As reportagens registram os investimentos privados dos fazendeiros, que construíram o desenvolvimento na região, e informam que a maioria deles é composta por gaúchos ou tem origens no Sul.

Por causa da idéia disseminada em todos estes lugares de que os gaúchos levam o desenvolvimento econômico onde chegam, são divulgadas ofertas para atraí-los, com vantagens em relação a brasileiros de outras regiões. O prefeito de Humaitá, Amazonas, afirma ter "1,7 milhão de hectares de terras devolutas para oferecer aos gaúchos". Já o governador do Tocantins garante haver "terras disponíveis para plantar, uma cidade (Palmas) sendo construída e dezenas de outras oportunidades para investimento"²⁷.

O jornalista Carlos Wagner opina que a velocidade da ocupação destas áreas vai depender de dois fatores: a estabilidade da economia e a infra-estrutura providenciada pelos governos federal e estadual. "Atualmente, as péssimas condições das rodovias no norte são um custo alto adicional para os agricultores. Em

²⁶ Veja, 2 de abril 1997, "O Novo Eldorado". Folha de São Paulo, 6 de Abril de 1997, "Fronteira Agrícola cresce apesar do Estado".

²⁷ Carlos Wagner, O Brasil de Bombachas nº 7, Jornal Zero Hora, 28 de abril de 1995.

Sorriso, Mato Grosso do Sul, por exemplo, a lavoura é toda feita com tecnologia de ponta. Mas todo o ganho em produtividade escoia pelos buracos das estradas”²⁸.

Wagner acredita, entretanto, que, mesmo sem infra-estrutura, as fronteiras agrícolas colonizadas pelos gaúchos são hoje um fabuloso mercado de trabalho para profissionais do Sul do Brasil. E, no rastro do deslocamento populacional, ocorre o florescimento da cultura tradicionalista gaúcha. Como diz Oliven:

“Não é descabido imaginar que no futuro haja mais CTGs fora do que dentro do Rio Grande do Sul. Embora este número de entidades tradicionalistas em outros estados provavelmente não seja frequentado por gaúchos natos, mas por descendentes deles, sua existência denota uma imensa saudade da querência, em busca de origens rurais perdidas (ou jamais possuídas) à semelhança do que ocorreu com os fundadores do 35”. (1994: 93)

1.11. - SER GAÚCHO FORA DO RIO GRANDE.

Os gaúchos fora do Rio Grande do Sul partilham um conjunto de práticas e representações expressas no “ser gaúcho”. Este sistema é baseado em valores de pertencimento comuns fincados no tipo regional de homem da fronteira e em costumes e valores ligados à região da Campanha. Ou seja: quando constróem uma identidade social em comparação com a população local de seus novos locais de moradia, é recorrente o uso do passado rural do Rio Grande do Sul e da figura mítica do gaúcho como diacríticos para estabelecer distinções.

Este “ser gaúcho” manifesta-se de formas particulares em cada lugar. Por exemplo, a análise de fotos de encontros de tradicionalistas em Los Angeles, onde foi criado um CTG há cerca de seis anos, aponta uma maior variedade estética na representação do “ser gaúcho”. Esta diversidade foi observada pelo pesquisador em viagens por Mato Grosso, Minas Gerais, Bahia e Bolívia.

Apesar de se utilizar da figura de um cavaleiro como sinal de identificação, os gaúchos na fronteira agrícola têm sua imagem mais frequentemente vinculada ao trator e a outras máquinas agrícolas. Cyro Martins identificou um momento de transição do gaúcho a cavalo para o gaúcho a pé. O gaúcho parece estar vivendo uma nova transição, que poderia ser expressada pela troca do cavalo pelo trator.

Esta imagem é mais que apenas uma metáfora. Faz um século que a pecuária perde espaços e posições para a agricultura entre os gaúchos. Truda Palazzo registra a mudança no Rio Grande do Sul:

“A pecuária tem perdido posições que vão sendo conquistadas pela lavoura. De outra parte, a pecuária, antigamente concentrada na criação de bovinos de corte, passou a receber a participação da suinocultura e da criação de ovinos. Esta diversificação dos componentes da pecuária gaúcha e o crescimento das lavouras permitiram uma nova configuração do esquema de utilização das terras no estado. Anteriormente, o setor importante da economia regional estava concentrado nas áreas onde se desenvolvia a criação de gado. Com o desenvolvimento da suinocultura e o rápido incremento das áreas plantadas, o centro econômico se irradiou e dividiu em vários outros que apresentam características de pólos de crescimento e que atualmente definem zonas geo-econômicas conforme a atividade predominante. (...) Cumpre destacar, em observação final a este item do nosso trabalho, que são evidentes os indícios de que a importância relativa da pecuária decresce constantemente. Em 1950, o Estado possuía o segundo rebanho bovino do país, com aproximadamente 8,5 milhões de cabeças - Minas era primeiro com 11,5 milhões de cabeças. Dez anos depois, em 1960, com 10 milhões de cabeças, o RS era o quarto, depois de MG, SP e MT.” (1969: 156 e 167)

Apesar de eminentemente agricultores, estes gaúchos se identificam como cavaleiros da Campanha. O “ser gaúcho” ganha força no culto às tradições efetuado nos CTGs, na manutenção de contatos familiares, nas relações comerciais efetuadas

²⁸ Idem.

²⁹ Nome do primeiro CTG, fundado em Porto Alegre em 1948.

pelos migrantes mais ricos e num poderoso sistema de representações simbólicas que apresenta o gaúcho como modelo do moderno herói-civilizador brasileiro.

Os gaúchos têm grande visibilidade. Existem 2.400 CTGs no país, mais de 1.000 fora do Rio Grande do Sul, reunindo em torno de 500 mil militantes. Sendo um movimento sustentado na organização familiar, que participa maciçamente nas atividades dos CTGs, o potencial de mobilização dos gaúchos tradicionalistas supera 2 milhões de pessoas³⁰. Linhas de ônibus foram criadas e consolidadas fazendo o transporte rodoviário entre regiões gaúchas fora do RS entre si e para o RS³¹. Programas tradicionalistas em TV e rádio florescem nos diversos espaços regionais gaúchos. Movimentos de emancipação política visam dar visibilidade e autonomia aos espaços regionais de identidade gaúcha e manter um modelo de poder político territorial³².

Esta visibilidade é multiplicada pela realização de grandes eventos festivos, como rodeios crioulos, cavalgadas, festivais de música, dança, folclore e poesia. O maior deles, que acontece simultaneamente em todos os espaços de identidade gaúcha, é o Dia do Gaúcho, em 20 de Setembro, que é antecedido pela Semana Farroupilha, sempre com programação cívica e festiva que culmina com o Desfile Farroupilha. Estes eventos gaúchos realizados fora do Rio Grande do Sul provocam, às vezes, situações de grande contraste cultural. É o que aconteceu, por exemplo, na Bahia, durante a realização do 2º Encontro de Tradicionalistas Gaúchos do Nordeste, em Salvador: o Clube Gaúcho da Bahia promoveu apresentações de danças gauchescas no Pelourinho, região histórica de Salvador. O evento ganhou destaque numa reportagem de página inteira em jornal local.

1.12. - O USO POLÍTICO DO SER GAÚCHO.

Os gaúchos foram protagonistas do processo de colonização das fronteiras agrícolas brasileiras nas últimas décadas, marcado pela desterritorialização das populações locais e reterritorialização de novas populações.

Não há consenso entre os estudos sobre a participação de gaúchos nos assentamentos agrícolas pelo interior do país, mas a versão mais difundida é a de que a "limpeza da área" (retirada de indígenas e caboclos) era feita e/ou garantida pelo governo federal ou empresas particulares de colonização e a posse da terra pelos gaúchos foi marcada por escândalos financeiros, grilagem e violência (Ribeiro, 1987).

³⁰Este potencial está em processo de organização e unificação nacional desde a fundação da CBTG (Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas) em 27/05/87. Desde então, foram fundados MTGs (Movimentos Tradicionalistas Gaúchos) em Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Nordeste e Planalto Central (TO, GO, DF, MG). Recentemente, Tocantins foi deslocado para a área de influência do MTG do Nordeste.

³¹Pude constatar este fato pessoalmente quando fui ao 1º Congresso de Tradições Gaúchas do Mato Grosso. Encontrei num restaurante de estrada um ônibus que faz três vezes por semana a rota entre Canarana (MT) e Ijuí (RS), com chimarrão oferecido pela empresa. Haesbaert menciona linhas diárias partindo de Barreiras (BA) com destino para Santa Maria (RS) e Passo Fundo (RS), além de linhas ligando Alta Floresta (MT) e Canarana (MT) com Porto Alegre.

³²Movimento Pró-criação do Estado do Iguaçu (oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná); Movimento "O Sul é o Meu País", com seções no RS, SC e PR; iniciativas para criação do estado do Araguaia (também chamado de Nortão); iniciativas para criação do estado do São Francisco, citadas por Rogério Haesbaert, que fez estudos em Barreiras (BA), onde existe um bairro gaúcho e um movimento de emancipação de Mimoso do Oeste, distrito de Barreiras, para poderem eleger políticos gaúchos em cargos executivos; Movimento Pró-criação do município de Chapada Gaúcha, onde estive observando a situação 'in loco'. No Piauí, empresários lançaram a idéia de divisão do estado. O novo estado se chamaria Gurguéia.

O mito, contado pelos gaúchos, é o de homens audaciosos que transformaram terras outrora improdutivas no celeiro do Brasil. Na intersecção entre as várias versões, percebe-se o uso político da representação do "ser gaúcho" como argumento de acesso a um patrimônio simbólico articulado com a ocupação de territórios. Os gaúchos fora do Rio Grande do Sul mantêm suas práticas tradicionais, orgulhosos de "serem gaúchos". Nota-se, neste processo, um fortalecimento dos discursos de auto-afirmação que, em alguns casos, desembocam em movimentos autonomistas com pregação separatista, caracterizados por intolerâncias étnicas e conflitos com populações locais³³.

³³ Além dos movimentos já citados na nota anterior, trabalhos como o de Rogério Haesbaert, em Barreiras-BA, ou de Cléria Botelho da Costa, realizado no assentamento de Indaiá (MS), demonstram os conflitos e intolerâncias entre os gaúchos e outros grupos sociais, especialmente nordestinos.

CAPÍTULO 2

REGIONALISMO MILITANTE

Tradição, Família e Propriedade à Moda Gaúcha.

Eles usam bombacha¹, bota, chapéu e pala². Palheiro³ no canto dos lábios. Faca presa na guaiaca⁴, às costas. Boleadeiras⁵ penduradas na cintura. Percorrem longos caminhos a cavalo. Comem churrasco e tomam cachaça. E reúnem-se no final da tarde em volta do fogo-de-chão, passando a cuia de chimarrão de mão em mão, ouvindo silenciosos lendas de antigamente e causos de valentia, habilidade com o cavalo, o laço ou o facão, ou grandes paixões. Parecem saber tudo sobre a vida no campo, a lida com o gado, a doma de cavalos. Se entregam à festa, aos jogos esportivos e à dança com devoção, são fascinados pela música e promovem tertúlias⁶ para declamar poesia.

O estereótipo descrito acima é o emblema da identidade gaúcha hoje. Um clichê. Quase uma marca registrada. Nem sempre foi assim. Barbosa Lessa registra que, em 1912, quando a imprensa carioca começou a chamar os rio-grandenses de gaúchos, o escritor Arthur Toscano saiu em defesa dos conterrâneos. Segundo Lessa, Toscano alegava que não havia razão para o apelido, "pois nem nos clubes gaúchos revivia-se uma tradição que nunca existiu, que é falsa, porque agora, como em todos os tempos e todos os lugares do interior, só se dão às canseiras do campo os campeiros, os peões, homens rudes, que fizeram aprendizagem para tal fim. Em nenhuma reunião ou baile familiar seria tolerada a presença ou participação de um sujeito vestido à moda gaúcha" (Lessa, 1985: 47)

2.1. - A QUESTÃO DA IDENTIDADE REGIONAL.

Segundo Haesbaert, ao construir uma identidade local baseada no passado supostamente glorioso do homem da Campanha, o regionalismo impõe-se ideologicamente, na medida em que torna homogêneo o que internamente é heterogêneo e faz uso deste estereótipo para impor externamente sua diferença em relação aos outros. Esse regionalismo, entretanto,

"mesmo institucionalizado com a criação do Partenon Literário, em 1868, e oficializado com a promulgação do Dia do Gaúcho em 20 de Setembro pelo Castilhismo (anos 1890) e com a

¹ Calça para homens, folgada quase bufante, com pregas, amarrada na bainha, usada por dentro das botas.

² Também chamado de poncho. Espécie de capa de lã, usada para proteger do frio. Consiste num cobertor com um furo no meio por onde passa a cabeça.

³ Cigarro de palha de milho.

⁴ Cinto com vários bolsos e utilidades. Serve para carregar faca, revólver, munição, dinheiro, fumo, cartas, dados etc.

⁵ Ver nota na primeira página do capítulo 1.

⁶ Encontros artísticos-culturais, com apresentações musicais, declamação de poesias, trovas, etc.

fundação dos Grêmios e clubes gaúchos na virada do século, nunca desempenhou um papel preponderante como agente ideológico de identidade social, da forma eficaz e generalizada com que é visto na atualidade.” (1988: 80)

Difícilmente um rio-grandense, há pouco mais de três décadas, se deixaria ser visto em Porto Alegre exibindo-se de bombacha e cuia de chimarrão. Em qualquer ambiente urbano gaúcho, ainda nos anos 60 e 70 de nosso século, esta atitude era interpretada como “coisa de grosso do interior”.

Ainda segundo Haesbaert, enquanto manteve-se no domínio político e econômico do estado, a oligarquia rural do Rio Grande do Sul não precisou evidenciar sua identidade cultural. Porém, com a incorporação de padrões capitalistas de desenvolvimento econômico e com o surgimento de novas lideranças no plano político, os elementos representativos de uma cultura regional específica vieram à tona, sendo utilizados como argumentos no discurso de resistência às mudanças políticas e econômicas que se processavam no estado.

O gauchismo, por isso, passou a ser visto como fazendo parte de uma retórica do atraso, conservadora e ultrapassada. À margem do processo político e econômico, o tipo regional gaúcho, que simbolizou as melhores qualidades humanas na segunda metade do século passado (*como visto no capítulo 1*), foi relegado ao último degrau social na primeira metade deste século.

A marginalização do tipo regional teve seu ápice no Estado Novo. Apesar de Getúlio Vargas ser gaúcho e de mostrar-se vestido ou usando objetos rituais próprios da cultura regional gaúcha, durante o período em que ocupou a presidência da República promoveu uma gradual erradicação das forças e das identidades locais, dissolvendo partidos políticos e destruindo símbolos regionais - o episódio-síntese desta política é a queima das bandeiras estaduais.

Como, então, um estereótipo praticamente sepultado como signo de conservadorismo e atraso é resgatado e recriado e ganha força em todo o estado e fora dele? Haesbaert propõe a resposta:

“A abertura política dos anos 40, dando margem ao revigorar dos regionalismos, totalmente abafados pelo Estado Novo, trouxe à tona também a necessidade de uma ideologia que unificasse as sociedades rural e urbana, a fim de respaldar a nova organização sócio-espacial e ao mesmo tempo reivindicar junto ao governo central uma posição menos segregadora aos interesses do Rio Grande, através de sua nascente burguesia industrial de bases regionais (...) Duramente combatidos e em algumas áreas literalmente mutilados, os elementos da cultura italo-germânica no Rio Grande do Sul, associados durante a II Guerra à ideologia nazi-fascista, dificilmente poderiam se impor com a revitalização autonomista pós-45. Reforçava-se então o processo de incorporação de modelos culturais homogeneizadores por toda a sociedade ‘gaúcha’.” (1988: 80-81)

A retomada do tipo regional gaúcho confunde-se com a fundação do primeiro CTG (Centro de Tradições Gaúchas), em 1948, e a criação do Tradicionalismo, movimento que tem sua unidade organizativa no CTG. Seis anos depois, em 1954, já acontecia o 1º Congresso de CTGs, que lança as bases programáticas do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). Segundo Haesbaert, as bases do movimento, contudo, devem ser atribuídas primeiro a uma retomada, pelas classes médias em descenso, de valores capazes de impor uma identidade, para o que a cultura regionalista, ainda relativamente arraigada, parecia constituir-se num caminho apropriado. A incorporação e o fortalecimento do tradicionalismo não apenas reproduz a ideologia para forçar um patamar mínimo de consenso social, mas ainda conquista e

dá homogeneidade aos complexos e emergentes setores médios urbanos e tranquiliza os remanescentes da velha oligarquia - que, novamente revigorada, agora por sua 'força cultural', ao menos mantém o monopólio da terra.

2.2. - REGIONALISMO: AUTONOMIA X INTEGRAÇÃO.

O argumento de manutenção das tradições locais para afirmar a autonomia regional no processo de integração nacional não é novo. Oliven observa que o Movimento Regionalista, lançado por Gilberto Freyre em 1926, desenvolve basicamente dois temas interligados: a defesa da região enquanto unidade de organização nacional e a conservação dos valores regionais e tradicionais do Brasil em geral e do Nordeste em particular. Freyre é claro quanto aos objetivos do grupo: "Nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil" (Oliven, 1992: 34).

Essa proposta é formulada através de um modelo político-administrativo baseado na região enquanto elemento constitutivo da nação. Ou seja: desde seu início o país teria sido composto por unidades geográficas a que se sobrepuseram regiões sociais, sendo, portanto, preciso administrá-lo regionalmente. Segundo Oliven,

"a necessidade de reorganizar o Brasil - primeiro tema central do Manifesto e preocupação constante de pensadores do fim do século passado e começo deste - decorreria do fato dele sofrer, desde que é nação, as consequências maléficas de modelos estrangeiros que lhe são impostos sem levar em consideração suas peculiaridades e sua diversidade física e social.

Como se pode perceber, a formulação de um sistema alternativo de organização do Brasil está ancorada na denúncia da importação de modelos alienígenas considerados incompatíveis com nossas peculiaridades. A discussão sobre a conveniência ou não de importar modelos e idéias estrangeiros é um tema recorrente entre nossos intelectuais e dele o Manifesto de 1926 tratará também ao analisar a questão da tradição." (1992: 34)

Estas e outras questões já eram discutidas no Rio Grande do Sul em 1868, ano da criação do Partenon Literário, por escritores que exaltaram a temática gaúcha em seus livros. É neste momento que começa o culto ao gaúcho como síntese heróica da conquista do Rio Grande. E a primeira agremiação tradicionalista remonta ainda no século passado. Fundado em 1898, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre tinha como objetivo o culto às tradições⁷. O fundador João Cezimbra Jacques, republicano e positivista, deixa claro seus objetivos:

"Organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra. (...) Pensamos que esta patriótica agremiação não é destinada a manter na sociedade moderna usos e costumes que estão abolidos pela nossa evolução natural e que a época na qual vivemos não comporta mais, e nem é tampouco ela uma associação, tendo por fim trazer para objeto de suas práticas jogos e elementos recreativos do tempo corrente e importados do estrangeiro. Nem uma nem outra coisa. Mas é ela, sim, uma associação destinada a manter o cunho de nosso glorioso estado e consequentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos acontecimentos que tornaram o povo sul-rio-grandense um povo célebre diante, não só da nacionalidade, como do estrangeiro; por meio de solenidades ou festas que não excluem usos e costumes, os jogos ou diversões do tempo presente; porém, figurando nelas, tanto quanto possível, os bons usos e costumes, os jogos e diversões do passado; por meio

⁷ Segundo Barbosa Lessa, In Nativismo, 1985: 30, na corte do Rio de Janeiro, em 1851, o ex-prisioneiro farroupilha prof. Pereira Coruja funda a Sociedade Sul-riograndense para reunir a "gauchada" saudosa da querência. Esta Sociedade está funcionando ininterruptamente há mais de 150 anos, e hoje também abriga o CTG Desgarrados do Pago.

de solenidades que não só relembrem e elogiem o acontecimento notável a comemorar, pelo verbo ou pelo discurso, como por meio de representação de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executores se apresentem com o traje e utensílios portáteis, tais como os de usos gauchescos.” (Oliven, 1992: 71-72)

São muitas as recorrências presentes no regionalismo gaúcho. Resistência a valores e práticas vindas do estrangeiro. Envolvimento de intelectuais com os movimentos de afirmação regional, para simples exaltação cultural ou como soldados em guerras ou revoluções⁸. Sentimento de ser discriminado pelo Poder Central, com consequente perda de poder econômico e político⁹.

Chama atenção como são recorrentes os assuntos que preocupam os gaúchos em períodos distintos. Há uma constante evocação e atualização das peculiaridades do estado e da fragilidade de sua relação com o resto do Brasil. O Rio Grande do Sul pode ser visto como um estado onde o regionalismo é constantemente reposto em situações históricas, econômicas e políticas novas. Mas embora as conjunturas sejam novas e a roupagem dos discursos se modernize, o substrato básico sobre o qual estes discursos repousam é surpreendentemente semelhante. Neste caso, poder-se-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha. (Oliven, 1992: 65)

2.3. - O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO.

O proselitismo de todas as camadas sociais e de todos os segmentos étnicos em favor das tradições gaúchas, como conhecemos hoje na versão Movimento Tradicionalista Gaúcho, começou na segunda metade da década de 40 deste século, em Porto Alegre. A história registra o início no Colégio Júlio de Castilhos, em 1947, quando foi fundado, por iniciativa do estudante secundarista Carlos Paixão Côrtes, um Departamento de Tradições Gaúchas no grêmio estudantil.

A primeira ação do Departamento foi formar um grupo a cavalo para montar guarda aos restos mortais do general farroupilha David Canabarro, trasladados de Livramento para a capital. Assistindo os cavaleiros, estava Barbosa Lessa, que uniu-se ao grupo a partir deste evento. Em seguida, o grupo de estudantes resolveu tornar suas atividades conhecidas fora do Colégio Júlio de Castilhos:

⁸ Cezimbra Jacques, fundador do Grêmio Gaúcho, foi soldado voluntário na Guerra do Paraguai. O poeta modernista Alceu Wamosy morreu na Revolução de 23.

⁹ As queixas farroupilhas são repostas de tempos em tempos. Oliven, analisando os discursos dos anos 80, comenta: “No nível econômico, a queixa centra-se em torno da perda da vitalidade econômica. O que aconteceu, na verdade, é diferente. Apesar de ter ocorrido, desde a década de 30, uma crescente centralização de recursos e poderes por parte do governo federal e a concentração da indústria em São Paulo, o Rio Grande do Sul não tem se saído tão mal. Além da influência política que sempre exerceu, economicamente ele continua a ser um estado rico e produtivo. Nos últimos trinta anos, a indústria adquiriu uma importância central na economia do estado, representando 7,2% da produção industrial do país. O estado é responsável por 12% das exportações brasileiras e detém 10% do Produto Nacional Bruto. Além disso, o Rio Grande do Sul tem os melhores índices nacionais de saúde (a mais baixa taxa de mortalidade e a mais alta expectativa de vida) e os mais baixos índices de analfabetismo (13,5%). Sua taxa de crescimento econômico tem seguido a do país como um todo e refletido as flutuações nacionais. Assim, a forma mais correta de se caracterizar a atual situação da economia gaúcha consiste em afirmar que seus problemas não são manifestações de uma crise regional, mas sim consequências regionais de uma severa crise de abrangência nacional.” (1992: 62)

"Em outubro de 1947, Luiz Carlos Barbosa Lessa muniu-se de um pequeno 'caderno de aula' e saiu a coletar assinaturas de prováveis sócios de um Clube da Tradição Gaúcha que se fundaria em Porto Alegre em março de 1948. Durante seis meses, pois, seria estudada a organização do referido clube, seus estatutos, etc. Durante este período, Barbosa Lessa soube que outro jovem, Hélio José Moro, estava encabeçando um movimento de idêntica finalidade, mas que seria composto de apenas 35 elementos, lembrando assim, na própria organização, a data máxima do Rio Grande". (Extraído do livro interno do 35 CTG, "Histórico", In CÔRTEZ, Carlos Paixão e LESSA, Luiz Carlos Barbosa, Danças e Andanças da Tradição Gaúcha, 1975: 88.)

A primeira reunião formal, com registro em ata, aconteceu em 3 de janeiro de 1948. Ali evidenciou-se a existência de duas correntes de idéias. Uma, defendida pelos estudantes do Júlio de Castilhos, pretendia um movimento aberto, de proselitismo e expansão popular. Outra, representada por Hélio Moro e Glaucus Saraiva, vindos de um grupo de escoteiros, propunha a criação de uma associação relativamente esotérica, fechada, de alto valor cívico-místico, limitada aos trinta e cinco sócios iniciais e seus futuros e eventuais substitutos. A ata registra o resultado do debate:

"Já então ficou assentada a denominação da futura agremiação: 35 - Centro de Tradições Gaúchas, sugestão de Barbosa Lessa com pequena modificação de Luiz Chagas. O primeiro tirão foi sobre a organização dos trinta e cinco postos e as condições e qualidades que deveriam ter cada posteiro. Formou-se o entrevero e terminou sendo a idéia de que não se deveria fechar a porteira da estância para os companheiros que aparecessem depois, não ficando ela aberta somente aos trinta e cinco primeiros gaúchos aceitos". (idem: 89)

Sob o lema "em qualquer chão sempre gaúcho", a fundação aconteceu com um mês de atraso em relação ao programado, em 24 de abril de 1948, na rua Duque de Caxias, no centro da capital, marco zero do Movimento. Os principais cargos da diretoria provisória eleita para organizar os estatutos demonstra o acordo entre as duas correntes do movimento: Patrão de Honra: Paixão Côrtes, Patrão: Glaucus Saraiva, Capataz¹⁰: Barbosa Lessa (acumulou a função de Serviço de Divulgação). Apesar de atualmente a alegoria ser elemento fundamental dos eventos da tradição gaúcha, Paixão Côrtes e Barbosa Lessa registram no livro Danças e Andanças da Tradição Gaúcha:

"É interessante observar que não havia nenhuma cogitação de departamento voltado para a música ou dança. Mas havia dois interesses evidenciados pelas funções de bibliotecário e divulgador: a curiosidade cultural e o empenho no proselitismo." (idem: 89-90)

A importância da alegoria estava presente na preocupação dos estudantes. Como lembra Barbosa Lessa:

"Naqueles dias pioneiros, nenhum de nós havia lido A Opinião e as Crenças, de Gustave Le Bon. Foi portanto intuitiva a nossa descoberta de que 'uma crença qualquer - religiosa ou política, moral ou social' - mantém-se sobretudo pelo contágio mental e por sugestões repetidas. Imagens, estátuas, relíquias, peregrinações, cerimônias, cantos, músicas, prédicas, etc, são os elementos necessários desse contágio e dessa sugestão'. E tudo isso precisava ser criado! Pois, afinal, não estávamos vivendo num galpão autêntico de estância: nosso galpão, porto-alegrense, teria que ser simbólico! O âmagô da questão era o seguinte: com base na cultura tradicional - que respeitáramos em todos aqueles elementos que pudessem ser mantidos em Porto Alegre e alhures - teríamos de criar uma cultura tradicionalista, adaptável às mais diversas situações de tempo e espaço. (1985: 63)

¹⁰ As funções têm nomes que reproduzem o universo da campanha gaúcha. Patrão é o dono, chefe. Capataz é uma espécie de superintendente ou secretário-geral.

Parece que os tradicionalistas pioneiros estavam afinados com os culturalistas norte-americanos. Era Boas quem dizia que o olho é o órgão da tradição. O visual é ingrediente importante na formação da identidade.

Royce (1992) defende que nenhum grupo étnico pode manter sua identidade sem signos, símbolos e valores que marcam uma identidade distinta. Como símbolos e signos são produtos da interação com outros grupos, mais que depender do contexto em que estão inseridos, alguns destes símbolos são mantenedores de limites interétnicos. Ou seja: a manutenção dos limites de um grupo depende de sua habilidade para dirigir e ordenar estes símbolos.

A partir da fundação do 35 CTG, a idéia tradicionalista espalhou-se pelo Rio Grande do Sul. Tão rápido que já em 1954 havia condições para a realização do 1º Congresso Tradicionalista, ocorrido na cidade de Santa Maria. Novamente, defrontaram-se as duas correntes do movimento. E o congresso referendou a decisão tomada na reunião de fundação do 35 CTG em favor do proselitismo das tradições gaúchas. A seguir, um resumo da tese aprovada no congresso, "O Sentido e o Valor do Tradicionalismo", escrita por Barbosa Lessa há 44 anos e ainda em vigor, demonstra sua importância para o Movimento Tradicionalismo Gaúcho até hoje, meio século após sua criação.

"Na vida humana, a sociedade - mais que o indivíduo - constitui a principal força na luta pela existência. Mas, para que o grupo social funcione como unidade, é necessário que os indivíduos que o compõem possuam modos de agir e pensar coletivamente. Isto é conseguido através da 'herança social' ou 'cultura'. Graças à cultura comum, os membros de uma sociedade possuem a unidade psicológica que lhes permite viverem em conjunto, com um mínimo de confusão. A cultura, assim, tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural mas também ao seu lugar na sociedade. Toda cultura inclui uma série de técnicas que ensinam ao indivíduo, desde a infância, a maneira como comportar-se na vida grupal. E, graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma geração à outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade.

I - A Desintegração de nossa sociedade.

Os problemas sociais cruciantes da atualidade são causados ou incentivados pelo relaxamento do controle dos costumes e noções tradicionais de cada cultura.

a) O enfraquecimento do núcleo cultural:

A cultura de qualquer sociedade se compõe de duas partes. O núcleo sólido é constituído pelo Patrimônio Tradicional. Nesse núcleo se concentram aqueles inúmeros hábitos, princípios morais, valores, associações e reações emocionais partilhados por TODOS os membros de determinada sociedade (como a linguagem, os princípios fundamentais de moral, etc), ou ainda TODOS os membros de certas categorias de indivíduos, dentro da sociedade (como as ocupações reservadas só às mulheres ou aos homens...)

Cercando o núcleo, existe uma zona fluida e instável, constituída por elementos culturais chamados, em sociologia, Alternativas, e que são traços partilhados por ALGUNS indivíduos, representando diferentes reações às mesmas situações, ou diferentes técnicas para alcançar os mesmos fins. Quanto maior for o entreechoque ou contato com culturas diversas, maior será a possibilidade de adoção de novas alternativas por parte dos membros de uma sociedade. Se o patrimônio tradicional dessa cultura é coerente e forte, a sociedade somente tem a lucrar com o referido contato. Se, porém, a cultura invadida não é predominante e forte, a confusão social é inevitável.

Quem mais sofre com esta confusão social - acentua o sociólogo Donald Pierson - são as crianças e adolescentes, os responsáveis pela sociedade do porvir. Crescendo nestas circunstâncias, a criança não sabe como agir, não é capaz de assumir, em seu espírito, qualquer expectativa clara de comportamento. Devido à facilidade de intercâmbio cultural entre os mais diversos povos, observa-se

que o núcleo das culturas locais ou regionais vai se reduzindo gradativamente, a ponto de se ver sufocado pela zona das Alternativas.

Sem ampla comunidade de hábitos e de idéias, porém, os indivíduos não reagem com unidade a certos estímulos, nem podem cooperar eficientemente. Citando Ralph Linton, 'embora os problemas de organizar e governar Estados nunca tenham sido perfeitamente resolvidos, uma coisa parece certa: se os cidadãos tiverem interesses e culturas comuns, com a vontade unificada que daí advém, qualquer tipo de organização formal de governo funcionará eficientemente; mas, se isso não se verificar, nenhuma elaboração de padrões formais de governo, nenhuma multiplicação de lei produzirá um Estado eficiente ou cidadãos satisfeitos'.

b) O desaparecimento dos 'grupos locais':

O enfraquecimento da vida grupal - conforme acentuou Ralph Linton - é outra característica de nossa época. As unidades sociais pequenas estão gradativamente desaparecendo, e cedendo lugar às massas de indivíduos. Nas zonas rurais, os 'grupos locais' ainda conservam um pouco de sua função como portadores de cultura; mas, em geral - devido ao afluxo de alternativas - os jovens discordam dos padrões culturais antigos; acontece, porém, que a sociedade mais ampla - com a qual os jovens entram em contato por meio da imprensa, rádio e cinema - ainda não têm padrões coerentes de vida para oferecer-lhes. Daí a insegurança que começa a notar-se em nossa sociedade rural.

II - O Movimento Tradicionalista Rio-grandense.

Objetivos: combater a desintegração social, mantendo a integridade do núcleo cultural e a unidade psicológica essencial ao funcionamento da sociedade.

Através da atividade artística, literária, recreativa ou esportiva, que o caracteriza - sempre realçando os motivos tradicionais do Rio Grande do Sul -, o Tradicionalismo procura, mais que tudo, reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época.

III - O Sentido do Tradicionalismo.

Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem-coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura; graças ao quê a sociedade adquire maior solidez e o indivíduo adquire maior tranquilidade na vida em comum.

IV - Características do Tradicionalismo.

Mais que uma teoria, o Tradicionalismo é um movimento. Age dentro da psicologia coletiva. Desenvolve-se no interior dos CTGs. Deve ser um movimento nitidamente popular, não simplesmente intelectual. Para vencer é fundamental que seja sentido e desenvolvido no próprio seio das camadas populares, nas canchas de carreiras, nos auditórios das rádio-emissoras, nos festivais e bailes populares, nas Festas do Divino e Navegantes, etc... Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com Folclore, História, Sociologia, etc, que são ciências. Não se deve confundir o folclorista com o tradicionalista. O primeiro é um pesquisador, o segundo é um soldado do movimento.

V - As duas grandes questões do Tradicionalismo.

a) Atenção especial às novas gerações:

Deve o Tradicionalismo operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a nossa geração. Não se concebe que as escolas primárias continuem por mais tempo apartadas do movimento tradicionalista. A maneira mais segura de garantir à criança o seu ajustamento à sociedade é precisamente fazer com que ela receba, de modo intensivo, aquela massa de hábitos, valores, associações e reações emocionais - o patrimônio tradicional, em suma - imprescindíveis para que o indivíduo se integre eficientemente na cultura comum.

b) Assistência ao homem do campo:

A idéia nuclear das Tradições Gaúchas é a figura do campeiro das nossas estâncias. Por isso, é sumamente necessário que o Tradicionalismo ampare social e moralmente o homem do campo, para que um dia não se chegue à situação paradoxal de manter-se uma tradição de fantasia, em que se tecessem hinos de louvor ao "Monarca das Coxilhas", ao "Centauro dos Pampas", e que esse gaúcho fosse um desajustado social, um pária lutando febrilmente pela própria subsistência.

VI - O Tradicionalismo como força econômica.

Prestigiando as tradições gaúchas e prestando assistência moral e social ao homem do campo, o Tradicionalismo estará contribuindo de maneira inestimável para a solução do problema que ora sufoca a nossa vida econômica: o êxodo, a crise agrícola. Uma das razões foge aos aspectos econômicos. Se o campesino acaso julgar que o lugar que lhe está reservado na sociedade encontra-se nas cidades, ele será um desajustado enquanto não conseguir realizar seu sonho de transferir-se para cidade. Este fenômeno prende-se ao conceito sociológico de "status". Assim sendo, se o campesino se considera inferior ao cidadão, mais cedo ou mais tarde tentará procurar a cidade, para ali competir com quem lhe rouba a posição social." (1954: 5-10)

Apesar do crescimento constante experimentado desde sua fundação, apenas no início dos anos 80 o Tradicionalismo Gaúcho realmente se populariza como Barbosa Lessa preconiza no Manifesto. Isoladas econômica e politicamente pela lógica do capitalismo oligopolista transnacional dos anos 70, frações da classe dominante do Rio Grande do Sul encontram na retomada das raízes culturais gaúchas um apoio extremamente conveniente para manterem sua influência junto ao poder regional. A política cultural do governo estadual, nos anos 80, é marcada pelo apoio irrestrito ao tradicionalismo. Os CTGs se multiplicam em progressão geométrica, criam-se encontros de música "nativista" e mesmo os jovens rio-grandenses, especialmente da capital Porto Alegre, críticos do conservadorismo associado aos CTGs, tomam-se simpáticos à idéia da identidade gaúcha, usando bombachas, adotando o hábito do chimarrão ou compondo suas próprias versões do tradicionalismo¹¹.

2.4. - A COMUNIDADE IMAGINADA GAÚCHA.

Cultura nomeia e distingue um fenômeno único: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados.

Não existe diferença, quimicamente falando, entre a água benta e a água destilada. Também não há diferença, biologicamente falando, entre ingleses e gaúchos. Tanto num como noutro caso, são classificações culturais, construções ou representações simbólicas através das quais as pessoas organizam o mundo ao seu redor. A cultura é essa capacidade singular da espécie humana de ordenar simbolicamente o universo.

Sahlins (1997) destaca que nenhum outro animal organiza os fundamentos afetivos, as trações e repulsões de suas estratégias reprodutivas a partir de significados, sejam eles conceitos socialmente contingentes de beleza ou noções historicamente variáveis de moralidade sexual.

¹¹ Na música, por exemplo. Estudos sobre letras de canções apresentadas em festivais de música analisam as atualizações nos temas e preocupações das novas gerações. Oliven registra disputas entre "progressistas" e "conservadores" nos festivais. Estas pesquisas demonstram, entretanto, que a essência dos valores morais associados ao gaúcho e os assuntos continuam os mesmos, como honradez, valentia, vida no campo, êxodo rural...

É principalmente através de escolhas culturais que a identidade se constrói. A cultura nacional, então, seria um aglutinador de identidades no plano da nação. Hall (1997) afirma que cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

"As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constróem identidades." (1997: 55)

Para Guibernau (1996), nacionalismo é um sentimento relacionado a uma pátria, uma língua, ideais, valores e tradições comuns. O nacionalismo é identificado com símbolos (bandeira, hino, projeto de nação...) que definam o grupo como "diferente" dos outros. É a conexão com estes símbolos que cria a identidade e a identidade é uma poderosa força mobilizadora. Citando casos na história em que o proletariado se engajou nos exércitos nacionais apesar dos chamamentos ao internacionalismo de classe, Guibernau diz que:

"Frequentemente se tem dado às estruturas econômicas (embora não no caso de Weber) a importância maior na determinação das relações humanas, mas a necessidade psicossocial da 'identidade', que acho fundamental para os indivíduos e para as coletividades, foi negligenciada. A identificação de classe foi insuficiente para unir as pessoas." (1996: 52)

Ainda segundo Guibernau, um dos aspectos mais característicos do nacionalismo é sua capacidade de reunir pessoas de níveis sociais e contextos culturais diferentes.

"o nacionalismo mostra que, por mais que os sentimentos nacionalistas tenham sido com frequência estimulados e ideologicamente invocados por elites dominantes, eles não são apenas uma invenção das classes dirigentes, com o intuito de manter a lealdade incondicional das massas, fazendo-as acreditar que aquilo que pretensamente elas têm em comum é muito mais importante do que o que de fato as separa." (1996: 52)

Os sentidos, representações e sentimentos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Anderson (1983), a identidade nacional é uma "comunidade imaginada".

Hall determinou cinco maneiras através das quais as identidades nacionais são constituídas e ganham força. A primeira delas é a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. "Essas narrativas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação." (1997: 56)

A segunda é a ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade*. A identidade nacional é representada como primordial - "está lá, na verdadeira natureza das coisas". (1997: 58) A terceira é a invenção das tradições, como argumentou Hobsbawm, aliada à ressignificação de práticas antigas.

A quarta é a idéia de um *mito fundacional*: uma estória que localiza a origem da nação, do povo e do seu caráter nacional "num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo 'real', mas do tempo 'mítico'." (1997: 59) Por último, a identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na idéia de um *povo* ou *folk puro*, original. Segundo Hall:

"As culturas nacionais são tentadas a se voltar ao passado, a recuar defensivamente para aquele 'tempo perdido', quando a nação era 'grande'; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as 'pessoas' para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os 'outros' que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente. (1997: 61)

Enfim, o que constitui uma cultura nacional como uma "comunidade imaginada" são as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto, a perpetuação da herança. Para Guibernau, "é um fenômeno essencialmente psicológico, em contraste com o estado nacional, que é institucional" (1996: 52).

Weber contribuiu para a compreensão do nacionalismo na análise dos grupos étnicos. Para ele, a nação está intimamente relacionada com os interesses de prestígio. Ele observa que as manifestações mais antigas e mais enérgicas da idéia de nação continham a lenda de uma "missão" providencial, facilitada pelo cultivo da superioridade ou, pelo menos, da peculiaridade dos valores culturais do grupo destacado como nação.

Três pontos da teoria de Weber são importantes para entender o fenômeno do nacionalismo: o "caráter subjetivo" do grupo étnico, o poder da comunidade política suscitar sentimentos de similaridade entre os seus membros e o caráter emocional dos vínculos étnicos, assim como sua habilidade em criar um senso de solidariedade entre os membros do grupo.

Apesar de os gaúchos serem um grupo étnico regional, podemos falar em identidade nacional gaúcha, na medida em que as estratégias utilizadas (uso de símbolos, rituais, tradições, construção de sistema próprio de representação simbólica) por grupos nacionalistas são as mesmas usadas pelos gaúchos, especialmente os militantes do movimento tradicionalista, para atingir seus fins - manutenção da cultura gaúcha tradicional e de relações sociais, econômicas e políticas já consolidadas.

2.5. - A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL.

O atual reaparecimento do nacionalismo tem relação com um interesse especial pela identidade coletiva. O poder do nacionalismo provém justamente de sua capacidade de criar uma identidade comum entre os membros do grupo, através do uso de símbolos e rituais, decisivos na criação da identidade nacional. Para entender o nacionalismo (e o fenômeno identidade) é preciso avaliar não só a dimensão política, mas também aspectos menos "racional" relacionados aos sentimentos e emoções.

Para Guibernau, o processo de identificação com os elementos de uma cultura específica implica um forte investimento emocional. A carga emocional que os indivíduos investem em sua terra, língua, símbolos e crenças, enquanto desenvolvem sua identidade, facilita a difusão do nacionalismo. Assim, enquanto outras formas de ideologia, como o marxismo ou o liberalismo, requerem a doutrinação de seus seguidores, o nacionalismo emana desse apego emocional básico à terra e à cultura das pessoas.

"A força do nacionalismo procede não do pensamento racional apenas, mas do poder irracional das emoções que se originam dos sentimentos de pertencer a um grupo determinado." (1996:85)

A consciência nacional é proveniente de valores, tradições, lembranças do passado e planos para o futuro compartilhados, contidos, ainda segundo Guibernau, numa cultura particular que é pensada e falada numa língua particular.

"Uma cultura comum tem a capacidade de criar um sentimento de solidariedade que é derivado da consciência de formar um grupo. Um mesmo passado histórico, que inclui 'ter sofrido, desfrutado e esperado conjuntamente' e um projeto comum para o futuro." (1996: 86)

É comum situar a ascensão do estado nacional e do nacionalismo na Europa do fim do século XVIII e associar seu aparecimento às idéias que deram origem à Revolução Americana (1776) e à Revolução Francesa (1789). Guibernau entende a ascensão do estado nacional como o produto de um processo multidimensionado que mudou as relações de poder na sociedade.

Os principais elementos desse processo incluem a consolidação das unidades territoriais pelos estados absolutistas burocráticos, que pela primeira vez puderam manter o monopólio dos meios de violência dentro do seu território; a transformação dos limites que delimitavam os diferentes estados em fronteiras claramente fixadas; a emergência da burguesia como uma nova classe muito receptiva às idéias do Iluminismo, e o novo papel dos monarcas e governantes que se caracterizou por uma mudança fundamental entre governantes e governados. Até o século XVIII, o poder era legitimado por vontade divina, sangue real ou força física superior. O culto da liberdade e igualdade e a idéia de anuência popular mudaram esta relação de forma radical. (1996: 60-61)

Para Guibernau, uma das tensões do fim da Idade Média e do início da Moderna é aquela entre um sentido "regional" de identidade e os atrativos de um estado nacional nascente. Paralelo ao processo de integração nacional, os sentimentos de identidade local ou regional ainda permaneciam intensos, sustentados pelas recordações da tradição e línguas independentes. Somente em momentos de crise nacional prevalecia sobre o sentimento regional um senso de lealdade nacional.

"O francês medieval era um súdito do monarca Capeto, não um cidadão da França; a palavra 'cidadão' era inteiramente inadequada à época." (1996: 61)

Ainda segundo Guibernau, às atitudes da Europa medieval faltava a ênfase moderna na individualidade. O "individual", num certo sentido, não existia nas culturas tradicionais. Para (1976), a emergência de noções de individualidade, no sentido moderno, pode ser relacionada ao colapso da ordem social, econômica e religiosa medieval.

"No movimento geral contra o feudalismo houve uma nova ênfase na existência pessoal do homem, acima e além de seu lugar e sua função numa rígida sociedade hierárquica. Houve uma ênfase similar, no Protestantismo, na relação direta e individual do homem com Deus, em oposição a esta relação mediada pela Igreja. Mas foi só ao final do século XVII e no século XVIII que um novo modo de análise, na Lógica e na Matemática, postulou o indivíduo como entidade maior, a partir da qual outras categorias eram derivadas. O pensamento político do Iluminismo seguiu principalmente este modelo. O argumento começava com os indivíduos, que tinham uma existência primária e inicial. As leis e as formas de sociedade eram deles derivadas: por submissão, como em Hobbes; por contrato ou consentimento, ou pela nova versão da lei natural, no pensamento liberal. Na economia clássica, o comércio era descrito através de um modelo que supunha indivíduos separados que [possuíam propriedade e] decidiam, em algum ponto de partida, entrar em relações econômicas ou comerciais. Na ética utilitária, indivíduos separados calculavam as consequências desta ou daquela ação que eles poderiam empreender." (1976: 135-136)

Na modernidade, a importância dada à unicidade de cada indivíduo levou a uma preocupação particular com a identidade, refletindo o desejo individual e coletivo (do grupo) de ser diferente. Este "ser diferente" provocou interesses especiais pela língua, pela história e pela cultura - o passado glorioso, mitos de origem, costumes,

estilos de vida e idéias de um povo específico. O interesse por uma originalidade cultural fez com que pensadores românticos desviassem seu foco das elites intelectuais e do Estado para a cultura popular.

"Por isso, enquanto o nacionalismo da Revolução Francesa concentrou-se numa dimensão política, acentuando a igualdade entre os homens (as mulheres ainda não eram incluídas) e a soberania popular como único meio de legitimar o poder dos governantes, as idéias do romantismo alemão acrescentaram uma nova força e caráter ao nacionalismo, salientando a língua, o sangue e o solo comuns como elementos constitutivos do Volk(...) O nacionalismo romântico contribuiu para a criação de novos estados nacionais, como na Alemanha e na Itália, e influenciou povos da Europa Ocidental que já viviam em estados nacionais, como os franceses." (Guibernau, 1996: 66)

O atual ressurgimento do nacionalismo pode ser visto como uma reação ao abismo existente entre os processos político e cultural. Também ganha força enquanto outros critérios de filiação ao grupo (como a classe) se enfraquecem ou retrocedem. Para compreendê-lo, é preciso considerar duas de suas dimensões mais importantes: seu caráter político e sua função de criar identidade.

A força do nacionalismo procede sobretudo de criar um senso de identidade. Num mundo repleto de dúvida, fragmentação e falta de ideologias capazes de gerar significado para a vida dos indivíduos, o nacionalismo torna-se uma força poderosa. A identidade nacional ajuda a fazer escolhas, torna possíveis as relações com os outros, confere força e capacidade de adaptação.

A cultura comum, um mito de origem, a nação historicamente enraizada, a vontade de construir um projeto para o futuro favorecem o aparecimento de uma consciência comum. O investimento emocional gera o impulso para a autodeterminação. A importância do nacionalismo reside em sua capacidade de mobilizar uma população social e politicamente diversificada.

O nacionalismo recorre à tradição como um elemento que transcende a vida dos indivíduos. O retorno à tradição - o uso seletivo da tradição e sua reinterpretação para atisfazer exigências atuais - salienta o valor da continuidade num contexto em que a mudança e adaptação constantes a novos ambientes sociais, políticos e tecnológicos determinam a vida cotidiana dos indivíduos. O nacionalismo envolve um processo dinâmico em que símbolos são constantemente recriados, e novos significados são atribuídos a eles. A etnicidade é uma das formas de reivindicar o direito à diferença cultural e a uma identidade original.

O significado de um símbolo não é intrínseco, mas função do discurso em que se encontra inserido e de sua estrutura. A construção da identidade étnica extrai assim, da chamada tradição, elementos culturais que têm outro significado fora do contexto em que são utilizados. Como diz Cunha:

Em outras palavras, a etnicidade faz da tradição ideologia, ao fazer passar o outro pelo mesmo; e faz da tradição um mito na medida em que os elementos culturais que se tornaram "outros", pelo rearranjo e simplificação a que foram submetidos, precisamente para se tornarem diacríticos, se encontram por isso mesmo sobrecarregados de sentido.(...) Outro aspecto da etnicidade é que ela pode ser um poderoso veículo organizatório: como o clientelismo ao qual está quase sempre associada, pode ser a armação interna das relações de produção. Tentei mostrar, por exemplo, em outro lugar, que os ex-escravos nagô que voltaram do Brasil para sua terra de origem usaram suas várias identidades de brasileiros e de iorubás para organizarem redes comerciais com o interior e assegurarem o monopólio do comércio com a Bahia. (1986: 106)

A construção da identidade étnica é um processo intimamente vinculado à proteção e restauração da cultura nacional. No caso dos gaúchos, este processo é protagonizado de forma militante pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Como já abordado na Introdução, a pesquisa de campo foi realizada em dois níveis: no contexto do grupo - conversas institucionais em eventos do Movimento - e no contexto social - vivência com gaúchos em ambientes privados e no relacionamento com outros grupos regionais.

Até agora, discutiu-se as dimensões étnicas, regionais e nacionais da identidade gaúcha através da literatura regional e de documentos do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Antes de seguir adiante na análise, é oportuno enriquecer a discussão com narrativas atuais de gaúchos militantes do Movimento Tradicionalista, recolhidas durante pesquisas exploratórias realizadas em instâncias representativas do Movimento em diferentes lugares e situações¹².

2.6. - 1ª INCURSÃO AO MUNDO GAÚCHO: CTG OS PRAIANOS, 12/04/94.

Foram todos muito gentis. Mas formais. E desconfiados. O bar estava aberto e serviam cerveja. Estranhei, pois era uma reunião da Diretoria do CTG, para conversar sobre a organização de um Rodeio Internacional que se realiza todos os anos em São José, cidade vizinha a Florianópolis, capital de Santa Catarina. Enfim, depois das apresentações, sentei numa mesa e me posicionei para assistir a reunião. Era um grande galpão, uma série de mesas formava um "U" no centro do espaço. Fiquei de frente para o "U", de costas para o bar e para a porta, entre outras mesas nas quais esposas, filhos, amigos, sócios não-diretores também sentaram-se para assistir a reunião, comer, beber...

Numa das mesas, encontro um mecânico de automóveis que me atendeu algumas vezes logo que cheguei em Florianópolis. Meia idade, cabelos claros, olhos azuis, encorpado. Está acompanhado da mulher e dos filhos. Tem aparência próspera, está alinhado, bochechas vermelhas, orgulhoso. Conta que será apresentado à Diretoria naquela noite por um padrinho que solicitará sua aceitação como sócio do CTG.

Durante as falas dos diretores, algumas constatações são evidentes. A primeira delas é a ligação entre os tradicionalistas e o poder político-público, expressa no registro da presença do então governador Vilson Kleinübing e seu secretário de Agricultura, deputado Mário Cavallazzi, num evento anterior promovido pelo CTG.

A segunda constatação é a rede de relacionamento entre os diversos CTGs de todo o Brasil. Houve leitura de correspondência, que trazia convites solicitando a participação de atividades em CTGs de outros municípios e estados, e as discussões sobre envio de representantes nestes eventos foi alegre e divertida, com a lembrança de participações vitoriosas dos cavaleiros dos Praianos e recordações de grandes festividades.

A preocupação com a participação das crianças nas atividades tradicionalistas e o incentivo à educação foram evidenciados nos agradecimentos de doações de livros à biblioteca que estava sendo montada dentro da sede do CTG. Um diretor destacou a

¹² As conversas realizadas com o grupo no contexto mais amplo estão nos capítulos 3 e 4.

atitude de um garoto de 11 anos que lavou carros durante uma semana para juntar o dinheiro necessário à compra de um livro e doá-lo à biblioteca.

Os debates mais acalorados aconteceram após a leitura do Balancete Mensal, que teve divulgação pública de todos os assalariados e valores. No final da leitura, o CTG devia quantia de aproximadamente 1.500 dólares ao Patrão. Comentários seguintes davam conta que não era a primeira vez que aquilo acontecia. Outra constatação: o Patrão precisa ter suporte financeiro pessoal para prover o Caixa do CTG.

Basicamente, as intervenções apelavam a doações dos sócios para a realização do Rodeio e apoio na organização do evento. Houve críticas aos que não estavam participando até aquele momento, algumas fortes, tendo como alvos os próprios membros da diretoria. Apesar da franqueza quase rude; em nenhum momento houve exasperação ou gritos. Todos se tratavam por “senhor”, “amigo”, “companheiro”, “compadre”...

Na fala final do Patrão, outra evidência do relacionamento com o poder político-público: o uso de máquinas da Prefeitura nas obras em curso no CTG para melhoria das instalações até a realização do Rodeio.

Ao final da reunião, houve uma quase intimação aos presentes para que fizessem doações ao Rodeio. Havia uma lista, com muitos itens. Muitos já estavam assegurados, como cerveja, por exemplo: em troca, uma cervejaria ganharia espaço publicitário em placas durante as festividades. Um dos itens eram ovelhas, que seriam usadas na alimentação dos participantes, organizadores e autoridades.

Neste momento, um dos diretores pediu um aparte e fez a apresentação do mecânico meu conhecido, chamado Borges. O diretor elogiou a conduta pessoal de Borges e disse que ele estava ali com toda a sua família, como em outras oportunidades, como visitante. Mas que era seu desejo (do Borges) ser sócio do CTG e que, num gesto de boa vontade, ele estava doando uma ovelha ao Rodeio. O Patrão agradeceu o gesto, disse que o Borges seria sempre bem-vindo ao CTG e que a diretoria estudaria, oportunamente, seu pedido, mas que um dos requisitos, que era a apresentação feita por um sócio, já havia sido cumprido, dando a entender que havia boa vontade em recebê-lo como sócio. O mecânico Borges ficou com o peito estofado, radiante, parecia não caber mais nas roupas domingueiras.

2.7. - 2ª INCURSÃO AO MUNDO GAÚCHO: FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO MATO GROSSO, AGOSTO DE 1994.

Para chegar em Primavera do Leste, no interior do Mato Grosso, via terrestre a partir de Florianópolis, é preciso embarcar num ônibus que sai de Criciúma e vai até Porto Velho, em Rondônia. É uma viagem longa, o ônibus cheio, apertado. Pessoas de todos os lugares e jeitos. Algumas demonstram uma profunda desilusão com a vida. Outras, apesar do sorriso cansado, ainda riem com esperança. O ônibus é velho, gasto pelo tempo e pela quilometragem. É uma viagem de muitos cheiros: cheiro de suor de corpos sem banho, cheiro de roupa suja, cheiro de gordura nos botequins de estrada, cheiro de urina e excrementos do banheiro lavado apenas uma vez por dia. Cheiro de pobreza.

Uma senhora gaúcha que embarca em Curitiba senta-se ao meu lado durante o trajeto até São Paulo. Reclama da má sorte de pegar este ônibus: “Esta linha é horrível, só viajam índios, suados, fedorentos... Coitados, estão cansados, são pobres, mas não dá, né?! - resmunga - Eles se apóiam nos ombros da gente, pegam no sono,

são grudentos...” Percebo ter sido uma boa idéia viajar neste ônibus, percorrer um pedaço do caminho da migração rumo ao norte, observar como é levar a casa inteira dentro de um ônibus em sacolas de linhão. Depois de quase 60 horas, sufocados pelo cheiro azedo, estão todos quietos quando desembarco em Rondonópolis.

Primavera do Leste fica a um par de horas de Rondonópolis. Antes de me instalar na cidade e procurar o local do congresso, vou à agência bancária retirar dinheiro. Como o teclado de digitar senhas está duro, busco auxílio de uma funcionária. Enquanto realiza o saque por mim, reclama: “É esta índia que vem aqui receber o salário e não sabe mexer na máquina. Tem que ver o jeito como eles mexem nela. Temos uma reserva aqui perto. São Xavantes. Eles recebem salário aqui. Alguns deles ganham bastante. Bem mais do que a gente. Tá certo que a gente ganha pouco, mas eles não fazem nada!” Apesar do sobrenome herdado do avô de cabelos cor de cobre e olhos azuis, é pensando em minha avó índia que entro no CTG Querência Distante para participar do 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Mato Grosso.

Logo encontro Luiz Carlos Barbosa Lessa, com quem havia marcado encontro através de cartas. A empatia é instantânea, a conversa flui espontânea, como se fosse uma continuação de nossas longas cartas. Ele me lembra meu pai, estatura baixa, franzino, longas entradas no cabelo ralo, conversa mansa e pausada, a alma à mostra no olhar.

Como convidado de honra e palestrante do congresso, ele é solicitado com frequência. Mas não se afasta. Ao contrário, junto com sua esposa Nilzã, vai me levando junto, apresentando-me ora a um ora a outro dirigente do movimento, e, com cortesia mas firme - “este rapaz está comigo” - senta-me ao seu lado na mesa para almoçar.

Mal havia chegado e já estava numa roda de chimarrão com algumas personalidades do Tradicionalismo Gaúcho. Ali sou apresentado a Edson Otto, um alemão robusto de voz grave e fartos cabelos e bigodes, editor do Jomal Tradição (órgão oficial do Movimento) e diretor de Relações Públicas e Divulgação da CBTG (Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas).

Otto conta a história de uma médica mineira que tem uma caminhonete cabina dupla na qual carrega um verdadeiro guarda-roupa com vestidos de prenda¹³ dentro. Às sextas-feiras, sempre acompanhada por alguma amiga, viaja até 300 quilômetros e cruza fronteiras estaduais para frequentar bailes gaúchos. Otto diz tê-la ouvido contar como seu pai a repreende: “Pára com isso, minha filha. Você é mineira e quer ser mais gaúcha que os gaúchos.” E responder: “Só porque nasci em Minas não quer dizer que tenha que ser mineira. Eu sou gaúcha!”

Quem fala agora é Francisco Weber (chamam-no na roda de Chico do Burro), presidente do MTG-MS e patrão do CTG de Coxim - Edson Otto troveja que “no Rio Grande não tem três iguais”. Weber conta que conhece a médica, diz que ela já esteve várias vezes em Coxim. A história pessoal de Weber é uma síntese da migração gaúcha. Ele começou como tropeiro (por isso o “Chico do Burro”) e ficou rico com a agricultura. Os pais nasceram e se criaram na região das Missões (noroeste do Rio Grande do Sul). Mudaram-se para Curitiba (meio-oeste catarinense), onde Chico Weber nasceu. Mudaram-se novamente para o Oeste do Paraná e de lá para Mato Grosso do Sul, onde Weber “enricou na lavoura”.

¹³ Prenda é a denominação usada para as mulheres. O vestido de prenda é a vestimenta usada pelas mulheres nas reuniões tradicionalistas. Os homens usam bombacha, bota, lenço no pescoço e uma série de outros itens típicos.

Ele relembra que os moradores de Coxim “gozaram da sua cara” quando souberam que ele ia plantar no Cerrado. Diziam: “Aí não dá nada não”. Ele conta: “Como tenho conhecimento da lavoura, eu só ria”¹⁴.

Chico Weber conta que, em Coxim, só 2% da população são gaúchos. Mas o prefeito é gaúcho e o Centro de Tradições Gaúchas é um dos melhores clubes sociais da cidade¹⁵. “Tem muita gente da Bahia e do Ceará por lá, mas a cultura gaúcha é a mais forte”. E continua: “Nós temos um regulamento que garante que só pode ser patrão quem é gaúcho nato ou tem ligações de descendência com o Rio Grande”¹⁶. Percebo, neste momento, que a condição de gaúcho nato parece me tornar um cidadão de 1º Classe com visto de permanência neste mundo tradicionalista.

À tarde, num passeio por Primavera do Leste, descubro inúmeros nomes gaúchos espalhados pela cidade: Charrua, Bailanta, Laçador, Lojas Renner... Meu hotel, Barril, me contam que é o nome anterior da localidade atualmente chamada de Frederico Westphalen, município no Rio Grande do Sul. Muitos moradores vieram de lá e trouxeram o antigo nome da cidade junto.

De volta ao CTG Querência Distante, conheço o Gordo Wilmar, de Canarana, cerca de 600 quilômetros ao norte de Primavera do Leste, na fronteira com o estado do Amazonas. Veio com um grupo grande para o Congresso, mais de 10 pessoas, também estão no Hotel Barril. Wilmar Pfeifer empresta seu vozeirão numa faixa do disco gravado no Grito Pampeano de Música Nativista de Canarana, festival que já está na terceira edição. Ele será uma das atrações na tertúlia que acontece à noite.

Canarana foi fundada por colonos que saíram das cidades gaúchas de Tenente Portela e Ijuí, há mais ou menos 20 anos. A família de Wilmar é uma das pioneiras. Passaram inúmeras dificuldades. Os que ficaram no Sul mandavam dinheiro para os que foram enfrentar o mato. Hoje são fazendeiros¹⁷. O símbolo da cidade é uma cuia de chimarrão e uma chaleira. Tem um ônibus diário Canarana-Ijuí (3 dias de viagem), semi-leito, com ar-condicionado e chimarrão a bordo. Encontrei este ônibus numa parada em Sonora, no Mato Grosso.

Wilmar conta que a principal reivindicação do município é o asfaltamento de 30 km da estrada que dá acesso à cidade. Na estação de chuvas, é intransitável. Ele reclama que os políticos não cumprem suas promessas e que o desmembramento de Mato Grosso e a formação do estado do Araguaia é visto em Canarana como uma solução político-administrativa para atrair investimentos e recursos para a cidade¹⁸.

¹⁴ Ser alvo de chacota dos moradores nativos por querer plantar onde “não dá nada” é uma recorrência importante da migração gaúcha. Assim como a alegoria das roupas e o modo especial de preparar o chimarrão, a tecnologia agrícola e a produtividade da terra fazem parte das técnicas tradicionais associadas à cultura gaúcha e baseia as relações dos gaúchos com o poder local, suas estratégias de posse da terra e conflitos interétnicos (ver capítulos 3 e 4).

¹⁵ Esta situação também é recorrente. É a mesma de Buritis, cidade no noroeste de Minas Gerais, onde foi realizado o trabalho de campo narrado no Capítulo 3.

¹⁶ Outra recorrência: este cuidado existe em outros lugares. A situação mais curiosa observada é narrada no Capítulo 4 e tem lugar em Salvador, Bahia.

¹⁷ Essa é a versão dos gaúchos. Estudos de pesquisadores, como Cléria Botelho da Costa, In “Eu e As Fronteiras do Outro”. Revista Travessia nº 19, e Iselda Corrêa Ribeiro, In “Pioneiros Gaúchos, A Colonização do norte mato-grossense”, relatam casos de grilagem e violência praticados por gaúchos visando à posse da terra. Wilmar fala da suposta existência de um diário do fundador de Canarana, no qual estariam registrados casos de violência contra populações nativas.

¹⁸ A idéia de Autonomia e Federalismo ainda é forte no imaginário gaúcho. Vão surgir outros exemplos no decorrer do trabalho.

Além do Gordo Wilmar, quem se apresenta na tertúlia é Edson Otto, que descubro bom intérprete de canções gauchescas, com alguns discos gravados. Outra atração me traz lembranças da adolescência: o gaiteiro Honeide Bertussi. Conheci uma filha dele em Caxias do Sul, cidade de meus pais, onde tenho muitos familiares. Era amiga de meus primos e ouvi discos dele na vitrola da sala de sua antiga casa italiana. Bertussi, já com 70 anos, não aparenta mais de 60¹⁹. Cumprimento-o pelo show e pelo sucesso, e ele lembra-se de minha avó.

Durante o evento, Barbosa Lessa coloca seu lenço vermelho no meu pescoço, enquanto estávamos numa roda com uma dezena de dirigentes de diversos estados. Me apresenta aos demais, fala sobre a pesquisa que desenvolvo, diz que está me ajudando e pede a colaboração dos demais no que puderem me ajudar. Depois, ao pé do ouvido, diz que eu faria uma bonita figura pilchado: "Tu tens uma boa feição pra gaúcho tradicionalista, guri..." Minha impressão é que estou com o pajé da tribo.

Ele me conta sobre um cidadão chamado Wilmar, não lembra o sobrenome. Era um chinês, de Hong-Kong, e estava dando a volta ao mundo difundindo o Confucionismo. Se encantou com o Tradicionalismo, convertendo-se e deixando o Confucionismo de lado enquanto esteve no Rio Grande do Sul. Voltou algumas vezes e chegou a participar de uma Cavalgada Porto Alegre-Montevidéu. Na época, numa conversa entre os dois, o chinês disse ter se encantado com o Tradicionalismo porque representava aquilo que ele estava pregando: Cordialidade, Amor, Fraternidade.

No dia seguinte, durante o café da manhã no hotel, encontro o Gordo Wilmar e seus amigos de Canarana, todos pilchados. Um pouco depois, na recepção do hotel, uma hóspede se aproxima e indaga sobre o motivo da presença dos gaúchos "fantasiados". É de Alta Floresta, um pouco mais ao norte de Canarana, e está encantada com o "enfeitamento" dos gaúchos e das prendas. Diz que vai ao baile com o marido à noite (mas não aparece) e que quando voltar para sua cidade vai visitar o CTG local²⁰.

2.8. - PRIMAVERA DO LESTE, 2º DIA: PERSONAGENS E DEBATES.

Almoço com um senhor de 71 anos. Ele está acompanhado da mulher e do filho. Chamam a atenção: a mulher é bem mais nova, não mais de 40 anos, provavelmente pouco mais de 30. E o filho tem apenas sete anos. Ele é proprietário de uma fazenda com cerca de 1.000 cabeças de gado e se gaba das qualidades de vaqueira da mulher. Parece um menino com a namorada. Diz: "Arrumei uma mulher e uma peoa ao mesmo tempo", e ri gostoso. Ela incentiva, visivelmente orgulhosa. O menino, com muita vivacidade, acompanha a conversa com os olhos bem abertos.

O velhinho conta que sua família é de Santo Ângelo, região das Missões, no Rio Grande do Sul. Os pais foram para Santa Catarina, depois Paraná, e chegaram no Mato Grosso. Ele constrange-se ao admitir que não nasceu e nunca visitou o Rio Grande do Sul. Mesmo assim, diz que "morre de saudades" de lá: "Qualquer dia, vou vender uns bois e fazer um programa de turismo com a patroa e o guri pra conhecer os pagos natais."

Foi um dia para ouvir histórias contadas pelos próprios protagonistas da diáspora gaúcha. Converso com um simpático casal de Juara, ele médico, ela dentista. Os dois foram motivo de uma reportagem na edição especial do Jornal Tradição que

¹⁹ Mesmo assim, faleceu um ano depois, em 1995.

²⁰ Adiante veremos outros exemplos da importância da alegoria e do papel social do CTG, que funciona como um clube.

circula no Congresso. Ele é o patrão do CTG de Juara. A história é bonita, uma novela de amor. Ele saiu de Canguçu (zona Sul do RS) e ela do Oeste do Paraná. Instalaram-se para começar carreira profissional em cidades vizinhas no Mato Grosso. Foram apresentados por conhecidos nas duas cidades, que conspiraram para aproximá-los. Têm dois filhos, uma fazenda que vai bem e parecem estar em lua-de-mel.

Durante os debates, as falas de diferentes dirigentes do Movimento são esclarecedoras sobre alguns aspectos importantes da cultura gaúcha em geral e da militância tradicionalista em particular.

Talvez o mais importante seja o enaltecimento das qualidades do gaúcho, expressas através de um conjunto de atributos morais e um espírito de união só possível porque todos fazem parte da mesma "raça", tem o "mesmo sangue gaúcho correndo nas veias". O ufanismo é bem expresso por Getúlio Taborda, presidente do MTG-Planalto Central²¹: "Ninguém segura a integração nacional gaúcha".

O enaltecimento dos gaúchos também é feito por pessoas de fora do movimento, como é o caso do governador do Mato Grosso à época, Jaime Campos, que ressalta a importância da presença dos pioneiros gaúchos no Mato Grosso para o desenvolvimento do estado. "Os homens do Sul trouxeram valores fundamentais como tradição, trabalho e brasilidade para cá, promovendo progresso em todos os setores e crescimento econômico. Por isso apoiamos a preservação e a difusão da cultura gaúcha²²."

Os objetivos do Movimento Tradicionalista são expostos com clareza por Rubens Sartori, promotor público no Paraná, na época presidente da CBTG (Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas): "Queremos manter nossa identidade cultural. Queremos manter a identidade do povo gaúcho, do homem do sul. O Michael Jackson está sempre na TV. O Fábio²³ não aparece. O valor local não é valorizado. Nós queremos ver valorizadas nossas raízes."

Sartori também destaca a defesa de valores morais promovida pelo Tradicionalismo: "Nós não estamos aqui por acaso. Não viajamos dois, três mil quilômetros por acaso. Nós temos uma causa: o futuro dos nossos filhos. Nós temos que mudar nossa pátria. Estou cansado de abrir os jornais e ver casos de corrupção. Não é nosso objetivo nos imiscuir nos assuntos políticos, mas é normal que o movimento forje lideranças políticas. São poucos os gaúchos envolvidos em corrupção²⁴." Sartori ressalta ainda a importância de ser democrático no exercício do

²¹ Esta seção envolvia, na época, duas dúzias de CTGs em Goiás, Distrito Federal, Tocantins, Minas Gerais e Oeste da Bahia (o litoral estava subordinado ao MTG-Nordeste, que atualmente também engloba o estado do Tocantins).

²² Este apoio traduziu-se, na oportunidade, num cheque de R\$ 10 mil para pagamento das despesas do Congresso. Também estavam presentes no evento o então candidato ao governo do Estado, Dante de Oliveira, eleito posteriormente, e outros políticos e candidatos a cargos eletivos nas eleições gerais que aconteceriam meses depois. Apesar de ficar clara a relação institucional entre o poder político-administrativo e o Movimento Tradicionalista, em sua primeira intervenção, o presidente do MTG-MT e do Congresso, José Antônio Oliveira, explicou que era proibida, por estatuto, qualquer manifestação ou divulgação político-partidária no evento. De fato, além do registro da presença das autoridades, não houve propaganda eleitoral no evento, nem distribuição de "santinhos". Há uma tese dentro do Movimento, ilustrada por casos famosos que aconteceram no Rio Grande do Sul, que "tradicionalista não vota em tradicionalista". Parece haver uma rejeição ao uso do Movimento para fins político-partidários.

²³ Um virtuose com a gaita aos 11 anos, que havia se apresentado na tertúlia da noite anterior.

²⁴ Ele lamenta o envolvimento de um gaúcho no escândalo dos Anões do Orçamento, que monopolizava as manchetes dos jornais à época, mas não cita nome do deputado Ibsen Pinheiro, que perdeu o mandato ao final do episódio.

poder e de dar bom exemplo às novas gerações: “Nossa força é nossa união. Nós que hoje somos patrões vamos entregar a patronagem e voltaremos a ser peões. Outros serão patrões.”

Nilson Hoffmann, patrão do CTG de Vacaria, onde se realiza o maior rodeio gaúcho, acredita que o Movimento Tradicionalista Gaúcho se expande pela necessidade que as pessoas têm de encontrar um referencial moral e ético: “Por que um movimento nacional deste porte? Por que um Congresso Gaúcho em Primavera do Leste? Por que 38 CTGs no Mato Grosso? Porque é a cruzada mais familiar, mais autêntica do país. Temos valores: honradez, vergonha, respeito pelos companheiros. Isso faz a diferença. O Tradicionalismo Gaúcho é sério! O CTG é um lugar sadio para levar os filhos. Um lugar para confraternizar. Neste movimento eu fui feliz e fiz amigos, encontrei fidalguia, pude abraçar um homem e saber que ele é meu amigo. Um peão tem galhardia, cavalheirismo. Por isto nós conseguimos tudo isto, de forma ecumênica, alcançamos uma comunhão de gerações.”

A sua concepção do Movimento, entretanto, é excludente, contrária a de Barbosa Lessa, por exemplo, que busca a popularização do Movimento: “Um repórter me perguntou se nós pretendemos agauchar o Brasil. Eu respondi que nós queremos tirar a nata; o resto do leite que vá para o queijo.”

2.9. - PRIMAVERA DO LESTE: OBSERVAÇÕES DO PESQUISADOR.

Como na reunião do CTG Os Praianos, em São José, Santa Catarina, algumas constatações tornaram-se evidentes durante a observação participante no 1º Congresso de Tradições Gaúchas do Mato Grosso. A primeira delas: não havia negros entre os congressistas²⁵. A segunda: a presença de mulheres e crianças era maciça, atestando o envolvimento familiar nas atividades tradicionalistas²⁶. A terceira: os tradicionalistas gaúchos, que fundaram o Movimento afirmando-se culturalmente contra a invasão de valores e modismos vindos do estrangeiro ou de outras regiões do país, especialmente Rio de Janeiro, vivem um paradoxo quando difundem a cultura gaúcha em outros territórios - cumprem o mesmo papel dos colonizadores culturais que tanto combateram no último meio século e são percebidos pela população local como invasores nestes espaços regionais.

Apesar dos vários duelos verbais entre os congressistas, alguns até bastante ríspidos, há sempre um quê de companheirismo. Esta convivência quase beligerante já havia sido observada na reunião do CTG Os Praianos. A maioria dos oradores parece não aceitar a autoridade do outro sobre si. Cada um é dono do seu nariz, da sua

²⁵ Esta constatação abriu uma frente de pesquisa que resultou no trabalho “CTG de Negros: Racismo no Tradicionalismo Gaúcho”, realizado no ano seguinte, no qual foram listados uma dúzia de CTGs na região da Campanha Gaúcha, que tiveram sua criação motivada pelo impedimento da frequência de negros nos CTGs existentes nestas localidades.

²⁶ Apesar deste trabalho não ter como objetivo estudar questões de gênero, a posição da mulher no ambiente tradicionalista está em mutação e merece um estudo aprofundado. Apesar de ser um universo masculino, a mulher mostra-se melhor informada sobre cultura gaúcha do que os homens. Isto acontece por causa dos concursos de prendas, que consistem em provas nas quais as mulheres precisam demonstrar profundo conhecimento sobre a história do Rio Grande do Sul e do Movimento. Barbosa Lessa, fundador e autor das teses tradicionalistas, afirma que precisaria de uma semana de pesquisa para responder o questionário ao qual as mulheres são submetidas num concurso de prendas. Como os homens não precisam de testes para serem patrões e dirigentes do Movimento, parece existir uma tendência para que no futuro as mulheres ampliem seu espaço e influência dentro do Tradicionalismo Gaúcho, especialmente fora do Rio Grande do Sul.

verdade. Mas há hierarquias: respeitam-se os mais velhos e os mais sábios. Parece que as decisões acabam sendo tomadas por adesão, não por imposição de autoridade. A dinâmica interna do Movimento parece apontar para a busca de superação das divergências e a formação de uma maioria folgada para implementar as decisões.

A atenção dedicada pelos jovens aos mais velhos e o entrosamento entre as diversas gerações dentro do CTG são extraordinários. Já nas discussões finais do Congresso, o representante de um grupo de rapazes e moças, entre 15 e 20 anos, reclama que nada havia sido tratado sobre a parte artística. Basicamente, o rapaz afirma que não existem regras confiáveis para os concursos e que instrutores de dança (coreógrafos) diferentes ensinam maneiras e jeitos diferentes de dançar. Como Barbosa Lessa é autor do "Manual de Danças Gaúchas", ele é convidado para uma conversa fora do plenário, numa sala reservada. A reunião começa com meia dúzia de jovens. Mas, poucos minutos depois, uma roda com mais de 20 rapazes e moças, cheios de opiniões, críticas e perguntas, se forma para ouvi-lo com admiração e reverência.

O episódio serve para ilustrar uma tese do próprio Barbosa Lessa, de que não existe conflito de gerações no Tradicionalismo Gaúcho. Para ele, este é um dos segredos do sucesso do movimento - o respeito dos jovens pelos velhos. A convivência entre as diferentes gerações foi observada também à noite, no baile, os filhos com os pais, nas mesas, em animadas conversas. Os jovens parecem querer aprender com os mais velhos para tomarem-se, também eles, veículos de transmissão de conhecimento para seus filhos. De qualquer forma, há uma indubitável relação de confiança entre jovens e velhos.

Festa, para os gaúchos, significa música e alegoria. Os músicos tocam e cantam ao vivo. Todos os participantes estão fantasiados com roupas típicas, homens com bota, bombacha e lenço no pescoço, e mulheres com vestidos de prenda²⁷. As danças variam de acordo com o ritmo da música, que também tem nomes próprios, como vanerão, xote, chimarrita, bugio, chamamé, milonga, rancheira, valsinha... É provável que a Alegoria esteja intimamente ligada ao sucesso do Tradicionalismo Gaúcho, uma vez que as roupas, as músicas, as danças são elementos fundamentais na formação da identidade do grupo e da sua atratividade para novos adeptos.

O ambiente da festa gaúcha destoa completamente de outros ambientes rituais, como o Carnaval, que permitem atitudes de licenciosidade. A licenciosidade, nos casos do Carnaval e dos eventos de Axé Music, parece estar ligada ao sucesso de público destes eventos - pelo menos é utilizada como estratégia de busca de mercado. O baile gaúcho é a antítese da licenciosidade: é realizado num salão bem iluminado, excessos não são tolerados²⁸, busca-se criar um ambiente controlável.

Na quase totalidade dos casos pesquisados²⁹ os gaúchos são vistos por outros grupos como agressivos, arrogantes, "mandões". Outros grupos, que têm sistemas de representações simbólicas tão fortes e representativas quanto a cultura gaúcha, não são vistos da mesma maneira. Brasileiros de outros estados parecem aceitar com mais

²⁷ Permite-se a alternativa de comparecimento com traje passeio completo, que foi o caso do pesquisador. Em outra pesquisa realizada em Caçapava do Sul, interior do Rio Grande do Sul, a presença do pesquisador no baile não foi autorizada por ausência do traje típico.

²⁸ No próximo capítulo, veremos o caso de um Patrão de CTG que foi advertido pelos outros membros por ter apresentado um comportamento desabonador num baile em Buritis: bebeu demais.

²⁹ Encontrados na literatura ou visitados pelo pesquisador - as etnografias destes últimos encontram-se nos capítulos 3 e 4.

simpatia Bahia e Rio de Janeiro, por exemplo, do que o Rio Grande do Sul. A atitude firme e rispida, quase beligerante, observada entre os tradicionalistas nos congressos, considerada normal pelos gaúchos, parece ofensiva e ameaçadora aos outros grupos. Gaúchos que ganharam notoriedade pública se adequam a esta percepção geral. Um exemplo é Júlio de Castilhos (*ver Capítulo 2*), descrito à época como um homem que não abria mão de ser chefe. Ernesto Geisel, quarto general do Regime Militar (1964-84), é a imagem do autoritarismo. A metáfora vale mesmo quando aplicada ao Futebol. O carioca Romário, apesar da polêmica em torno de si, é visto com mais simpatia do que o gaúcho Dunga, capitão da Seleção Nacional, criticado por representar o jogo sério, aplicado, "jogo duro".

2.10. - 3ª INCURSÃO AO MUNDO GAÚCHO: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE TRADIÇÕES GAÚCHAS, CAPÃO DA CANOA, NOVEMBRO DE 1994.

Os dois primeiros conhecidos que encontro no Ginásio de Esportes da Prefeitura de Capão da Canoa são Barbosa Lessa e Edson Otto. Eles me apresentam Iberê Moro Machado, gaúcho que mora em Salvador, e Carlos Viegas, coordenador do MTG-Nordeste e patrão do CTG de Natal. Confirmo com Moro uma história ouvida em Primavera Leste-MT sobre invasão das terras onde fica a sede do CTG de Salvador - quem contou esta história foi Chica, mulher de Getúlio Taborda, coordenador do MTG-Planalto Central³⁰. Moro e Viegas colocam-se à disposição para apresentar-me aos tradicionalistas da Bahia, capazes de realizar espetáculos de dança gaúcha nas escadarias do Pelourinho.

Moro está preocupado com o futuro do Tradicionalismo e diz que os gaúchos que estão em outros estados têm uma visão diferente do Movimento: "Muitos neste seminário estão preocupados com o tamanho do vestido ou com a calçola da prenda. Não estamos aqui para isso. Viemos discutir a união dos gaúchos, sem preocupação com as fantasias." Para ele, ao longo dos anos, os gaúchos fizeram fama, Brasil afora, de competentes, responsáveis, cumpridores. "Temos que nos manter assim!" E palpita sobre a diferença do gaúcho no Rio Grande e lá fora: "Quando ele sai daqui deixa a arrogância na terra. É como o ditado: touro fora da querência berra como vaca".

Além de personalidades do tradicionalismo gaúcho de outros estados, o Seminário Nacional pretende discutir as visões acadêmicas sobre o Movimento. O antropólogo convidado é o professor da UFRGS Sérgio Alves Teixeira. Em sua palestra, ele explica que o gaúcho está inserido em um contexto de resgate e difusão de uma imagem. "Há uma ressemantização: o negativo passa a ser um símbolo positivo". E observa que, ao contrário da tese defendida por Hobsbawn de que objetos e práticas ganham valor simbólico na medida em que perdem seu uso prático, no caso dos gaúchos os símbolos de maior poder são justamente aqueles que mantêm seu uso prático. Ele exemplifica com as boleadeiras, que perderam sua importância simbólica junto ao uso cotidiano. "O universo gaúcho é tão simbólico que, nos desfiles, há o encontro entre aquele que brinca de se fantasiar de gaúcho e o gaúcho de verdade."

³⁰ Importante registrar que os locais escolhidos para as etnografias que baseiam os capítulos 3 e 4 foram sugeridos pelos próprios pesquisados: Buritis é a cidade onde mora Getúlio Taborda e foi escolhida a partir das informações dadas por ele e sua esposa Chica durante o 1º Congresso Tradicionalista do Mato Grosso. O interesse pelos tradicionalistas de Salvador foi despertado pela história contada por Chica, esposa de Taborda, sobre conflito por posse de terra ocorrido entre tradicionalistas de Salvador e favelados sem-teto.

Teixeira também analisa o axioma gaúcho de que homem deve ser homem, no sentido atribuído ao gênero masculino: estóico, corajoso, valente, digno, honrado, moralmente superior. "Aqui tem algo de estrutural e, portanto, deve ser ritualizado. Quem participa do ritual identifica-se com a estrutura, com o símbolo. Ou seja: os tradicionalistas cultuam um ideal de si próprios."

Teixeira também percebe a relação entre o Movimento Tradicionalista Gaúcho e o Estado: "Há uma oficialização. O Estado se apóia no prestígio do Movimento, que se apóia no Estado." Outro palestrante, Nico Fagundes, presidente do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, tradicionalista com formação acadêmica em Antropologia, observa que "a cultura gaúcha tem a tendência de se institucionalizar."

Como já havia acontecido em Primavera do Leste, a palestra mais aguardada era a de Barbosa Lessa. Ele começa afirmando que a cultura gaúcha é um híbrido das culturas Grego-Romana e Guarani: "a cultura Guarani era baseada na cordialidade e adesão, enquanto a cultura Greco-Romana era baseada na autoridade e punição. A cultura Greco-Romana predominou no Litoral. E tentava se impor entre a caboclada do Interior. Ainda hoje se pensa no Interior como algo afastado da Civilização." Ele pondera que, apesar disto, o Interior, no Rio Grande do Sul, tem peso decisivo na formação do tipo regional em função do modelo de colonização regional: "é o único estado do Brasil que foi colonizado em sentido inverso, do Interior para o Litoral."

Ele conta a história de sua chegada em Porto Alegre para ilustrar a oposição Litoral-Interior: "Cheguei vindo de Pelotas³¹, o que já era motivo de gozação e desconfiança. Numa aula de Educação Física, caí na asneira de perguntar onde era o Campo dos Eucaliptos (antigo estádio do Internacional, time de futebol de Porto Alegre). Me olharam com tal espanto que me senti como se tivesse cometido uma heresia. Em compensação, ninguém sabia onde era o monumento de Bento Gonçalves; levei dias para encontrá-lo, encardido. Para mim, este descuido é que era espantoso: em Piratini, minha terra natal, a estátua de Bento Gonçalves estava sempre brilhosa, ele era nosso companheiro de brincadeiras na infância. Cheguei em Porto Alegre ansioso para ver esta estátua porque diziam que Bento Gonçalves aparecia de corpo inteiro, montado em seu cavalo, e em Piratini era apenas um busto."

Lessa destaca a importância do tradicionalismo na preservação das tradições culturais: "Apesar de a tradição tradicionalista já ser uma reelaboração da tradição gaúcha, o CTG tem obtido sucesso em fazer a mediação entre a família e a sociedade. É um papel parecido com o da escola, que também faz esta mediação, apresenta o jovem à sociedade. Bem ou mal, o CTG tem feito isso. Tanto que os gaúchos fora do Rio Grande do Sul não têm saudade do Rio Grande do Sul, mas sim da cultura, do respeito, do jeito amistoso... E isto eles encontram no CTG em qualquer lugar em que estejam."

Ao final da palestra, quando a palavra é aberta para o debate sobre o assunto abordado, um tal de Dionísio intervém dizendo que o Barbosa Lessa é "enjoado, porque diz a verdade crua e antevê as coisas". Lembra que Lessa previu a necessidade de preparar as comemorações do Sesquicentenário Farroupilha com uma década de antecedência, mas ninguém deu importância. "Quando chegou a hora, a festa foi muito aquém do que poderia ter sido". Em resposta, Lessa prevê que "vai acontecer de novo. Vão deixar os 50 Anos do Tradicionalismo (24 de abril de 1998) passar em branco - faz-se silêncio no auditório. Somos personagens anti-marketing,

³¹ A cidade está associada a uma visão pejorativa que a define como reduto gay. É a mesma fama que, por motivos diversos, gozam cidades como Laguna, em Santa Catarina, e Campinas, em São Paulo.

anti-propaganda. O tradicionalismo gaúcho não movimenta mercado, não há consumo.”³²

Aproveitando um comentário feito por Lizete, diretora cultural do MTG em Pelotas, manifestando preocupação com a impotência do que ela define de “Tradicionalismo Festeiro” diante do imperialismo cultural que se multiplica na programação da TV brasileira, Lessa retorna aos objetivos do Movimento: “O CTG 35 não foi fundado sobre a nostalgia, mas sobre o combate, o combate cultural. Nossa primeira apresentação foi no Instituto Cultural Norte-Americano, levando danças gauchescas. Em qualquer solo, sempre gaúcho.” Ele salienta, ainda, que este embate cultural deve acontecer na escola. E defende a fundação de uma Escola Tradicionalista, cujo modelo ele compara com o adotado pelos Colégios Maristas.

Lessa também falou sobre a importância do apoio ao homem do campo - como ele enfatiza na Tese fundadora do Movimento - para que um dia não se chegue à situação paradoxal de se manter uma tradição de louvor a um tipo regional que acabe tornando-se um desajustado social. Neste sentido, ele defende a adoção de uma Carteira de Trabalho Tradicionalista e formação de uma Bolsa de Emprego Rural que serviriam para identificar pessoas com habilidades que estão escasseando no meio rural gaúcho (como a figura do trançador, que trança o couro para o laço) e para que sejam conhecidas fora de suas regiões³³.

2.11. - O GAÚCHO-COLONO E A FUNDAÇÃO DA ESTÂNCIA AGRÍCOLA.

É consenso nos estudos sobre camponeses e correntes migratórias a existência de um fluxo migratório que tem início no final do século passado a partir de regiões coloniais no Rio Grande do Sul em direção norte rumo ao Oeste e Meio-Oeste de Santa Catarina, Sudoeste e Extremo-Oeste do Paraná, Mato Grosso e Amazônia Ocidental. Conforme Tavares dos Santos,

“O fluxo migratório que se estendeu, das regiões sulinas para outros estados, desde o final do século XIX, pode ser assim sintetizado: o fluxo inicia dentro do Rio Grande do Sul, das denominadas ‘colônias velhas’ para as ‘colônias novas’. Depois, o deslocamento alcança, nas três primeiras décadas do século XX, o Oeste de Santa Catarina; e, desde a década de 1940, atinge o Sudoeste do Paraná. (...) Contudo, na década de 70, o fluxo migratório ultrapassa os limites da região Sul, deslocando-se diretamente para as regiões Norte e Centro-Oeste, principalmente para os estados que constituem a Amazônia Ocidental: Mato Grosso, Tocantins, Rondônia e Acre.” (1993: 74-75)

³² Apesar do grande número de festivais, rodeios e outros eventos gaúchos, o movimento econômico relacionado à cultura gaúcha é pequeno se comparado ao que poderia ser realizado se houvesse uma mentalidade voltada ao marketing cultural com planejamento empresarial. Mesmo assim, há uma preocupação com o assunto. Lembro-me de uma discussão no 1º Congresso de Tradições Gaúchas do Mato Grosso abordando o que pode ou não ser comercializado em eventos tradicionalistas. Um caso aconteceu com o Bamerindus, que se ofereceu para patrocinar um rodeio em troca de merchandising: o banco poderia distribuir chapéus no modelo do senador Andrade Vieira, dono do Bamerindus na época, conhecido no Paraná como Zé do Chapéu. O valor envolvido era alto, mas os organizadores recusaram porque o modelo do chapéu do banqueiro era de caubói americano.

³³ Aqui poderia ser vislumbrada uma tentativa de controle da mão-de-obra na zona rural. Apesar de poder ser usada desta forma se for implantada, este objetivo não faz parte da proposta original como testemunhei ser exposta.

As razões desta diáspora estão na estagnação do processo de crescimento econômico, no esgotamento das terras e na minifundização das propriedades rurais. Nas palavras de Tavares dos Santos,

"...as causas estruturais que converteram o Rio Grande do Sul em área de evasão populacional, já na década de 60, foram assim identificadas: por um lado, na concentração da propriedade fundiária, o que reduziu a disponibilidade de terras para os camponeses, e levou a uma fragmentação dos estabelecimentos, redobrando a pressão populacional sobre a terra e causando evasão. Por outro, a acentuação da exploração econômica do valor do produto gerado nas propriedades familiares provocou dificuldades de reprodução social das famílias, induzindo fortemente parte dos filhos a migrar para novas terras.

Finalmente, o estancamento do crescimento econômico regional reduziu a criação de empregos urbano-industriais, e a expansão da lavoura empresarial da soja e do trigo, altamente mecanizada, também reduziu a absorção da força de trabalho agrícola." (1993: 74)

Estes migrantes dirigiram-se a regiões onde ainda haviam grandes extensões de terra a serem ocupadas, com o objetivo de desenvolver atividades econômicas ligadas à agricultura extensiva, como, por exemplo, plantações de soja e trigo.

Em função da atividade econômica ligada à agricultura, algumas características específicas do campesinato estão presentes como elementos de categorização, como o trabalho familiar - pelo menos no início do empreendimento - e a posse de terras com finalidade de cultivo. Apesar de serem fazendeiros, no sentido de possuírem grandes extensões de terra e utilizarem mão-de-obra assalariada, os gaúchos fora do Rio Grande do Sul se autodenominam "colonos", construindo uma identidade social que recorre a um componente étnico vinculado à colonização européia na região Sul do Brasil³⁴. Segundo Seyferth,

No seu significado mais geral, a categoria colono é usada como sinônimo de agricultor de origem européia, e sua gênese remonta ao processo histórico de colonização. (...) A palavra colono, desde o século XIX, serviu como designação oficial para aqueles imigrantes que adquiriam um lote de terras em algum projeto de colonização. (...) As dimensões econômicas, sociais e étnicas implícitas na definição atual da categoria colono, portanto, remetem duplamente ao passado histórico: elas estão presentes tanto no significado oficial do termo colono, como na sua forma de apropriação por parte dos imigrantes e seus descendentes. (1993: 38/46-47)

A categoria colono faz parte do *ethos* gaúcho na diáspora. Um *ethos* que tem como representação um tipo humano branco de origem européia, com antepassados pioneiros na família e uma história recente que justifique a capacidade pessoal empreendedora e a liderança do processo civilizatório. Estes "gaúchos-colonos" trocaram a pecuária pela agricultura (o cavalo pelo trator) e o lote colonial pela grande extensão de terra: estabeleceram uma ponte entre a colônia e a estância, e fundaram o que podemos denominar estâncias agrícolas.

O componente étnico é utilizado para referendar uma capacidade de trabalho superior aos nativos - classificados como caboclos, bugres, brasileiros... A principal característica do gaúcho-colono é a sua capacidade de trabalho, herdada geneticamente - "está no sangue", "faz parte da raça" - e melhor traduzida na

³⁴ A imigração européia causou uma renovação das práticas de trabalho, baseadas em homens livres e na atividade de pequenos proprietários de terras.

transformação da mata improdutiva em lavoura³⁵. Colonizar significa civilizar, e os migrantes pioneiros são apresentados como trabalhadores mais capazes e superiores.

Os discursos enfatizam a imagem pioneira de uma comunidade que cresce a partir do trabalho dos migrantes, que trazem o progresso para a região - lavouras, estabelecimentos comerciais, estradas, escolas, igrejas, associações - em muitos casos sem participação ou apoio do governo. Além de deter a propriedade e cuidar da terra, do trabalho árduo, de ser agente produtor de alimentos e do enraizamento comunitário, faz parte da construção da identidade gaúcho-colono a personalidade empreendedora, comprovada pela capacidade de lidar com o banco, pagar as contas, administrar a lavoura de forma empresarial, obtendo sucesso pessoal, social e econômico.

Não é à toa que o Dia do Colono, 25 de Julho, refere-se à data de fundação da mais antiga colônia alemã no Brasil, em 1824, localizada em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. O processo de colonização do Sul do Brasil está indissoluvelmente vinculado ao componente étnico, associando a categoria colono ao imigrante europeu. Pelas características desta colonização, como explica Seyferth,

“o termo colono, enquanto categoria ampla de identificação, se refere a um grupo social que tem costumes próprios traduzíveis num conjunto de características culturais, sociais e étnicas compartilhadas. Enquanto grupo, se identificam genericamente por oposição aos caboclos. (...) a natureza coletiva da identidade permite a todos os seus diferentes parceiros assumir uma condição camponesa, incorporando suas virtudes. Neste sentido, a oposição rural-urbano, como constitutiva da identidade camponesa, dá lugar a uma oposição de tipo étnico, no confronto com um intangível ‘caboclo de praia’, ‘tijucano’, ‘brasileirinho’, despojado das qualidades que fazem o bom camponês e o bom trabalhador.” (1993: 58/61-62)

Importante destacar as similaridades entre as observações de Seyferth nos seus estudos sobre colonização alemã no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e os discursos dos tradicionalistas gaúchos e dos gaúchos-colonos na fronteira agrícola. A utilização das oposições “interior x cidade/litoral”, “trabalho x preguiça”, “ser dono do negócio x ser empregado”, “superioridade do europeu x inferioridade do caboclo/brasileiro/bugre”, entre outras, são comuns nos discursos de afirmação da identidade e desqualificação do outro.

Nestas circunstâncias, as diferenças culturais são acionadas para marcar estereótipos e dar distintividade ao grupo. O contraste entre as formas de organização do trabalho familiar e da posse da terra, hábitos alimentares e comportamentos sociais são enfatizados. Foram observados, em Buritis-MG³⁶, casos de condenação explícita ao casamento inter-étnico e discursos sobre a preguiça da mulher nativa, “incapaz de manter a casa limpa e cuidar do marido”. São conversas semelhantes ao que Seyferth encontrou em sua pesquisa:

“A presença da horta, da ‘criação’, a aparência da casa e do terreno que a circunda (ordem, limpeza, cortinas nas janelas, canteiros com flores, etc) - tudo isso é associado ao trabalho feminino, considerado uma qualidade camponesa que não está presente na mulher cabocla.(...) As virtudes do trabalho camponês se opõem os estereótipos da preguiça cabocla.(...) a presença de jardim, a limpeza, reforçam o mito da ‘colona trabalhadeira’. Enfim, temos aí a eficiência oposta à preguiça, concebidas como fatores genéticos, materializadas nas próprias condições objetivas de existência. (...) No contexto impreciso das concepções estereotipadas, o casamento

³⁵ É inegável o caráter de terra arrasada deste fluxo migratório. Destruição de florestas nativas em grande escala e casos de morte de indígenas fazem parte da migração protagonizada pelos gaúchos-colonos.

³⁶ Ver Capítulo 3.

com caboclo se transforma em estigma da desordem, na negação dos valores camponeses correspondentes ao ethos do trabalho. (1993: 56-57)

Ainda segundo Seyferth, a categoria colono foi construída, historicamente, como uma identidade coletiva baseada na condição camponesa, porém com múltiplas dimensões sociais e étnicas. O modelo presente na caracterização desta identidade é representado, atualmente, pela fração mais valorizada do campesinato - a dos colonos fortes³⁷. Como explica Seyferth:

"Colonos fortes e colonos fracos são classificações que remetem ao plano econômico das relações sociais: disponibilidade de terras, natureza da ocupação não-agrícola, importância relativa da agricultura no conjunto da renda familiar, formas de comercialização da produção, utilização de crédito bancário, modernização dos meios de produção, etc." (1993: 41)

2.12. - O ÍTALO-GAÚCHO.

Apesar do Dia do Colono fazer referência à fundação da primeira colônia alemã no Brasil, a coincidência da data de Proclamação da República Rio-grandense, 20 de Setembro, Dia do Gaúcho, com a data da unificação da Itália, chama a atenção para um fenômeno de sobreposição de identidades.

Os descendentes dos italianos são em maior número entre os migrantes gaúchos fora do Rio Grande do Sul. Desde a primeira migração, nos anos 20, para o Oeste catarinense. Como seus antepassados viveram no Rio Grande do Sul antes de migrarem, houve uma incorporação de elementos da cultura gaúcha à identidade italiana. Os descendentes, ainda hoje, identificam-se como gaúchos. Cultivam o apreço à vida livre no campo, a coragem, o gosto pela dança e a música tradicionalista e engajam-se concomitantemente às coisas de "sua etnia" e a diversas atividades ligadas ao gauchismo³⁸. Mombelli registra em seu trabalho sobre a emergência da italianidade na região:

"A partir de 1980, vários CTGs foram criados ou reativados no oeste catarinense, com adesão crescente de sócios e ampliação de atividades. Proliferaram os rodeios, as rodas de chimarrão e os bailes. A música nativista e tradicionalista ganhou espaços exclusivos no rádio e televisão. Em pouco tempo, a bombacha, os vestidos de prenda e as danças de salão deixaram de ser manifestações de criadores de gado e peões, ganhando respeito e orgulho entre os moradores das cidades, independente da posição social. Com a ascensão do gauchismo, os bailes de CTGs passaram a disputar, senão ocupar, o espaço social que anteriormente era ocupado pelos clubes tradicionais. Só em Chapecó existem quatro CTGs, sendo possível observar diferenças de poder aquisitivo e status entre seus frequentadores. (1996: 9)

Tendo como ponto comum a categoria trabalho, as identidades gaúcha e italiana se sobrepõem e são acionadas simultaneamente. Os gaúchos do oeste catarinense são descendentes de imigrantes italianos que redescobriram sua

³⁷ Importante observar que as pesquisas de campo para a realização deste trabalho foram feitas com personagens que podem ser definidos como colonos fortes. Têm terras, capital, meios de produção, empregados, equipamentos, acesso à locomoção, comunicações, acesso às instituições financeiras. É um grupo sociologicamente majoritário, no sentido de estar situado no campo oposto às minorias. Entretanto, esta linha de pesquisa é minoritária entre os estudos feitos pelas Ciências Sociais no Brasil, que em sua maior parte dedicam-se à pesquisa de minorias sociológicas.

³⁸ Importante registrar que os descendentes italianos se apropriaram do "ser gaúcho" só no plano do simbólico - mantiveram a mesma base de produção (agricultura), atividade econômica que cresceu, enquanto a base econômica da Campanha (Pampa), a pecuária, perdeu força econômica, "empobreceu".

italianidade. Como os descendentes de italianos são numerosos entre o contingente de gaúchos migrantes na fronteira agrícola brasileira, é possível que este fenômeno se repita em outros espaços regionais de identidade gaúcha fora do Rio Grande do Sul. Mombelli destaca esta ligação entre gauchismo e italianidade:

"A afinidade dos descendentes de italianos com o gauchismo se acentua através de um processo de valorização da imagem do gaúcho e das representações que se passa a fazer em torno dele. Na falta de outro, o modelo acabou servindo para representar contemporaneamente várias etnias. (1996: 66)

2.13. - GLOBALIZAÇÃO E NOVAS NOÇÕES DE ESPAÇO-TEMPO.

Como já vimos, apenas no final da Idade Média a individualidade passou a representar um valor significativo da existência humana. A partir do Iluminismo, passou-se a enfatizar a existência pessoal do homem, dotado de razão, centrado em seu "eu" interior. Porém, foi somente com a crescente complexidade do mundo moderno, provocada pelo advento da industrialização, do capitalismo e do sistema de estados-nações que o homem passou a ter uma noção interativa de identidade. Apesar de supremo, o indivíduo passa a ter uma concepção mais social - não mais o "eu" interior unificado, auto-suficiente e autônomo, mas o "eu" construído na alteridade, no diálogo com o Outro.

Nos tempos atuais, de consolidação de sociedades pós-industriais, o processo de construção de identidades tornou-se ainda mais complexo. A identidade, constituída na alteridade com o Outro, passa a ser formada no contato com diversos Outros, às vezes espacialmente distantes. As identidades passam a ser múltiplas, simultâneas, fragmentadas, móveis, em transformação. Os diversos plurais desta identidade pós-moderna podem, circunstancialmente, ser articulados de forma conjunta.

Segundo Lacan, a identidade está sempre incompleta, em formação. Esta idéia é sustentada nos trabalhos de Saussure sobre Linguística Estrutural. Para Saussure, os significados das palavras são sempre instáveis, relacionados com as regras da língua e o sistema simbólico de uma dada cultura. Eles ganham mobilidade na medida em que dependem dos significados de outras palavras. Para Lacan, Identidade e Linguagem têm estruturas semelhantes, são multimoduladas, sempre carregam significados suplementares que subvertem nossos esforços de criar mundos fixos e estáveis.

Este sentido de incompletude ganha novas dimensões com o fenômeno conhecido por globalização, marcado por diferentes processos que ignoram as fronteiras nacionais, integrando comunidades, instituições, organizações e governos em novas combinações de espaço-tempo, tomando o mundo mais interligado.

Appadurai (1990) detecta cinco processos importantes para entender a globalização.

Um deles é o deslocamento de grandes contingentes populacionais, nos quais se incluem as migrações e diásporas, mas também os fluxos - em escala e intensidade inéditas - provocados por turistas e negociantes.

Outros dois são as transferências de tecnologias e de capital financeiro, que se processam de forma virtual e em grande velocidade, sem levar em consideração as distâncias percorridas, e consolidam a ordem capitalista internacional.

As novas possibilidades de comunicação - o uso cada vez mais corriqueiro das transmissões via satélite, cabos de fibra ótica e internet - colocaram o mundo em sintonia com a aldeia global preconizada por MacLuhan (1964).

Por fim, as mesmas condições que tornam possível a criação de empresas transnacionais e de um mercado financeiro mundial também permitem a rápida propagação de idéias e informações e o surgimento de uma comunidade científica planetária.

Nestes cinco processos relacionados por Appadurai, constata-se a existência de um fenômeno denominado por Harvey (1996) de compressão espaço-tempo, no qual as categorias Espaço e Tempo são redefinidas. As percepções dos limites físicos do espaço são alteradas. O tempo requerido para produzir e processar a informação é a tal ponto reduzido que provoca uma mudança na relação com a categoria tempo. Para Harvey, o impacto da globalização sobre a identidade tem a ver com o fato de que tempo e espaço são as coordenadas básicas de qualquer sistema de representação. Como enfatiza Hall:

“Todo meio de representação - escrita, pintura, desenho, fotografia... - deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal “começo-meio-fim”; os sistemas visuais de representação traduzem objetos tridimensionais em duas dimensões. Diferentes épocas culturais têm diferenças formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo. Harvey contrasta o ordenamento racional do espaço e do tempo da Ilustração (com seu senso de ordem, simetria e equilíbrio) com as rompidas e fragmentadas coordenadas espaço-tempo dos movimentos modernistas do final do século XIX e início do século XX.” (1997: 74-75)

Assim, diferentes relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos na forma como as identidades são localizadas e representadas. Em nossa época, espaço e lugar deixaram de ser coincidentes. O lugar permanece fixo; entretanto, o espaço pode ser percorrido através dos instrumentos da compressão espaço-tempo: avião, fax, satélite... Uma pessoa pode estar distante de um lugar - em termos de espaço - e estar presente. Antes, presença só existia se física, material; hoje, é virtual.

Entender a nova configuração das categorias tempo e espaço e dominá-las é indispensável para a conquista de poder na atualidade.

2.14. MÚLTIPLAS IDENTIDADES E REDES LOCAIS.

Parecem haver três tendências possíveis relativamente às identidades nacionais na globalização. Um, darão lugar à uma identidade global. Dois, estão em declínio, mas darão lugar a novas identidades, híbridas. Por fim, e que parece ser o caso dos gaúchos, as identidades locais são reforçadas na alteridade com a globalização. Mesmo assim, houve um alargamento do campo de representação da identidade gaúcha, criando novas posições de identificação - além do gaúcho campeiro, o italiano, o pioneiro europeu, o colono...

Hall (1997) se refere ao surgimento de identidades culturais em *transição*, suspensas, que retiram seus recursos de diferentes tradições culturais, resultados dos intrincados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns nas intersecções do mundo globalizado, naqueles lugares onde se encontram as pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Estas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado.

Os gaúchos fora do Rio Grande do Sul podem exemplificar este tipo de identidade nova, híbrida, melangé, capaz de articular diferentes tradições culturais ao mesmo tempo.

A globalização carrega em seu interior uma tensão entre o local e o global, entre a fragmentação étnico-cultural e a homogeneização, entre o centro e a periferia. Há uma inegável diferença no acesso aos meios de compressão espaço-tempo, restritos pelo acesso à tecnologia - as imagens, produtos e identidades da civilização ocidental dominam as redes globais. A etnicidade é um instrumento para reavivar uma identidade de caráter mais local do que global.

Dentro de uma lógica de emergência de um mundo transcultural, convive-se com o paradoxo de que o mundo, ao se tornar mais integrado, não torna-se uma totalidade mais compreensível. Pelo contrário, assiste-se ao surgimento de uma diversidade cada vez maior de elos afetivos. Esta diversidade, antes, era vista como resultado do pertencimento a mundos separados. Hoje, a diversidade multifacetada de um mundo transcultural e globalizado aponta para o surgimento de múltiplas identidades - é possível pertencer a mundos diferentes simultaneamente.

A interação entre as forças que promovem a integração global e os movimentos que buscam influenciar neste processo e defender níveis próprios de autonomia e participação é contínua e tensa. Esta contradição entre o global e o local é incorporada ao cotidiano dos grupos sociais e faz com que a produção da identidade não dependa mais da localidade específica onde o sujeito ou o grupo se encontra, mas sim da justaposição dos múltiplos fragmentos formativos desta identidade, definida por Marcus como "multilocalizada e dispersa" (1991:205).

Segundo Marcus, os processos de construção de identidades, além de não se prenderem mais somente à localidade, também não são determinados pela história, no seu sentido positivista: "o passado que continua presente é construído a partir da memória, que é o agente fundamental da etno-história." (1991:205). Não há determinismo histórico; a história passa a ser desvinculada de um eixo único, ou seja, cada comunidade constrói sua história a partir de suas articulações. Este também é o pensamento de Michel Maffesoli. Para ele, vivemos um processo de tribalização, no qual são privilegiados o próximo, o familiar, o cotidiano, a formação de redes existenciais que comungam os mesmos sentimentos e não têm um desenvolvimento linear, racional e previsível:

*"O social não se inscreve mais nos quadros de uma história em marcha, e também não se situa mais contra a história - ele se põe à sua margem. Mais exatamente, ele explode o conceito de centro histórico numa multiplicidade de centralidades subterrâneas, cada qual com sua história. Saber levar em conta essa heterogeneidade é certamente a questão essencial deste final de século."*³⁹

Percorrendo as articulações entre o global e o local, sempre em deslocamento dentro de uma rede de locais que constituem fragmentos mais do que qualquer tipo de comunidade, a identidade, segundo Marcus,

"... é um fenômeno disseminador que possui vida própria além do sentido literal de fazer parte de agentes humanos específicos num dado local ou momento (...) Documentar a estabilização das identidades num dado local ou através de vários locais num mundo essencialmente desconstrutivo é uma das tarefas principais de toda etnografia." (1991:216-217)

Questões como diversidade e múltiplas identidades remetem para o problema de como acontece a articulação desta diversidade. Ou seja: pensando sempre que as identidades de indivíduos e grupos estão em constante deslocamento no espaço e no tempo e aceitando que independem de sua localização e de uma determinação ou

³⁹ "O Fim do Ideal Democrático", Ponto Crítico, Caderno Mais!, Folha de São Paulo, 19/03/95.

causalidade histórica, faz sentido pensar os grupos sociais como "redes de movimentos", segundo definição de Ilse Scherer-Warren:

"A análise em termos de 'redes de movimentos' implica buscar as formas de articulação entre o local e o global, entre o particular e o universal, entre o uno e o diverso, nas interconexões das identidades dos atores com o pluralismo. Enfim, trata-se de buscar os significados dos movimentos sociais num mundo que se apresenta cada vez mais como interdependente, intercomunicativo, no qual surge um número cada vez maior de movimentos de caráter transnacional, como os de direitos humanos, pela paz, ecologistas, feministas, étnicos e outros." (1993:10)

Scherer-Warren faz um estudo minucioso do tratamento dado aos movimentos sociais pelas ciências sociais. Ela percebe que, durante os anos 50 aos 70, priorizava-se a macroanálise; nos anos 80, o foco estava nas microtransformações, e, nos anos 90, surge a preocupação de articular estas duas dimensões de análise. Segundo Scherer-Warren⁴⁰, as próprias noções de macro e microrrealidade passam por transformações:

"O macro, concebido enquanto totalidade estruturada e com determinações racionais, cede lugar a interpretações que concebem a realidade enquanto multifacetária e complexa, sem determinações fixas ou historicamente necessárias. E, assim sendo, o mais relevante dentro desta perspectiva não é tanto o entendimento dos movimentos enquanto partes estruturadas ou estruturantes da realidade, mas enquanto processos de ação política, enquanto práticas sociais em construção, enquanto movimento propriamente dito. Busca-se, sobretudo, os significados e alcances políticos e culturais das ações coletivas. Mas isto também era realizado pelas análises microsociológicas ou antropológicas das comunidades locais, das organizações de base... A inovação encontra-se no surgimento de práticas políticas articulatórias das ações localizadas, de redes de movimentos (networks) e na busca de metodologias que permitam entendê-las." (1993:22)

Para Scherer-Warren, trata-se de entender as interconexões de sentido entre o local (comunitário) e o global (supranacional, transnacional), na medida em que as redes de movimentos são constituídas por sujeitos ou grupos que apresentam grande pluralidade de identidades, mas têm pontos de convergências. "Neste contexto, o princípio de articulação define-se a partir de uma identidade que se constrói no plano dos valores, em torno de uma concepção de mundo." (1993:119)

2.15. - REDE ÉTNICO-REGIONAL GAÚCHA.

Movimentos contraditórios de centralização x fragmentação, emergência de diversidades, convivência entre projetos modernizadores e o culto às tradições. Múltiplas identidades, redes de movimentos, construção de novos modos de vida, integração regional e transnacionalidade, participação da sociedade civil na vida política. Neste contexto, mais que formar um grupo étnico-regional, os gaúchos parecem formar uma rede étnica composta por diversos grupos organizados em

⁴⁰ Scherer-Warren, quando analisa os movimentos sociais, está abordando movimentos feministas, de sem-terra, negros, etc. que buscam conquistar direitos civis e políticos. Entendemos que os gaúchos, apesar de terem uma pauta de interesses diferentes, com um programa eminentemente cultural, têm em comum com os movimentos sociais abordados por Scherer-Warren a estratégia definida por Hall (1997) como *política de identidade*, ou seja, a mobilização feita através da invocação da identidade social dos militantes.

regiões locais ou espaços regionais de identidade⁴¹. Como observa Rogério Haesbaert em seu estudo em Barreiras (BA):

"Consolida-se, assim, aquilo que denominamos de 'rede regional gaúcha' no interior brasileiro, onde a construção, a nível local, de territórios mais específicos do grupo é assegurada por múltiplos elos com a região de origem, no sul do país. Enquanto no sul se consolida de fato uma região, vista sobretudo como território, contíguo e com uma coesão interna proporcionada por uma relativa unidade política e cultural, no interior do país a maioria dos migrantes, pela força dessa identidade que, mesmo geograficamente descontextualizada, acaba muitas vezes até se reforçando no confronto com outros grupos, difunde uma rede de relações ao mesmo tempo econômica e de identidade político-cultural que pode ser caracterizada não como uma região em sentido estrito, mas como uma rede regional." (1994a:8)

Os gaúchos fora do Rio Grande do Sul formam uma rede étnico-regional transnacional cujo vértice é a região conhecida como pampa gaúcho. Esta rede é visível através de um regionalismo militante que reforça a afirmação de identidade e o culto às tradições. A observação desta rede gaúcha torna possível refletir sobre questões importantes da contemporaneidade: a oposição entre o processo de construção/consolidação do estado-nação e a manutenção das diversidades regionais⁴², a compatibilidade de projetos de modernização com o culto às tradições⁴³, e a globalização cultural, que combina movimentos contraditórios de homogeneização e heterogeneidade⁴⁴.

O mundo contemporâneo tem sido descrito como sendo rico em complexidades. A emergência da diversidade regional traz embutida, além dos conflitos de identidade étnica, um potencial nada desprezível de reconstrução de territórios, que recoloca o conceito de região no vórtice da discussão. Na medida em que as fronteiras são resultados de divisões arbitrárias, as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, sendo eminentemente simbólicas, repõem em jogo a manutenção ou mudança de forças simbólicas e das vantagens correlatas, econômicas, políticas ou relativas ao patrimônio simbólico. "A manutenção dos limites de um grupo étnico depende de sua habilidade para dirigir e ordenar estes símbolos" (Royce, 1982:42).

Assim, torna-se compreensível a convivência entre processos modernizadores, como a construção do estado-nação, e o ressurgimento das tradições, associado à ressignificação de práticas antigas. Segundo Hobsbawm, a tradição é usada ideologicamente para criar a ilusão de que os estados-nações são formações sociais solidamente integradas, quase eternas e imortais. Assim, tradições reais ou inventadas são um dos fundamentos da identidade nacional; tão fortes que, mais do que obscurecer o caráter histórico e recente dos estados nacionais, permitem redefinir

⁴¹ Haesbaert trabalha com um conceito de região que tem dois componentes básicos: a fronteira territorial, que estabelece os limites concretos nos quais é reconhecida ou passa a ser construída uma identidade territorial (regional) e as redes, materiais ou imateriais, que dão coesão à região no contexto espacial mais amplo em que ela está inserida. "Identificar-se com o espaço e defendê-lo como seu, buscando maior autonomia (em sentido amplo) é assim um requisito fundamental na definição proposta para região", que passa a ser uma das "escalas político-culturais de organização dos grupos e movimentos sociais, um território supralocal e infranacional" (1994a: 5-6). Segundo Haesbaert, num quadro em que o poder nacional está enfraquecido pelo processo de globalização e o poder local tem se reestruturado, fazem sentido os termos regiões locais ou espaços locais de identidades.

⁴² Ver Oliven (1992:14-16, 134-136) e Appadurai (1990:303-308).

⁴³ Ver Oliven (1992:21-27) e Baudrillard (425-426).

⁴⁴ Ver Oliven (1992:133-137), Appadurai (1990:295-301, 307-308) e Hannerz (1991:107-108, 121-128).

continuamente a noção de nação. Os regionalismos evidenciam que o todo é constituído de partes, que são diferentes, e também acionam as tradições para questionar e relativizar os níveis de integração e eficiência atribuídos ao estado-nação; os movimentos regionalistas apontam e exploram as diferenças étnico-regionais e culturais para construir e afirmarem identidades próprias. A oposição regionalismo x estado-nação é paradoxal. Isto é perceptível no caso dos gaúchos: ora questionam o Estado, através de movimentos em busca de autonomia⁴⁵; ora reforçam-no, ao destacar o seu papel (dos gaúchos) no desenvolvimento do país, especialmente no que se refere à conquista das novas fronteiras agrícolas nacionais.

Esta oposição entre centralização (processo de unificação nacional) e manutenção das diversidades regionais e culturais é uma das chaves para entender como operam as construções sociais que chamamos de representações, memórias, identidades, imaginário, etc. Como diz Oliven:

"Todos estes processos envolvem a atribuição de significados às ações humanas, a descoberta de diferenças, a apropriação e reelaboração de manifestações culturais, a ressemantização, etc. Nação e tradição são recortes da realidade, categorias para classificar pessoas e espaços e, por conseguinte, formas de demarcar fronteiras e estabelecer limites. Identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos. Lévi-Strauss afirma que a identidade é algo abstrato sem existência real, mas indispensável como ponto de referência. Embora sejam entidades abstratas, as identidades precisam ser moldadas a partir de vivências cotidianas." (1992:26)

2.16. - TRADIÇÃO E IDEOLOGIA ÉTNICA.

Como já vimos, é no plano do ideológico que os símbolos da identidade étnica transformam-se no imaginário da experiência vivida, ou seja, em ideologias étnicas. São as ideologias étnicas, baseadas em conflitos latentes ou manifestos, que são capazes de fornecer a base de sustentação para movimentos sociais ou processos de articulação étnica de qualquer tipo. Essas fronteiras étnicas são um campo privilegiado para o pesquisador. Como diz Barth:

"La interconexión entre los diacríticos seleccionados dan relieve, los límites así definidos y los valores diferenciales que se adoptan, constituyen un fascinante campo de estudio (...) Obviamente, la conexión entre la base ideológica de un movimiento y los medios elegidos no es sencilla; no obstante, ambos factores tendrán efecto en la conservación subsecuente de límites y en el curso de todo cambio ulterior." (1969:45)

Críticos do Tradicionalismo vêem o gauchismo como uma ideologia destinada a manter o conformismo de trabalhadores rurais e das camadas populares que migram para as cidades. Os principais alvos das críticas são o caráter passadista de sua visão de mundo; a proximidade com o poder constituído, e o conservadorismo da organização e simbologia dos Centros de Tradições Gaúchas, que reproduz a estrutura das estâncias e no qual explorados e exploradores têm os mesmos princípios de compreensão de mundo.

Segundo Oliven, na perspectiva destes críticos, o Tradicionalismo Gaúcho é visto como uma ideologia necessariamente unificadora, e por isso eficaz, mas anacrônica, já que haveria uma defasagem entre suas criações baseadas no passado e a realidade atual:

Isso cria uma situação no mínimo curiosa se nos lembrarmos que a eficácia de um discurso está relacionada com sua verossimilhança e com a capacidade de repercutir no imaginário dos

⁴⁵ Ver nota 33, Capítulo I.

atores sociais. Como pode um discurso ser simultaneamente anacrônico e eficaz? Onde está a contradição: no emissor ou no receptor da mensagem? Ou na interpretação de quem analisa o processo? (1992: 126)

Talvez a melhor resposta esteja na Tradição. Em 1934, Marcel Mauss, em "Fenômenos Gerais da Vida Intra-Social", já definia a tradição como uma espécie de constrangimento social. As tradições seriam as práticas rigorosamente constrangedoras, ou os costumes, "que dirigem em grande parte todo o conjunto de homens e de coisas." (1979: 196). As questões morais - que permeiam o discurso tradicionalista gaúcho - segundo Mauss, formam a argamassa que garante a coesão e embasa a autoridade dentro dos grupos sociais.

Para ele, as festas e rodeios gaúchos, que são definidos como "festivação do modo de produção pastoril"⁴⁶, seriam momentos nos quais "sociedades, grupos e subgrupos, juntos e separadamente, retomam vida, forma, força; instituições rejuvenescem; se estabelecem, se criam e se transmitem todas as tradições, mesmo as literárias." (1979: 197). E, uma vez criada, a tradição é o que se transmite.

Não existem grandes grupos de fenômenos sociais que não sejam, antes de tudo, compostos de fatos tradicionais. Toda ciência, toda arte, toda profissão, se apresenta antes de tudo como tradição, "receitas", "segredos". Inúmeras experiências se registram numa tradição, se incorporam por tudo nos menores comportamentos:

Tudo isso é representado como inventado pelos ancestrais, revelado pelos deuses, mas também conhecido como fundamentado na história e verificado pela experiência, pela embriaguez, pelo êxtase, pelo sucesso do alimento, pelos efeitos sensíveis da técnica. (...) Descrever-se-á cada tradição, a maneira pela qual os mais velhos transmitem aos mais novos, um a um, todos os grandes grupos de fenômenos sociais. (...) Além da tradição oral, é preciso observar que há uma outra, mais primária ainda, que geralmente se confunde com a imitação. O emprego de símbolos. Quando uma geração passa à outra geração a ciência de seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social quanto quando a transmissão se faz pela linguagem. (...) Sabedoria, etiqueta, habilidade, destreza, mesmo simplesmente esportiva, acabam por serem expressas de duas maneiras: de um lado são os provérbios, dizeres e ditados, os dictamina, preceitos, mitos, contos, enigmas etc; de outro lado, o mesmo acontece tanto com os gestos significativos quanto com as séries de gestos, cujo sucesso é tido e acreditado como certo precisamente porque são coordenados, e o primeiro é signo dos outros. (1979: 198-199)

Sobre o conformismo, Mauss observa que, nas sociedades arcaicas, "fato raro é a revolta". Segundo ele, em muitos casos a palavra tradição lembra inércia, resistência ao esforço, desgosto de tomar novos hábitos, incapacidade de obedecer a forças novas....:

"Para não empregarmos termos muito pejorativos, diremos que as sociedades de tipo arcaico vivem de uma maneira tão adaptada ao seu meio interno e externo que só sentem uma necessidade: a de continuar aquilo que sempre fizeram. É nisto que consiste o conformismo social. É neste ponto de vista que os camponeses do mundo todo se parecem, seja na África ou em Madagascar, sejam agricultores ou distintos pastores como os papous. Sob estas formas de simples conformismo, dessas rudes espécies de tradição, encontram-se em todas as sociedades, tradições verdadeiramente conscientes. São criadas de propósito, transmitidas pela força, porque resultam de necessidades da vida em comum. É preciso separá-las do conformismo, com o qual frequentemente são confundidas. Pode-se chamar 'conscientes as tradições que consistem no saber que uma sociedade tem de si mesma e de seu passado mais ou menos imediato'. Pode-se agrupar todos estes fatos sob o nome de memória coletiva." (1979: 201)

⁴⁶ Tau Golin, A Ideologia do Gauchismo (1983: 103).

Talvez seja mais acertado definir o Tradicionalismo Gaúcho como uma experiência que obteve êxito em formar uma memória coletiva - ou uma "amnésia comum", já que a tradição é constituída pela cuidadosa seleção de eventos - de um grupo social que, por características de formação e por circunstâncias várias, espalhou-se por um vasto território transnacional, formando espaços regionais interligados. No interior deste grupo, práticas tradicionais são reproduzidas conscientemente através da manifestação simbólica das estruturas sociais. Veremos, nos próximos capítulos, como estas práticas tradicionais operam e se reproduzem em espaços regionais gaúchos fora do Rio Grande do Sul.

CAPÍTULO 3

A CONQUISTA DA CHAPADA¹

Capitão Rodrigo na Terra de Guimarães Rosa ou
Como se constróem as intolerâncias².

A viagem para percorrer os 300 km entre Brasília e Buritis é uma aventura de quatro horas - um trecho longo de aproximadamente 50 km é em estrada de barro, que torna-se lama escorregadia nas estações de chuva. Há apenas dois horários de ônibus disponíveis por dia. Ônibus velhos, bem estragados. Durante a viagem, percebe-se que as pessoas se conhecem, perguntam-se sobre os filhos, convidam-se para visitas.

Uma conversa em tom jocoso põe no foco o tema que nos traz até aqui, o conflito entre gaúchos e mineiros, razão de minha permanência em Buritis nas próximas semanas. O motorista expressa seu desejo de comer um churrasco gaúcho e uma mulher que está no banco da frente, conversando animadamente ao lado dele, exclama:

- À gaúcha, não. À mineira. E bem passado, que é muito mais gostoso...

* * *

Chove muito durante o último trecho da viagem, a descida de uma serra sinuosa. Os faróis parecem tímidos diante da escuridão. É uma tempestade de inspirar medo. Os raios iluminam as curvas fechadas e refletem no asfalto. Preto e branco, luz e sombra, os trovões que abafam o rumor da chuva e do vento nos vidros embaciados das janelas. Consola-me o pensamento de que pior seria se o trecho ainda fosse de chão batido...

Na manhã seguinte, acordo no único hotel da cidade. O quarto não tem televisão, mas tem banheiro próprio, com chuveiro quente, um luxo para o local. Há um banheiro coletivo no corredor. O Jornal Nacional e os capítulos finais da novela das oito são assistidos pelos hóspedes - comerciantes, funcionários do governo estadual, técnicos da estatal de energia elétrica, professoras, fornecedores... - numa sala com sofás antigos que parecem existir desde os anos 60. O café da manhã, com nata e queijo de sítio, café forte, sucos, pães frescos e frutas da estação, é reconfortante. O cheiro de comida boa ameniza um pouco a aridez do ambiente.

¹ Viagem de campo a Buritis, noroeste de Minas Gerais - 740 km ao norte da capital Belo Horizonte, na fronteira com os estados de Goiás e Sul da Bahia, novembro de 1995.

² Importante esclarecer que a perspectiva do olhar do pesquisador foi determinada à revelia, já estava definida de antemão pela minha condição de ser gaúcho. Por ser visto pelos mineiros como um gaúcho falando com outros gaúchos, o trânsito entre os dois grupos em conflito, e a consequente comunicação com os mineiros, foi limitada pela desconfiança. Assim, as representações gaúchas sobre o conflito são predominantes.

Buritit é uma fronteira. Pertence administrativamente a Minas Gerais. Geograficamente, porém, tem mais proximidade com Brasília e Goiás. E, historicamente, sua ligação é com o Nordeste. Os carros exibem placas de municípios de Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal e Bahia.

O sol forte ilumina o primeiro passeio. Parece não haver gaúchos na cidade. Não há menção visível à sua presença, nem ao menos uma churrascaria. Contrasta com a experiência anterior realizada em Primavera do Leste-MT, onde nomes gaúchos eram comuns nos estabelecimentos comerciais.

Algumas ruas têm asfalto, mas a maioria é de barro vermelho. Os sapatos estão enlameados, após a forte chuva do dia anterior. As ruas são arborizadas - flamboyants floridos coloreem de vermelho a paisagem do Cerrado - e, mesmo sem pavimentação, são divididas por mudas de árvores que se constituirão em futuros canteiros de avenidas retas e largas. Nota-se que há um mínimo de planejamento urbano.

Quando retorno ao hotel, recebo um recado do Getúlio Taborda³. É uma boa notícia, pois havia escrito duas cartas para avisá-lo de minha chegada que ficaram sem resposta. Receava não encontrá-lo, mas ele estava me esperando.

Enfim, após quase dois anos debruçado sobre textos teóricos e etnografias, vai começar o trabalho de campo. Serão 20 dias de convivência cotidiana, íntima e enriquecedora com gaúchos que vivem na fronteira de um novo Brasil em construção.

* * *

Fui muito bem-recebido pelo casal Taborda. Getúlio começou a conversa desculpando-se por não ter respondido às cartas. O motivo era o excesso de trabalho, motivado pela administração cuidadosa do seu negócio, que estava merecendo atenção por causa de problemas financeiros: basicamente, aperto no crédito agrícola e consequente falta de recursos para o plantio.

Getúlio tem por volta de 40 anos, é magro mas encorpado. A mulher Chica é loira, de olhos claros. Seu nome é Fátima. Enquanto bebemos chimarrão e conversamos amenidades, descubro que ele tem descendência ucraniana e ela é filha de italianos.

Os dois mostram-se as pessoas certas para me introduzir no mundo gaúcho de Buritit. O irmão de Getúlio é um dos primeiros gaúchos a chegar na localidade, há 12 anos. É também o prefeito da cidade. Getúlio é da patronagem do CTG - Centro de Tradições Gaúchas - Querência Distante, fazendeiro, tem outros familiares na cidade, perdeu sua avó aqui durante os tempos pioneiros. Articulou a fundação do MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho - do Planalto Central, do qual foi presidente, reunindo os patrões de CTGs de Goiás, Tocantins, oeste de Minas, sul da Bahia e Distrito Federal⁴. É uma referência nacional no gauchismo. Chica também tem pais e irmãos com propriedades em Buritit.

³ Presidente do MTG Planalto Central, que conheci no 1º Congresso Tradicionalista do Mato Grosso, em Primavera do Leste, e que sugeriu que o trabalho de pesquisa fosse feito em sua cidade. Ver Capítulo 2, itens 2.7, 2.8 e 2.9.

⁴ Cidades na região com presença de organizações tradicionalistas gaúchas: **Goiás:** Formosa (CTG Querência Formosa / Grupo de Arte Nativa Os Tangarás), Goiânia (CTG Saudades dos Pampas), Luziânia (CTG Tropeiros do Cerrado), Jataí (CTG Querência Goiana), Rio Verde (CTG Querência Rio Verde), Mineiros (CTG Porteira da Saudade), São João da Aliança (CTG Estância do Imigrante), Cristalina (CTG Nova Querência, com registro provisório), Posses (Movimento pró-CTG.). **Distrito Federal:** Estância

Segundo eles, existem em torno de 180 famílias gaúchas em Buritis, mais ou menos 900 pessoas, 3% da população total do município, que é de 25 mil habitantes. Mesmo assim, o irmão de Getúlio foi eleito com 75% dos votos. Os gaúchos são bastante unidos. Das 180 famílias gaúchas, 116 são associadas ao CTG - aproximadamente 40 famílias mineiras também participam do CTG.

Os primeiros gaúchos chegaram em Buritis há 15 anos. Chica e Getúlio estão há seis na cidade. As procedências das pessoas são as mais variadas. Chica consegue, num pequeno censo mental, lembrar uma dúzia de cidades das quais vieram seus vizinhos: Uruguaiana, Ijuí, Erechim, Arvorezinha, Santo Cristo, Santa Rosa, São Sepé, Itaqui, Santo Ângelo, Espumoso, Pelotas, Passo Fundo...

O CTG completou 10 anos de existência em 1995. Ou seja, foi fundado cinco anos após a chegada dos primeiros gaúchos.

Getúlio e Chica contam que quando chegaram, em 1989, não havia comércio organizado. Bananas, só uma vez por semana, trazida por um carroceiro. Não havia ruas asfaltadas, nem árvores nos canteiros, nem bons colégios - eram tão ruins que Buritis classificou-se nos últimos lugares entre todos os municípios mineiros numa pesquisa à época. A estrada para Brasília era de terra por 130 km, inclusive a serra que conheci na noite chuvosa da chegada e achei assustadora, mesmo asfaltada.

Buritis faz fronteira com duas cidades que têm nomes parecidos. Uma é Formosa, em Goiás, 130 quilômetros na direção de Brasília (Buritis e Formosa são fronteiriças e dividem Minas Gerais e Goiás.) A outra é Formoso, em Minas Gerais, 80 quilômetros em direção oposta, já na fronteira com o Sul da Bahia. Nas duas cidades, há famílias gaúchas residentes.

* * *

Os gaúchos em Buritis, que situamos como pertencentes a uma rede étnico-regional gaúcha fora do Rio Grande do Sul, classificam a si mesmos e aos outros a partir de um código de práticas e valores que define o "ser gaúcho" em contraste à sociedade local: a identidade gaúcha emerge na alteridade com o mineiro.

É uma identidade com múltiplos significados, acionados estrategicamente para justificar influência político-econômica, permanência no lugar e a posse da terra. Os personagens podem ser gaúchos, brasileiros, descendentes de europeus... A terra muda de situação de acordo com a categoria acionada: ora é terra de gaúchos, ora de brasileiros, ora de estrangeiros nacionais. As dimensões do conflito também gravitam entre os planos do nacional, do regional e do étnico. São muitas vezes processos justapostos, simultâneos e em permanente ressignificação.

Há diacríticos bastante visíveis neste "ser gaúcho" em Buritis. Um deles é a categoria **trabalho** como valor intrínseco à construção da identidade. O gaúcho teria disposição para trabalhar, em oposição à população local, que não teria iniciativa, seria "preguiçosa". Outro é a **procedência** do Rio Grande do Sul, do Pampa. Este discurso é reforçado com a afirmação da descendência européia, que agrega uma imagem de pioneiro, empreendedor, *self made man*, à imagem do "Centauro dos Pampas" ou

Gaúcha do Planalto. Centro de Tradições Jayme Caetano Braun, CTG Sinuelo da Saudade. **Minas Gerais:** Buritis (CTG Nova Querência), Belo Horizonte (Centro Gaúcho de Minas Gerais), Uberlândia (movimento pró-CTG Sinuelo da Querência), Guarda-Mor (movimento pró-criação do Grupo Pampa Gaúcho), Unai, Paracatu e Patos de Minas (também existem movimentos pró-CTG.). **Oeste da Bahia:** Mimoso d'Oeste (CTG Sinuelo dos Gerais.) Informações colhidas durante o trabalho de campo - possíveis alterações nos últimos três anos não alteram o sentido da pesquisa.

"Monarca das Coxilhas". Por fim, a **propriedade da terra**, que, apesar de individual, é uma característica de grupo. É o instrumento para conquistar a ascensão social.

Trabalho, procedência e terra são categorias de pertencimento do grupo. É a partir de visões diferentes sobre o significado destas categorias que se estabelece o conflito entre gaúchos e mineiros em Buritis. São projetos distintos para a condução da sociedade, gestão da propriedade agrícola e mobilidade social. Jeitos diferentes de fazer política e selar alianças. Outros tipos de afetividades, celebrações, relações familiares e parentesco.

As narrativas a seguir, selecionadas e agrupadas para expor de forma didática as diferenças e os conflitos entre os gaúchos e mineiros, mostram como as intolerâncias são construídas em Buritis.

3.1. - HÁBITOS DE HIGIENE E LIMPEZA.

Alice e Loreno⁵ formam um casal simpático, jovial, com duas filhas. Têm uma loja de implementos agrícolas e alguma terra na região. Dona Alice conta que foi a primeira professora gaúcha em Buritis e que teve muitos problemas. Tinha dificuldades de expressar-se, de comunicação com os alunos. Segundo ela, isso acontecia porque falava "corretamente" e os alunos não a entendiam por estarem acostumados a ouvirem os professores falarem "errado".

Esta história a estimula a falar sobre as diferenças entre gaúchos e mineiros. Alice diz que, quando chegou na cidade, estava ansiosa para ser aceita na comunidade e, por isso, ela e o marido tentaram ser flexíveis nos relacionamentos, cuidaram para não ferir susceptibilidades, tinham muita cautela. Mas não adiantou. Hoje, ela questiona se realmente importa, se eles (os gaúchos) fazem questão de se misturar. Ela acha que não. Chica, que acompanha a conversa, é enfática:

- Não me importo nem um pouco.

- A adaptação é difícil. A pressão do bairrismo mineiro é terrível. - emenda o marido de Alice, Loreno.

Alice continua no assunto, comentando que os hábitos são muito distintos:

- Não aceito a imundície, eles têm outro padrão de higiene. No início, as mulheres daqui achavam muito estranho que as gaúchas se ajoelhavam para lavar o chão. Elas usam o rodo.

Para ela, isto explica em parte o fato das gaúchas não namorarem os mineiros:

- As gaúchas são mais minuciosas, querem os homens mais trabalhadores e mais capazes. Os homens, não; sendo mulher, tanto faz⁶. Aparentemente, a mulher mineira é mais liberada. Os gaúchos que estão com mineiras não têm queixas delas como mulheres; a queixa é que elas não cuidam direito da casa, são relaxadas.

* * *

⁵ Com exceção de Getúlio e Chica, do prefeito Taborda, do padre e do Coronel Délio Lopes, todos os nomes são fictícios.

⁶ Durante a permanência na cidade, descobri vários casamentos entre homens gaúchos e mulheres mineiras, mas apenas dois casamentos entre mulheres gaúchas e homens mineiros. Nos dois casos, os maridos são filhos de fazendeiros poderosos na região. É importante ressaltar que vieram muito poucas mulheres gaúchas solteiras para Buritis: a maioria dos migrantes são casais, sem filhos ou com filhos pequenos.

Seu Neco deve ser o gaúcho residente em Buritis que por mais lugares andou antes de se instalar aqui. É natural de Três Passos-RS. Morou na Argentina, onde teve uma fábrica de telhas. No Mato Grosso do Sul, foi proprietário de uma empresa de ônibus. No Paraná, em várias cidades, entre elas Cascavel e Curitiba, possuiu revendedoras de automóveis. Esteve também em Rondônia e no Mato Grosso, mexendo com terras. Estas experiências não foram boas. Em Rondônia, teve insuficiência renal. No Mato Grosso, foi derrubado pela febre amarela.

Ele conta uma história que corrobora a opinião manifestada por Alice:

- Um dos meus filhos teve um açougue e sempre limpava o chão com balde, pano molhado... Um dia, um açougueiro mineiro entrou e perguntou porque ele limpava tanto o lugar. Ele explicou que era para estar sempre limpo. O açougueiro então falou: "Limpa não, o pessoal daqui gosta sujo mesmo".

- As diferenças no trato da carne são muitas. - explica o filho ex-açougueiro. - Os mineiros cortam a carne no chão, a machado. Os gaúchos sangram a carne na árvore, pendurada. Os mineiros transportam em camionetes abertas, chega no açougue cheia de pó, às vezes ainda com grama. Para o gaúcho, é muita sujeira. Depois, a carne fica exposta na rua, cheia de mosca em cima. É nojento.

3.2. - TRABALHO (SAVOIR FAIRE) X PREGUIÇA (INCOMPETÊNCIA).

Alice faz uma comparação entre a mulher gaúcha e a mulher mineira em Buritis:

- A mulher gaúcha ajuda o marido. Muitas de nós viveram muitos anos embaixo de lonas armadas em troncos de árvores até as casas ficarem construídas, trabalhando lado a lado com o marido. As mineiras não, só querem saber de unha pintada e bem-feita.

- Não dá para ter empregada doméstica mineira. Todas querem saber o que têm para fazer antes de começar. O que tem para fazer é o serviço da casa, ora! Precisa ter mais de uma, uma para cada coisa. Não me incomoda mais. Tenho uma diarista que vem duas vezes por semana e leva a roupa para casa para lavar e passar. Eu mesmo mantenho a casa em ordem. - completa Chica desanimada.

* * *

Dona Chica me leva para conhecer a fazenda de seu pai. Rodamos alguns quilômetros numa estrada de barro até chegar ao nosso destino, ouvindo uma versão infantil de músicas do grupo "Mamonas Assassinas", entoadas com vigor por dois de seus filhos que nos acompanham e vibram com a visita aos avós. Na fazenda, além dos pais de Chica, estão uma irmã com o marido.

O pai da Chica diz que, mesmo com os gaúchos provando que a terra é produtiva, os mineiros não plantam. Ele conta sobre a ocasião em que estavam limpando a terra, logo depois de comprarem a fazenda, arrancando raízes. Os homens que trabalhavam para eles, por muito pouco dinheiro, eram donos de 1.000 hectares - a família de Chica tinha na época e mantêm 700 hectares. Ou seja: os mineiros possuíam mais terras, mas trabalhavam para eles porque não sabiam manejar a terra para torná-la produtiva⁷.

- Nesta época de chuva, em que deveriam estar plantando, eles não plantam porque está chovendo. É por causa de atitudes como esta que quando os mineiros vão pedir dinheiro no Banco do Brasil são tratados com descrédito.

⁷ As terras dos mineiros na Chapada continuam improdutivas, ainda cobertas por Cerrado.

Seu Carlos é um ancião com cerca de 80 anos - um dos primeiros gaúchos a comprar terras em Buritis. Chegou na cidade há 15 anos, com quase 70, por acaso - tentou comprar fazendas no Mato Grosso, mas lá os negócios não deram certo. Então, adquiriu suas atuais terras:

- Logo que chegamos aqui, tínhamos dificuldades com os agrônomos da Emater e com os gerentes da Carteira Agrícola do Banco do Brasil - eles não entendiam nada de lavoura. Ninguém acreditava que fosse possível plantar na Chapada - o gerente do Banco do Brasil em Formosa recusou-se a financiar a produção porque achava que não ia dar certo. Os agrônomos mandavam botar a quantidade errada de sementes... Depois da primeira colheita de soja, eles passaram um ano na minha fazenda para aprender como se fazia o plantio.

Seu Neco diz que os mineiros alimentam a idéia de que os gaúchos tomaram suas terras:

- No início, a terra nem valor tinha. Depois da lavoura, eles se desesperaram. É o caso do Pedro, o prefeito. Comprou a terra, pagou 50% como sinal e, com um pouco de milho que plantou e colheu no primeiro ano, quitou a fazenda no ano seguinte. O dono anterior, quando vendeu (um técnico da Emater), fazia piada dizendo que no ano seguinte voltava para receber a terra de volta. Imagine a amargura deste homem.

Rubens é proprietário de um próspero supermercado. Ele não possui terras nem é agricultor. É um professor que saiu de uma cidade do interior gaúcho, onde completava o orçamento como empregado no comércio. Quando chegou em Buritis, não tinha dinheiro para comprar terras. Então, montou o "comércio" e tornou-se dono do próprio negócio:

- O povo sulista quer montar seu próprio negócio, não quer ser empregado. Os outros migrantes vão para as cidades porque procuram trabalho. Aqui na fronteira agrícola não existem postos de trabalho; existem oportunidades de negócios. Sei da presença de gaúchos em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia... Agora estão falando no Pará. O motivo é sempre o mesmo: terra barata e conhecimento para torná-la rentável.

O senhor Amaral Guerra, goiano, é dono de uma distribuidora. Há oito anos em Buritis, é assíduo frequentador do CTG. Para ele, se alguém em Buritis fala mal dos gaúchos é "gente de cabeça pequena":

- O pessoal daqui é preguiçoso, tudo baiano e mineiro de cabeça pequena. O gaúcho é um povo trabalhador, está na maioria dos projetos agrícolas. Eles são selecionados pela competência, tem 'know-how'. Eu tenho terra no projeto da Coseral, em Formosa do Rio Preto, no norte da Bahia, quase fronteira com o Piauí, a oito quilômetros da divisa. São 150 mil hectares de lavoura. Os gaúchos chegaram a

colocar 78 km de asfalto por conta própria para escoar a produção. A maioria dos colonos é de gaúchos⁸. Em Mimoso d'Oeste, na Bahia, também só tem gaúcho. Eles que fizeram aquilo lá. A baianada vive em volta para conseguir trabalho. E é assim mesmo que tem que ser; eles têm que ser mandados. Ai desta bosta aqui se não fossem os gaúchos. Ainda bem que, Brasil afora, tem mais gaúcho que gente.

3.3. - NÓS E OS OUTROS: BOICOTE ÉTNICO E VIOLÊNCIA.

Miriam mora em Buritis desde pequena, veio do sul do Minas. Ela conta que os mineiros chamam os gaúchos, em conversas reservadas, de "pedreiros". As conotações são duas. A primeira é que eles não têm estudo e só querem saber do dinheiro. A segunda é que "os gaúchos subiram na pedra e pegaram todas as galinhas disponíveis". Tradução: os gaúchos casaram com mulheres que não gozavam de boa reputação na cidade⁹.

* * *

Alice trabalhava numa imobiliária em Ijuí quando, um dia, chegou uma mulher, segundo sua descrição, baixinha, morena, jogando o cigarro no chão, apagando a ponta com o pé, perguntando por um apartamento:

- Eu e minha colega nos olhamos e mentimos que já havia sido alugado. Dois dias depois ela voltou dizendo que sabia que o apartamento ainda estava desocupado e fomos obrigadas a alugar o imóvel. O tempo provou que ela era ótima inquilina, mas nós desconfiamos dela por causa do seu jeito. Acho que as diferenças inspiram a desconfiança.

* * *

Dona Isaura é mineira nascida em Buritis, personagem importante e conhecida na cidade. Fala das uniões entre gaúchos e mineiras:

- Mulheres gaúchas casaram com um ou dois mineiros bem nascidos e com dinheiro. Entretanto, muitos gaúchos casaram com mineiras humildes. Como se diz na cidade, fizeram uma faxina: limparam a cidade das mulheres de má reputação.

* * *

Como Miriam é loura - os alunos a chamam de "Espiga de Milho" - às vezes, alguém a confunde com uma gaúcha¹⁰. Ela fica irritada:

- Deus me livre.

Ela conta que já xingou, com aspereza, alunos seus, mineiros, que foram ao CTG¹¹:

- O que você está fazendo, 'imundície'! Tua cultura é o forró!

⁸ Segundo Guerra, no início deste projeto era possível comprar 1 hectare por R\$ 30,00. No momento da entrevista, o mesmo hectare já custava R\$ 250,00, uma valorização acima de 800%.

⁹ Não foi possível saber se a má reputação foi construída antes do casamento ou depois de se casarem com os gaúchos.

¹⁰ Adiante veremos que a cor da pele é um diacrítico importante em Buritis (ver item 3.13, página 88).

¹¹ Ela menciona que, nos bailes do CTG, há uma divisão geográfica entre gaúchos e mineiros, cada um fica de um lado do salão. Isto foi confirmado em conversas posteriores.

Miriam também teve - décadas atrás - problemas de aceitação por ser de fora, estrangeira:

- Até o açougueiro não queria me vender carne porque eu não pedia com o sotaque certo¹².

Mesmo concordando que está acontecendo com os gaúchos a mesma coisa que já aconteceu com ela, a professora reluta em ser tolerante:

- É... pode ser. Mas eles não fizeram a menor questão de ser simpáticos.

* * *

O final da conversa entre eu e Dona Isaura reflete bem o seu repúdio à presença gaúcha em Buritis:

- Eu não ia recebê-lo em minha casa porque você vinha da parte da Chica e do Getúlio. Só o recebi por causa da Miriam - Dona Isaura obteve referências minhas antes de concordar com o encontro.

A resistência à imposição cultural dos gaúchos ganha dimensão especial para Dona Isaura na recusa de frequentar o CTG:

- Não me sinto bem lá. Até já fui, mas não gosto da música, não sei dançar. Se o mineiro vai dançar, paga mico. Além disso, há uma divisão geográfica das mesas, mineiros de um lado, gaúchos de outro. Os mineiros que frequentam o CTG vão lá porque acham que os gaúchos têm dinheiro, vão para ficar próximos. Mineiro no CTG é puxa-saco, quer se dar bem.

* * *

Apesar de concordar que há uma distinção territorial entre gaúchos e mineiros no que se refere às áreas de produção do município - gaúchos nas chapadas e mineiros nos vãos, forma como são chamados os vales entre as chapadas, por onde correm os rios - Loreno afirma que não existem territórios próprios dos gaúchos na cidade, todos frequentam os mesmos lugares. Alice observa que não há ainda uma juventude gaúcha na cidade, essa geração está em formação¹³. Então talvez esses jovens criem espaços distintos de convivência.

* * *

Alice mostra que existe um mínimo entendimento sobre o que está ocorrendo em Buritis, mesmo que isto não contribua para diminuir os níveis de intolerância. Para ela, há um "choque cultural" em curso, que ela chama de "rivalidade de orgulhos":

- Nós temos Érico Veríssimo, eles têm Guimarães Rosa. Eles sabem que as Veredas do Grande Sertão são aqui perto, que este lugar tem história e esta história é deles, do povo sertanejo. Nós temos a Revolução Farroupilha, eles têm a Inconfidência Mineira. Quando a gente compara o número de presidentes, eles (os mineiros) tiveram mais presidentes que os gaúchos.

¹² A professora Miriam tem dificuldade de relacionamento por ser presbiteriana numa cidade onde a grande maioria é ostensivamente católica.

¹³ Os migrantes, em sua maioria, ou vieram com filhos pequenos ou tiveram seus filhos em Buritis. Como a migração é recente, agora está se formando uma geração de adolescentes, uns 50 rapazes e moças em idade de namorar. Será interessante, no futuro, ver como esta geração estará interagindo com os adolescentes filhos de famílias locais. Mas esta avaliação só poderá ser feita daqui a alguns anos, quando as mulheres gaúchas estarão em idade de casamento.

* * *

O pai de Chica comenta minha observação de que não tinha encontrado a palavra "Gaúcho" em placas e nomes de estabelecimentos comerciais:

- Se alguém abrir um estabelecimento com "gaúcho" no nome, o mineiro não entra para comprar. Um conhecido abriu uma loja chamada "Uruguaiana" e teve que fechar por falta de movimento.

* * *

O negócio de Rubens começou pequeno. No início, havia muita reserva em relação aos estabelecimentos gaúchos. Alguns quebraram.

Uma senhora que acompanha nossa conversa aponta um senhor que passa do outro lado da rua, apressado, e exclama:

- Nós damos o troco. Aquele lá não gosta de gaúcho; estamos boicotando a loja dele.

Rubens confirma a estratégia dos comerciantes de dissociar nomes gaúchos dos estabelecimentos. Deu certo:

- Hoje, 60% a 70% da freguesia são do local. Vendo muita erva-mate para eles, os mineiros adquiriram nosso o hábito de tomar chimarrão. A venda deste item tem sempre aumentado, devagarinho. Conheço um mineiro que toma chimarrão todo dia no escritório, escondido, para não ser visto pelos outros.

* * *

Todos os dias, principalmente pela manhã, forma-se uma roda de chimarrão na calçada defronte da agência do Banco do Brasil, do outro lado da rua. Ali, existe uma agropecuária com grande movimento. Os homens que trabalham na loja e nas outras ao redor reúnem-se sentados em banquinhos, esperando os clientes, que às vezes juntam-se à roda e passam algum tempo participando das conversas. Eles observam o movimento na rua, discutem os mais variados assuntos, recebem visitantes circunstanciais e falam da vida alheia e de todos em geral. Chica, quando me falou deles, disse que não me levaria lá:

- Não passo por ali, eles são muito desbocados, mexem com as mulheres. Dou sempre a volta na quadra.

Passei a fazer ponto ali duas vezes por dia, pela manhã e à tarde, para tomar chimarrão e participar das conversas.

A primeira vez cheguei sozinho. Me apresentei, fui recebido com curiosidade - já sabiam quem eu era e o que estava fazendo em Buritis. Nesta primeira conversa, encontro quatro homens. Dois trabalham nas lojas e estarão quase sempre presentes nas conversas subsequentes - Nicolas, natural de Ibiúna, cerca de 30 anos, agrônomo, e Cláudio, uns 25 anos, de Ibirubá. Crespo, de Campo Novo, uns 40 anos, e Iranildo, de Santo Ângelo, cerca de 60 anos, estavam de passagem.

Nicolas, bem-humorado, conta piadas sobre gaúchos que escutou contada por mineiros:

- Eles dizem que gaúcho toma chimarrão porque tem vergonha de pastar. Às vezes passam por aqui e perguntam: "E aí, o pasto moído está bom?" O Crespo já se enfiou em bate-bocas por ter respondido.

Crespo diz que, atualmente, as discussões com o pessoal do local são verbais, mas que no passado aconteceram muitas brigas. Segundo Cláudio, em Formosa-GO ainda há muita briga entre gaúchos e os nativos:

- Quase sempre a confusão é provocada por algum gaúcho que vem "fazer um verão", ou seja, dar um golpe¹⁴.

* * *

De todos os lugares por onde andou, Seu Neco diz que foi justamente em Buritis onde encontrou a convivência mais difícil entre os gaúchos e o pessoal do local.

- Meus filhos brigaram muito, principalmente nos bailes.

- Eles não aceitavam que a gente tirasse as moças para dançar. - emenda um dos filhos. - Agora, tudo bem.

* * *

Getúlio lembra que Buritis, há cerca de 10 anos, não tinha nem luz.

- Era um faroeste, moço. - soa engraçado como ele não usa o "tchê"¹⁵, usa moço, que é expressão local, mas com o sentido e a entonação da palavra "tchê" - Naqueles tempos tinha jagunço, morte em emboscada...

Segundo Getúlio, isto acabou em Buritis, mas ainda se ouve falar de jagunços e mortes em emboscada em Formosa-GO e ao norte de Goiás em direção ao Tocantins.

- Quanto mais ao norte, mais violência¹⁶.

* * *

Nicolas afirma, categórico, que não tem problema algum com os mineiros - sua irmã é uma das poucas gaúchas que casaram com homens da terra:

- Quem tem problema é quem quis impor as coisas, roncar grosso. Ainda tem muito gaúcho nó-cego aqui na região¹⁷. Quem aceitou se misturar, misturou.

* * *

Nereu, rapaz mineiro que toma chimarrão conosco, aproveita um momento de dispersão do grupo para comentar o que Nicolas havia dito:

- Os gaúchos não se misturam, não. Se tiver um churrasco, só aparecem gaúchos. Se tiver alguma comemoração no assentamento, eles dão um jeito e só aparecem gaúchos. Não tem briga, mas é cada um na sua. Nem sei direito como é que

¹⁴ No período em que estive em Buritis, vários gaúchos admitiram terem sido lesados recentemente por um golpista gaúcho.

¹⁵ Expressão regional usada no Rio Grande do Sul, característica do tipo gaúcho, e reconhecida como tal em todo o Brasil. A palavra "tchê" tem o significado de conceitos como ser vivente, amigo, compadre. Os nativos de Buritis se referem aos gaúchos como "os tchês".

¹⁶ Formosa-GO, limite com Buritis a oeste, sedia um CTG e possui uma comunidade gaúcha forte. Em Formoso-MG, município vizinho de Buritis a nordeste, há tantos gaúchos quanto Buritis, trabalhando em um projeto agrícola. Segundo Getúlio, a proporção de gaúchos em relação à população é maior em Formoso-MG que em Buritis.

¹⁷ Extremamente didática a definição de "nó-cego" em referência à personalidade dos gaúchos mais reticentes à convivência com os nativos.

acontece. Nos últimos tempos, até tem um pouco de integração, um precisa de outro no comércio ou na produção, mas no início a separação entre gaúchos e nativos era radical. Mesmo assim, desde o início, mineiro que fala mal de gaúcho é quem vendeu terra na Chapada, não é o pessoal do vão, que tem terra à beira do Urucuia¹⁸.

* * *

Dona Isaura concorda com Nereu:

- Se não houver motivo forte, gaúchos e mineiros não se visitam. As crianças se dão bem. Quando há uma festa em casa gaúcha, levo e busco minhas filhas. Quando a festa é numa casa mineira, vou junto, fico. O relacionamento é muito distante, mas acho que pode melhorar nas próximas gerações.

3.4. - A VOZ DA TOLERÂNCIA.

Depois de dias de adiamentos, enfim consigo conversar com o padre - sua agenda é bastante cheia. A conversa é tranquila, objetiva, sem rodeios ou evasivas. Padre Zé Vicente é articulado, simpático, dinâmico. Apesar de franzino, ganha enorme estatura quando fala. Ele transpira espiritualidade.

Para o padre, o novo causa estranheza:

- São novos hábitos, novos estilos, novas fisionomias. Seria um empobrecimento as pessoas deixarem de ser o que são. A diversidade é isto aí. E é bom. A igreja ajudou a quebrar o gelo. Ainda existe intolerância, mas já foi pior. O conflito só vai acabar quando houver a superação das particularidades, a união das culturas. Nosso trabalho vai nesta direção. O problema do CTG é que ele reduz a tradição ao passado, o culto ao passado. Não deve haver redução ao passado e sim a dinâmica da vida. Particularmente, não gosto da palavra síntese: prefiro a mesclagem de valores, o enriquecimento das tradições. Os adolescentes e as crianças deverão ser o resultado deste processo de mudança.

3.5. - DIFERENTES VISÕES SOBRE GESTÃO MUNICIPAL.

O prefeito Jary Taborda, irmão de Getúlio, me recebe já no segundo dia em que estou em Buritis¹⁹. Diz que nosso contato será breve, mas promete que almoçaremos juntos outro dia em sua casa e que me levará em um passeio de carro pela cidade para mostrar as obras de sua administração. Pedro Taborda é alto, gordo, de bochechas rosadas e olhos azuis. Um 'alemãozinho' que se esforça para falar com o sotaque local - e obtém relativo sucesso para ouvidos que vêm de fora.

Com gestos expansivos, ele afirma ter feito uma revolução em Buritis: asfalto, educação, saúde, arborização... "Existem casas novas, as pessoas estão acreditando, investindo". Mostra uma revista com suas realizações. Propaganda política. A idéia principal é que, na sua gestão, o progresso chegou à cidade.

O prefeito conta que, no início da gestão, dependeu do apoio material obtido junto à comunidade gaúcha, que emprestou máquinas e equipamentos, inclusive tratores... Só passado algum tempo a Prefeitura pode assumir suas obrigações.

¹⁸ Nome do rio que atravessa a cidade e mais outros municípios próximos.

¹⁹ Existem muitos gaúchos atuando com política na região. Além do prefeito em Buritis, pelo menos um vereador em Unai-MG, três vereadores em Formoso-MG, entre eles uma mulher, que é a presidente da Câmara. A presidência da Câmara em Formosa-GO também é controlada por um gaúcho.

Segundo ele, o apoio gaúcho aconteceu em regime de mutirão. Este episódio, confirmado em outros depoimentos, exemplifica um tipo de solidariedade do grupo com seus membros que é recorrente no decorrer da pesquisa em Buritis.

* * *

Dona Isaura considera a administração de Pedro Taborda ruim²⁰. Diz que o prefeito não fez nenhum metro de rede de esgoto. Reconhece que ele asfaltou ruas, mas optou por asfaltar aquelas onde ainda não havia rede de esgoto instalada - vai ter que cortar o asfalto depois quando chegar a hora de instalá-la. Segundo ela, o prefeito vai ter problemas administrativos por ser mal assessorado - ela ameniza a situação admitindo que este aspecto melhorou com a escolha de um novo secretário de governo, ex-presidente da Associação Comercial. E completa:

- O prefeito asfaltou a própria rua sem motivo!²¹

* * *

Analizando o processo de mudança em Buritis e sua experiência como mediador do conflito dos sem-terra²², o padre revela uma opinião não-dogmática e não-ortodoxa sobre o prefeito:

- O prefeito Taborda é de um partido retrógrado, o PFL, mas é um sujeito sério e que tem uma prática compatível com nossas necessidades. Já o PT, apesar de ser um partido progressista dentro do contexto nacional, com uma preocupação social, apresentou candidatos sobre os quais nem quero comentar. Aqui não importam muito as siglas partidárias: as pessoas acabam tendo maior importância.

* * *

Dona Isaura reconhece que Pedro Taborda é correto. Ela diz que a educação e a saúde estão melhores:

- Tem mais gente na sala de aula, especialmente no 2º Grau, o transporte escolar tem funcionado. A saúde melhorou, tem mais médicos, tem remédios, ele leva a sério. Tem posto móvel, agora, o pessoal diz que está funcionando direitinho. Tem assistência dentária, ok, e tem ambulância.

Segundo Isaura, um dos problemas da administração é justamente a falta de conhecimento sobre o povo:

²⁰ O depoimento de Dona Isaura é incoerente. Adiante, ela vai fazer uma avaliação positiva de aspectos importantes da administração do prefeito Taborda.

²¹ Alguns dias depois, num almoço em sua casa com a mulher e as filhas, com ingenuidade e franqueza inesperada num político, deu-me a seguinte declaração, que reproduzo neste momento para dar sequência ao raciocínio: "Me incomoda barbaridade, ponho dinheiro do meu bolso, perdi a tranquilidade com a família. Mas deu para fazer um asfaltinho aqui em frente de casa.

²² Durante esta conversa, havia uma invasão de terras no município, na Fazenda Barriguda, com área de 6.000 hectares. Aproximadamente 1.000 sem-terras. O padre mediava o conflito, garantindo alimentação para os invasores. Ele garante que a fazenda é improdutiva: "*É tudo Cerrado, com exceção de uns 300 hectares. Os fazendeiros, inclusive o prefeito, estão bravos e decepcionados comigo por causa do meu apoio a esta gente. Mas é gente pobre, necessitada de tudo. Lá tem vadio, também, mas a maioria é gente trabalhadora, não podemos virar-lhes as costas, muito menos deixar que a violência se instale na região. Temos que buscar uma solução legal e justa.*"

- A merenda escolar, por exemplo. Tem funcionado. Quando falta merenda, não é culpa do prefeito, que até tentou implantar um programa próprio com alimentos plantados na região, mas não deu certo. O pessoal não é acostumado a comer verduras, muito menos canjica, ou fubá (de milho.) Dizem que angü é comida de cachorro²³. Acho a idéia boa, mas tem que ir devagar.

Segundo Isaura, o meio rural reclama maior presença do prefeito, estava acostumado com esta proximidade:

- O pessoal dá muita importância para isto, cobra, sente a ausência. O prefeito é distante.

* * *

Nereu salienta que o prefeito, Pedro Taborda, é um homem bom e está fazendo muitas coisas pelo município. Mas não foi eleito por ser gaúcho:

- O povo já estava cheio dos outros políticos e não queria mais saber deles, queria mudar. Qualquer um ganhava deles. E ele teve o apoio do padre, que foi fundamental para sua vitória.

* * *

O padre afirma que nunca pediu votos para o prefeito. Para ele, Taborda foi o grande beneficiário de um trabalho desenvolvido pela Igreja para o estabelecimento de novos critérios morais e administrativos na Prefeitura. Foram instituídos conselhos comunitários e, nestes, segundo o padre, a população passou a ser orientada sobre direitos da cidadania e o valor do voto:

- Houve uma reviravolta nos hábitos eleitorais. As comunidades acabaram com os comícios nos bairros e os substituíram por reuniões com os candidatos, nas quais eles foram sabatinados como numa inquisição. Estas reuniões seguiram um cronograma que envolveu toda a cidade. Numa destas comunidades em que a maioria das pessoas era analfabeta, usou-se um gravador para registrar todos os compromissos assumidos. Houve apenas um comício por candidato na cidade e os gastos eleitorais diminuíram bastante.

O padre Zé Vicente considera que a vinda dos gaúchos para Buritis foi benéfica para o município:

- Os gaúchos foram fundamentais no processo de mudança, por terem se inserido na comunidade, terem participado de forma maciça e por terem cedido a pessoa que liderou o processo.

3.6. - GÁUCHOS NÃO QUEREM VOLTAR.

Nas conversas, há uma constante: todos sentem muita saudade do Rio Grande do Sul, pensam em passar temporadas longas no Sul, talvez um ano, visitantes lugares e familiares ou amigos, mas nunca em voltar. Os gaúchos vislumbram seu futuro onde estão ou em outro lugar para onde ainda irão um dia, mas nem cogitam em voltar para o Rio Grande do Sul.

As exceções são os dentistas Rafael e Marina, os únicos gaúchos com os quais conversei em Buritis que decidiram voltar de onde saíram, Espumoso. É um casal

²³ Nota-se que houve a tentativa fracassada de uma quebra de tabus alimentares.

jovem, com filhos pequenos. O dentista explica as razões pelas quais resolveu ir embora de Buritis e voltar para sua terra natal:

- As diferenças culturais são muito grandes, principalmente em relação à questão familiar. Em Espumoso, eu contava nos dedos os casais separados. Aqui é normal, muita promiscuidade, tolerância. O pessoal casa e separa com facilidade, a infidelidade é corriqueira, todo mundo acha normal. Acho que a criação dos pais influi até um ponto, depois a criança é produto do meio. Não quero que meus filhos se acostumem com este jeito de ser.

Além das diferenças culturais, a questão profissional também é muito importante na decisão de Rafael:

- Hoje mesmo tive que arrancar os dentes de um cliente, porque ele quer pôr dentadura. Ponderei, expliquei que dava para arrumar, era de graça, ele não quis saber. 'Arranca aí doutor!' É muita ignorância, muita frustração. O Brasil tem a terceira melhor odontologia do mundo, mas aqui isto não vale nada. Outro dia, uma menina perdeu os dois dentes da frente. Hoje existe a possibilidade de implantá-los de volta. O tratamento é de graça, era uma tentativa de implante, quer dizer, poderia não dar certo, demoraram para trazê-la. Mas se caísse, era para voltar, veríamos o que dava para fazer. Expliquei tudo direitinho para a mãe. Dois dias depois, eu estava atendendo uma pessoa, o consultório cheio, e a mãe da menina se debruçou na janela e me xingou porque os ferros que seguravam os dentes tinham caído, onde já se viu, tinha durado só dois dias. Para quem estava na sala de espera, a impressão é que eu tinha cobrado um serviço dela e dois dias depois desandou. Eu não consigo me isolar dos outros, como o Getúlio, que pode até morar em Brasília e administrar a fazenda de lá. Eu tenho que morar aqui e conviver com estas pessoas diariamente. Enchi o saco!

3.7. - A VERSÃO GAÚCHA DOS TEMPOS PIONEIROS.

O prefeito Pedro Taborda veio de Itaqui, mas é natural de Santo Ângelo. Faz 12 anos que está em Buritis, foi dos primeiros gaúchos a comprar terras na região. Conta que, na época, era mais barato comprar terra em Buritis do que arrendar a mesma quantidade de terra no Rio Grande do Sul. Ele comprou 600 hectares. Hoje, com os filhos, tem um total de 1.718 hectares, três vezes mais.

* * *

Getúlio conta que veio com toda a família. Partiu de Santo Ângelo numa madrugada de geada, quatro filhos pequenos dentro do carro. Seus quatro irmãos - entre eles o prefeito Pedro, seus pais e os pais de Chica também moram em Buritis. A avó de Getúlio morreu aqui e está enterrada no cemitério local - participei da missa de finados com a família. Primos, tios e outros familiares juntaram-se a eles. Getúlio é engenheiro, Fátima largou tudo para cuidar dos filhos - três meninas e um menino.

A avó, enterrada no cemitério de Buritis, era ucraniana. Faz parte dos encontros familiares dos Taborda lembrar que a matriarca, fugitiva da 1ª Guerra, atravessou o Atlântico com dois filhos pequenos no porão de um navio. Às vésperas da chegada, uma das crianças morreu. Getúlio se emociona quando conta que a avó manteve o filho no colo por mais de um dia, para poder enterrá-lo em terra firme ao invés de jogá-lo ao mar.

A família fixou-se no Rio Grande do Sul, mas viveu um tempo na Argentina. A avó perdeu outros filhos de forma trágica, mantendo, contudo, a serenidade.

A Chica é italiana e valoriza suas origens. Getúlio, aparentemente, não dá a mesma importância para sua origem ucraniana - ele prefere dizer que tem origem européia.

Getúlio e o irmão prefeito Pedro são tradicionalistas gaúchos desde antes de mudarem-se para Buritis - eram assíduos frequentadores de CTGs no Rio Grande do Sul. Também são devotos, há mais de 20 anos, de Nossa Senhora de Schöenstatt, que Getúlio chama de Mãe Rainha²⁴. Ele já foi presidente do movimento desta santa em Santo Ângelo, onde liderou romarias de fiéis, montado a cavalo e vestido à gaúcha.

O pai de Chica tem cerca de 60 anos, mas aparenta menos. Ele conta que, quando chegaram, 1 hectare no Rio Grande do Sul comprava 15 hectares em Buritis. Como precisava o valor de mais 1 hectare para acertar a terra, a relação era de 1x7,5. Hoje, no Rio Grande, 1 hectare vale 300 sacos de soja. Em Buritis, vale 80/100 sacos (terra boa, pronta para plantar, já corrigida), embora ninguém pague isso (a regra vale também no RS, com 150 sacos leva-se 1 hectare.) Ou seja: 1 hectare no Rio Grande do Sul equivale a 3 hectares em Buritis. A relação caiu de 1x7,5 para 1x3:

Loreno lembra que, no início, os nativos mineiros vendiam as terras nas chapadas quase de graça, como se fosse uma gozação, menosprezavam os gaúchos, não acreditavam que dava para produzir alguma coisa naquelas terras - as chapadas são elevações cobertas pela mata do Cerrado. A região, geograficamente, é marcada pelas chapadas e pelos vãos. Buritis fica no Vale do Rio Urucua - uma parte do centro da cidade debruça-se sobre suas margens. As chapadas são os territórios dos gaúchos, onde ficam suas plantações de soja. Além das terras nas chapadas, os mineiros também venderam as melhores casas da cidade para os gaúchos - Chica conta que a dela foi comprada do dono do cartório.

O pai da Chica conta que, no início, "os mineiros vendiam as terras e nos gozavam, diziam que íamos morrer de fome". Segundo a mãe de Chica, os mineiros alegam não saber lidar com o banco e dizem que não têm dinheiro para investir na terra²⁵.

Seu Carlos, para comprovar a relação de valor no início da colonização, lembra que, com o dinheiro da venda de 180 hectares em Santo Ângelo, comprou 1.600 hectares em Buritis.

²⁴ Esta santa é motivo de discórdia entre gaúchos e mineiros em Buritis. O conflito será descrito adiante.

²⁵ Entre as novas tecnologias que os gaúchos levam para a fronteira agrícola estão novas técnicas de administração, aplicadas à propriedade rural.

3.8. - AUTO-IMAGEM DO GAÚCHO-COLONO.

Getúlio enfoca muito sua conversa na produção rural. Para ele, os sulistas estão garantindo as sucessivas safras agrícolas brasileiras...

- O Governo Federal explora isto, explora o sangue, a raça, a tenacidade do gaúcho²⁶. O gaúcho não pode sentir cheiro de terra molhada²⁷ que tem que plantar, enfrenta todas as dificuldades e não desiste.

Seu Carlos, com a memória alerta apesar dos 80 anos, conta como foi a passagem da atividade pastoril para a agricultura:

- Comecei como tropeiro, no início dos anos 40, levando mula para Sorocaba-SP. Esta vida na sela foi tão marcante que, quando passei a lidar com agricultura, subia nos tratores com as esporas, esquecia de tirá-las²⁸ (...)

Ao contrário de outros informantes, seu Carlos mantém-se otimista em relação à agricultura:

- A situação está ruim para todos, juros muito altos, dívidas, frustração das safras. Mas, se este ano tiver uma boa chuva, talvez possamos nos safar.

Getúlio sempre que pode exalta as qualidades do gaúcho e sua importância para a agricultura brasileira:

- O gaúcho, no contexto nacional, é que nem o boi, que não sabe a força que tem. Se ele soubesse, virava a carroça ou parava de carregá-la nas costas. O gaúcho está carregando a agricultura brasileira! Prestem atenção: nós usamos bombachas, mas não somos trouxas.

3.9. - A REDE GAÚCHA: O USO POLÍTICO DO ÉTNICO.

Getúlio admite que há maior credibilidade - não facilidade - dos gaúchos em relação a empréstimos nos bancos:

- Pela competência, conhecimento da terra e capacidade de trabalho já comprovada. Onde tem gaúcho, a coisa dá certo.

Há vários projetos agrícolas na região²⁹. Getúlio lembra de uma nova localidade em formação na zona rural de Buritis, uma espécie de bairro gaúcho, batizado de

²⁶ Aqui notam-se duas recorrências importantes do discurso gaúcho. A idéia que os gaúchos, ou sulistas, sustentam a produção agrícola e garantem progresso regional. E o auto-elogio da raça e do sangue para valorizar as boas qualidades.

²⁷ Durante a mudança de atividade econômica da pecuária para a agricultura o gaúcho manteve intacto um forte sentimento de telurismo. A terra parece ser a maior de todas as motivações.

²⁸ Este depoimento é ilustrativo da transição entre o gaúcho cavaleiro e o gaúcho agricultor.

²⁹ Números da agricultura em Buritis: 2 a 2,5 milhões de sacos de soja, mais ou menos 500 mil sacos de milho. Mais ou menos 580 mil hectares de lavoura, entre 30 e 40% são propriedades de sulistas, 90% dos quais com cultivo de grãos. Durante as conversas, não houve a preocupação em determinar nomes de projetos agrícolas, sua situação legal ou número de participantes. Estas citações aparecem na medida em que foram reveladas nas conversas. São percebidas pelo pesquisador com auxiliares para contextualizar os

"Unidos do Sul", com cerca de 50 pessoas. Eles participam de um projeto agrícola no município. Este projeto, apesar de ser em área pertencente a Buritis, tem a participação de fazendeiros gaúchos que moram em outras cidades vizinhas, como Formosa, Unai e até Brasília.

* * *

A família Taborda é ilustrativa sobre o significado e o funcionamento das redes familiares que baseiam a rede étnico-regional gaúcha. Eles mantêm ligações com Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, e têm uma rede de relações que envolve toda a região.

A rede de relações funciona mais ou menos assim: um aparentado de Chica trabalha numa agência do Banco do Brasil em outro estado. Quando Getúlio precisa de alguma informação sobre a política do banco para determinado assunto ou um favor na agência de Buritis, fala com o parente.

Ou assim: Getúlio é membro da associação dos produtores rurais, está envolvido com as políticas para o setor agrícola, viaja constantemente a Brasília para compra de materiais diversos para as fazendas ou contatos políticos e empresariais. É capaz de, por telefone, contatar produtores rurais em toda a região, mesmo em estados vizinhos, para troca de informações ou articulação de ações setoriais. Este contato é reforçado pelo fato de muitos produtores fazerem parte do movimento tradicionalista gaúcho, e ele conhece todos os envolvidos no mundo tradicionalista, é um dos "patrões". Getúlio sintetiza a ligação existente entre o tradicionalismo gaúcho e os produtores rurais, uma rede gaúcha que reúne preferencialmente gaúchos ricos, mas que se estende para a totalidade dos membros do grupo étnico.

* * *

As dimensões familiares, de procedência, étnicas, políticas e empresariais se interligam nos relacionamentos. Getúlio conta que, há poucos dias (*setembro/95*), o Governo Federal havia anunciado uma esperada verba para a agricultura, embutida na securitização da dívida rural - o assunto era tratado pela imprensa como uma conquista da bancada rural no Congresso por conta de acordos sobre reforma da Previdência e fim da estabilidade dos servidores.

Os técnicos da agência local do Banco do Brasil exigiram que os produtores agrícolas quitassem parte do débito anterior para se candidatar ao dinheiro. Getúlio ligou para o parente funcionário do banco que, por sua vez, entrou em contato com a Superintendência, em Brasília, para conferir se aquilo estava certo. Getúlio também falou com ruralistas em diferentes estados para saber se a mesma coisa estava acontecendo nas agências em suas cidades. Dias depois, a atitude da agência local mudou e os contratos foram assinados. A rede gaúcha acionou, com sucesso neste caso, um eficiente lobby de pressão.

3.10. QUESTÕES SOBRE A MORAL E OS COSTUMES.

Durante um jantar em família, Getúlio discorre sobre moral e família - a forma dos gaúchos se comportarem parece ser um divisor de águas nos costumes da cidade:

personagens da pesquisa, seus relacionamentos e ligações com gaúchos em outras localidades na mesma situação e determinar o funcionamento da rede regional gaúcha.

- O prefeito anterior engravidava moças de 14 anos e as mães achavam bom porque o bebê ia ser filho do Coronel. Dizem que ele tem muitos filhos espalhados aí pelo sertão. A prostituição infantil era diurna. As mulheres gaúchas se escandalizaram. Quando o Pedro (o irmão) assumiu a Prefeitura, só o carro do gabinete funcionava, ainda assim com cheiro de "china"³⁰ e os bancos furados por queimaduras de cigarro. Emprestei um caminhão caçamba por 60 dias para a Prefeitura fazer a limpeza das ruas.

Ele continua:

- O pessoal da cidade achava muito estranho que, no CTG, os gaúchos levassem as esposas. O comum é levar as amantes no baile; a mulher fica em casa. Mais estranho achavam quando membros da diretoria do CTG eram punidos por falta de decoro³¹. Temos um grande cuidado para mantermos uma conduta impecável e não nos envolvermos em escândalos, pois somos muito visados. Se um gaúcho pisa na bola vira assunto por meses, vira argumento para pichação³². Esta nossa postura fez com que o CTG, apesar de não ser o clube mais chique da cidade, se tornasse conhecido como o local preferido da comunidade para realização de festas de aniversários e casamentos. O CTG é um espaço de respeito. Só pelo fato de estar lá dentro o pessoal já baixa a bola. Mesmo em caso de aluguel do espaço, quando cedemos o controle do local, eles bebem menos, fazem menos sacanagem em público e não puxam fumo lá dentro.

* * *

Uma das bases da campanha de Pedro Taborda, de acordo com Dona Isaura, foi a moral do administrador. Ela diz que, por causa disto, ele recebeu apoio total do padre, além de dinheiro dos produtores e do pessoal rico local. Segundo ela, os gaúchos tiveram o apoio das classes abastadas³³:

- Mas não mudou em nada a prostituição. Só a moralidade da pessoa do prefeito.

Ela defende o ex-prefeito, mesmo ressalvando que não concorda com as safadezas dele:

- Ele assumiu todos os seus filhos. No convite de casamento de um destes filhos ilegítimos, ele aparecia como pai.

Dona Isaura simpatiza com o ex-prefeito:

- É uma pessoa alegre, onde ele chega é sempre uma festa, as mães das meninas que ele anda gostam dele. Temos que ter compreensão.

* * *

O padre destaca a aliança dos gaúchos com a igreja no processo de moralização da administração pública:

³⁰ "China" ou "chinoca", no vocabulário gaúcho, é a amante, mulher da vida.

³¹ Houve o caso de um patrão do CTG que foi suspenso por conduta imprópria - abusou da bebida durante uma comemoração festiva.

³² Esta parece ser uma preocupação constante entre os gaúchos, pois prejudica a imagem de todos eles. Presenciei a mesma preocupação na Bolívia - ver próximo capítulo.

³³ Para ela, isto se reflete, também, em favorecimento para os gaúchos em financiamentos no Banco do Brasil.

- O prefeito Pedro já tinha concorrido uma vez e tinha perdido por ser um forasteiro. Ele tem sido um bem para o município, apesar da confusão político-partidária e da falência da administração pública. Sabe-se que o uso dos recursos públicos é bem feito. Ele respeita nossas decisões em relação à praça onde se realiza a Festa de Nossa Senhora da Pena. Antes, a festa era usada para fins político-eleitorais; quem reclama está insatisfeito porque isto mudou³⁴. Desde que cheguei aqui - ele é mineiro do sul de Minas - toda a região do 'Grande Sertão Veredas' era dominada por uma ou duas famílias. Havia um ditado popular que dizia: 'Pra ganhar eleição é preciso cachaça e um rancho para fazer uma festa'. Isto é uma distorção, o uso político da festa. Comecei um trabalho para que houvesse uma mudança na forma de fazer política, novos critérios para eleger os políticos, que levassem em conta a vida pessoal e familiar, a sua moral, o respeito à família, o sucesso na administração do lar. Nesta época, as mães tinham orgulho de ver suas filhas namorando o prefeito. Parecia que quanto mais mulheres ele tivesse, melhor.

* * *

O goiano Amaral Guerra é um frequentador assíduo do CTG:

- Lá encontrei alto padrão moral, respeito, gostei do ambiente. Dá para levar a família. Nunca botei aquela roupa de gaúcho, nem me pediram que o fizesse, mas meu filho tem a roupa completa, ele participa do grupo de dança.

3.11. - GAÚCHOS COMO AGENTES DO PROGRESSO.

Dona Arminda é proprietária do restaurante com o melhor aspecto na cidade. Está sempre com a casa cheia no horário do almoço. O estabelecimento é um observatório privilegiado do movimento das gentes. Dona Arminda, a proprietária, é uma senhora simpática do sul de Minas que manifesta apoio aos gaúchos e com a qual passei a conversar pelo menos uma vez por dia:

- Só tenho a falar bem deles. São bem-humorados, alegres, estão sempre no meu restaurante. Sei que fazem negócios e pagam direito, tudo certo. São gente boa.

A opinião dela é interessada. Sua filha casou com um dos gaúchos que se instalaram em Buritis³⁵.

- Os gaúchos trouxeram muita coisa boa para a região, desenvolveram muito, principalmente na Chapada: tudo que tem lá foram os gaúchos que plantaram.

* * *

Em Buritis, os mercados com melhor abastecimento são de gaúchos - foi com eles que chegou a Buritis a visão empreendedora e planificada de comércio capitalista - essa é uma das razões dos gaúchos terem sua imagem associada à idéia de progresso. Há menos de uma década, o atendimento era ainda feito no balcão. O sistema *self service*, com pagamento em caixas instalados na saída, foi implantado após a chegada dos gaúchos, que abriram supermercados e trouxeram a novidade. Por causa de seu conhecimento, os gaúchos têm grande influência no fluxo das atividades econômicas da cidade. Esta influência reflete-se na Associação Comercial - nos últimos anos, os presidentes da entidade foram todos gaúchos.

³⁴ O conflito religioso entre gaúchos e mineiros será abordado adiante.

³⁵ Cláudio, um dos personagens da "Turma do Banco do Brasil".

* * *

Como Getúlio, o pai da Chica fala muito da frustração da safra, da ausência de uma política agrícola e financiamentos bancários, como, aliás, quase todos os gaúchos que encontrei em Buritis. Mas não tem a obsessão do genro pelo assunto. Ele prefere fazer a exaltação do gaúcho:

- São os gaúchos que estão garantindo a safra, têm o espírito de aventura e de empreendedor do europeu, que veio desde a Europa até o Rio Grande. Aventurar-se pelo interior do Paraná, Mato Grosso ou Pará, para as novas gerações, foi como uma continuação da epopéia dos pais, avós, bisavós... Esta vontade está no sangue; nem penso em voltar. Ao contrário, penso em outros lugares, até já me convidaram para ir em frente.

Aos 60 anos, ele ainda pensa se é hora de parar ou se deve ir em frente.

* * *

O supermercadista Rubens conta que os gaúchos mudaram o comércio em Buritis:

- O gaúcho é "futricador". Aos poucos, fomos melhorando o abastecimento da cidade, com produtos melhores e com preços mais baixos. O povo percebeu isto e passou a exigir mais dos outros. Também aconteceram mudanças de hábitos. Antes, eu só vendia vinho doce. Hoje também vendo vinho seco.

* * *

Os gaúchos que conheci não admitem a hipótese de os filhos terem má formação escolar - isto não está incluído no sacrifício imposto pela migração. Dão grande importância e sentem-se responsáveis pela iniciativa de fundar a primeira escola particular no município, com apoio da Igreja. E agora tentam implantar uma escola particular de 2º grau, também com apoio do padre. Eles dizem que a escola pública é ruim, buscam uma opção melhor de ensino para os filhos.

Assim com Dona Isaura, a professora Miriam reconhece que a educação no município melhorou na atual administração:

- O que se ouve falar é que, apesar do salário dos professores ser baixo, nunca a educação foi tão bem tratada. E a saúde também.

3.12. - A SANTA DOS GAÚCHOS E A FESTA DA PADROEIRA.

Há um conflito religioso entre gaúchos e mineiros em Buritis que se manifesta em diferentes dimensões e reflete formas diversas de religiosidade.

Os gaúchos, na esmagadora maioria descendentes de europeus, chegaram em Buritis com uma santa, Nossa Senhora de Schöenstatt, nome difícil até de pronunciar para a população local.

Os gaúchos têm o costume de passar a santa de casa em casa, dentro de uma capelinha, atitude usual para os católicos sulistas, mas completamente estranha para a população local, acostumada com celebrações festivas. Houve uma rejeição total à santa; os nativos não a recebiam em casa.

Aos poucos, porém, e com ajuda do padre, a santa passou a ser recebida por todos os fiéis. Segundo Chica, existem 116 capelinhas com a santa e cada uma

alcança 30 casas. Ou seja: um total de 3.480 famílias, mais ou menos 17 mil habitantes da cidade, já esteve "em contato" com a santa - 70% da população³⁶.

* * *

O padre fala sobre a desconfiança em relação à Santa dos Gaúchos. Mas diz que o episódio já foi superado:

- Aqui nesta região há uma fusão entre jeitos de ser da Bahia, de Goiás e de Minas Gerais. Aqui não há uma mineiridade. Mas, na religião, eles são mineiros. E os mineiros estão acostumados com muita folia, com o canto arrastado, tipo blues, da Catira³⁷, com as características do sotaque do Cerrado. Foi difícil aceitar a santa dos gaúchos. O estilo de transmissão da fé é bem diferente. Podemos dizer que a religiosidade dos mineiros se manifesta com folia. Já os gaúchos são mais frios. Os gaúchos não levantavam os braços durante a execução da missa. Hoje isto mudou um pouco. Os gaúchos têm um estilo de vida mais apático em relação a estímulos externos³⁸. A Rainha Mãe é chamada de Santa dos Gaúchos porque foram eles que trouxeram para cá esta experiência de peregrinação da imagem. A nova simbologia da transmissão da fé acompanhou a simbologia da santa. Mas, hoje, 2.100 casas recebem a capelinha da santa mensalmente em Buritis.

* * *

Dona Isaura recebe a Rainha Mãe e confirma que, hoje, a maioria das casas de Buritis a recebem. Mas reclama da atitude do padre e do prefeito em relação à Festa de Nossa Senhora da Pena, padroeira da cidade:

- Na festa da cidade não tem mais a Catira (música local), só música gaúcha. O meio rural considera que a festa de setembro acabou, dizem que os gaúchos vão acabar com a festa. Mudou tudo. Danças não são mais executadas, não tem mais ranchões. Houve um movimento para derrubarem as construções. A atual administração derrubou o "ranchão do padre" (barracão da igreja) onde eram realizados os bailes.

Dona Isaura acha que foi de propósito, que os gaúchos menosprezaram as tradições locais e impuseram a sua visão das coisas:

* * *

A professora Miriam também reclama que o prefeito e o padre estão acabando com a Festa de Nossa Senhora da Pena. Ela conta que o prefeito mandou construir

³⁶ Estes números são parcialmente confirmados pelo padre - baixam para 2.100 famílias.

³⁷ Tanto a Chica como o padre fizeram menção à beleza da Catira, dança rural executada em fileiras opostas e cantada, cujo nome indica origem indígena, mas cuja coreografia se mostra influenciada pelos ritmos africanos. Chica contou que uma vez deixou a casa sozinha, com os filhos pequenos, para escutá-la. Foi nesta religiosidade musical dos nativos que os gaúchos esbarraram ao começar a passar a capelinha da santa de casa em casa.

³⁸ Os gaúchos não se acostumaram com o "show" do padre na Missa - celebrada em estilo carismático, quase evangélico. Segundo a Chica, "o padre é ótimo, um homem muito sério, trabalhador, com muita fé. Só não gostamos da forma como ele conduz a missa, parece coisa de evangélicos, as pessoas gritando no meio da cerimônia, dançando, de mãos dadas. Eu gosto de igreja silenciosa, só assim consigo me concentrar, rezar direito".

uma quadra de esportes na praça onde se reúnem os romeiros de toda a região e onde são armadas as barracas da festa.

- É uma festa centenária, realizada embaixo de um jatobá bicentenário. O pessoal daqui está brabo com o prefeito e tem medo que a festa acabe³⁹. Até a santa (a imagem / estátua) sumiu na confusão⁴⁰.

* * *

O padre não concorda com a professora Miriam e com Dona Isaura sobre o fim da Festa de Nossa Senhora da Pena. Pelo contrário, acha que a festa está melhorando. Ele conta que antes da administração de Pedro Taborda, a locação de barracos era feita pela prefeitura. O padre Zé Vicente cobrou que a festa era da igreja e ela devia controlar o espaço:

- O terreno é da igreja e o aluguel deve ser nosso, não da Prefeitura. Antes tinha barraca de prostituição na Festa da Padroeira. Nós queremos recuperar o caráter religioso da festa, dar espaço às associações comunitárias, creches, APAE, etc. Hoje a festa acontece em função da comunidade, não de interesses políticos. Acabaram-se as negociatas nas quais o prefeito cedia o terreno da igreja para a montagem de barracas em troca de favores. A festa, hoje, voltou a ser religiosa. O dinheiro vai para asilos, atividades assistenciais e gastos da paróquia.

3.13. - CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA DIFERENÇA.

Alice diz que o gaúcho que está no Rio Grande do Sul é "bairrista", não troca cultura, é muito fechado:

- Fora do círculo familiar, quem vai embora é esquecido por quem fica, que continua sua vidinha, nem se interessa em saber onde a pessoa está, se está bem.

* * *

A mãe da Chica comenta que os mineiros não conheciam o pão caseiro, chamado aqui de "pão gaúcho". Eles só comiam "*biscoitio*". Ela diz que ainda hoje se surpreende com a diferença de sotaques, não compreende o significado de muitas palavras:

- No Rio Grande, eu achava o CTG "cafona". Mas, aqui, é o único lugar em que a gente pode encontrar nosso pessoal, cultivar nossas raízes, encontrar gente que fala nossa língua⁴¹.

³⁹ Fui fotografar a praça de esportes. A quadra fica mesmo perto do jatobá e novas construções serão feitas. Realmente vai ocupar o espaço da praça (pelo menos a metade) e descaracterizou-a. Entrevistei um morador local que, coincidentemente, é o vigia da praça: "*O prefeito não devia ter feito isso. Se fosse eu que decidisse, não mandava fazer não, tá errado, não precisava ser aqui*". Mas sua opinião sobre o prefeito é favorável: "*Prefeito que nem ele não teve outro não. Me deu emprego, os outros nunca deram. Bom pagador, sempre paga em dia. É um bom homem*".

⁴⁰ Miriam me induziu a pensar que a imagem havia sumido durante a gestão de Pedro Taborda na Prefeitura, mas, em conversa posterior com o padre, descobri que a santa foi roubada na igreja há mais de três anos, na gestão do prefeito anterior.

⁴¹ Eles me mostram, animados, jornais do interior do Rio Grande do Sul que recebem em Buritis na condição de assinantes.

* * *

Rubens acredita que o CTG é o espaço de troca de informações e integração dos gaúchos. De boca em boca, os gaúchos descobrem o território, vão conhecendo os caminhos e possibilidades da terra. Ali são feitas transações comerciais, descobrem-se bons negócios de terras, são estabelecidas novas alianças.

* * *

Nicolas lembra que, na virada da década (1989/90), havia mais mineiros sócios do CTG do que gaúchos, mais ou menos 70 sócios mineiros e 40 gaúchos. Atualmente, o número de mineiros no CTG diminuiu bastante.

- A organização da Federação do Planalto Central, inventada pelo Getúlio, impôs condições. Os mineiros, antes, não precisavam colocar a pilcha, até os diretores gaúchos iam sem pilcha. Isto passou a ser exigido em algumas ocasiões e afastou os mineiros. É uma bobagem. Eu não tenho pilcha, na minha região não se usa bombacha⁴². Meu pai sempre dizia que bombacha é coisa de preto.

* * *

A cor da pele é um diacrítico - o estereótipo dos gaúchos é o homem branco. Um dia, enquanto me fazia companhia durante o almoço, Dona Arminda conta que tem dois netos "gauchinhos", bem loirinhos, iguais ao pai. Como a maioria das pessoas que vejo nas ruas tem pele escura, os gaúchos parecem ser os brancos do lugar. Dona Arminda também pensa assim:

- Não imaginava que você, com esta cor morena, fosse gaúcho.

* * *

Chica confirma que ela e suas filhas são notadas como gaúchas por causa da cor. Na escola, seus filhos são chamados pelos colegas nativos de "bichos da goiaba".

3.14. - ECOS DE GUIMARÃES ROSA.

O presidente da Associação dos Produtores Rurais e ex-prefeito Délio Prado Lopes é avô de dois gauchinhos. Seus dois filhos casaram com gaúchas - são os dois únicos casos de homens mineiros casados com mulheres gaúchas que descobrimos em Buritis durante a realização da pesquisa. Uma de suas noras é irmã de Nicolas⁴³.

- A adaptação é total. Tenho duas noras gaúchas, que me deram dois netos, e adoro a festa dos gaúchos no CTG. Viajo com eles para ir nos rodeios, acho tudo muito bom, muito bonito. 'Bão demais!'

Além de gostar dos gaúchos, Délio acredita que sua vinda foi benéfica para Buritis:

- O jeito franco dos gaúchos chocou no princípio. O gaúcho diz não, o pessoal daqui estava acostumado com outro jeito. Porém, não há dúvida de que eles trouxeram progresso e desenvolvimento para nossa cidade.

⁴² Ibiúna fica em área de colonização alemã.

⁴³ Da turma do Banco do Brasil.

No romance *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, um personagem chamado Coronel Lopes é fazendeiro no Vale do Urucuia, onde fica a atual Buritis. Nos anos 90, o fazendeiro Délio Lopes é o presidente da associação dos donos da terra e um de seus netos carrega agora um nome com sotaque diferente, um acento alemão de Ibirubá, mas que remonta a terras muito distantes. Um nome que viajou mais de um século num deslocamento desde a Europa, com escala no pampa gaúcho, até instalar-se entre as veredas e buritis do Cerrado.

Este novo sertanejo martela um 'Prosit!' e arrasta o 'tchê' na pronúncia. Krause⁴⁴ Lopes. Será interessante voltar a Buritis para observar o relacionamento entre as novas gerações de gaúchos e sertanejos, e, especialmente, como os Krause Lopes vão lidar com a complexa diversidade de sua herança cultural.

⁴⁴ Relembramos que com algumas exceções relacionadas no início do capítulo, todos os nomes são fictícios.

CAPÍTULO 4

TRÊS ESPAÇOS LOCAIS DA REDE GAÚCHA

Diversidade regional, pioneirismo, expansão transnacional e urbanidade.

Neste capítulo, foram reunidas as narrativas obtidas pelo pesquisador em três viagens realizadas depois do trabalho de campo em Buritis¹. As três localidades podem ser classificadas como espaços regionais de identidade gaúcha dentro do que classificamos como rede étnico-regional gaúcha.

Apesar de diferentes dimensões do contraste cultural, os três casos abordados têm em comum a circunstância de, em níveis mais ou menos críticos, apresentarem situações de *'diversidade cultural-regional'*.

Vila dos Gaúchos, distante 240 km de Buritis, é um vilarejo rural sem acessos asfaltados, fundado há duas décadas por 30 famílias gaúchas pioneiras, que desbravaram e colonizaram o local. Nesta localidade, foi possível observar o desenvolvimento de uma povoação com *'caráter pioneiro'*: é um caso no qual a migração gaúcha foi responsável pelo marco zero da cidade. Hoje município emancipado, com um prefeito gaúcho eleito, começa a conhecer situações de conflito com populações locais que foram atraídas para a localidade em busca de trabalho.

Santa Cruz de la Sierra, segunda maior cidade da Bolívia, capital do Departamento (estado) de mesmo nome, acolhe em torno de 300 famílias de brasileiros, em grande parte fazendeiros de soja com origens familiares no Rio Grande do Sul. Ali, foi possível observar o comportamento dos gaúchos quando encontram-se na situação de estrangeiros, vivenciada pela dimensão *'transnacional'* da diáspora: a identidade gaúcha é acionada como forma de atingir a condição de "ser brasileiro".

A terceira é Salvador, capital do estado da Bahia, uma das mais importantes cidades do Brasil. Ali, um número pequeno de migrantes gaúchos - insignificante em relação à população - composto por técnicos que foram implantar o Pólo Petroquímico, fundaram há 30 anos o Clube Gaúcho da Bahia. Em Salvador, os gaúchos vivem uma condição de grande contraste cultural, principalmente a partir da visibilidade proporcionada pela atividade do Clube Gaúcho da Bahia, numa situação completamente diversa das duas anteriores, ou seja, caracterizada pelo caráter *'urbano'*.

No primeiro caso, os gaúchos são pioneiros descendentes de europeus, fundadores de uma cidade em terras que fazem parte do Parque Grande Sertão Veredas, ícone do povo sertanejo.

No segundo, são brasileiros em outro país, usam carteira de identidade de estrangeiros.

No terceiro, são um grupo que, apesar de minoritário, obtém grande visibilidade numa situação de caráter fortemente urbano: construíram um clube gaúcho ao lado de uma favela.

¹ No caso da Vila dos Gaúchos, ao final da permanência em Buritis.

A escolha dos destinos deu-se em função dos relacionamentos e indicações feitas nas viagens exploratórias que antecederam o trabalho de campo e durante a permanência em Buritis. Assim, a pesquisa foi realizada "em trânsito", acompanhando alguns elos da rede gaúcha.

O objetivo das conversas e entrevistas realizadas nestas localidades foi conferir se os elementos formativos da identidade gaúcha em Buritis - os diacríticos, as narrativas de construção do mito... - eram comuns a outros espaços com níveis diversos de presença e influência da cultura gaúcha.

4.1. - VILA DOS GAÚCHOS², PARQUE GRANDE SERTÃO VEREDAS, FRONTEIRA MINAS GERAIS, GOIÁS E SUL DA BAHIA.

Seis horas de uma manhã de domingo que promete ensolarada, Getúlio Taborda passa em frente ao hotel, em Buritis. Mal clareou o dia e estamos na estrada. São 240 km até a Vila, os últimos 100 km em estrada de terra. No caminho, a paisagem é intercalada por plantações de soja e maracujás e o Cerrado ainda intacto.

No último trecho fica evidente o contraste entre as terras cultivadas pelos gaúchos e a mata nativa. Uma placa perdida naquela imensidão avisa que estamos dentro do Parque Grande Sertão Veredas. A mesma placa indica que a Vila dos Gaúchos está perto. De um lado da estrada, campos roçados de onde brota a soja. Do outro, o Cerrado que outrora serviu de abrigo e passagem para os personagens de Guimarães Rosa.

Chegamos durante a missa. Sentamos no último banco e observamos as pessoas, buscando identificar com quem falar após a cerimônia. Getúlio acerta seu palpite: Hans, o agricultor gaúcho "mais forte" (mais terra, influência, dinheiro, recursos...) da Vila, proprietário de 500 hectares, um terço do que Getúlio tem em Buritis. Minha escolha também é acertada: Elói³, vereador em São Francisco, às margens do mesmo rio, representante dos gaúchos na Câmara daquele município. Não sei quais os códigos fizeram Getúlio reconhecer em Hans um proprietário de terras. No caso de Elói, busquei a postura do líder comunitário, o jeito de político. Deu certo.

Hans e Elói contam que a Vila foi fundada nos anos 1976/77. Começou com 60 lotes de 500 hectares cada, uns 30.000 hectares de lavoura de soja e cultivo de maracujá, cerca de 30 famílias de Ibiúna, Santa Rosa, São Gabriel... Foi fundada por um ex-padre e seu irmão, que começaram a trazer colonos do sul, aproveitando um programa do Incra, o Ruralminas, que incentivava a ida para a região. Foram tempos pioneiros de acampamentos e derrubada do Cerrado. Muitos não agüentaram e voltaram.

Atualmente, a Vila dos Gaúchos tem 160 famílias gaúchas de um total de 350 famílias, pouco menos da metade da população. Quando chegaram, não havia ninguém ali, só mato, era preciso se locomover mais de 20 km para conseguir água para beber, lavar roupa e fazer comida... Também não tinha combustível, material de construção, sementes, veneno, calcário... Tudo precisava ser buscado fora. Até hoje, para fazer compras, eles têm que percorrer 50 km em estrada de chão.

As estradas eram tão ruins que o pessoal chegava a se perder no caminho. Hans e Elói contam o caso de um homem que estava trazendo uma colheitadeira em

² Distrito do município de São Francisco, conquistou a emancipação em 1996 - após a viagem do pesquisador - e, atualmente, chama-se Chapada Gaúcha.

³ Todos os nomes são fictícios, com exceção de Elói, que tornou-se prefeito de Chapada Gaúcha.

cima do caminhão e foi parar em Buritis. Lá, ninguém sabia lhe informar onde era a Serra das Araras⁴. A informação foi obtida em Arinos, município vizinho a Buritis, e a colheitadeira demorou mais um dia inteiro para chegar na Vila.

No início, apesar do Incra incentivar a colonização, houve pouco apoio. Os técnicos da Emater diziam que não ia dar certo. Hans e Elói dizem que os gerentes do Banco do Brasil não entendiam de soja, só desestimulavam⁵.

A Vila já tem 18 anos. A maioria inspira a emancipação: quando chegamos lá, eles ainda estavam sob o impacto da aprovação de um plebiscito a favor da emancipação da Vila com o nome de Chapada Gaúcha. A Vila dos Gaúchos consiste de 3.000 km quadrados que pertencem a quatro municípios - Arinos, Januária, Formoso e São Francisco. Fica a apenas 30 km do rio Cariranhas, fronteira com o sul da Bahia. Segundo eles, isto provoca muito empurra-empurra, cada município livrando-se da responsabilidade por melhorias na localidade.

Para aprovar o plebiscito, foi necessário que outra localidade participasse junto do processo para ter o número suficiente de votos. Vila dos Gaúchos, incluindo os mineiros, soma 1.200 votos. Juntos com a localidade de Serra das Araras, que tem outros 2.000 votos, atingiram o quórum necessário. Ou seja: neste contexto, o número de gaúchos votantes, com influência no resultado, caiu de menos da metade em relação à Vila dos Gaúchos para em torno de 1/5 das duas populações somadas. Mesmo assim, o nome escolhido foi Chapada Gaúcha e os gaúchos esperam eleger Elói o novo prefeito⁶.

Os mineiros que vieram para a Vila dos Gaúchos são empregados dos fazendeiros gaúchos, migraram atrás de trabalho. A topografia da cidade já denuncia a divisão dos territórios. Na parte central, onde estão os gaúchos, ficam a praça, a igreja, o centro comunitário e algumas casas sólidas, bem acabadas. Em direção à periferia, as casas lentamente vão ficando mais simples: são as casas dos empregados mineiros.

Um rapaz que escuta nossa conversa deixa a sutileza de lado e sintetiza o sentimento dos gaúchos:

- Não se fala muito nisto, mas quando nós chegamos aqui tudo era mato. Nós construímos a cidade. Os mineiros vieram depois e agora dizem que isto aqui é deles.

Hans muda de assunto, mas mantém o tom:

- Há muitas diferenças. Gaúchos casaram com mineiras e continuam juntos, mas os casamentos entre gaúchas e mineiros não deram certo, teve um que só durou dois meses. O mineiro tem que ser rico, senão a gaúcha tem que trabalhar para sustentar a família.

- Para eles, tudo 'tá bão demais'. Eles estão morrendo de fome e 'tá bão demais'. Não fazem nada, não gostam de trabalhar - arremata o rapaz que fez o comentário anterior.

* * *

Somos recebidos com generosa hospitalidade. Almoçamos na casa de Hans, com sua esposa e filhas. Getúlio está radiante, diz que estava há muito tempo curioso em conhecer "a gauchada da Vila". Todos conhecem ou ouviram falar de Pedro

⁴ Nome da localidade mais próxima, que servia de referência para chegar ao local nos tempos da fundação.

⁵ Mudam os personagens, o lugar e o jeito de contar a história, mas os relatos são quase os mesmos ouvidos em Buritis.

⁶ Conseguiram: ver matéria da revista Veja sobre o assunto nos anexos.

Taborda, o gaúcho que é prefeito em Buritis, e alguns conhecem Getúlio de vista, pois o pessoal da Vila dos Gaúchos costuma viajar a Buritis para participar dos bailes no CTG.

Getúlio aproveita para fazer propaganda do Tradicionalismo, pergunta porque eles não fundam um CTG, não promovem rodeios. Incentiva a organização. Hans reconhece que eles estão "meio relaxados" com relação às tradições. Getúlio explica que foi aprovada uma moção na CBTG (Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas) para que os CTGs tenham registro provisório e possam ter piscina, sede social, como se fosse um clube de lazer:

- Vocês só têm que fazer uma Ata e o CTG está criado. Aproveitem que ainda existe terra destinada a uso comunitário e reservem o espaço para a futura sede social. Peguem uma terra boa, que tenha lugar para fazer rodeios, piscina, local para camping...

Hans fica entusiasmado com a idéia e já se lembra de um terreno de 500 hectares a umas 10 quadras do centro da Vila, diz que vai combinar o negócio com o Elói.

* * *

Depois do almoço, Elói junta-se a nós e a conversa toma o rumo das eleições. Hans confessa que foi procurado por algumas pessoas, apresentadas por empregados seus, para concorrer à Prefeitura. Elói se interessa, pergunta quem foi. Getúlio interrompe a conversa e diz que os mineiros são matreiros, bons de política, devem ter procurado o Hans para persuadi-lo a disputar contra Elói:

- Querem dividir a gauchada para eleger um prefeito deles. O candidato agora é o Elói. É a vez dele: é vereador, é conhecido, já tem voto. Ele faz uma boa administração, elege o sucessor. O Hans apóia, ajuda, se prepara para ser o próximo prefeito. Enquanto isto, organiza o CTG, é o patrão, tem jeito de patrão, agrupa a gauchada...

Depois desta conversa, a impressão que dava é que eles estavam prontos para fundar um CTG - foi o mais interessante conchavo político assistido *in loco* durante todo a realização da pesquisa.

4.2. - SANTA CRUZ DE LA SIERRA, BOLÍVIA.

Ao contrário de Buritis, onde fui atendido com presteza, e de outros lugares em que estive anteriormente, nos quais os gaúchos sempre procuraram me facilitar o caminho às informações, em Santa Cruz de la Sierra⁷ fui recebido com frieza e desconfiança.

Demorei quatro dias para furar o bloqueio construído pela comunidade gaúcha e obter a primeira entrevista. Então, descobri o motivo da desconfiança: alguns meses antes, a revista *Veja* publicou reportagem sobre brasileiros no exterior⁸ e, nesta matéria, o jornalista afirma que uma das vantagens para os agricultores brasileiros na Bolívia é o não-pagamento de impostos. Coincidência ou não, depois da publicação desta reportagem o governo boliviano taxou a produção de soja no país. Os fazendeiros brasileiros consideraram que a matéria de *Veja* chamou a atenção do governo boliviano para a isenção que os beneficiava e não querem mais publicidade.

⁷ Viagem ocorreu em março de 1996.

⁸ *Fac-símile* nos anexos.

A primeira entrevista é com Dona Amanda⁹, esposa de *Don Camilo*¹⁰. O encontro, apesar de ter sido pré-agendado por telefone, antes da partida do Brasil, foi "forçado": *só aconteceu por causa da indicação de um fazendeiro de Campo Grande-MS*¹¹, colega de infância e de escola de Getúlio Taborda, que tem terras na região.

Dona Amanda me recebe num final de tarde e pede desculpas pela ausência do marido. Diz que ele está muito atarefado e deverá chegar horas mais tarde, já madrugada¹². Dona Amanda percebe meu desapontamento, fica constrangida e, entre um chimarrão e outro para dissipar o mal-estar, concede um animado depoimento sobre sua vida com a família na Bolívia.

Ela conta que sua família está em Santa Cruz há cinco anos; foram os primeiros fazendeiros brasileiros a chegar na região. Os primeiros anos foram duros, e há apenas um ano sua casa é própria. Atualmente, plantam 3.000 hectares, uma respeitável área de terra¹³.

- Saímos de Santo Ângelo há 12 anos. Ficamos oito anos em Primavera do Leste, no Mato Grosso¹⁴. Em Santo Ângelo, fazíamos parte da diretoria do CTG¹⁵, participávamos das festividades, nosso filho era do grupo de dança. Mas tínhamos pouco lucro com a agricultura. Em Primavera do Leste, sofremos com o Plano Collor, os juros altos passaram a comprometer o negócio. Então, vendemos a fazenda no Mato Grosso. O dinheiro deu para zerar nossas dívidas com o Banco do Brasil e a sobra foi suficiente para comprarmos a fazenda aqui na Bolívia e torná-la produtiva.

Dona Amanda lembra que, no início, não havia crédito. Aos poucos, ganharam a confiança dos comerciantes e, agora, têm financiamento para o que quiserem. Mas é preciso andar na linha: diferente do Brasil, na Bolívia cheque sem fundo dá cadeia.

Apesar de garantir que o relacionamento entre brasileiros e bolivianos é tranqüilo, ela explica que continuam estrangeiros - o visto de permanência vale por um ano, renovável por cinco anos, e a carteira de identidade é de estrangeiro. Não esconde o desdém com os nativos, característica comum entre todos os gaúchos entrevistados fora do Rio Grande do Sul. Conta que o marido prefere empregados bolivianos a brasileiros, porque são mais baratos e cumprem bem o serviço. Mas ressalva que "são lerdos demais":

- No caso da agricultura, especificamente, eles não têm a persistência e a valentia dos brasileiros, especialmente os gaúchos.

⁹ Novamente, utiliza-se o recurso de nomes fictícios para não prejudicar os informantes.

¹⁰ O título *Don* é usado por tradicionalistas gaúchos no Brasil para se referir aos fazendeiros que estão na Bolívia.

¹¹ Falei com ele por telefone antes de viajar e ele me indicou os contatos a serem feitos em Santa Cruz. É importante ressaltar que, sem as indicações recebidas no Brasil antes da viagem, a ida a Bolívia teria sido em vão. O episódio destaca a existência da rede regional gaúcha mesmo fora do Brasil, cujo conhecimento, abrigo e influência é fundamental no deslocamento e instalação de gaúchos nas rotas da migração.

¹² A entrevista foi marcada para este horário porque Dona Amanda disse que o marido costuma chegar esta hora em casa.

¹³ Só para comparação, os irmãos Getúlio e Pedro Taborda, *juntos*, plantam mais ou menos a mesma área de terra em Buritis-MG.

¹⁴ Cidade onde foi realizado o 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Mato Grosso.

¹⁵ Daí advém o conhecimento do Getúlio Taborda e Osvaldo Basso com Don Camilo.

Mesmo com esta visão pejorativa, Dona Amanda mostra uma opinião simpática em relação aos bolivianos:

- São hospitaleiros. Nos ajudaram muito na chegada, dando informações, ajudando na compra de mobília, a encontrar vagas nas escolas... Não dá para ser 'topetudo' estando com eles: são humildes, não fazem distinção entre gente de posses e sem posses. Se tratam todos como iguais. São muito alegres, adoram 'bailar'.

Dona Amanda confia que ela e o marido têm muitos amigos bolivianos, entre eles o gerente do banco, com quem mantêm relações de compadrio¹⁶. Eles conhecem em torno de 50 famílias de brasileiros residindo e com negócios em Santa Cruz. Segundo ela, pelo menos 10 destas famílias são de gaúchos que saíram do Rio Grande do Sul. Os demais, em sua maioria, são descendentes de gaúchos que saíram do Paraná, Mato Grosso e outros estados do Brasil. Ela não quer voltar:

- Lugar bom é onde estamos bem. Aqui é muito bom de morar. Não tem droga, não tem violência, temos tudo o que precisamos. Assistimos a programação da televisão brasileira na parabólica e, na fazenda, conseguimos captar rádios do Sul do Brasil. E, se 'no hay' erva-mate por aqui, os amigos nos trazem¹⁷.

Ao fim da conversa, Dona Amanda diz que me liga no dia seguinte para marcar um churrasco em sua casa com a presença do marido. Este telefonema não aconteceu. Talvez para compensar a ausência do marido e já sabendo que não haveria telefonema, Dona Amanda viabilizou a segunda e última entrevista na Bolívia.

* * *

O fazendeiro Lucas só aceitou conversar comigo porque houve indicação de Dona Amanda. Em compensação, me recebeu muito bem, passei boa parte do dia no seu escritório, ouvindo seus telefonemas e suas tratativas de negócio com fornecedores, sócios e funcionários, que ele fez questão de receber em minha presença. Foi um momento privilegiado para observar 'in loco' como os negócios são acertados, quais os assuntos de interesse dos donos da terra, etc.

Segundo Lucas, são cerca de 300 os brasileiros agricultores, que detêm cada um 1.000 hectares de terra em média, boa parte mato para ser derrubado, ou seja, ainda improdutivo. Ao todo, são 300 mil hectares nas mãos dos brasileiros. Eles têm mais ou menos 35% das terras agricultáveis de Santa Cruz e respondem por 30% da produção de soja de todo o país¹⁸. Dividem as terras boas de Santa Cruz com 100 mil Menonitas, que detêm outros 35% da terra boa do Departamento, com lotes entre 20 e 30 hectares (pequenas colônias). O restante está nas mãos de bolivianos e japoneses...

Ele tem três filhas, todas formadas: uma advogada, uma administradora de empresas, uma psicóloga. A administradora trabalha com ele, está todo o tempo na sala acompanhando nossa conversa. Apesar das filhas formadas, ele diz que o grande doutor da América Latina é o agricultor:

¹⁶ Chama a atenção justamente o gerente do banco ser compadre do casal. No mínimo, o relacionamento comercial tornou-se tão freqüente que evoluiu para uma amizade particular.

¹⁷ Informações recolhidas com pessoas que moram ou moraram no exterior apontam para a formação de redes informais de abastecimento de erva-mate. Segundo os depoimentos, estas redes são comuns em qualquer país onde os gaúchos estejam, independente da existência de organização tradicionalista.

¹⁸ Eles detêm aproximadamente meio milhão dos 1,5 milhão de hectares agricultáveis do Departamento de Santa Cruz de la Sierra, que corresponde a 30% do território total do país.

- Quem conseguiu se manter os últimos 30 anos no negócio sem quebrar é um doutor. O cara tem que saber de tudo. De finanças, de mercado, de medicina, de veterinária, de psicologia, de política, economia, meteorologia, astronomia, geografia... Se não tiver conhecimento de uma destas áreas, quebra. Tem que entender de máquinas, implementos, senão quebra. É o maior doutor da América Latina e é a única profissão em que a pessoa não pode lograr o cliente e tem que ler o que não está escrito e ouvir o que não é dito. Por que, se lograr a terra, quebra. Um motorista de táxi pode dar uma volta maior, enganar um passageiro, mas eu não posso enganar a terra - ela me devolve exatamente aquilo que eu der para ela. E tudo está escrito nela, está dito. Mas só quem conhece pode entender, sabe o que ela está dizendo, isto não está escrito em lugar nenhum.

Lucas não considera sem-terra agricultor:

- Me ofende. Passei 30 anos lutando para não quebrar e um cara que não conseguiu se sustentar diz que é agricultor. Agricultor é quem não perdeu a terra, mantém o seu negócio. Quem não consegue se manter no negócio não é agricultor.

* * *

Lucas diz que a agricultura na Bolívia, apesar da terra fértil e barata, é difícil:

- "O PIB boliviano é de U\$ 6 bilhões. Precisa de 100 anos de PIB da Bolívia para juntar o PIB de um ano do Brasil. Eles não têm dinheiro para nos financiar. Então, estamos sozinhos com nossos próprios recursos, sem direito de errar, sem subsídio, sem nenhuma facilidade.

Ele não acredita em influência política, em facilidades advindas de bons contatos:

- Nos próximos 40/50 anos a política boliviana será dominada pelo Altiplano (La Paz). Podemos eleger deputados e senadores por Santa Cruz, mas não vai adiantar quase nada.

* * *

Lucas dá graças a Deus pela imigração europeia, "que transformou o Brasil e está transformando a América Latina":

- Brasileiros, aqui, são gaúchos, são descendentes de europeus que vieram originalmente do Rio Grande do Sul. Na maioria italianos, uma gente empreendedora.

Ele diz que os bolivianos são lerdos, preguiçosos e burros:

- Eles abrem às 9 horas, fecham ao meio-dia, abrem o negócio de novo às 3 da tarde e fecham às 6 horas.

E completa para a filha, sua administradora, na frente de um empregado boliviano:

- Pede para ele (um fornecedor) explicar as coisas de duas maneiras diferentes. Assim tu podes cruzar as informações e conferir se está tudo certo.

Através de metáforas, Lucas descortina as estratégias dos gaúchos para tocarem seus negócios em terra estrangeira:

- Precisamos nos adaptar. Em terra de sapo, temos que andar de cróqui (cócoras). Não podemos escandalizar os inocentes¹⁹. A fruta não pode ser muito

¹⁹ Ele deixa claro que, para ele, os bolivianos são inferiores, supersticiosos, põem a culpa de tudo nos outros, no governo: "- Se o patrão puder, deve fazer uma igreja, deve respeitar suas crenças, até entrar na igreja deles e participar das cerimônias, mesmo que não acredite. Eu faço o jogo, participo..."

grande, senão eles não engolem. Nossa filosofia é integração, sem chamar a atenção. Devagar, apalpando o terreno.

Para ele, o fato dos bolivianos terem um ritmo mais lento permite aos gaúchos ganharem dinheiro mais rápido, mas no futuro isso será ruim:

- De que adianta ser milionário e estar cercado de miséria? Um gato no meio de formigas termina devorado!

Ele acha que dentro de uma década os gaúchos vão responder por 80% do PIB agrícola do Departamento de Santa Cruz. Pergunto se não haverá ódio da população local contra esta concentração de riqueza nas mãos de estrangeiros. Ele acha que não:

- O gaúcho é pacífico, gosta de fazer amigos. Em sua volta, todos acabam 'dependendo' dele. Vai arrumar emprego para o filho de alguém, ajuda um aqui, outro ali, faz um churrasco e um baile e convida a vizinhança; como eles vão ser contra o gaúcho?

* * *

Falamos sobre a resistência contra o gaúcho, que encontrei em Bunitas. Ele diz que, na Bolívia, "no hay":

- Só existe o sentimento normal de ter seu espaço invadido. Um boliviano, cujo avô era dono das terras que hoje estão nas mãos de brasileiros, pode pensar que as terras valiam a mesma coisa quando eram de seu avô. Ele vê a mata ser derrubada e saírem caminhões e caminhões de soja de lá de dentro e não percebe que tem trabalho ali, esforço, conhecimento. Ele não sabe como fazer, mas acha que poderia ter feito se o governo ajudasse, etc e tal. Neste sentido, acredito que haja resistência ao gaúcho. É um pouco de inveja do sucesso do outro.

Para Lucas, os bolivianos estão sendo "desacomodados" do paraíso pelos gaúchos:

- Aqui dá para viver com um pouco mais do que nada. Nós chegamos e compramos as coisas mais caras do que são, mesmo estando ridiculamente baratas, ganhamos dinheiro, mostramos que o trabalho traz benefícios, temos vontade de ganhar dinheiro, acumular riquezas. Isto acaba mudando a cabeça deles. Pronto... esculhambamos o paraíso. Dinheiro é Deus e é Diabo, depende de como for usado e de quem usa. Não quero desligar o sol do outro, tem sol para todos. Mas eu acho que nós temos obrigação de fazer uma casa nova, ter mais uma fazenda, mais um carro, melhorar a situação da família, dos amigos, dos empregados... Na Bolívia, eles têm que trabalhar o dobro para fazer a Bolívia, para o país ter dinheiro suficiente para todos. Eles acham que o governo tem dinheiro, é a solução. Não tem dinheiro e não é a solução. A solução está em cada um. O caboclo passa a vida toda trabalhando, capinando o terreno, não ganha dinheiro e põe a culpa no governo, no patrão... Morre assim. Não percebe que a culpa da situação também é dele.

* * *

Ainda não existe CTG em Santa Cruz de la Sierra. Na conversa, percebe-se que o principal motivo é a falta de tempo para o lazer:

- Não tivemos o domingo livre ainda, o trabalho é muito. Quando liberar o domingo, aí podemos pensar em diversão.

Ele não acredita que o gaúcho vai adotar a cultura local:

- Com o tempo, vamos trazer nossa cultura para cá.

* * *

Lucas abre vários mapas da Venezuela e dá uma aula, para mim e para outros homens de negócios que estão no escritório, sobre a estratégia e a logística envolvida numa operação de compra de terras em um país estrangeiro. Ele perfila-se como um general sobre diversos mapas: pluviométricos, de relevo, vegetação, umidade... E revela que, quando comprou suas terras na Bolívia, deixou escapar pelo menos um detalhe - o índice de chuva:

- Aqui chove menos do que esperávamos. Bastava ter consultado um mapa pluviométrico para ter a informação. Desta vez, vamos mais bem informados.

Ele já foi à Venezuela uma vez e planeja uma nova viagem no próximo mês (abril/96). Na primeira vez, constatou algumas das vantagens de plantar naquela região:

- O hectare custa entre 1 e 10 dólares e a gasolina é quase de graça, 83 litros por 1 dólar! Quando estive lá, fiquei sem gasolina e parei numa venda para encher o tanque. Enquanto esperávamos, bebemos quatro garrafinhas de água. Na hora de pagar, o dono da venda não cobrou a gasolina, só a água: o tanque cheio veio de brinde! Mesmo assim, tenho dúvidas em ir para lá: a Venezuela é um país que reúne a pior gente da América Latina - são indolentes, ladrões, sem-vergonha. E a situação político-econômico-social é um caos. Ainda estamos 'apalpando'.

* * *

Em toda a conversa, Lucas demonstrou um grande apetite para ganhar dinheiro. Não só na conversa, na qual isto fica claríssimo, mas também nos diálogos telefônicos, nos negócios tratados no escritório na minha presença. Fica claro que a categoria trabalho é fundamental para os gaúchos, entendido sempre como provedor de sustento e progresso. Se o trabalho não rende, não serve. Ou seja: não adianta ser trabalhador, o importante é obter sucesso. Isto fica evidente quando Lucas diz que quem trabalha não ganha dinheiro:

- É como o caboclo aquele de quem falei, que capina a vida toda e não ganha dinheiro. Para se ganhar dinheiro é preciso ter tempo para fazer negócio.

4.3. - REUNIÃO COM GAÚCHOS DO MTG-NE, EM SALVADOR, BAHIA.

O casal João e Lourdes e Leonel são da diretoria do Clube Gaúcho da Bahia, que existe há 30 anos. João é diretor social, sua esposa coordena o grupo de dança e é diretora de Folclore da Federação Gaúcha do Nordeste. Leonel é ex-patrão do CTG, que funciona como um departamento do clube. A indicação de seus nomes foi feita pelo presidente da Federação Gaúcha do Nordeste, Carlos Alberto Viegas, membro da patronagem do CTG Rodeio Potiguar, de Natal, que conheci durante o Seminário Nacional de Tradições Gaúchas, em Capão da Canoa.

Leonel está há 11 anos em Salvador. É catarinense e morou 15 anos em São Paulo. Mas a filha, segundo ele, apesar de ter nascido em São Paulo, "é mais gaúcha que as gaúchas de verdade".

João e Dona Lourdes estão em Salvador há cinco anos. Ela chama a atenção para a dificuldade em obter material e informações sobre os gaúchos e o Rio Grande do Sul:

- Tivemos que estudar história e folclore para transmitir estes conhecimentos para as novas gerações. Mas é extremamente gratificante, pois através das atividades ligadas à dança e ao folclore as crianças participam do CTG até o ingresso na Universidade.

Os gaúchos que estão em Salvador têm um perfil diferente. Segundo Leonel, são na maioria funcionários públicos aposentados, militares em trânsito, pessoal técnico que veio trabalhar no Pólo Petroquímico... Por enquanto, há poucos casamentos entre gaúchas e baianos, mas eles acreditam - os três - que na próxima geração haverá mistura.

O Clube Gaúcho não tem Invernada Campeira (departamento dedicado a atividades com cavalo). Mas eles se reúnem duas vezes por semana (mais do que em Buritis, para ter um parâmetro de comparação), trazem músicos/cantores de fora e conseguem boa publicidade para seus eventos.

* * *

Houve conflito sério com os baianos em 1991²⁰. A versão dos gaúchos, contada pelos três: eles tinham recebido uma área de terra da Prefeitura para construção do Clube. Esta área foi invadida e construída uma favela em cima. A mídia ficou contra os gaúchos, a favor dos favelados, apesar da Justiça ter dado ganho de causa para os gaúchos. O confronto foi resolvido com negociação. Foi feita uma divisão da terra, os gaúchos perderam uma área grande, mas as incomodações terminaram. Há detalhes interessantes: eles já haviam feito um acordo quando, num bate-boca na frente das câmeras de televisão, um gaúcho passou uma descompostura num favelado e a negociação foi por água abaixo. Por causa disso, os gaúchos perderam mais um pouco da terra para fechar o segundo acordo. A líder dos favelados era a prefeita na época da pesquisa, Lídice da Matta.

Importante destacar que os baianos já foram presidentes do Clube Gaúcho. Isto aconteceu nos primeiros anos e foi a estratégia para facilitar o acesso à terra. Depois que os gaúchos ganharam as terras da Prefeitura para construção do clube, só foram eleitos presidentes gaúchos.

Nunca mais tiveram problemas com os favelados:

- O povo daqui tem grande respeito por nós, os baianos nos consideram gente séria.

Eles, os gaúchos, construíram uma escola chamada Piratini para os favelados. São atendidas 300 crianças da favela. Dona Lourdes conta, orgulhosa, que os professores nunca fizeram greve e os alunos usam as instalações do clube para lazer.

* * *

Apesar do conflito pela terra do Clube Gaúcho ter terminado e do trabalho comunitário junto aos favelados, Leonel ainda revela sua irritação com o comportamento dos baianos:

- Há poucos dias fiquei chocado quando um baiano parou do lado do meu carro e, na minha frente e da minha filha, urinou no meio da rua, sem nenhuma discrição.

* * *

²⁰ A viagem a Salvador foi motivada justamente pelas narrativas sobre este conflito ouvidas nos congressos tradicionalistas de Capão da Canoa e em Primavera do Leste.

Os três reivindicam que o governo gaúcho patrocine os CTGs fora do Rio Grande do Sul. Segundo Leonel:

- O governo do Rio Grande do Sul perde uma excelente oportunidade ao não apoiar os CTGs que existem pelo Brasil afora, que se constituem em embaixadas naturais do estado, especialmente no que se refere à captação de turismo e investimentos.

* * *

Antes de passarmos as considerações finais do trabalho, vale destacar algumas questões que são comuns em todos os espaços regionais de identidade gaúcha.

4.4. - COMO A INFORMAÇÃO CIRCULA NA REDE GAÚCHA.

Os deslocamentos dos gaúchos dentro da rede ou abrindo novas frentes agrícolas acontecem a partir de informações passadas de boca em boca - em algumas ocasiões, é realizada uma pesquisa exploratória por membros do grupo interessado na aquisição de terras²¹. A aquisição de terras é feita através da compra de particulares ou da participação em projetos agrícolas, que podem ser públicos ou privados.

Na maioria das vezes, as informações passadas de boca em boca são dignas de confiança. Esta pesquisa reproduz em parte a forma como a informação circula na rede gaúcha. Durante a realização do 1º Congresso de Tradições Gaúchas do Mato Grosso, realizado em Primavera do Leste, eu "ouvi dizer" como era a situação em Buritit. Em Primavera do Leste, em Capão da Canoa e em Buritit, "ouvi" sobre o conflito de terra em Salvador entre gaúchos e baianos. O que encontrei nas localidades visitadas foi, respeitando o jeito de cada um contar a história, o que os informantes tinham falado. Este processo aconteceu durante todo o percurso através da rede gaúcha obedecido durante a pesquisa.

4.5. - ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO COMUNITÁRIA.

As estratégias de inserção comunitária dos gaúchos mudam de acordo com a localidade onde estão se inserindo. Em Buritit, por exemplo, eles gozam de grande visibilidade. Esta condição pode ser generalizada para a maioria dos espaços de identidade gaúcha na fronteira agrícola brasileira.

Na Bolívia, entretanto, a situação é diferente: como diz o fazendeiro Lucas, "em terra de sapo, a gente anda de cróqui". Ou seja: não querem aparecer, acham que isto é prejudicial para seus negócios.

Apesar de diferente, a estratégia dos gaúchos na Bolívia visa os mesmos objetivos: posse de grandes áreas de terra, apoio dos capitalistas locais, tranquilidade para produzir e ganhar dinheiro. A estratégia tem dado certo: em Santa Cruz, apesar de terem muita terra e estarem ganhando muito dinheiro, são praticamente desconhecidos. Os bolivianos com quem conversei achavam que gaúcho era um tipo folclórico da Argentina. Lá, a alteridade é outra: os gaúchos são brasileiros e vistos como tal.

²¹ Este é o caso do fazendeiro que está na Bolívia e tem viajado à Venezuela para escolher terras.

4.6. - GAÚCHOS DIFUNDEM NOVA LÓGICA ECONÔMICA NO CAMPO.

A visão capitalista dos gaúchos pode ser aferida através de números. Em Buritis, as terras valorizaram pelo menos 500% nos últimos 10 anos. Na Bolívia, a valorização é ainda maior. Em 1990/91, com 100 mil dólares, Lucas comprou 5.000 hectares de terra e financiou do próprio bolso a primeira fase do plantio. Em 1996, com os mesmos 100 mil dólares, dava para comprar 100 hectares e não sobrava dinheiro para financiar a safra. Uma valorização de 5.000%!

É digno de nota o conhecimento da América Latina que estes capitalistas agrícolas gaúchos estão acumulando nestes tempos de integração econômica. Eles descobriram as únicas terras que se têm notícia que não precisam de adubo para plantar (onde estão na Bolívia). Agora, estão se preparando para comprar terras na Venezuela, apoiados por uma logística que envolve estudos de sistemas políticos, índices pluviométricos, relevo, rotas de transportes, custos de insumos agrícolas, combustível, pesquisa de preços...

Como diz Lucas, de Santa Cruz de la Sierra:

- Aqui na Bolívia eu não gasto em adubo, mas na Venezuela a terra está quase de graça, o combustível é tão barato que baixa o frete em alguns milhares de dólares e o preço da soja é o triplo na Venezuela do que na Bolívia. Economicamente, é um grande negócio.

Os gaúchos argumentam que esta supervalorização da terra é mérito deles, do seu trabalho. Ou seja: o gaúcho sabe o impacto que causa nas comunidades em que se insere.

4.7. - O HOMEM SOBRE O TRATOR.

Os gaúchos mantêm uma forte ligação com a terra. Só que os gaúchos fora do Rio Grande do Sul não são pecuaristas, mas agricultores²². Isto provoca uma mudança de imagem em relação aos gaúchos que estão no Rio Grande do Sul. Apesar do modelo econômico do pampa estar falido, o imaginário do rio-grandense sobre si próprio é o do cavaleiro errante. Já na fronteira agrícola brasileira, o padrão predominante é o do agricultor - a imagem é o homem sobre um trator. Como conta seu Carlos, de Buritis:

- Comecei como tropeiro, no início dos anos 40, levando mula para Sorocaba-SP. Esta vida na sela foi tão marcante que, quando passei a lidar com agricultura, subia nos tratores com as esporas, esquecia de tirá-las.

4.8. - A DOMESTICAÇÃO DA NATUREZA.

Em Buritis, Vila dos Gaúchos e Santa Cruz de la Sierra, e em todos os outros cases que chegaram ao conhecimento do pesquisador, o progresso e o desenvolvimento *construído pelos gaúchos, dos quais eles se orgulham*, baseia-se numa visão que não contempla a preservação ambiental. Ecossistemas ameaçados, como o Cerrado, são apenas mato que precisa ser derrubado para dar lugar à lavoura - quase sempre de soja -, agricultura extensiva e mecanizada. Os gaúchos não têm, ou pelo menos não demonstraram durante a realização da pesquisa, qualquer noção de desenvolvimento sustentável ou preocupação com a conservação do meio ambiente.

²² Em sua maioria; encontrei alguns poucos que dedicam-se a pecuária.

Hans, proprietário de 500ha em Vila dos Gaúchos, sintetiza o pensamento de todos:

- Não tinha nada, era só mato, tivemos que derrubar todo o Cerrado para construir nossa vida aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

EM QUALQUER CHÃO, SEMPRE GAÚCHO

O marketing social e a domesticação do outro.

"Nós fazemos parte de uma raça que já teve que lutar para conquistar a terra, que brigou para ter seu espaço. E estamos aqui, brigando de novo."

Getúlio Taborda, Buritis-MG.

Os gaúchos compõem um grupo envolvido num projeto colonial estruturado na diáspora e embasado numa ideologia étnica - o Tradicionalismo Gaúcho.

Este projeto de colonização pressupõe a domesticação do outro - e da natureza, como já vimos. Esta domesticação não é pacífica: a colonização da fronteira agrícola brasileira é uma guerra, talvez a continuidade das guerras travadas pelos ancestrais dos gaúchos desde os tempos do Império e da República Velha.

Para enfrentar esta guerra, os gaúchos exacerbam sua identidade e seus diacríticos em relação ao outro - o sertanejo, o nordestino...

Percebe-se que o "ser gaúcho" é uma forma de inserção à sociedade nacional. O gaúcho, por um lado, reforça a identidade brasileira, na medida em que o projeto colonial em que está inserido visa a expansão e consolidação territorial e a ampliação de fronteiras que são nacionais.

Por outro lado, a exacerbação da identidade étnica e regional de forma contrastiva com outros grupos nacionais provoca situações de intolerância, já manifestas. A questão que se coloca é a seguinte: as situações de intolerância criadas pela exacerbação deste "ser gaúcho" poderão alcançar níveis tão agudos a ponto de se transformarem em confrontos étnicos?

* * *

A etnografia realizada e a análise dos dados da pesquisa permitem constatar a existência de um grande número de espaços de identidade gaúcha num território que podemos chamar de fronteira agrícola brasileira¹. Esta fronteira agrícola abrange todas as unidades federativas do Centro-oeste e do Norte do Brasil e as regiões - pertencentes a estados do Sudeste e do Nordeste brasileiro ou a países vizinhos - que são fronteiriças com este território.

Estes espaços de identidade gaúcha são marcados pelo contraste cultural com as populações locais e por uma retomada do gauchismo, através da exacerbação do culto ao tipo regional gaúcho. Neste ambiente, florescem os CTGs (Centros de Tradição Gaúcha), braço organizativo e militante do gauchismo.

¹ Consideramos fronteira agrícola os territórios caracterizados pela existência de grandes áreas agricultáveis, nas quais é implantada uma nova lógica de utilização e exploração da terra.

Os migrantes gaúchos assumem a identidade de homem da fronteira, de herói civilizador, e mantêm uma relação de procedência com o Rio Grande do Sul, estado localizado no extremo meridional do país². Situam-se como pertencentes, por "herança de sangue", a uma raça de homens valentes, corajosos, ousados, de espírito guerreiro - qualidades necessárias, segundo eles, para conquistar a terra e a natureza hostil da fronteira.

O projeto de colonização do qual os gaúchos fazem parte é orientado por estes valores, ou tem nestes valores a justificativa para a compra de terras consideradas "fora de mercado" e a inclusão delas num mercado que passa a ser definido por uma lógica diferente da lógica local.

Este projeto é estruturado nos espaços de identidade gaúcha construídos na diáspora, interligados por relações de parentesco, alianças empresariais e comerciais, interesses políticos e afinidades culturais que tramam uma rede étnico-regional. Esta rede é caracterizada pela posse e cultivo da terra, existência de espaços próprios para celebração da cultura (os CTGs) e poder político ou influência comunitária.

Há uma grande circulação de informações entre os espaços de identidade gaúcha fora do Rio Grande do Sul. Os contatos são facilitados pelas novas tecnologias (parabólicas, telefone, fax, Internet...) que já se fazem presentes mesmo em comunidades isoladas no interior do país³, novas linhas rodoviárias, programas de rádio e TV sobre tradicionalismo gaúcho, etc.

* * *

"Às vezes, tenho ganas de limpar o terreno do vizinho."

Alice, Buritis-MG.

São diversos os diacríticos utilizados pelos migrantes gaúchos para se diferenciarem das populações nativas e afirmarem sua identidade:

- **Visões sobre trabalho e progresso:**

Os gaúchos consideram o trabalho como essência de sua vida. Mas este trabalho só faz sentido se trazer desenvolvimento e progresso. O objetivo é ascender socialmente, ganhar dinheiro, adquirir propriedades, proporcionar uma boa educação para os filhos, melhorar a condição geral de vida.

Os gaúchos têm uma preocupação especial com a educação: encontrar boas escolas para os filhos e buscar os benefícios das novas tecnologias estão entre suas prioridades.

Para os gaúchos, os moradores locais, que vêem o trabalho de uma outra forma, apenas como meio de sustento, "são moles, preguiçosos, merecem ser empregados e devem ser mandados".

Segundo os informantes, o gaúcho forma um grande contingente populacional na fronteira agrícola porque "não quer ser empregado". No geral, os gaúchos querem ser patrões, donos de seu próprio negócio. Eles migram para estas regiões porque buscam oportunidades de negócios. Como diz o comerciante Rubens, dono de supermercado em Buritis, "os outros vão para as cidades porque querem emprego, aqui não tem emprego".

² Gaúcho, no Brasil, é o nome dado aos nascidos no Rio Grande do Sul ou que mantêm uma relação de procedência com esta região - este é o caso de quem nasceu em outras regiões do país, mas descende de migrantes que partiram do Rio Grande em gerações anteriores.

³ Em Primavera do Leste registrei a existência de três lojas de equipamentos de informática.

- **Parentesco e alianças:**

As mulheres gaúchas não se casam com homens fora do círculo étnico. Isto acontece por dois motivos:

1. Como a migração gaúcha é uma migração familiar, as mulheres solteiras em idade de casamento são em número reduzido.
2. Dentro da concepção que fazem dos outros grupos, só o gaúcho tem condições de ser o homem provedor da família. Em Buritis, dois casamentos de mulheres gaúchas com mineiros são as exceções que confirmam a regra: os dois homens são ricos, herdeiros de famílias com grandes posses de terra na região.

- **Moral e comportamento:**

Os gaúchos são conservadores e cultuam a família como o alicerce do sucesso de sua empreitada, a ponto de ser relacionada com o próprio sucesso econômico. Qualquer outra forma de relacionamento é considerada "promíscua" e "inadequada". Isto não quer dizer que os gaúchos homens sejam modelos de virtude: aparentemente bons pais de família, buscam favores sexuais e outros prazeres fora de casa, mas o fazem com discrição - eles são muito cuidadosos em preservar a auto-imagem, reforçadora do mito.

- **A questão religiosa:**

Aqui as diferenças são nas formas de celebração religiosa. Como diz o padre de Buritis, "os gaúchos são mais frios, mais insensíveis a estímulos externos". O problema ocorrido envolvendo a "Santa dos Gaúchos" é emblemática desta diferença de modo de ser. Em Buritis, os sertanejos são festivos e irreverentes, gostam de cantar e dançar sua fé na rua. Os gaúchos são introvertidos, preferem o recato e o silêncio para cultivar sua fé.

- **Hábitos de higiene e alimentares:**

Os gaúchos deploram a forma como os mineiros em Buritis vivem, os consideram relaxados. É uma sensação aparentemente atávica, que, combinada com outros conceitos sobre os nativos - preguiçosos, lerdos, não gostam de trabalhar - compõem um quadro de aguda intolerância.

No caso dos hábitos alimentares, há misturas nas cozinhas regionais - o pão gaúcho, o churrasco à mineira... Mas o programa de merenda escolar do prefeito em Buritis fracassou porque foi feito à base de cereais e legumes e o cardápio não foi aceito pelos mineiros⁴.

- **Territórios:**

Os territórios gaúchos são sempre privados. Constituem-se de suas casas, suas terras e o CTG ou outro clube que fundem. As únicas exceções observadas foram a igreja e a Prefeitura. Eles também têm suas fazendas próximas uns dos outros. Tanto em Buritis e Vila dos Gaúchos quanto em Santa Cruz de la Sierra, isto fica evidente. Em Buritis e Vila dos Gaúchos, os gaúchos, com poucas exceções, compraram terras nas chapadas, pois eram as que tinham o melhor preço por serem consideradas improdutivas pelos seus proprietários. Na Bolívia, os gaúchos também estão concentrados, mas a explicação é mais singela: os novos migrantes foram comprando terras próximas por indicação dos vizinhos.

⁴ Uma curiosidade. Num churrasco em Buritis me espantei com a forma como a carne foi temperada, com Arisco, em vez de sal grosso. No Rio Grande do Sul, isso seria considerado um absurdo, motivo de gozação ou, em casos extremos, de indignação.

Esta demarcação territorial e a transposição de fronteiras - físicas e virtuais - é particularmente visível e evidente no caso da Vila dos Gaúchos, implantada dentro do Parque Grande Sertão Veredas. É onde os farroupilhas de Érico Veríssimo e os sertanejos de Guimarães Rosa estão mais próximos e, ao mesmo tempo, mais distantes.

* * *

*As filhas de Alice nasceram em Buritis. Pergunto se elas são gaúchas ou mineiras. Alice responde rápido:
- São gaúchas, ora!*

Há indícios fortes de que os gaúchos fora do Rio Grande do Sul formam um grupo étnico. O principal é a naturalização do "ser gaúcho". Os filhos de famílias gaúchas se identificam, ou são identificados, como gaúchos, apesar de nascerem em outros territórios. Encontrei vários destes casos durante a pesquisa (o mais curioso é o de duas crianças que nasceram recentemente em Los Angeles, onde seus pais freqüentam o CTG local, e que já são chamados pela imprensa tradicionalista, e pelos familiares que permaneceram no Brasil, como os "gauchinhos" que nasceram em terra estrangeira).

Além disso, os gaúchos se vêem como um grupo étnico, através do pertencimento pelo "sangue" a uma "raça especial". A cultura gaúcha é naturalizada, passa a ser tratada como uma herança genética.

Em sua esmagadora maioria, estes gaúchos são descendentes de famílias que emigraram da Europa, especialmente italianos, e colonizaram parte do Rio Grande do Sul no século passado. Porém, quando saíram do Rio Grande do Sul em direção a outras regiões do Brasil, já se consideravam como pertencentes ao mundo gaúcho. Hoje, mesmo reconhecendo-se europeus (italianos, alemães...), se definem como gaúchos, ou sulistas.

O pertencimento ao grupo étnico gaúcho aufere facilidades no que se refere à posse de terras na fronteira agrícola brasileira. Isto fica claro no tratamento diferenciado que os bancos dão aos gaúchos para obtenção de financiamentos para a produção.

Importante registrar a ocorrência da justaposição e/ou multiplicidade de identidades: o gaúcho é ao mesmo tempo brasileiro e descendente de europeus. Ele se identifica de uma e/ou outra forma, de acordo com as circunstâncias do momento, do lugar ou dos interesses e vantagens em questão.

* * *

*"Ah, eu sou gaúcho!"
Grito de guerra das torcidas
de times do Rio Grande do Sul.*

Neste final de século, processos de construções de novas identidades, mais fluidas e articuladas de forma conjunta - não mais uma *ou* outra, mas uma e outra - mostram que a fragmentação étnica e cultural e a homogeneização não são duas visões opostas, mutuamente exclusivas, daquilo que está acontecendo hoje no mundo, mas sim duas tendências constitutivas da realidade global.

Os gaúchos demonstram bem esta transposição das fronteiras, esta justaposição e acionamento múltiplo de identidades, a utilização simultânea das dimensões étnica, regional e nacional do "ser gaúcho" - valores como "ordem e

progresso", lema presente na bandeira nacional, são utilizados justamente para marcar as diferenças com os demais brasileiros.

Se, por um lado, os processos homogeneizadores da globalização são tremendos, em nenhuma época houve tanta diversidade de opções, escolhas, estilos, culturas, opiniões, jeitos, identidades... Isto não quer dizer que a intolerância acabou. Mas, efetivamente, a massificação e a segmentação das novas tecnologias em nível planetário permitem a inserção de diferenças num processo de homogeneização, ou seja: não há como fazer sumir diversidades para debaixo do tapete. Por mais limites que sejam impostos ao seu acesso, as pessoas têm diversos meios - Internet, fax, satélites, parabólicas... - para burlarem qualquer tentativa de bloqueio e expressarem seus pontos de vista.

É o caso do gaúchos. Através do rádio, televisão, jornais e revistas e do uso das tecnologias e facilidades da vida moderna - fax, parabólicas, computadores ou simples cartas - têm mantido e espalhado seu modo de vida, suas idéias e seus valores.

É possível pensar que vivenciamos um momento de transição no qual se constróem novas formas de organização social, com ênfase no local, que possam refletir as múltiplas diversidades da atualidade. Uma descentralização do poder, que fortaleça a dimensão do local / regional e possa responder às demandas nos novos tempos.

* * *

Este trabalho sobre os gaúchos fora do Rio Grande do Sul abre um leque de novas oportunidades de pesquisa.

Em primeiro lugar, faz um mapeamento preliminar de um novo grupo étnico para estudos sobre relações e intolerâncias interétnicas: os gaúchos.

Os gaúchos têm uma diferença importante em relação à maioria dos outros grupos em estudo hoje no Brasil: pertencem ao campo sociologicamente majoritário, são dominantes dentro da organização social, têm poder político-econômico.

O fato de os gaúchos não pertencerem às minorias sociais não diminui a carga de tensão, conflito e dominação envolvida na pesquisa, mas requer uma outra ótica de análise e traz novos problemas. E novas oportunidades: além da observação de como a ideologia atua na produção de diferenças, é possível enfatizar a produção de desigualdades através da utilização combinada de estratégias de apropriação/expropriação da terra e legitimação cultural.

Em segundo lugar, indica novos campos de trabalho. Um deles é Buritis e a Vila dos Gaúchos, que merecem continuar sendo estudados. Será interessante observar como a nova geração de gaúchos vai se integrar com a nova geração de sertanejos. Saber qual será o resultado do contraste cultural e sua influência em mudanças de comportamento, de hábitos de higiene e alimentação, moral sexual... O impacto que a gestão de um prefeito gaúcho terá na comunidade. Os novos tipos sociais resultantes deste processo de conflito cultural.

Outro campo é Santa Cruz de la Sierra. Será importante voltar lá depois que os gaúchos fundarem o primeiro CTG e observar as mudanças nas relações gaúchos-bolivianos com esta nova visibilidade.

E a Venezuela, ainda uma idéia em concretização, é uma oportunidade única de fazer um estudo de caso desde antes de seu início.

* * *

A boa e elogiosa imagem que fazem de si próprios - o "ego social" - e o impacto sócio-econômico que causam nas comunidades são a base do "marketing social" dos gaúchos. Esta auto-imagem favorável que permeia o imaginário do grupo gaúcho é tão forte que parece convencer os outros grupos sociais. Ou seja: muitos elementos integrantes da versão que os gaúchos fazem sobre si mesmos acabam sendo incorporados à versão que os outros grupos fazem dos gaúchos, como eficiência no trabalho, capacidade de ganhar dinheiro, ousadia, coragem, valentia, honestidade, moralidade...

Talvez aí resida a força que mobiliza os gaúchos em direção aos seus objetivos - colonização de novos territórios e a posse de terras. Os gaúchos incorporam de tal forma o mito sobre si próprios que o tomam real para si mesmos e para os outros, forjando a base ideológica que legitima sua atuação na fronteira agrícola brasileira.

É provável que, dentro de algumas décadas, outra geração de pesquisadores, quando estudar documentos, jornais, livros e depoimentos sobre a migração gaúcha no final do século XX, se depare com uma história mais ou menos assim:

Em sua jornada pelos sertões e matas do Brasil, os gaúchos são sujeitos privilegiados de uma saga de colonização. Uma epopéia coberta de pó e barro, que não se mede em meses ou anos, mas em décadas. Uma fábula sobre homens e mulheres que suam quilômetros para encontrar água muitas vezes salobra. Uma gente que levanta de madrugada, passa noites inteiras de vigília, sonha acordada com o futuro.

O Brasil dos gaúchos vive em ordem e progresso, tem mãos calejadas pelo trabalho. É conquistado dia a dia por famílias de gente corajosa e valente, com espírito pioneiro, empreendedor, que vai adiante do país. Uma gente que colonizou o Oeste de Santa Catarina e do Paraná, domou e cobriu de verde o Cerrado, conquistou as planuras das chapadas e o Planalto Central do Brasil, está plantando frutas no nordeste, descobre novas rotas para chegar ao Pacífico...

A história dos gaúchos tem duzentos anos, muitos personagens e versões diferentes de um mesmo tema: um povo audacioso disposto a lutar com as armas de seu tempo para conquistar a terra. Neste final de século, eles parecem destinados a ser os protagonistas da última grande aventura brasileira de fronteira, que acontece diante de nossos olhos.⁵

Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, 24 de agosto de 1998.

⁵ Adaptação livre do autor sobre textos publicados na imprensa tradicionalista, livros e revistas regionais e veículos da grande imprensa brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVES, Gilberto Luiz (1984) *Mato Grosso e História: 1870-1929 - Ensaio sobre a transição do domínio da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro* In *Boletim Paulista de Geografia*, pp. 5-81 São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros.

ANDERSON, Benedict (1991) *Imagined Communities: reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London: Verso.

ANDRADE, Maristela de Paula (1982) *Os Gaúchos Descobrem o Brasil. Os pequenos produtores agrícolas do sertão maranhense frente à implantação de projetos agropecuários*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (encadernação da autora), USP, São Paulo.

APPADURAI, Arjun (1990) *Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy* In Mike Featherstone (org.) *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*, pp. 295-310. London: Sage.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento (1990) *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo: Brasiliense.

AUGÉ, Marc (1994) *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.

AZAMBUJA, Darcy (1969) *Correntes Políticas* In *Rio Grande do Sul Terra e Povo*, pp. 339-346. Porto Alegre: Editora Globo.

AZZAN Jr., Celso (1993) *Antropologia e Interpretação*. Campinas: Editora da Unicamp.

BADALOTTI, Rosana Maria (1996) *A invenção do município: o jogo das identidades locais e regionais*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social (encadernação da autora), UFSC, Florianópolis.

BARTH, Frederich (1969) *Los grupos étnicos y sus fronteras*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick, e BLANC, Cristina Szanton (1995) *Nations Unbound - Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States*. Amsterdam: Gordon and Breach Publishers.

BAUDRILLARD, Jean (1985) *Modernité* In *Encyclopedia Universalis*, vol. 12, pp. 424-426. Paris.

BECHIS, Martha (1992) *Instrumentos metodológicos para el estudio de las relaciones interétnicas en el periodo formativo y de consolidación de estados nacionales* In *Etnicidad e Identidad*, pp 82-108. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina.

- BECKER, Howard S. (1993) *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.
- BENHABIB, Seyla (1996) *A crítica da razão instrumental* In *Um mapa da ideologia*, pp. 71-96. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- BENJAMIN, Walter (1975) *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- BERMAN, Marshall (1986) *Tudo que é sólido se desmancha no ar - A aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOAS, Franz (1966) *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press.
- BOEIRA, Nelson (1992) *A sombra de Augusto Comte* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 146-150. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- BORGES, Ana Maria Barreto (1995) *Educação, Sociedade e Cultura: Centros de Tradições Gaúchas em Mato Grosso e sua dimensão educativa*. Dissertação de Mestrado em Educação Pública (encadernação da autora), UFMT, Cuiabá.
- BOURDIEU, Pierre (1989) *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- BOURDIEU, Pierre e EAGLETON, Terry (1996) *A 'doxa' e a vida cotidiana: uma entrevista* In *Um mapa da ideologia*, pp. 265-278. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- BRAIDO, Jacyr (1980) *As Migrações na Atualidade Brasileira* In *Migrantes: Êxodo Forçado*, pp 15-22. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios/Edições Paulinas.
- BRUMANA, Fernando Giobellina (1983) *Antropologia dos Sentidos - Introdução às idéias de Marcel Mauss*. São Paulo: Brasiliense.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio (1988) *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia* In *Novos Estudos*, nº 21, pp. 133-157. São Paulo: Cebrap.
- _____. (1989) *Antropologia e poder: Uma resenha de etnografias americanas recentes* In *BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (ANPOCS)*, nº 27, pp. 3-50. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CARDOSO, Ruth (1988) *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CARRIL, Bonifácio. del (1979) *El Gaucho*. Buenos Aires: Emecé.
- CAVALCANTI, Clóvis (1988) *Identidade Nacional e Diferenciação Regional: O Brasil e o Nordeste Brasileiro* In *Ciência e Cultura*, nº 40, pp. 566-572.
- CAZARÉ, Lourenço (1992) *Apointamentos sobre a diáspora* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 14-20. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- CÉSAR, Guilhermino (1969a) *As Raízes Históricas* In *Rio Grande do Sul Terra e Povo*, pp. 29-42. Porto Alegre: Editora Globo.

_____. (1969b) *A Vida Literária In Rio Grande do Sul Terra e Povo*, pp. 229-258. Porto Alegre: Editora Globo.

CHARBONIER, Georges (1989) *Arte, linguagem, etnologia: entrevistas com Claude Lévi-Strauss*. São Paulo: Papirus.

CLIFFORD, James (1994) *Diasporas In Cultural Anthropology*, nº 9, pp. 302-344. Santa Cruz, California: American Anthropological Association.

COHEN, Abner (1974) *Custom & Politics in Urban Africa: a study of Hausa migrants in yorubá towns*. London: Routledge and Kegan Paul.

COHEN, Anthony Paul (1995) *The symbolic construction of community*. London: Routledge.

COMAROFF, John (1993) *Humanidade, etnia, nacionalidade: perspectivas concentuais e comparativas sobre a URSS In Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 22, pp. 62-80.

COMTE, Auguste (1983) *Curso de Filosofia Positiva*. São Paulo: Editora Abril/Coleção Os Pensadores.

CÔRTEZ, Paixão e LESSA, Barbosa (1975) *O Movimento Tradicionalista Gaúcho In Danças e Andanças da Tradição Gaúcha*. Porto Alegre: Editora Garatuja.

COSTA, Cléria Botêlho da (1994) *Eu e as Fronteiras do Outro In Revista Travessia*, nº 19, pp. 10-13. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios.

COSTA, Rogério Haesbaert da (1988) *RS Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

_____. (1994a) *Região e Rede Regional: entre territórios e redes*. (paper)

_____. (1994b) *Ser "Gaúcho" no Nordeste In Revista Travessia*, nº 19, pp. 13-16. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios.

_____. (1997a) *Des-Territorialização e identidade: a rede 'gaúcha' no Nordeste*. Niterói: Editora da UFF.

_____. (1997b) *A Noção de Rede Regional: Reflexões a partir da migração 'gaúcha' no Brasil In Revista Território*, nº 4, pp. 55-72. Rio de Janeiro: Laget/UFRJ/Garamond.

COSTA, Rovílio e DE BONI, Luís Alberto (1992) *Nós, os Gringos In Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 40-44. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

CRAPANZANO, Vincent (1991) *Diálogo In Anuário Antropológico* 88. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UNB.

CRESPI, Roy Carlos (1995) *Estudio 'en caso' sobre la creación de un centro tradicionalista en el contexto de una pequeña localidad - Bernardo de Irigoyen, Santa Fe, Argentina*. Trabalho apresentado na V Reunião de Antropologia do Mercosul/1995 (mimeo).

CRISTALDO, Janer (1992) *Eu e eles* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 22-28. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

CUNHA, Manuela Carneiro da (1986) *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense.

DACANAL, José Hildebrando (1992) *Origem e função dos CTGs* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 81-90. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

D'ALBUQUERQUE, A. Tenório (1962) *Gauchismos. A Linguagem do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina.

DOUGLAS, Mary (1976) *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva.

DOUGLAS, Mary (1979) *The World of Goods*. New York: Basic Books.

DUMONT, Louis (1993) *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.

DURHAM, Eunice R. (1988) *A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas* In *A Aventura Antropológica*, pp. 17-38. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DURKHEIM, Émile (1983) *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Editora Abril/ Coleção Os Pensadores.

EAGLETON, Terry (1983) *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1996) *A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental* In *Um mapa da ideologia*, pp. 179-226. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.

ECO, Umberto (1983) *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva.

_____. (1989) *A inovação do seriado* In *Sobre Espelhos e outros ensaios*, pp. 120-140. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ENZENSBERGER, Hanz Magnus (1993) *O Vagão Humano* In *Veja 25 Anos: Reflexões para o futuro*, pp. 91-107. São Paulo: Editora Abril.

EPSTEIN, A. L. (1978) *Ethnicity and Identity* In *Ethos and identity. Three studies in Ethnicity*, pp. 91-112. London: Tavistok Publications.

ERIKSEN, Thomas Hylland (1991) *The cultural contexts of ethnic differences* In *Man, The Journal of the Royal Anthropological Institute*, nº 26, pp. 127-144.

_____. (1993) *Ethnicity and Nationalism - Anthropological Perspectives*. London: Pluto Press.

EVANS-PRITCHARD, E.E. (1978a) *Antropologia Social*. Lisboa: Edições 70/Coleção Perspectivas do Homem.

_____. (1978b) *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva.

FAGUNDES, Antônio Augusto (1985) *Indumentária Gaúcha*. Porto Alegre: Martins Livreiro.

FISCHER, Luís Augusto (1992) *Como era bom ter inimigos* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 275-280. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FISCHER, Michael (1983) *Da Antropologia Crítica à Antropologia Interpretativa* In *Anuário Antropológico* 83, pp. 55-72 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UNB.

FLOR, Moacir (1992) *A culpa é nossa* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 67-69. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FONSECA, Cláudia (1990) "*Cavalo amarrado também pasta*": considerações sobre a honra, a reciprocidade e a percepção do tempo na relação conjugal de um grupo popular na região sul. (paper)

FOOTE-WHITE, William (1980) *Treinando a Observação Participante* In Alba Zaluar Guimarães (org.) *Desvendando Máscaras Sociais*, pp. 77-86. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

FORSTER Jr., Nestor (1992) *Rio Grande do Sul, do Brasil* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 70-75. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FRANCO, Sérgio da Costa (1992) *Gaúchos, existem?* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 281-283. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FREITAS, Décio (1992) *O desfalecido orgulho gaúcho* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 36-38. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FREYRE, Gilberto (1963) *Casa Grande e Senzala*. Brasília: Editora da UnB.

_____. (1974) *Ordem e Progresso*, vol II. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

FRIEDMAN-BIANCO, Bela (1987) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos*. São Paulo: Global Universitária.

GADAMER, Hans-Georg (1993) *El problema de la conciencia histórica*. Madrid: Editorial Tecnos.

GASTAL, Susana (1992) *A luz no imaginário gaúcho* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 230-234. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

GEERTZ, Clifford. (1978) *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GERTZ, René E. (1992) *Nós, os alemães* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 45-49. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

- GIDDENS, Anthony (1991) *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- GOLIN, Tau (1983) *A Ideologia do Gauchismo*. Porto Alegre: Tchê! Editores.
- _____. (1987) *Por baixo do poncho*. Santa Maria: Tchê! Editores.
- _____. (1989) *A Tradicionalidade na Cultura e na História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê! Editores.
- GOROSITO, Ana Maria (1992) *Identidad étnica y manipulación* In Hidalgo C. Tamagno (org.) *Etnicidad e Identidad*, pp. 143-152 Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, Buenos Aires.
- GUAZELLI, César (1992) *O caudilhismo* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 153-156. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- GUEDES, Paulo Coimbra (1992) *E o que somos agora, depois que viramos brasileiros?* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 15-18. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- GUIBERNAU, Montserrat (1997) *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GUTFRIEND, Ieda (1992) *A historiografia sul rio-grandense e o mito do gaúcho brasileiro* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 148-152. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- HABERMAS, Jürgen (1981) *Modernidad versus Postmodernidad* In Joseph Pico (org.) *Modernidad y Postmodernidad*, pp. 87-102. Madrid: Alianza Editorial.
- HALL, Stuart (1997) *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- HANNERZ, Ulf. (1991) *Scenarios for Peripheral Cultures* In Anthony D. King. (org.) *Culture, Globalization and the World-System*, pp. 107-128. London: The Macmillan Press.
- HARVEY, David (1996) *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- HECHT, Susanna B. (1997) *Solutions and Drivers? The Dynamics and Implications of Bolivian Lowland Deforestation (paper)*
- HECKER Fº, Paulo (1992) *Eu gosto* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 222-228. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- HERNANDEZ, José (1972) *Martin Fierro*. Porto Alegre: Editora Bels.
- HOBSBAWN, Eric J. e RANGER, Terence (1986) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1991) *Nação e Nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor (1978) *A Indústria Cultural* In Luiz Costa de Lima (org.) *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HUYSEN, Andreas (1991) *Mapeando o pós-moderno* In Heloísa Buarque de Holanda (org.) *Pós-modernidade e política*, 15-80. Rio de Janeiro: Rocco.
- JAMESON, Fredric (1996) *O pós-modernismo e o mercado* In *Um mapa da ideologia*, pp. 279-296. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- JUVENAL, Amaro (1986 [1915]) *Antônio Chimango*. Porto Alegre: Martins Livreiro
- KAISER, Jakzam (1996) *CTG de Negros: Racismo no Tradicionalismo Gaúcho* In Ilka Boaventura Leite (org.) *Os Negros no Sul do Brasil*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- KELLNER, Douglas e CVETKOVICH, Ann (1997) *Thinking global and local* In *Articulating the global and the local*. Boulder-Colorado: Westview Press.
- LACAN, Jacques (1996) *O estádio do espelho como formador da função do Eu* In *Um mapa da ideologia*, pp. 97-104. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- LAITANO, Cláudia (1993) *Carlos Reverbel - Arca de Blau*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- LANGER, Suzanne (1971) *Filosofia em nova chave - Um estudo do simbolismo de razão, rito e arte*. São Paulo: Perspectiva.
- LARAYA, Roque de Barros (1993) *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEACH, Edmund (1978) *Cultura e Comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- LEAL, Ondina Fachel (1992a) *Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha* In *Brasil e França: Ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- _____. (1992b) *Duelos verbais e outros desafios: representações masculinas de sexo e poder*. In *Cadernos de Antropologia/Cultura e Identidade Masculina*, nº. 7, pp. 43-60. Porto Alegre: Fapergs.
- _____. (1992c) *O Mito da Salamandra do Jarau: a constituição do sujeito masculino na cultura gaúcha* In *Cadernos de Antropologia/Cultura e Identidade Masculina*, nº. 7, pp. 7-14. Porto Alegre: Fapergs.
- _____. (1992d) *Do diário de campo: os percursos da descoberta do ser gaúcho, do ser homem (e do ser mulher)* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 50-54. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- LEITE, Ilka Boaventura (1994) *Plurietnicidades e Intolerâncias: Relações Interétnicas no Sul do Brasil. Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão*. Florianópolis: NUER/UFSC.
- _____. (1996a) *O Negro no Sul do Brasil*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

- _____. (1996b) *Antropologia da Viagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- _____. (1998) *Transição de identidades e as teorias da mestiçagem na América Latina (paper)*
- LESSA, Luiz Carlos Barbosa (1978) *Rodeio dos Ventos*. Porto Alegre: RBS/Editora Globo.
- _____. (1979 [1954]) *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*. Porto Alegre: Samrig.
- _____. (1985) *Nativismo, um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: LP&M/Coleção Universidade Livre.
- _____. (1986) *A História do Chimarrão*. Porto Alegre: Sulina.
- _____. (1992) *Porteira Aberta In Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 72-75. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1974) *Introdução a Marcel Mauss In Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia I*. São Paulo: Edusp.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1981a) *La Identidad: seminario interdisciplinar*. Barcelona: Ediciones Petrel.
- _____. (1981b) *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. (1986) *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70.
- LOPES NETO, João Simões (1991) *Lendas do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- _____. (1992) *Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- LOVE, Joseph (1975) *O Regionalismo Gaúcho*. São Paulo: Perspectiva.
- LYOTARD, Jean-François (1986) *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza (1992) *Marcas In Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 178-182. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- MACHADO, Juremir (1992) *O reino da distinção In Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 114-118. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- MAESTRI, Mário (1992) *Em terra de branco, não tem lugar pra negro In Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 145-147. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- MAFESOLLI, Michel (1985) *O conhecimento comum - Compêndio de Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Brasiliense.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1976) *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril/Coleção Os Pensadores.

MARCUS, George e FISCHER, Michael. (1986) *Anthropology as Cultural Critique: an experimental moment in the human sciences*. Chicago: The University of Chicago Press.

_____. (1991) *Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre modernidade no final do século XX ao nível mundial* In *Revista de Antropologia*, nº 34, pp. 197-221. São Paulo: Editora da USP.

MATA-MACHADO, Bernardo Novais da (1991) *História do Sertão Noroeste de Minas Gerais (1690-1930)*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais.

MATTA, Roberto da (1978a) *O ofício do etnólogo ou Como ter Anthropological Blues* In Edson de Oliveira Nunes (org.) *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*, pp. 23-46. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1978b) *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1981) *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes.

MAUSS, Marcel (1974a) *Sociologia e Antropologia*, vol. I. São Paulo: Edusp.

_____. (1974b) *Sociologia e Antropologia*, vol. II. São Paulo: Edusp.

_____. (1979) *Fenômenos Gerais da Vida Intra-social* In *Mauss, Antropologia*, vol. 11, pp. 196-204. São Paulo: Ática/Coleção Grandes Cientistas Sociais.

_____. (1993) *Manual de Etnografia*. Lisboa: Don Quixote.

MCLUHAN, Marshall (1964) *Os meios de comunicações como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.

MELATTI, Júlio César (1978) *Radcliff Brown*. São Paulo: Ática/Coleção Grandes Cientistas Sociais.

MELIÁ, Bartolomeu (1984) *O índio no Rio Grande do Sul*. Pastoral Indígena Interdiocesana Norte.

_____. (1991) *El Guaraní, experiencia religiosa*. Assumpción: Biblioteca Paraguaya de Antropologia.

MENEZES, Marilda e GONÇALVES, Alfredo José (1986) *Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra*. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios/Edições Paulinas.

MOMBELLI, Raquel (1996) *Mi Soi Talian Gracia a Dio: identidade étnica e separatismo no oeste catarinense*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social (encadernação da autora), UFSC, Florianópolis.

NOLL, Maria Isabel (1992) *Dr. Getúlio* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 151-154. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (1976) *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira.

_____. (1988) *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

OLIVEN, Ruben George (1990) *O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental: o Tradicionalismo Gaúcho* In *Cadernos de Antropologia*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.

_____. (1992a) *A Parte e o Todo. A Diversidade Cultural do Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1992b) *A antropologia e a diversidade cultural no Brasil* In *Brasil e França: Ensaio de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

_____. (1992c) *A antropologia dos grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1992d) *O Renascimento do gauchismo* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 77-80. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

ORNELLAS, Manuelito de (1969) *As Origens Remotas do Gaúcho* In *Rio Grande do Sul Terra e Povo*, pp. 43-50 Porto Alegre: Editora Globo.

_____. (1976) *Gaúchos e Beduínos. A Origem Étnica e a Formação Social do Rio Grande do Sul* In *Coleção Documentos Brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/MEC.

ORO, Ari Pedro (1992) *Nós, os macumbeiros* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 78-83. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

ORTIZ, Renato (1988) *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense.

PACE, David (1992) *Claude Lèvi-Strauss - O guardião das cinzas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

PADOVANI, Luiz (1980) *Brasileiros no Paraguai* In *Migrantes: êxodo forçado*, pp. 42-47. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios/Edições Paulinas.

PALLAZZO, José Truda (1969) *A Economia* In *Rio Grande do Sul Terra e Povo*, pp. 155-174 Porto Alegre: Editora Globo.

PEIRANO, Mariza G. S. (1993) *A Favor da Etnografia* In *Anuário Antropológico 92*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UNB.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy (1990) *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense.

_____. (1992) *De frustração histórica do Rio Grande* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 19-21. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

PICCOLO, Helga (1992) *Nós "gaúchos", os separatistas* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 61-66. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

PRADO, Paulo (1972) *Ensaio Sobre a Tristeza Brasileira* In *Retratos do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/MEC/Coleção Documentos Brasileiros.

PRICE, Richard (1983) *First Time - The historical vision of an afro-american people*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

RAMIL, Vitor (1992) *A estética do frio* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 262-270. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

REVERBEL, Carlos (1985) *Maragatos e Pica-paus - Guerra Civil e Degola no Rio Grande*. Porto Alegre: L&PM.

RIBEIRO, Gustavo Lins (1992) *Bichos-de-obra: fragmentação e reconstrução de identidades* In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 18, pp. 30-40.

_____. (1994) *Ser e não-ser. Explorando fragmentos e paradoxos das fronteiras da cultura* In *Fronteiras da Cultura - Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina*, pp. 9-21. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

RIBEIRO, Iselda Corrêa (1987) *Pioneiros Gaúchos: a colonização do norte mato-grossense*. Porto Alegre: Tchê! Editores.

ROSALDO, Renato (1991) *Cultura y Verdad: nueva propuesta de análisis social*. Cidade do México: Editorial Grijaldo/Coleção Los Noventa.

ROYCE, Anya Peterson (1982) *Ethnic Identity: strategies of diversity*. Indiana: University Press/Bloomington.

RUBEN, Guillermo Raúl (1988) *Teoria da Identidade: uma crítica* In *Anuário Antropológico* 86, pp. 75-92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UNB.

_____. (1992) *La Teoria de la identidad en la Antropologia: un ejercicio de etnografia del pensamiento moderno* In *Antropologia y Ciencias Sociales*, vol. 2, pp. 69-80. Buenos Aires: Publicar.

_____. (1995) *Empresários e globalização; prolegômenos de uma metodologia antropológica de compreensão e ação* In *Revista Lua Nova*, nº 35, pp. 71-87. São Paulo: CEDEC - Centro de Estudos de Cultura Contemporânea..

SAHLINS, Marshall (1979) *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. (1990) *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. (1993) *O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte 1)* In *Mana: Estudos de Antropologia Social*, pp. 41-73. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

SAINT-HILAIRE, Auguste (1974 [1887]) *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora/Editora da USP.

_____. (1978 [1851]) *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora/Editora da USP.

SANTOS, José Vicente Tavares dos (1993a). *Matuchos: exclusão e luta. Do Sul para a Amazônia*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1993b) *Os "Retornados": Gaúchos que voltaram da Amazônia* In *Revista Travessia*, nº 19, pp. 26-28. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios.

_____. (1993c) *Camponeses e Trajetórias Migratórias: do sul para a Amazônia Ocidental* In *Anuário Antropológico* 91, pp. 65-86. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

SANTOS, Sílvia Coelho dos Santos (1991) *Aspectos da evolução cultural: a questão da identidade*. Florianópolis: Anais do 2º Ciclo de Estudos Catarinenses.

SCHADEN, Egon (1974) *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: Edusp.

SCHERER-WARREN, Ilse (1993) *Rede de Movimentos Sociais*. São Paulo: Edições Loyola.

SCHWARTZ, Benjamin (1993) *Culture, Modernity and Nationalism: further reflexions* In *Daedalus, The journal of the American Academy of Arts and Sciences*, nº 3, pp. 207-225.

SEYFERTH, Gieralda (1993) *Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso)* In *Anuário Antropológico* 91, pp. 31-63. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

SILVA, Deonísio da (1992) *O estado mais politizado do Brasil* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 130-134. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

SILVEIRA, Oliveira (1992) *Nós, os negros* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 1, pp. 55-58. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

SPRANDEL, Maria Anita (1991) *Brasiguaios: os camponeses e as regras do jogo político nas fronteiras do cone sul* In *Revista Travessia*, nº 11, pp. 9-13. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios.

STOCKE, Verena (1993) *Cultura européia: uma nova retórica de exclusão?* In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 28, pp. 20-31.

STRELIAEV, Leonid (1992) *Separatismo e marketing* In *Nós, Os Gaúchos*, vol. 2, pp. 57-60. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

TEDLOCK, Dennis (1986) *A Tradição Analógica e o Surgimento de uma Antropologia Dialógica* In *Anuário Antropológico* 85, pp. 183-202. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UNB.

TEIXEIRA, Sérgio Alves (1988) *Os Recados das Festas*. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore.

_____. (1992) *As brigas de galo e os atributos morais da masculinidade In Brasil e França: Ensaio de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

TURNER, Victor (1974) *O Processo Ritual - Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.

VALENTE, Ana Lúcia (1994) *Chipa com chimarrão: memória e identidade na fronteira Brasil-Paraguai*. Trabalho apresentado no Congresso da Associação Brasileira de Antropologia/1994 (paper).

VAN GENNEP, Arnold (1978) *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes.

VELHO, Gilberto (1978) *Observando o familiar* In Edson de Oliveira Nunes (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VELLINHO, Moisés (1969) *A Formação Histórica do Gaúcho* In *Rio Grande do Sul Terra e Povo*, pp. 51-64. Porto Alegre: Editora Globo.

VERDERY, Katherine. (1993) *Whither "nation" and "nationalism"?* In *Daedalus, The journal of the American Academy of Arts and Sciences*, nº 3, pp. 37-46.

VERÍSSIMO, Érico (1969) *Um Romancista apresenta sua terra* In *Rio Grande do Sul Terra e Povo*, pp. 3-14. Porto Alegre: Editora Globo.

VIANNA, F.J. de Oliveira (1952) *Populações Meridionais do Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

VIET, Jean (1973) *Métodos Estruturalistas nas Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

WAGNER, Carlos (1990) *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes.

WALLERSTEIN, Immanuel (1990) *Culture as the Ideological Battleground of the Modern World-System* In Mike Featherstone (org.) *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*, pp.31-56. London: Sage.

WEBER, Max (1977) *Economia y Sociedad - Esbozo de Sociología Comprensiva*, vol. 1. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

_____. (1996) *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

WILLIAMS, Raymond (1976) *Keywords*. Londres: Fontana.

_____. (1992) *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

WILLIAMS, Thomas Rhys (1973) *Métodos de campo en el estudio de la cultura*. Madrid: Thaler de Ediciones Josefina Betancur.

ZALUAR, Alba (1988) *Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas* In *A Aventura Antropológica*, pp. 107-126. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ZIZEK, Slavoj (1996) *O Espectro da Ideologia* In *Um mapa da ideologia*, pp. 7-38. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.



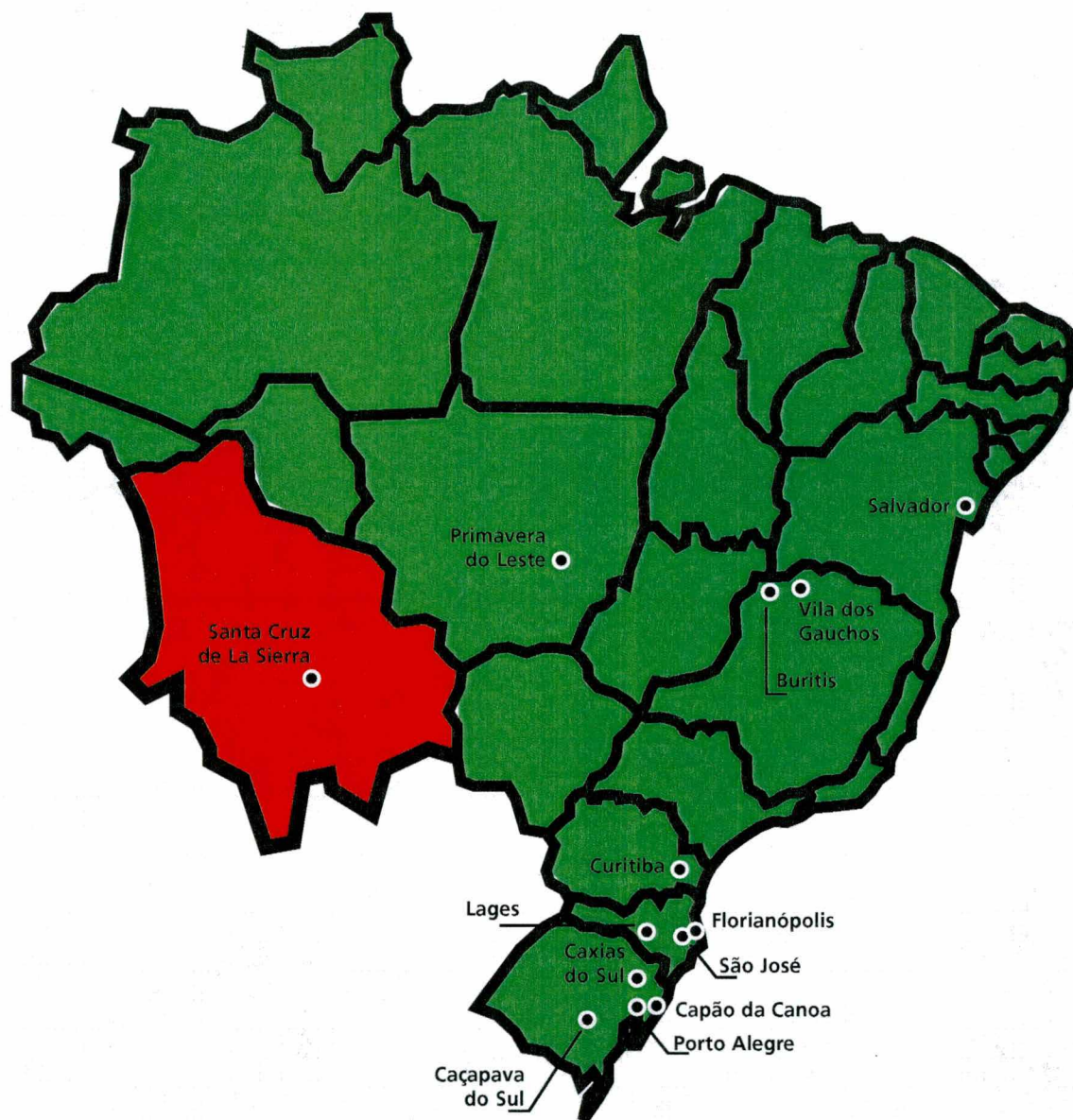
anexos

mapas

documentos

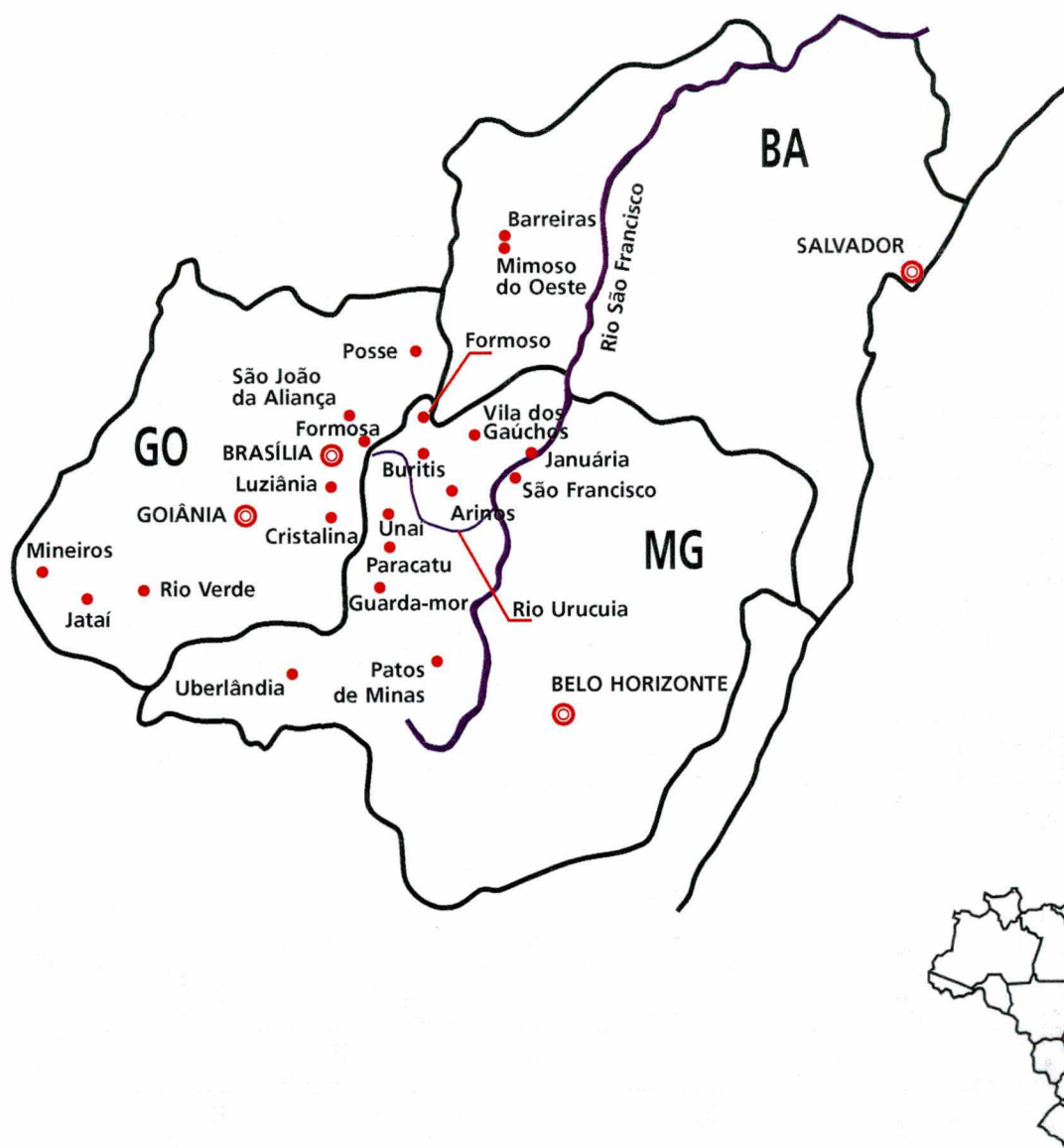
fotografias

artigos de revistas e jornais



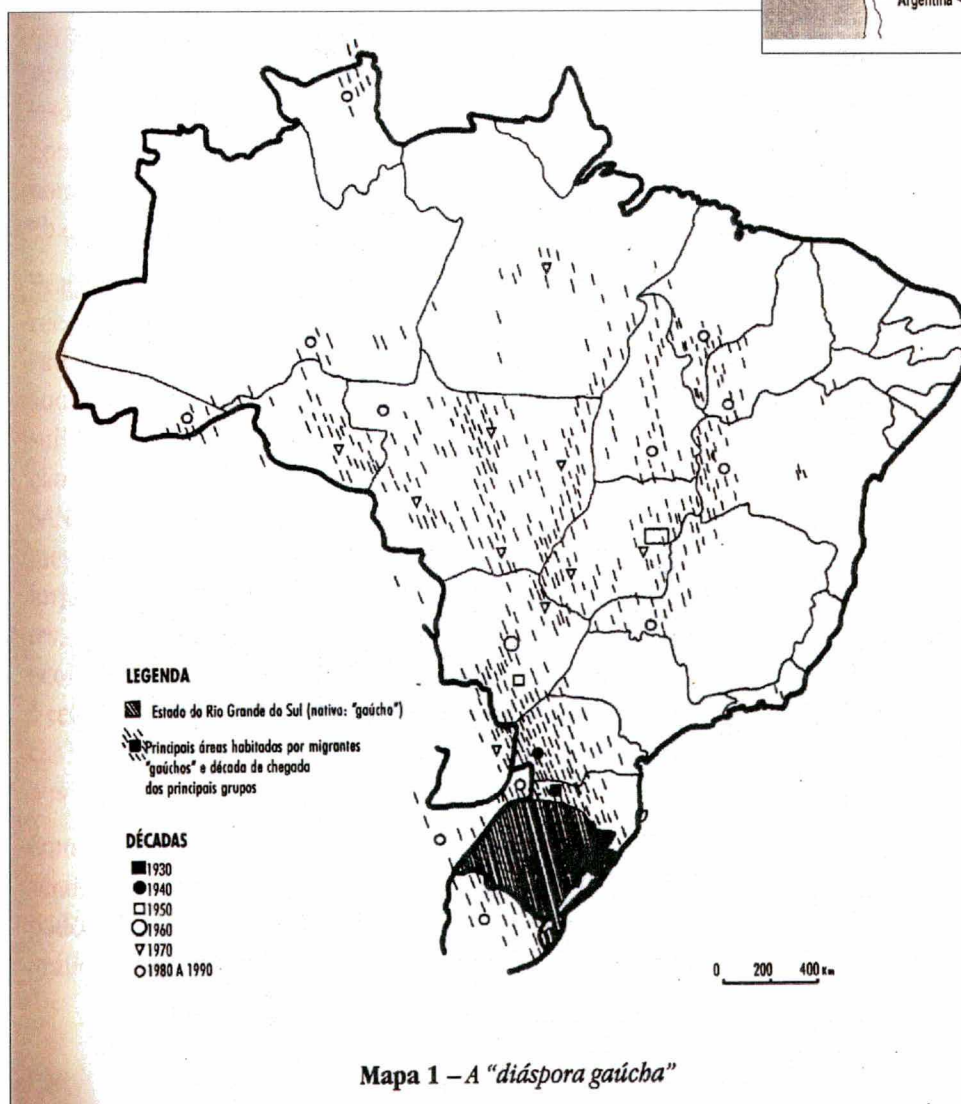
AS VIAGENS DO PESQUISADOR:
Cidades em que foram realizadas
pesquisas / trabalhos de campo.

PRESENÇA GAÚCHA NO PLANALTO CENTRAL:
Cidades que têm CTGs ou movimentos pró-CTG.



O mapa menor foi apresentado pelo pesquisador em seu projeto para ingresso no programa de pós-graduação, em setembro de 1993.

O mapa maior foi publicado pelo Prof. Dr. Rogério Haesbaert em seu livro Des-territorialização e identidade, editado no final de 1997.



DO RIO GRANDE DO SUL PARA O BRASIL

■ As grandes migrações dos gaúchos rumo às terras do norte e aos países vizinhos ocorreram em quatro grandes períodos:

1 No final do século passado os agricultores das chamadas colônias velhas, estabelecidos no Vale do Sinos e Serra do Nordeste, começam a povoar o norte do território do Rio Grande do Sul. Espalham-se pelo Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai.



2 Nos primeiros anos do século XX os agricultores gaúchos começam a migrar para fora do Estado. Primeiro vão para o oeste catarinense, depois para o sudoeste do Paraná.

3 No início dos anos 50 os gaúchos começam a chegar às terras do Mato Grosso - atual Mato Grosso do Sul. Depois sobem para o atual Mato Grosso.



4 Na década de 70 ocorre a maior migração. Os gaúchos vão para Goiás, Tocantins, Amazonas, Maranhão, Piauí, Rondônia e Acre. Também começam a comprar terras no Uruguai e Argentina, onde plantam arroz irrigado. E entram em grandes levas no Paraguai.



F.Gonda/Arte ZH

Mapa publicado no Caderno
Brasil de Bombachas,
Jornal Zero Hora, 17/03/95.

Os pampas transbordam

Onde estão os 1,2 milhão de gaúchos que moram fora do Rio Grande do Sul

Sul do Pará - As cidades da região, colonizadas por gaúchos, consomem 2,5 toneladas de erva-mate por mês

Balsas (MA) - Vendendo hectare a preço de cigarro, a cidade atraiu gente como Alneto Schmitt, dono de 2 500 cabeças de gado

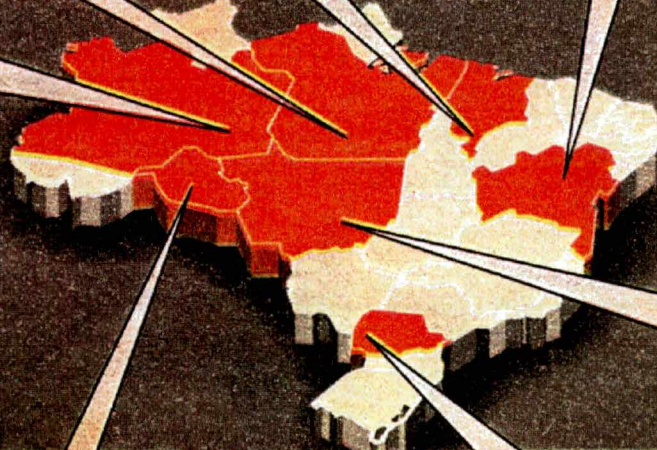
Barreiras (BA) - Na mão dos gaúchos, o cerrado balano, antes considerado improdutivo, virou um grande produtor de soja

Apuí (AM) - Com 20 000 habitantes, é um pedaço do Rio Grande do Sul no coração da Floresta Amazônica. Um terço dos moradores são gaúchos

Primavera do Leste (MT) - Os 38 Centros de Tradição Gaúcha do Estado têm até cartão de afinidade para os associados

Rondônia - Dez linhas de ônibus transportam 250 pessoas por dia entre as cidades da região e os três Estados do Sul

Oeste do Paraná - É a maior concentração de gaúchos fora do seu Estado natal. Na TV, os jogos do campeonato gaúcho dão mais audiência que os dos times locais



Mapa publicado na Revista
Veja, 24/01/96.

REVISTA DCI

▼ FURACÃO CULTURAL (1)

Minuano versus Vento Sul

A invasão das tradições gaúchas no litoral catarinense provoca, como reação, o renascimento da cultura açoriana. Afinal, tudo é Brasil

JAKSAM KAISER

A guerra fria entre ilhéus e gaúchos é antiga. Há episódios exemplares. Um deles aconteceu em junho de 1989. Um jornal de Florianópolis transcreveu partes de um artigo publicado no *O Farroupilha*, da cidade de mesmo nome, assinado pelo cronista Vitor Minas, no qual, em síntese, ele afirma-

vaque os ilhéus são vadios, frouxos, chatos e falam como bichas. O pessoal de Florianópolis não deixa por menos: "Gaúcho é tão grosso que não passa no Estreito." O ilhéu ressentido de uma invasão que não vem só do Rio Grande do Sul; além destes, tem os "gaúchos" do Oeste do Estado, em sua maioria descendentes de italianos que vieram das colônias do Rio Grande do Sul, e os argentinos, que também cultuam o mito do homem do pampa.

Alguns números desta invasão: dos 1 milhão 600 mil turistas que, segundo a Sentur, visitaram o Litoral na última temporada, 390 mil vieram do Rio Grande do Sul, 350 mil da Argentina e 420 do interior de Santa Catarina. Um total de 1,16 milhão. Se considerarmos que boa parte dos catari-

nenses do interior e argentinos são influenciados pelo gauchismo em suas cidades de origem, podemos ter uma dimensão do choque cultural em curso.

EXPANSÃO - Bate-bocas e desaforos múltiplos à parte, um agravante da nova flogia ao mal-estar: o crescimento do Tradicionalismo Gaúcho excitou a xenofobia local. O presidente da Associação Brasileira de Antropologia, Sílvio Coelho, afirma que o gauchismo está em franca expansão em Santa Catarina. Ele dá uma pista para o sucesso dos CTGs (Centros de Tradição Gaúcha) em Florianópolis: para ele, esta expansão deve-se a uma forte migração rural-urbana. Estas populações, sem raízes, precisam manter sua identidade de origem ou assumir uma nova. O gauchismo, com seu folclore de homem da fronteira, é atraente a elas.

As reações variam das declarações proibição dos CTGs em Florianópolis às tentativas de renascimento da cultura açoriana. Estes últimos afirmam que a invasão tem aspectos positivos. Gelci José Coelho, o Peninha, um dos criadores do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos), diz que a vinda de CTGs anima a população local, que não se identifica com o gauchismo, a retomar suas próprias tradições: "Os gaúchos são organizados, têm dinheiro, presença nacional, são admiráveis. Temos que aprender com eles." Amigo de uma polêmica, Peninha põe mais lenha na fogueira. "Os gaúchos não são problema. Os CTGs devem ser exemplos para outros grupos se organizarem. Tanto que permitem boi-de-mamão lá dentro." A preocupação é com o Beto Carrero: "O gauchismo é uma cultura nacional, mas o Beto Carrero está trazendo faroeste norte-americano para cá." A reação contra os gaúchos, então, provoca uma afirmação da identidade açoriana.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho começa a ser cultivado em várias regiões do País. Em Santa Catarina, mostra-se forte, especialmente nas cidades do Planalto



DANIEL CONZIAROURVOIC

REAÇÕES - Este contraste de identidades tem acontecido em outros locais onde o gauchismo está presente. Em Cuiabá, no Mato Grosso, por exemplo, foi criado o movimento "Muchirum", uma corruptela local da palavra mutirão, que tem elementos da cultura nativa local, criado a partir do Tradicionalismo Gaúcho, segundo o professor de História da UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), Carlos Bertolini. Ele diz ter notícias que, em outros estados do Norte, "como Rondônia e Acre", não existe reação ao gauchismo. "Só há CTGs", conta.

No caso do contraste entre gauchismo e cultura açoriana, o professor Sílvio Coelho destaca o papel da mídia, que exalta as virtudes das culturas gaúcha e alemã e dá um caráter desabonador à cultura açoriana - o tratamento à Farra do Boi, no qual o ilhéu é apresentado como torturador de animais, é um exemplo. Não é à toa que o colonista Cacau Menezes reclama que "logo, o símbolo de Santa Catarina vai ser uma cuia e um caneco de chope."

Primeiro CTG tem quase 50 anos

A cultura açoriana e o gauchismo vivem dois momentos distintos. Enquanto a primeira está em fase de renascimento e organização, o gauchismo está presente em vários estados do País e regiões de países vizinhos e o primeiro CTG (o 35, em Porto Alegre, fundado por Paixão Cortes e Barbosa Lessa) é quase cinquentão. A cultura açoriana renasce em oposição a culturas alienígenas, entre elas a gaúcha. O gauchismo foi criado em oposição à cultura norte-americana e se expandiu em oposição à cultura do eixo Rio-São Paulo, difundida

pela televisão. Para o ilhéu açoriano, o gauchismo é colonizador. Para o tradicionalista gaúcho, o CTG é um baluarte contra a colonização cultural. Um paradoxo.

Enquanto isso, a República Juliana já é data oficial no calendário catarinense e o MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) tem 386 entidades filiadas no Estado. A experiência do MTG pode facilitar o trabalho dos animadores da cultura açoriana. Um exemplo: em 1946, quando um grupo de estudantes secundaristas fundou o CTG 35,

não havia dinheiro, nem estrutura, e a reação era de estranheza, quando não de gozação. Se o movimento cresceu, foi porque teve um caráter militante que o popularizou. "O tradicionalismo gaúcho é cheio de alegorias", como ressalta Peninha. Outro exemplo: o segundo CTG foi fundado numa comunidade alemã por imigrantes que buscavam uma identidade para afirmarem-se como cidadãos na nova terra. Então, se os gaúchos quiserem entrar no boi-de-mamão ou carregar a maricota, que sejam bem-vindos!

SEQUE

Fac-símile da reportagem do autor cuja publicação foi vetada após a página estar pronta para impressão.

POLEMICA



Poema

"Foram pastores da fazenda brava, firmes no cavalo do deserto, laçadores, marcadores, tropeiros, capatazes, ves ou outra madreiro; algum, o escutado, foi o trovador. (...) O diálogo pausado, o mate e o barulho foram as formas de seu tempo. A diferença de outros camponeses, eram capazes de ironia. Eram sofridos, castos e pobres. A hospitalidade foi sua festa. (...) Sua cinza mortal está perdida em remotas regiões do continente, em campos de batalha hoje famosos.

Os gaúchos, do livro *Elogio da Sombra*, de Jorge Luis Borges.

DELEGAÇÃO DE
FLORIANÓPOLIS
AO SEMINÁRIO
em Capela de Casas
1994



25/11/94

Caricatura do
pesquisador feita
por Barbosa Lessa.
Obs: o chapéu e o
lenço no pescoço
foram colocados
pelo desenhista.

CHEGOU GABRIEL

Edson Otto

Sob um certo tique nervoso, aparentemente nada chama maior atenção sobre seu tipo físico. Estatura mediana (muito sem posturas, todavia, torcimentada, cabelos negros, alhos...), que sim, penetrante como o quê?

Foi o grande Barbosa Lessa quem nos apresentou, lá no CTG Quêbica D'Almeida, em Primavera do Leste, estado do Mato Grosso, numa luminosa manhã, quando preparávamos-nos para o início das plenárias do 17º Congresso Tradicionalista (até então Mato Grosso, UFGA) sob uma forma até certo ponto inusitada, pois quase sempre conhecido, o grande ideólogo do tradicionalismo não é dado a elegias fáceis.

Mais do que a própria figura, foi a maneira como ela entra no meu conhecimento que, de pronto, me abertou, e me intrigou.

Pois então, ali estava um cientista de verdade à minha frente, e o tipo de cientista que, nesta fase do Movimento, nos interessa sobretudo vem analisar-nos, dentro de tudo o que estamos por ele. Uma jovem antropóloga rio-grandense, insidiosa na Capital sulina e que como tema de sua tese de conclusão de curso de Mestrado em Antropologia, na Universidade Federal de Florianópolis escolheu o Tradicionalismo Gaúcho em sua ação fora do território da mais meridional das províncias brasileiras.

Ainda bem que o anúncio do seu nome — JACKZAM KAISER — foi feito por ele próprio, pois caso contrário ficaria imaginando um tremendo alarido de louros, siado, de postura grandiosa e, conseqüentemente, ares dominadores... Ao contrário, ali estava uma criatura extremamente simpática, ridente com simplicidade, um quase permanente sorriso nos lábios, irradiando comunicabilidade e simpatia.

Ele mesmo sem dar lugar de montar foi ele quem acabou montando, de modo a que sem meios termos, pouco depois eu lhe fornecia todos os elementos de que dispunha para colaborar na sua ação. Normas, endereços, fatos, acontecimentos... Apuro e fôra de. Brasil, em quantidade maior do que havia fornecido à natural gaiata da revista Veja e que serviram bastante para a grande reportagem que ela produziu recentemente e nosso respeito.

Amizade é coisa muito séria e não se faz, assim, de repente. Sei muito bem disso, pois são raras aquelas que tive ou tenho como amigos, dentre as inúmeras legiões de pessoas do meu relacionamento, mais ou menos próximas. Mas tal qual o imortal Aureliano relata em um dos seus célebres poemas, desenvolvendo o seu sentir ao ser colocado via-a-via ao também imortal Luis Rulfo, "Foi como um sinal maçom/ De vereda nos entendemos". E por incrível que pareça, baste-me na passarinha por "aquela bunitinha poderia sair cocho".

E parece que com Jackzam aconteceu o mesmo. Pelo menos senti isso nas suas correspondências que passaram a chegar levemente, dando conta de passagens do seu trabalho e não apenas tentando descobrir caminhos para o seu trabalho, coisa que não faria se seu interesse fosse meramente profissional.

Encontramo-nos novamente no Seminário de Capela de Casas, onde pude ver-lhe, mais uma vez, útil. E já no caloroso abraço de chegada ele repete — com muito mais ênfase, porém, a preocupação que tinha com a Test, sua esposa, já desde o seu primeiro encontro.

— "Quis trazê-la, Edson. Mas não foi possível. Estava aqui com o coração na mão, pois nem sei se chega primeiro o nosso primeiro filho ou eu de volta a Florianópolis".

Preocupação que, sob todos os aspectos revelava em correspondência datada, pouco depois, da antiga Desterro, lembrando-se por si só haver se despedido de mim ao aproveitar uma inesperada garupa que o levava a clarear aos braços da amada que guardava em si o precioso fruto do amor deles dois.

Pouco antes do Natal, dentre os diversos cartões de felicitações e cumprimentos recebidos, encontrei uma petrela que

revela o mais profundo da alma desse valioso PROJETO DE AMIGOS que é Jackzam Kaiser e que deve conter muitas páginas do ser da sua vida. Test: CHEGOU... GABRIEL 6.12.94. Um desenho de um bebê peludo, de garfinhas, topeito meio esvoaçante, ponta de longo encucado aparecendo atrás do pescoço, olhos esbugalhados de prazer, sorvendo não o leite da mamadeira, mas um mate topeitado, numa sala onde se desce a orelha das cortinas de uma vida gaudiosa. No verso este primeiro de mensagens:

NASCEU UM RISQUINHO DE 2,4 KG. MAS, DO ALTO DOS SEUS 43 CM, EMBANHOU PERSONALIDADE: ESTOUROU A BOLSA DA MÃE NO DIA EM QUE O PAI COMPLETAVA 33 ANOS E ESCULHAMBOU A FESTA.

O JACKZAM JÁ SABE QUE APESAR DO GABRIEL SER UM COMEDOR DE BOMBONINHO, ROUBOU AS ATENÇÕES: FESTA, AGORA, SÓ PRA ELE.

A TESTE ESTÁ CONFORMADA: VAI TER QUE AGÜENTAR DOIS MACHOS EM CASA QUE COMEIO RAM ANIVERSÁRIO NO MESMO DIA... BAGAÇA EM DOBRO!!

AO COMPARTILHAR NOSSA ALEGRIA, DESEJAMOS UM FELIZ NATAL. E UM ANO NOVO PLENO DE REALIZAÇÕES.

Amém, Amém, Amém, caríssimo Jackzam. E para você também.

Ver-nos-emos logo, em Cascavel. E pouco depois, se Ele não dispuser o contrário (e por que haveria de fazê-lo?), vamos, eu e meus familiares, conhecer sua doce Teste e o seu anjo Gabriel aí em Florianópolis.

E como o amigo e sempre novo Gabriel nos anunciou um Redenção, que o teu e da Teste chegue trombando o início de tempos melhores.



Jackzam Kaiser fugado em plena atividade durante o Seminário Nacional-Tradido Gaúcho, em Capela de Casas, em novembro último.

Editorial publicado no Jornal Tradição, assinado pelo seu proprietário e vice-presidente da CBTG - Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas. O jornal circula em todos os CTGs do Brasil.

**Serra das Araras e
Chapada Gaúcha
Unidos pela Emancipação.**

**No dia 22 de Outubro de 1995
diga SIM pelo progresso.**

Valorize o seu direito:

VENHA VOTAR!

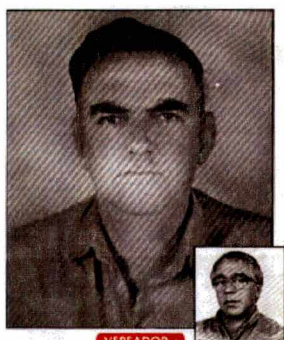


SIM



NNN

**Apoio: Vereadores Narciso Elo e Tôni Cabeça.
Zé de Otilio, Zacarias, Antônio Norberto, Célio João,**



VEREADOR

NARCISO ELOI BARON

Nº 25.627

**PREFEITO SEVERINO
GONÇALVES DA SILVA**

**SEVERINO DE NOVO COM O
VOTO DO POVO**

Propaganda do movimento pela emancipação da Vila dos Gaúchos e campanha de Narciso Baron, que tornou-se prefeito do atualmente emancipado município de Chapada Gaúcha. (Ver adiante fotos da passagem do pesquisador pela Vila dos Gaúchos e matéria da Veja sobre a emancipação do município.)

Camaquã, 31 de março 1994.

Prezado amigo Jakzam Kaiser:

Recebi com enorme prazer a tua carta. Viva! apareceu mais alguém, além do prof. Ruben George Oliven, para encarar de frente -- e sem preconceitos -- o fenômeno social do gauchismo. Viva!

Minha carta não vai obedecer a uma linha predeterminada. À medida que releio tua mensagem e teu trabalho, vou botando na máquina o que me surge à cachola. Há muita coisa para conversar. Vamos ligeirito então, em linguagem quase telegráfica.

Indicação de bibliografia. Em anexo, a tese que apresentei no 1º Congresso Tradicionalista, em 1954. Até então, discutia-se se o CTG devia ser algo hermético, como um grupo de maçonaria ou uma Academia de Letras ou um Instituto Histórico, ou se devia ser algo aberto: pugnei sempre pela ampla popularização do movimento, e no 1º Congresso foi adotada conscientemente a linha de popularização. Base de meu trabalho:

"O Homem - uma introdução à Antropologia", de Ralph Linton. (Eu havia frequentado durante alguns meses a Escola Livre de Sociologia, dirigida por Donald Pierson, em São Paulo). - Em anexo, também, meu trabalho "Nativismo, um fenômeno social gaúcho" (o título NATIVISMO em vez de Tradicionalismo foi proposto pela editora L & PM ao me encomendar o livro). - Obviamente, indica os trabalhos do prof. Ruben George Oliven. E os dois volumes de "Nós, os Gaúchos", editados pela Universidade FRGS.

Si queres ter o prazer de me conhecer pessoalmente, maior ainda será o meu prazer em te receber aqui em meu sítio, no meio do mato, em Camaquã, onde desenvolvo com minha mulher Nilza um absorvente trabalho de pesquisa e produção de plantas medicinais (inclusive erva-mate). Chegando a Camaquã, pergunta pelo distrito de Santa Augusta; a 25 km, da sede do município, na estrada da Cíntea, há uma plaquinha de rodovia indicando do Cachoeira B. Lessa: é por aí. ME AVISA DE TUA VINDA: fone (051) 671.3086 r.1.

"Pessoas com quem poderia conversar sobre o assunto". Há duas, com a mesma inquietação intelectual do amigo Jakzam. Profª RAQUEL SOUZA, RUA CEL. SAMPAIO 119, RIO GRANDE, RS, 96200-180. Para seu Mestrado em Letras elaborou tese sobre o maniqueísmo que envolve a figura do gaúcho: O Monarca das Coxilhas X O Gaúcho Degradado. Ela se refere, de certa forma, aos intelectuais porto-alegrenses que impetuosamente rebatem a mitificação do "monarca" mas na mesma proporção criam outro mito, o do gaúcho como verme ou coisa parecida, "grosso" e posto à mercê das elites dominantes. A outra pessoa é meu particular amigo MÁRIO MATTOS, grande pintor e aquarelista de motivos campeiros, engenheiro-agrônomo, residente durante muitos anos em Sorocaba, onde dinamizou a tradição dos tropeiros. Aposentado, voltou ao RS e tem participado ativamente dos últimos Congressos Tradicionalistas. Endereço: RUA GONÇALVES CHAVES 556, PELOTAS, RS, 96015-560. Telefone da residência, em Capão do Leão: (0532) 21.5011.

"A guerra fria entre ilhéus e gaúchos". Vou mais longe. Mestre Sérgio Buarque de Holanda enfatizou, na obra Raízes do Brasil, que a burocracia lusitana se fixou em cidades do litoral (São Luís do Maranhão, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, São Vicente, Desterro, Laguna, Porto Alegre) e sempre viu o "interior" como região de bárbaros selvagens. Ele escreve mais ou menos assim: "Ainda hoje, quando se fala em interior pensa-se em região aonde a cultura não chegou". Verdade verdadeira. A guerra fria não é só dos ilhéus de Santa Catarina; também é da "ilha" do Viamão contra o "continente". Em Porto Alegre, nos anos 40, nós do interior éramos tão marginalizados quanto o negro, a prostituta e o homossexual; mas o negro, a prostituta e o homossexual podiam transitar livremente na rua da Praia; o "grosso", entretanto, que não se atrevesse a aparecer vestindo bota e bombacha... Ao fundarmos o primeiro CEG nós queríamos que nossa cultura fosse conhecida e, se possível, respeitada; e é curioso lembrar que nossa primeira "apresentação artística" -- ainda muito modesta, pois raríssimas eram as músicas regionais e ainda inexistentes as danças tradicionalistas -- foi oferecida ao Instituto Cultural Brasileiro Norte-americano; nós queríamos ir direto à "fonte" da cultura que nos ameaçava sufocar; o Instituto topou nosso oferecimento, e aí começou um verdadeiro e interessante convívio do gauchismo com outras expressões culturais.

SEPARATISMO. O dia 20 de Setembro de 1835, que aparece em dístico na bandeira do Rio Grande do Sul, e que é cultuado como o dia máximo de gauchismo, lembra a revolução de CONTINENTE DO RIO GRANDE (Pelotas e etc) contra a capital Porto Alegre. Se o Governo Imperial tivesse tido maior sensibilidade, a revolução teria terminada com a nomeação de um preposto que não fosse o José de Araújo Ribeiro burguês. Depois é que veio aquela confusão contra a corte de Rio de Janeiro. Há na revolução farroupilha uma 1ª fase, de Continente contra o Litoral representado por Porto Alegre com seus prepostos de Rio de Janeiro. E há a segunda fase, muitíssimo semelhante ao HAITI de hoje. Múltiplos interesses multinacionais (políticos) se valendo da oportunidade de "salvar" o Haiti. Na "salvação" da rebelada província de Rio Grande do Sul acorreram aos magotes os mazzinistas e outros refugiados italianos, e mais os mineiros herdeiros de Tiradentes (o mentor da República Rio-grandense foi o grande Domingos José de Almeida, mineiro), e mais um norte-americano como John Griggs e aquele bando de uruguaios; daí se entendendo que a Bandeira ~~da República Rio-grandense~~ tenha sido "bolada" pelos maçons de Buenos Aires (leia-se "A História Secreta do Brasil", de Gustavo Barroso). Hoje, quando o alemão aquele de Santa Cruz prega o separatismo com sua bandeira que reproduz a bandeira da Marinha alemã na 2ª Grande Guerra, simplesmente ele está querendo promover a "salvação" de Haiti, quer dizer, de Rio Grande do Sul (ou de Sul do Brasil) sob a égide nazista. Vade retro, separatismo gaúcho!

Fl. 4, "O Movimento Tradicionalista". Há um pequeno lapso a reparar: o CTG 35 foi fundado, não em 1945, mas em 1948. Fui eu quem saiu com um caderninho-de-aula a coletar assinaturas, no 2º semestre de 1947, para um "Clube da Tradição Gaúcha" que se fundaria em março de 1948 (após as férias estudantis, pois éramos na quase totalidade estudantes secundários) e que, afinal, se fundou em abril.

Há CTGs fundados no interior da Bahia (onde a colônia gaúcha é inexpressiva), em Maceió (é mínima a presença de gaúchos em Alagoas), em Los Angeles (bairro de Hollywood...) e, dizem, até em Hong-Kong. Quando ao número total de CTGs, piquetes, grupos artísticos, etc., "não há controle sobre seu número" exato mesmo no Rio Grande do Sul. Só se sabe que são milhares, no total.

Outro pequeno lapso: ~~informação incorreta~~ A lei de 1989, proposta pelo deputado Joaquim Moncks na Assembléia Legislativa do RS, oficializou a pilcha não como "traje típico gaúcho" mas sim como traje oficial para solenidades oficiais, além do smoking & black-tie ou do traje urbano "completo".

"A formação da identidade", fl. 7. "O Tradicionalismo Gaúcho hoje é visto como colonizar por outras populações nos lugares onde chegou através das migrações. É um paradoxo". Talvez não seja um paradoxo. O brasileiro do meu tempo de criança era forçado a adotar a moda francesa, a linguagem francesa, a culinária francesa, a arte francesa, a literatura francesa; ao fim da 2ª Guerra, começamos a ser forçados a adotar a moda norte-americana, a linguagem norte-americana e por aí afora. NÓS OFERECEMOS UMA ALTERNATIVA CULTURAL AOS ADOLESCENTES E JOVENS DE 1948 EM DIANTE: OFERECEMOS UMA ALTERNATIVA ALÉM DA "GERAÇÃO COCA-COLA". Hoje o adolescente ou o jovem podem optar, no Rio Grande do Sul e outros lugares, entre os costumes e modismos hippies, darks, punks, etc etc etc e os costumes apresentados nas festas de CTG. Quem quer ser punk, vai; quem quer ser tradicionalista, também vai por esta opção. Talvez noutros estados a coisa seja semelhante: se o adolescente ou jovem não quiser ser norte-americano vestindo camisetas com dizeres em Inglês e com blue-jeans, o que é que ele pode vestir? o que é que ele pode cantar? o que é que ele pode dançar que não seja o rock...?

Não somos uma imposição imperialista! Somos uma opção cultural para quem esteja necessitando de algo em que alicerçar seu modo de viver, modo de pensar, modo de se divertir.

Para encerrar, por hoje, e na expectativa de novos papos — si Deus quiser "ao vivo e a cores" aqui no meu sítio, já que me é difícil sair daqui por causa da falta de caseiro —, mando-te umas linhas que escrevi, a pedido de uma instituição paulista (Memorial da América Latina), sobre o que é, afinal, ser gaúcho. Ser gaúcho é ter nascido no Rio Grande do Sul? Absolutamente não: há muito gaúcho que não é rio-grandense e há muito rio-grandense que não é gaúcho.

SER GAÚCHO É...

Ser gaúcho é escolher um caminho e decidir-se a trilhá-lo, a trotezito no mais, devagar e sempre, sem se deixar enredar no cipoal das pendengas.

É saber apreciar na natureza inteira — no horizonte da planura, no sol aquecendo a flor, no retouçar dos cavalos, no grito dos queroqueros, na mansidão da boiada, no bravio rugir das feras — uma escola de energia em que há muito o que aprender.

Não se assustar por pouca porcaria.

Saber suportar com dignidade a dor e o sobressalto.

Na carreteada da vida, fazer que nem a serpente: ir mudando só de casca mas guardando sob a pele a jovial ~~maximalidade~~ vitalidade.

É resistir à fácil tentação de ser gentinha, deixando para quem queira a farra e a bagaceirada.

Ser gaúcho é saber furtar-se ao riso sem juízo, à palhaçada dos gestos, à molecagem da fala; mas dar boas gargalhadas quando não há desrespeito.

É ter no ~~fogo-de-chão~~ a beleza do convívio do patrão com o empregado, do avô com o filho e o neto, ou seja lá quem se acheque buscando um pouco de afeto.

É ~~aquecer~~ cordialidade no rito do chimarrão, escutando a charla mansa, dando a mão ao "índio ermão", distribuindo esperança, cantando trova ao violão; e indo assim se predispondo ao festejar desta vida na vibração dos rodeios e no abraço dos fandangos.

De alma forte e coração sereno, manter firmeza e doçura; e, mesmo nos atos de dupeza extrema, jamais perder a ternura.

lugar nenhum do Brasil. Medita bem, Katzam: O GAÚCHO (CAMPEIRO) AGE ESSENCIALMENTE POR CORDIALIDADE E ADESÃO, POR COMPROMETIMENTO. SE ELE ADERE AO GRUPO E SE COMPROMETE COM O GRUPO, TORNA-SE CAPAZ DE MILAGRES COMO DEZ ANOS DE GUERRA FERROUPILO OU O ERGUIMENTO DE UMA MAGNÍFICA SEDE DE CTG NO DISTRITO DA ARMADA EM CANGUÇU OU NA DIVISA DE CANGUÇU COM PIRATINI, OU AINDA UM DESFILE FESTIVO DE MILHARES DE GAÚCHOS NO 20 DE SETEMBRO. MAS, NA BASE DA AUTORIDADE E PUNIÇÃO, ELE "SENTA PRA TRÁS", QUE NEM CAVALO APORREADO: NÃO DÁ UM PASSO. O CAMPEIRO NÃO OBEDECE À AUTORIDADE, INSTINTIVAMENTE ESCUTA APENAS OS QUE ESTÃO NA SUA PROXIMIDADE, EM ÍNTIMA CORDIALIDADE.

Tenho um único irmão — a quem muito admiro, aliás, sob muitos aspectos — que é cinco anos mais velho do que eu. Somos filhos do mesmo pai e da mesma mãe e nascemos e nos criamos na mesma região. Apesar de ser rio-grandense, ele nunca foi gaúcho, no sentido mais fiel da palavra. Nunca foi, não é nem será tradicionalista. No ano de 1954 eu fui para São Paulo, meio com u'a mão adiante e outra atrás, para tentar a sorte como jornalista ou algo semelhante que se me apresentasse. Lá chegando, olhei os anúncios classificados de jornal e saí procurando uma "vaga" em pensão ("quarto" significava habitação exclusiva, e "vaga" a cama em quarto onde duas ou até três pessoas pagariam uma mensalidade mais acessível). Depois de ter olhado algumas pensões, para comparar, cheguei a uma casa-de-família da rua 13 de Maio, onde se alugavam dois quartos. Num dos quartos havia uma vaga, e fui olhá-lo. Uma das camas já era utilizada e, à mesa de cabeceira havia uma cuia de chimarrão com a erva ainda molhada, por uso recente. O morador estava fóra, tinha ido trabalhar. Mas nem quis saber detalhes sobre o nome dele, de onde era, o que fazia: na mesma hora decidi ficar morando ali, na casa da Dona Oscarlina. Só à noite vim a conhecer meu "de-rancho" (termo de quartel), que era um uruguaio recém-formado em Engenharia. Minha opção foi feita porque, atrás daquela cuia, havia um universo de informações que me diziam de um modo-de-ser cordial, respeitoso, positivo. Apesar de toda essa parafernália das últimas décadas, que tem afetado todo mundo, na sociedade de autêntica formação campeira ainda perdura muito dessa cordialidade, respeito e forma positiva de encarar a vida. Talvez por isso é que a gente leva dentro da alma, por aí afora, algo que nem todos os rio-grandenses valorizam e que o literâneo espezinha. É curioso lembrar que o lema do primeiro CTG₂ (o "35", fundado em 1948, numa época em que "gaúcho" ainda não era um gentílico) dizia assim: "Em qualquer chão, sempre gaúcho!" Uma profissão de fé, pois. Um voto de amor à gente e à terra. Este alguém dará valor a isso; outro alguém, não. Uma questão de opção de vida e de sentimentos, creio. Uma herança GUARANI, ou americana autóctone, talvez. Quem está por escrever tese és tu, não sou eu: então te vira, queimando pestanas, que mais do que isso eu não sei.

Acho que o ritual é o chimarrão, não o encontro no galpão. Se o patrão e o peão se encontram no galpão, fóra do momento de matear, evidencia-se a hierarquia; durante o grupo de mateada, desaparece a hierarquia. Os causos só se tornam causos (e não diálogos apressados) quando há a cuia passando de mão em mão, ouvidos atentos. O rito é determinado pelo CEVADOR. Este é quem oficia à cerimônia. O tomador de mate, em si, não significa nada (e tanto que pode andar por aí, na rua, com sua garrafa térmica e sua cuia de mate, sem dar mínima pelota para as características cordiais do rito).

"Como os judeus, que são judeus em qualquer lugar do mundo, também nós somos gaúchos onde estivermos".

Abro um parêntesis, antes da sexta questão, para te contar uma historinha interessante. Te contei, em minha ^{primeira} carta, que tenho uma filha morando nos Estados Unidos. Em tua primeira resposta, deste uma risada gráfica -- rá! rá! rá! -- imaginando que aquele cara nascido na época do crack da Bolsa de Nova York ainda poderia vir a ter um neto norte-americano. Pois bem, dou-te a notícia de que há quinze dias a minha filha Valéria casou, em cerimônia civil, na cidadezinha de Clark, com o cidadão Glen, de nacionalidade norte-americana. (Meu filho Guilherme, com a esposa Sinara, foi lá e serviram de testemunhas dessa cerimônia civil. Contam que foi tudo muito bacana.) Mas a cerimônia religiosa ficará para março ou abril do ano que vem. Este é o prazo que os pais do noivo acham necessário para que a Valéria faça uma opção: se vai simplesmente se adaptar, sem maior profundidade, aos requisitos formais da cerimônia na sinagoga, ou se vai se converter ao judaísmo.

E agora vem o detalhe curioso. Por telefone a Valéria me disse que até não vê maior problema em se converter ao judaísmo, já que é a religião do marido e ela gosta muito dele. Mas -- disse-me -- perante a sogra ela fez uma única exigência: se tiverem filhos, na casa dela as crianças vão falar Português -- ainda que, fóra de casa, venham a falar Inglês e Iídiche. Estás entendendo...? Mesmo judia, em qualquer chão ela será sempre GAÚCHA. A filha, se houver, terá direito a usar vestido de prenda, e o filho, se houver, terá direito a usar cuia de chimarrão. E atrás desses símbolos há-de vir o resto...

O Anexo 1 é uma beleza e, também, um desafio para seu continuador. Desejo, com a maior das sinceridades, que desenvolvias com o maior brilho o teu trabalho. Coragem! Pois, afinal, não tens outros em que te apegar. Seria mil vezes mais fácil elaborar um tema mais habitual nos cursos de Antropologia Social, do tipo "CONTRIBUIÇÃO DA ARQUITETURA DOS ETRUSCOS NO DESENVOLVIMENTO DAS ELITES DA BABILÔNIA" ou "OS ÍNDIOS SIOUX E A CHEGADA DA ESTRADA DE FERRO NO OESTE NORTE-AMERICANO". O duro é falar sobre nós mesmos -- eu, tu, meus filhos, meus amigos paranaenses ou de Roraima --, num tema facilmente contestável por qualquer mestre ou não-mestre, na imprensa ou no bate-papo no barzinho da esquina. Como é difícil ser intérprete dos brasileiros!

UTGN União
Dos Tradicionalistas
Gaúchos
Do Nordeste

Fundada em 23 de Janeiro de 1994
Filiada a CBIG

**"Nos Unimos
Porque Somos
Irmãos"**

Natal, 31 de julho de 1998.

JAKZAM KASER:

Saúde e Paz!

Levamos ao vosso conhecimento que durante a realização do 6º Encontro Tradicionalista Gaúcho do Nordeste, na cidade de Aracruz no Espírito Santo, foi apresentado e aprovado pelos Delegados presentes o nome da Companheira TÂNIA BEATRIZ FIGUEIREDO, para presidir a UTGN no biênio 1998/2000.

Temos a certeza que a ilustre companheira, por sua inteligência, conhecimento profundo do movimento tradicionalista gaúcho e a capacidade de liderar, será mais uma incansável batalhadora no fortalecimento da nossa causa.

Solicitamos que o mesmo apoio e atenção de que fomos merecedores durante os quatro anos de nossa gestão, continuem sendo dados a nossa nova Presidente.

Aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração, juntamente com um cinchado quebra costelas.

Saudações Tradicionalistas!

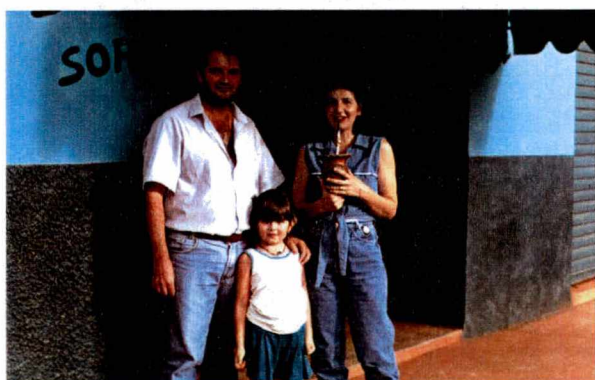
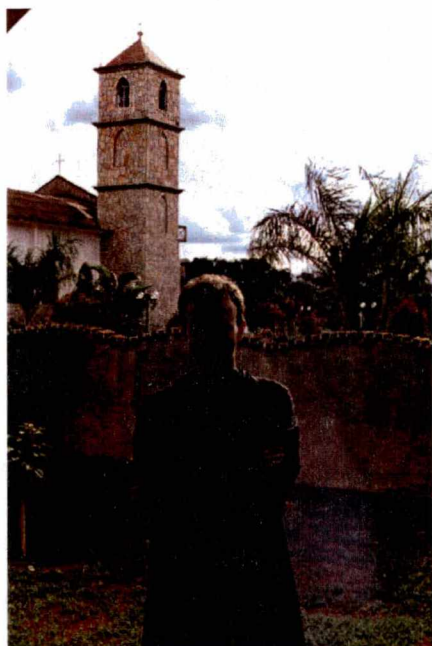

Carlos Alberto Viegas

UTGN - Presidente TÂNIA BEATRIZ FIGUEIREDO

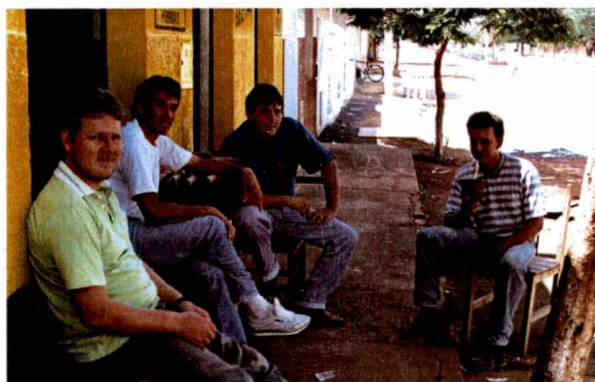
Rua Grandis, 68 - Bairro Coqueiral

CEP 29190-000 - ARACRUZ - ES Fone: (027) 250-1417.

A carta informa
que uma mulher é
a nova presidente
da União dos
Tradicionalistas
Gaúchos do
Nordeste.

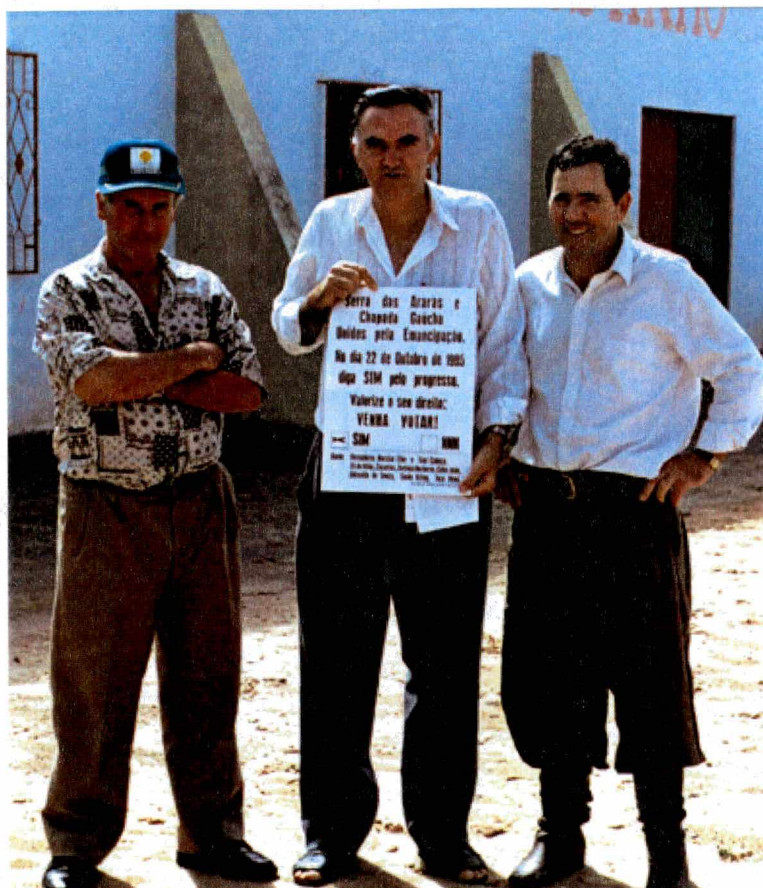


Imagens de
Buritis:
Acima, o
prefeito, a
sede do CTG e
o padre.
Abaixo, outros
personagens
de Buritis.



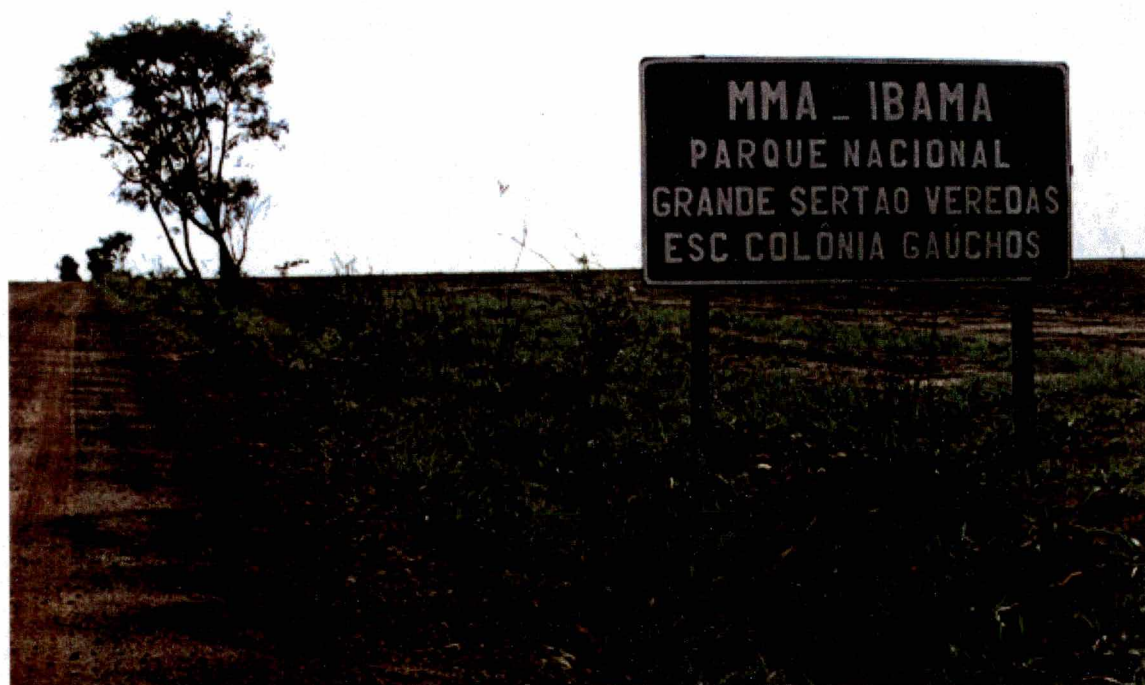


Aniversário de Buritis,
1990: presença gaúcha
já era marcante.



Vila dos Gaúchos, atual Chapada Gaúcha: com o cartaz, o atual prefeito; de bombachas, Getúlio Taborda.

Abaixo, a estrada que atravessa o Parque Grande Sertão Veredas: o Cerrado foi derrubado para plantar soja.





1º Congresso de Tradições Gaúchas do Mato Grosso, Primavera do Leste. O gaúcho com a esposa defronte do CTG e falando no microfone é Barbosa Lessa. Nos detalhes, os cartazes do 1º e 2º Congressos do Mato Grosso.



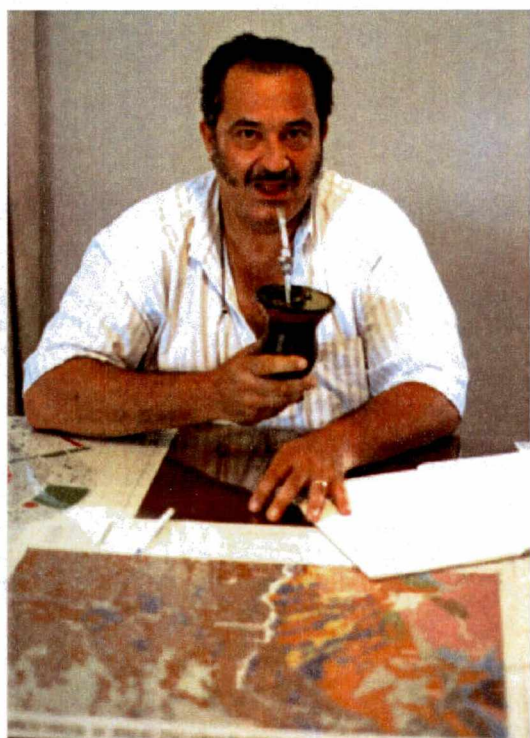


Nas imagens do 1º Rodeio Crioulo do Planalto Central, nota-se a presença do governador do Distrito Federal à época, Joaquim Roriz. Com a bandeira do Rio Grande do Sul, Getúlio Taborda. Abaixo, reunião dos patrões dos CTGs do Planalto Central, em Barreiras, oeste da Bahia.





Gaúchos em Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos: na bandeira do CTG, o mapa da Califórnia foi transformado numa bota de gaúcho.



Fazendeiro gaúcho na Bolívia mostra mapas da Venezuela, onde pretende comprar novas terras.

Os ilhéus vivem numa ilha de natureza relativamente amena, onde a luta pela sobrevivência não é tão dura. Portanto desenvolveram características mais amenas e menos energias. São

6. Já imaginou se o Brizola nascesse em Florianópolis e falasse desse jeito, hem? Ele teve sorte de nascer em Carazinho. "Apesar de tudo, a Ilha anda cheia de gaúchos/Jornalistas, então nem se fala. Vão aterrorizados pelo sonho de "viver uma vida mais natural", do contato com a natureza, de menos neurose.

Cartas à redacção.

No sentido anti-horário:
Jornal O Estado, Coluna
Paulo da Costa Ramos,
Florianópolis, 07/06/89;
Jornal Gazeta do Povo,
Curitiba, 28/06/92; Jornal
Folha de São Paulo,
Caderno Brasil, 06/05/93;
Jornal Laboratório Zero,
Curso de Jornalismo UFSC,
outubro/93.

Para Navarro, os movementos separatistas surrídon no sul do

país têm a mesma "base filosófica" dos grupos neonazistas que estão ressurgindo na Alemanha: "Os nordestinos significam para o pessoal da 'República do Pampa' o mesmo que os imigrantes de países periféricos significam para os neonazistas alemães", diz.

Para o presidente do MPUN, a idéia de que a região Nordeste é sustentada economicamente pelo resto do país "é uma farsa que precisa ser desmistificada". Segundo ele, um estudo feito pelo Banco do Nordeste (BNB) revela que, nos últimos três anos, a região Nordeste exportou cerca de

De acordo com o presidente do movimento, um grupo de educadores que participam do MPUN já iniciou estudos para viabilizar formas para que a questão da "nordestinidade" faça parte dos currículos escolares da região.

Parceiro comento nesta polêmica que o enfraquecimento de tradições nordestinas resultou de ideias que não se encaixavam na grande e alta rede. Para Peninha, a tradição e a preservação cultural foram deturpadas em nome da modernidade. Citou a história de uma gravação de Terno de Reis para a TV no interior da ilha. Quando saiu comegou a ruir e chacoalhar, e os velhinhos que lá cantam o Terno. O rapaz mandou parar tudo porque o pai dele "foi o velho cantor mais conhecido

O tradicional no grupo de 200 anos Fethi e sua esposa Anapora. Em 1917, a primeira da família nasceu. Hoje, a família tem 10 filhos e 10 netos. (Foto: João Carlos)

ZERO HORA

GER

A ÚLTIMA FRONTEIRA (1)

Gaúchos lutam pelo Eldorado da Amazônia

A conquista da última fronteira brasileira é a grande aventura do final deste século. O Estado de Roraima, descrito pelos geólogos como o Eldorado da Amazônia, está sendo disputado por índios, garimpeiros e fazendeiros. Os gaúchos chegaram lá nos anos 70, através do Projeto Rondon e dos projetos de colonização, que falharam. Transformados em garimpeiros, andam pelo território roraimense em busca de ouro e diamantes. De hoje até terça-feira, Zero Hora contará a história da conquista de Roraima, uma luta que ainda não tem prazo para terminar.

CARLOS WAGNER
Enviado Especial

Esta é uma história de desbravadores, ao mesmo tempo heróis e bandidos, envolvidos na aventura de conquistar a última fronteira brasileira, o Estado de Roraima, na região da Selva Amazônica.

ESPERANÇA — Geraldo acredita nas riquezas desconhecidas de Roraima. "Se existe um Eldorado, ele é aqui", sonha um garimpeiro da cidade de Boa Vista, o piloto e empresário mineiro Roberto Fernandes da Silva, 34 anos, dono da firma Eldorado do Norte. A geografia de Roraima



Jornal Zero Hora,
25 a 27 de julho
de 1993.

Família rio-grandense cultiva tradições no meio da selva

Nos finais de tarde, quando corre um vento frio do meio da floresta, Emerson Lopes de Oliveira, 71 anos, gaúcho de Palmeiras das Missões, costuma inclinar-se na sua cadeira de balanço, sorver um mate e lembrar dos "bons tempos da terrinha". Divide-se vendo os macacos fazendo piruetas nas árvores. "Se eu contasse para o pessoal lá da Palmeira, eles não acreditariam", imagina. A família Oliveira chegou a Entre Rios no final dos anos 70. Oliveira ganhou fama na comunidade, porque nos fins de semana coloca as suas bombachas e faz uma caminhada de 20 quilômetros até a cidade. "Não podemos

esquecer as tradições", ensina. "O apego às tradições evitou que o pai morresse quando tudo fracassou", lembra Sebastião, 35 anos, um dos quatro filhos de Oliveira. Logo no início da colonização, a família tentou criar gado de corte e quase foi à falência porque não tinha para quem vender. "Foram tempos duros", recorda a irmã de Sebastião, Alice, 40 anos. Enquanto tudo desabava, o velho Oliveira tentava contornar a situação contando para os filhos o espírito de desbravador do gaúcho. A noite, em vão tentava sintonizar uma emissora de rádio do Rio Grande do Sul. "Para ouvir uns vanerões",

confidencia. O velho repetia sempre para os filhos que já tinha ouvido histórias de pessoas que haviam sofrido, mas que no final ficaram ricas em Roraima. Só que as chances de acontecer o mesmo com a família Oliveira eram muito reduzidas, reconhece Sebastião. Ele nunca disse isto ao pai, porque jamais teve coragem de contestá-lo. Hoje Sebastião acredita que chegou a hora de seguir o seu destino. Não pretende retornar ao Rio Grande do Sul. Vai deixar a irmã tomando conta do pai e ingressar no garimpo clandestino. Seguir a saga de seus vizinhos.

Roraima enriquece e maltrata quem ousa explorar suas terras

A maioria dos garimpeiros que perambulam pelo território de Roraima em busca de riquezas é formada por ex-agricultores do Sul e Nordeste que foram para lá atraídos pelos projetos agrícolas federais. Dos tempos de agricultores, ficaram apenas lembranças. Hoje se transformaram em homens audazes, capazes de sobreviver na selva, com pouca alimentação, por vários dias. Adão da Silva Oliveira, um colono de Tenente Portela que migrou para Roraima, resume a metamorfose sofrida pelos agricultores: "É fácil um homem virar garimpeiro. O difícil é um garimpeiro virar homem". Vivendo em condições lastimáveis, quem sobrevive do garimpo é quase um bicho.

Tal definição é endossada pela maioria dos garimpeiros e descreve o quadro com precisão. Um bom exemplo é o estudante de Agronomia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Clódis Traesel, 28 anos. Diz que entrou em crise existencial, trançou a matrícula na faculdade e rumou para os garimpos de Roraima. Trabalhou por algum tempo nos garimpos espalhados pelo Estado. "Quando cheguei aqui, senti medo", recorda. "Tinha ouvido muita história sobre banditismo em garimpos". Depois de três meses na selva, Traesel descobriu que para sobreviver é preciso respeitar as leis do garimpo.

DINHEIRO — O estudante Trae-

sel não ficou rico com o garimpo. Mas acredita estar trilhando o caminho da fortuna. Montou, na cidade de Entre Rios, no Sul de Roraima, um negócio em sociedade com parentes. Ele fornece equipamentos, alimentação e transporte para os garimpeiros. Este é o ramo no garimpo que mais dá lucro, porque as mercadorias são cobradas em ouro. Um fardo de arroz — 15 quilos — pode custar até um grama de ouro (R\$ 915 mil). O preço alto tem uma explicação. Sempre há uma taxa de risco sobre o valor da mercadoria, porque a maioria dos garimpos fica em áreas proibidas. E as mercadorias são entregues em mãos clandestinas. Quando apunhado pela Polícia Federal, o comerciante perde o avião e os produtos. Além de sofrer um processo.

"Grande lucros, grandes riscos", explica o comerciante João da Silva Sampaio, um gaúcho de Sapucaia do Sul, que, depois de juntar dinheiro no garimpo de área yanomami, virou comerciante em Boa Vista. Além de fornecer mercadorias para garimpos, também financia garimpeiros que pretendam se aventurar na selva. "Sempre chega um garimpeiro novo pedindo financiamento para ir atrás de ouro", explica. O custo da instalação de um garimpo na selva anda em torno de um quilo de ouro, ou R\$ 915 milhões. É o preço de um carro zero quilômetro.

Gaúchos somem na área de mineração

Há oito anos Jurema Vargas Martins segue o mesmo ritual na cidade gaúcha de Cruz Alta. Sempre que sopra o vento morno vindo do Norte, ela acende uma vela e reza com fervor por dez minutos. Reza pelo aparecimento do filho, Paulo Roberto Vargas Martins, 30 anos, o Cão, que sumiu nos garimpos de Roraima. Junto com ele desapareceu Paulo César Pereira, 22 anos, o Satã. Amigos dos dois dizem que eles foram mortos numa toquia. Há rumores de que mais dez gaúchos estão em situação idêntica.

Os garimpeiros ligados à corrida do ouro nos últimos três anos envolveram-se em dois mil inquéritos policiais, 600 dos quais tratam de casos de homicídio. Existem 300 mortos sem identificação, 30 aviões desaparecidos na floresta e 12 pilotos mortos. "É como se estivesse acontecendo uma guerra aqui", define o garimpeiro Francisco Alves da Fonseca, o Chico Ceará.

Ele não exagera. "A situação pode ser bem pior", afirma o secretário de Segurança de Roraima, o delegado carioca Mauro Magalhães, que trabalhou na Baixada Fluminense, no Rio. O governador do Estado, Otomar Sousa Pinto (PMDB), o transformou em secretário de Segurança para dar um "toque de agilidade" na polícia local. É provável que a maioria dos desaparecidos esteja morta, porque a "lei do garimpo" tem apenas três artigos: não mexer com a mulher do próximo, não roubar e não ser informante da polícia. A pena é a morte.

A aposta no ouro deu prejuízo a um gaúcho

O piloto gaúcho Geraldo Turcatti, 39 anos, não pensou duas vezes. No final dos anos 80, quando estourou a corrida do ouro em Roraima, ele abandonou todos os seus negócios em Caxias do Sul e rumou para o território roraimense. "Se se falava em ouro", lembra. Passou um ano ganhando a vida fazendo vãos arriscados para o garimpo da reserva indígena yanomami. "Comi o pão que o diabo amassou", descreve. Mas valeu a pena. Conseguiu juntar uma pequena fortuna e montar o seu próprio negócio de abastecimento de garimpeiros.

Turcatti queria muito mais do que ser um comerciante de garimpo. Montou a Cooperativa dos Garimpeiros do Vale da Catrimina (Coopaca). O objetivo da Coopaca era explorar racionalmente os recursos minerais da reserva. Foi feito um investimento de US\$ 200 milhões. "Tínhamos 150 só-

cios", recorda. Foram tempos de fartura. A abundância do filho de ouro dava gordos lucros para os associados da cooperativa e muito prestígio para Turcatti, que era reconhecido como um líder entre os seus colegas. "A gente ficava até 90 dias no meio da selva, sem vir à cidade", recorda. Tudo indicava que o caminho para a fortuna estava traçado para ele e seus sócios.

QUEBRA — Os rumos da vida de Turcatti mudaram em 1990. O Governo Federal proibiu o garimpo na área yanomami. "Tentamos negociar a nossa permanência lá", recorda. Enquanto Turcatti e outros líderes do garimpo yanomami perambulavam pelos gabinetes de deputados em Brasília, em busca de auxílio, a Polícia Federal metelhava os equipamentos da cooperativa na selva. "Foi um prejuízo de quase um milhão de dóla-

res", lamenta. Em menos de uma semana, a fortuna que tinha acumulado virou pó. "Estava falido, só restava o avião", comenta.

Os seus problemas não eram só a falta de dinheiro. Também foi iniciado em inquérito pela Polícia Federal por estar garimpando em área indígena. "Passei de cidadão respeitável a bandido da noite para o dia", lamenta. Os tempos de vacas magras voltaram. Ele retomou os arriscados vãos para garimpos fora de Roraima. No ano passado, as coisas começaram a melhorar. "Consegui economizar uns trocos e dei início a uma nova empresa de abastecimento de garimpeiros", fala, confiante. Não acredita que vá ter os mesmos lucros obtidos no garimpo yanomami. "Mas estou trabalhando novamente e tenho chance de chegar lá. Não me arrependo de ter vindo, aqui a gente sempre pode recompar", conclui.



Aposta arriscada: o pelotense Traesel aventura-se em busca da fortuna



Ao completar 8 anos, em outubro de 1993, a revista Globo Rural destaca em sua capa a história de uma família gaúcha que migrou para Palmas, no Maranhão.

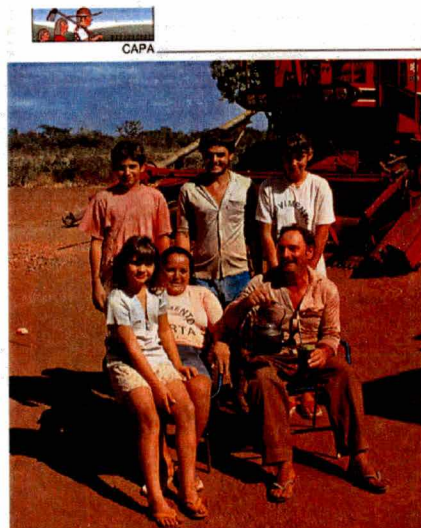


A família Barreto reunida. Por trás, no alto Uruguai, fumaça poeireira de uma fazenda

Sentada na cadeira da varanda de sua propriedade, dona Leila Barreto Rodrigues, 37 anos, sorri ao lembrar: É quase uma hora de dia de trabalho, mas ela não se cansa de falar sobre a vida de quem vive no Cerrado. Ela é a mãe de sete filhos, todos nascidos em Palmas, no Maranhão, e mora há mais de 20 anos na cidade. Ela é a mulher que, com a ajuda de seus filhos, conseguiu transformar um pedaço de terra em uma fazenda produtiva.

Para dona Leidegilde, ali é a terra prometida, o sonho realizado. Em 1979, quando ela chegou com o marido, Antônio, ela encontrou um pedaço de terra em um lugar chamado Uruguai. Lá, ela começou a plantar milho e feijão. Aos poucos, a família foi crescendo, e ela foi se tornando dona de uma fazenda.

Hoje, a família Barreto tem 11 filhos e mora em uma casa grande e confortável. Eles têm uma vida tranquila e feliz. Dona Leila diz que a vida no Cerrado não é fácil, mas é muito gratificante. Ela diz que a vida lá é diferente da vida na cidade, mas que ela se sente bem lá.



Leila Barreto e família: mudança pronta para o vilão do Mato Grosso

VIDA BRASILEIRA

A nação gaúcha

Com 2 milhões de filiados e sede até no Japão, os Centros de Tradição Gaúcha são a maior manifestação de regionalismo no país

JOÃO FÁBIO CAMINOTTO

Quem passa pela Meridian Street, em Los Angeles, fica intrigado com as quatro bandeiras desfiladas em frente do número 4946. São os pavilhões dos Estados Unidos, do Brasil, do Rio Grande do Sul e do Centro de Tradição Gaúcha, CTG, Ali, na casa do empresário gaúcho Jair Delazeri, coreia de sessenta pessoas costumam encontrar-se nos fins de semana no redor de uma churrasqueira e de um tipo de ferro onde ferve na chaleira a água do chimarrão. Os homens comparecem de bombachas, botas, chapéu, lenço vermelho no pescoço e facão na cintura. As mulheres, de vestido de prensa. O grupo inclui, além de gaúchos, peruanos e americanos antigos do empresário. "É a melhor maneira de matar a saudade de nossa terra e encontrar os amigos", diz Delazeri, um revendedor de autopeças que mora há dez anos nos Estados Unidos.

Criado em 1992, o CTG de Los Angeles é o marco de uma fronteira que se alarga cada vez mais. São os domínios do tradicionalismo gaúcho, um movimento que reúne mais de 2 milhões de pessoas dentro e fora do Rio Grande do Sul, com representações em vários países. A mais nova delas será inaugurada nos próximos dias em Osaka, no Japão, com o nome de CTG Sol Nascente. Amplia-se assim um movimento que já conta com 1 916 centros cadastrados no Brasil e a cada semana se incorpora com a criação de um novo. "Não há no mundo um movimento cultural organizado maior do que o nosso", orgulha-se o presidente da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha, o promotor de Justiça Rubens Luiz Sartori, de 41 anos, um catarinense que mora no Paraná.

A grande demonstração de força do gauchismo ocorre nesta semana. É a comemoração da Revolução Farroupilha, a rebelião separatista e republicana

de 1835 na qual os gaúchos liderados por Bento Gonçalves desafiaram as tropas do Império durante dez anos e terminaram se rendendo, em troca de anistia, ao burlão de Caxias. Festejada entre os dias 14 e 20 de setembro, a Semana Farroupilha é a mais importante comemoração gaúcha. Em todas as cidades, as pessoas vestem-se a caráter e participam dos desfiles.

JAPONÊS DE BOMBACHAS — O movimento tradicionalista é coisa de gaúcho, mas também de baiano, catarinense, pernambucano, paulista, carioca, paranaense e um grande etc. Há 596 centros fora das fronteiras gaúchas. São 245 em Santa Catarina, 242 no Paraná e cinquenta em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, os quatro Estados onde vive hoje a maior parte do 1 milhão de gaúchos que moram fora do Rio Grande do Sul. Em São Paulo, há outros quarenta. A recém-fundada União Tradicionalista Gaúcha do Nordeste contabiliza sete CTGs sob a sua jurisdição.

O mundo do gauchismo tem personagens surpreendentes. Nos CTGs do Paraná é fácil encontrar descendentes de japoneses. Du japoneses mesmo, como o comerciante Katsuyoshi Nishimura, de 54 anos, 36 dos



O japonês Nishimura, de bombachas: gaúcho como nos pampas



quis no Brasil. Em 1989, Nishimura, que sempre gostou de cavalos, foi convidado a visitar um CTG de Curitiba para observar o manejo dos animais. Gostou tanto do que viu que se tornou um dos fundadores do CTG Olito de Dezembro, na cidade de Almirante Tamandaré, onde está localizada sua chácara. "Através do CTG fiz muitos amigos e me aproximei ainda mais da natureza", diz Nishimura, com um português ímparo. Em muitos dos CTGs de Santa Catarina fala-se mais alemão do que português.

A estudante universitária Rosane Rodrigues, uma vistosa baiana de 20 anos, se transforma numa quase típica gaúcha quando entra no CTG de Salvador. Sabe o ponto certo do churrasco malpassado, cozinha arroz-de-carreteiro e feijão-tropeiro e sabe cantar canções folclóricas. Filha de uma de pais baianos, ela dança no grupo folclórico do CTG há dez anos, desde que foi levada ao galpão por colegas de colégio. "Ser gaúcho é um estado de espírito", diz. "Os gaúchos são mais comportados que os baianos. É muito bom lidar com eles."

BRASILEIROS DIFERENTES

Por que o tradicionalismo gaúcho atrai tantas pessoas? O antropólogo gaúcho Ruben Oliveira, professor convidado da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, e um estudioso do assunto, tem uma explicação peculiar. "A revitalização dos CTGs coincide com a abertura política, com o movimento feminista, dos gays e dos negros", diz ele. "O Rio Grande do Sul tem uma identidade cultural com características mar-



cantes, sem similar no Brasil. Os gaúchos concluíram: somos brasileiros, mas somos diferentes e temos uma tradição que queremos preservar."

O primeiro CTG foi criado por um grupo de estudantes secundaristas em 1948, em Porto Alegre, com o nome de 35, em homenagem à revolução de 1835. Diziam ser uma resposta à influência americana no pós-guerra. A ideia era recitar no espaço urbano o ambiente rural da região da campanha, o berço da alma gaúcha, localizada na fronteira com a Argentina e o Uruguai. Em vez de presidente, o CTG tem patriarca. Vice-presidente? É o capitão. Sócio, homem, é chamado de "peão". Sócia, de "perdida". Território chama-se inverno. O conselho deliberativo é chamado como conselho vaqueano. A sede é um grande galpão de madeira onde são realiza-



Os CTGs de Salvador (acima à esq.) e de Los Angeles, e a gravação do programa Gaúcho Crioulos: cenário rural

tados por um sócio veterano e pagar uma mensalidade cujo valor varia de um centavo para cinco.

A indústria criada pela febre do tradicionalismo gaúcho não é nada desprezível. Há a indústria da indumentária, que fornece as bombachas. Girel Alchieri, gerente de uma das mais tradicionais lojas de apetrechos gaúchos, diz que a demanda por trajes não para de crescer ano a ano. "Além do Rio Grande do Sul, vendemos para muitos outros pontos do país", afirma. Com 130 reais pode-se adquirir, na Alchieri & Cia, no centro de Porto Alegre, um traje completo. Os discos e CDs de música tradicionalista também têm mercado garantido. Há ainda muita literatura sobre o tema que está disponível. Programas radiofônicos de música são prestigiosíssimos no Paraná e em Santa Catarina, além, é claro, do Rio Grande do Sul. Atingem também rincões mais distantes.

Em Curitiba, em Mato Grosso do Sul, o programa *Recordando os Pampas*, da Rádio Vale do Taquari, é ansiosamente aguardado todas as manhãs de domingo. Na televisão, o mais famoso programa dirigido aos frequentadores dos CTGs é o *Galpão Crioulos*, exibido nas manhãs de domingo como uma das produções de maior sucesso da RBS, coligada com a Rede Globo no Rio Grande do Sul. O apresentador Nico Fagundes, de 59 anos, um advogado com mestrado em Antropologia, é considerado o embaixador do tradicionalismo gaúcho. Tem doze livros publicados sobre o tema e 100 canções gravadas. "Estamos no limiar do século XXI, na era da informática, e o tradicionalismo gaúcho se fortalece cada vez mais", diz Fagundes.

O Brasil de bombachas

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1995

A longa marcha rumo ao Norte

Há mais de um século, gaúchos começaram a migrar para outros Estados brasileiros em busca de uma vida melhor

CARLOS WAGNER



Um produtor no sul. Há mais de um século, gaúchos começaram a migrar para outros Estados brasileiros em busca de uma vida melhor

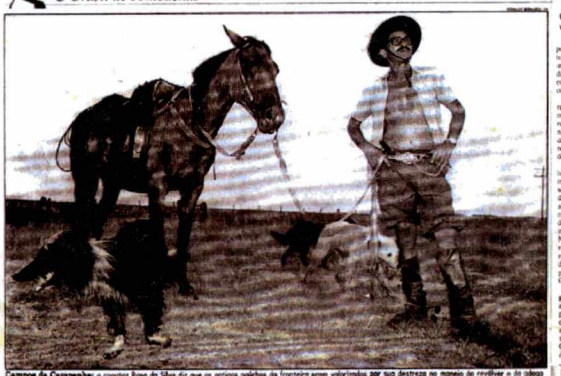
O agricultor e comerciante João Roberto, 48 anos, é um exemplo das pessoas que migraram e se estabeleceram no Estado. Ele saiu de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul, em 1979 para se instalar no Estado de Mato Grosso do Sul. Hoje, ele possui uma fazenda de 100 hectares em Humaitá, no município de Itapiranga, onde vive com sua família. Roberto fundou a FTV (Fazenda Teófilo Vargas) em 1979, com o objetivo de produzir e comercializar produtos agrícolas. Ele também atua como comerciante, vendendo produtos para os produtores locais. Roberto é um exemplo das pessoas que migraram e se estabeleceram no Estado, buscando uma vida melhor e melhores condições de trabalho e renda.

O Brasil de Bombachas

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.



O Brasil de bombachas



Campos da Campanha: o capoteiro João Roberto diz que os antigos gaúchos da fronteira eram voltados por sua destreza no manejo de rebanho e de cães

Desbravadores marcaram a fronteira

Imigrantes foram trazidos para o Estado com a missão de produzir alimentos e ocupar os espaços vazios do território

O século XIX foi marcado por uma série de migrações de gaúchos para outros Estados brasileiros. Essas migrações foram motivadas por fatores econômicos e sociais. Muitos gaúchos buscavam melhores condições de vida e trabalho em outros Estados, onde podiam aplicar suas habilidades e conhecimentos adquiridos no Rio Grande do Sul. A migração também foi influenciada por fatores políticos e econômicos, como a necessidade de ocupar terras e produzir alimentos para o Estado.

Essas migrações foram marcadas por uma série de eventos e fatos. Muitos gaúchos foram trazidos para o Estado com a missão de produzir alimentos e ocupar os espaços vazios do território. Eles desempenharam um papel fundamental na formação do Estado e na sua economia.

Sonho do eldorado atraí colonos

O sonho de uma vida melhor e de melhores condições de trabalho e renda atraiu muitos colonos para o Estado. Eles buscavam oportunidades e desafios em um novo território. A migração foi influenciada por fatores econômicos e sociais, como a necessidade de ocupar terras e produzir alimentos para o Estado. Muitos colonos foram trazidos para o Estado com a missão de produzir alimentos e ocupar os espaços vazios do território.

DO RIO GRANDE DO SUL PARA O BRASIL

Essas migrações foram marcadas por uma série de eventos e fatos. Muitos gaúchos foram trazidos para o Estado com a missão de produzir alimentos e ocupar os espaços vazios do território. Eles desempenharam um papel fundamental na formação do Estado e na sua economia.

DO RIO GRANDE DO SUL PARA O BRASIL

Essas migrações foram marcadas por uma série de eventos e fatos. Muitos gaúchos foram trazidos para o Estado com a missão de produzir alimentos e ocupar os espaços vazios do território. Eles desempenharam um papel fundamental na formação do Estado e na sua economia.

Europeus se tornam gaúchos

Essas migrações foram marcadas por uma série de eventos e fatos. Muitos gaúchos foram trazidos para o Estado com a missão de produzir alimentos e ocupar os espaços vazios do território. Eles desempenharam um papel fundamental na formação do Estado e na sua economia.

ENTRE UM CHIMARRÃO E OUTRO, OLHASÓ O QUE OS GAÚCHOS FIZERAM PELA AGRICULTURA DO BRASIL.



O Brasil de bombachas - 2

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 1995



Do outro lado do Rio Uruguai, Santa Catarina invade para Santa Catarina há mais de 50 anos, quando as terras no norte gaúcho se esgotaram

Gaúchos desbravaram os Estados vizinhos

No início do século, agricultores cruzaram o Rio Uruguai e conquistaram os pinheirais catarinenses e paranaenses

CARLOS WAGNER

É chegada a fronteira agrícola do norte dos estados gaúchos no início do século, os agricultores atravessaram o Rio Uruguai e começaram a povoar os campos catarinenses e paranaenses. Essa região foi o berço de um povoamento familiar e gaúcho que salvou do Rio Grande do Sul, milhares de famílias que buscavam a vida no sul, mas não tinham condições de migrar e depois permanecer para melhor no Brasil.

O grande canal de história, El derrotero de pobrezas de Santa Catarina e imigrantes a terras no Rio Grande do Sul, São Carlos, hoje com 75 anos, participou desta colonização quando era um menino de 20 anos. Apoiado em uma família de imigrantes, ele se mudou para a cidade de Santa Catarina. Quando se mudou para a cidade de Santa Catarina, ele se mudou para a cidade de Santa Catarina. Quando se mudou para a cidade de Santa Catarina, ele se mudou para a cidade de Santa Catarina.

ter havido um grande deslocamento de pessoas, devido a problemas surgidos com a Realidade da terra. Para garantir a posse da sua propriedade, era necessário recorrer à lei. Os agricultores colonizadores logo se mudaram para fazer suas terras e garantir a posse. Embora alguns tenham se mudado para fazer suas terras, outros ficaram no Rio Grande do Sul. Isso ocorreu devido a problemas de terra e de dinheiro. Alguns agricultores não tinham dinheiro para comprar a terra e outros não tinham terra para comprar. Isso ocorreu devido a problemas de terra e de dinheiro.

O Brasil de Bombachas

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND
AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS
E DE TODOS OS TEMPOS.

O time vencedor do mundo sempre

Jornal Zero Hora, série especial
"O Brasil de Bombachas", capítulo 2,
24/03/95.

O Brasil de bombachas

Um cemitério de bandeiros no Oeste catarinense

Colono fez promessa para ter chuva em sua lavoura de soja e agora é o guardião das sepulturas de bandeiros gaúchos

O agricultor Carlos Avila, 55 anos, vive no norte catarinense, onde se encontra o cemitério de bandeiros gaúchos. Ele é o guardião das sepulturas de bandeiros gaúchos que morreram no Oeste catarinense. Ele fez uma promessa para ter chuva em sua lavoura de soja e agora é o guardião das sepulturas de bandeiros gaúchos.



Orfão de pai, Carlos Avila de Souza cuida religiosamente a promessa de fazer o cemitério

Uma saga gaúcha em sete capítulos
No primeiro capítulo da série, publicada no jornal Zero Hora, Carlos Avila, 55 anos, vive no norte catarinense, onde se encontra o cemitério de bandeiros gaúchos. Ele é o guardião das sepulturas de bandeiros gaúchos que morreram no Oeste catarinense. Ele fez uma promessa para ter chuva em sua lavoura de soja e agora é o guardião das sepulturas de bandeiros gaúchos.

O cemitério de bandeiros gaúchos é um lugar muito importante para os gaúchos. É lá que eles vão para fazer suas orações e para lembrar os seus antepassados. É lá que eles vão para fazer suas orações e para lembrar os seus antepassados. É lá que eles vão para fazer suas orações e para lembrar os seus antepassados.

O BRASIL DE BOMBACHAS
1. O Brasil de Bombachas
2. O Brasil de Bombachas
3. O Brasil de Bombachas
4. O Brasil de Bombachas
5. O Brasil de Bombachas
6. O Brasil de Bombachas
7. O Brasil de Bombachas

O Brasil de Bombachas

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND
AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS
E DE TODOS OS TEMPOS.

O time vencedor do mundo sempre

O Brasil de bombachas

Agricultores se mudaram levando seu modo de vida

O Oeste de Santa Catarina parece um pedaço do Rio Grande do Sul

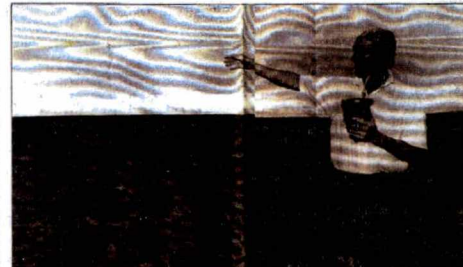
Há cerca de 100 anos, os agricultores gaúchos se mudaram para o Oeste de Santa Catarina. Eles levaram com eles seu modo de vida e sua cultura. Eles se mudaram para o Oeste de Santa Catarina e começaram a povoar a região. Eles se mudaram para o Oeste de Santa Catarina e começaram a povoar a região. Eles se mudaram para o Oeste de Santa Catarina e começaram a povoar a região.



Luiz recompreendeu: Reis migrou de Santa Cruz para Santa Catarina em 1934, pouco depois de fundar, mas diz que teria tudo de novo

Gaúchos sofreram na conquista da terra

Esperando na conquista de um pedaço de terra, os agricultores gaúchos se mudaram para o Oeste de Santa Catarina. Eles se mudaram para o Oeste de Santa Catarina e começaram a povoar a região. Eles se mudaram para o Oeste de Santa Catarina e começaram a povoar a região. Eles se mudaram para o Oeste de Santa Catarina e começaram a povoar a região.



Só a perda de vista: meio Zuffo partiu de Espumoso rumo a Pira Branca, no Paraná, e comprou o solo com que sobrevive

Rotina feita de trabalho e saudade

Antes de ir para o Oeste, os agricultores gaúchos tinham uma rotina muito diferente. Eles tinham que trabalhar muito para conseguir a terra. Eles tinham que trabalhar muito para conseguir a terra. Eles tinham que trabalhar muito para conseguir a terra.

Os agricultores não encontraram o Oeste de Santa Catarina como eles esperavam. Eles encontraram uma terra muito diferente. Eles encontraram uma terra muito diferente. Eles encontraram uma terra muito diferente.

Os filhos de Zuffo não tinham a mesma rotina que os pais. Eles tinham que trabalhar muito para conseguir a terra. Eles tinham que trabalhar muito para conseguir a terra. Eles tinham que trabalhar muito para conseguir a terra.

Mausoléu revela apego à tradição



Tradição: morio de Gai era um tradicionalista

ENTRE UM CHIMARRÃO E OUTRO, OLHA SÓ O QUE OS GAÚCHOS FIZERAM PELA AGRICULTURA DO BRASIL.

O time vencedor do mundo sempre

O Brasil de bombachas - 4

PORTO ALEGRE, RIO DE JANEIRO, 7 DE ABRIL DE 1995



Em São Carlos, no interior do grande norte, o Projeto Rio Formoso leva gaúchos brasileiros para o cerrado e, vice-versa, um tipo de leonês até ao coração do Rio Grande do Sul.

Gaúchos domam o solo rebelde do cerrado

Com dinâmicas, tecnologia e trabalho, agricultores transformam feridas na improdutiva terra do região central do Brasil

CARLOS MAGALHÃES

O gaúcho não acredita na fertilidade da terra do cerrado. Para ele, o cerrado é solo morto, um pedaço de terra que não dá nada. Mas, para os agricultores do Projeto Rio Formoso, em São Carlos, no interior do Rio Grande do Sul, o cerrado é solo vivo. Eles sabem que a terra é fértil, mas precisam de ajuda para que ela dê o máximo. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil.

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.

BOMBACHAS

O Brasil de bombachas

Gaúchos semeiam cidades em Mato Grosso do Sul

São Gabriel do Oeste é um próspero município

Na cidade de São Gabriel do Oeste, em Mato Grosso do Sul, os gaúchos semeiam cidades. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil.

Crianças estranham a mudança
 A mudança de São Gabriel do Oeste para São Carlos, no interior do Rio Grande do Sul, foi uma experiência difícil para as crianças. Elas não conheciam o lugar e não tinham amigos. Mas, com o tempo, elas se adaptaram e começaram a gostar do novo lugar.

ANTES ERA GAÚCHO DA FRONTEIRA. AGORA É GAÚCHO DE TODO O BRASIL.

BOMBACHAS

Jornal Zero Hora, série especial
 "O Brasil de Bombachas", capítulo 4,
 07/04/95.

O Brasil de bombachas

Roque liga o ar condicionado para tomar vinho

Os gaúchos migrantes estabelecem rituais para matar a saudade e perpetuar longe de casa suas tradições e costumes



Em São Carlos, no interior do grande norte, o Projeto Rio Formoso leva gaúchos brasileiros para o cerrado e, vice-versa, um tipo de leonês até ao coração do Rio Grande do Sul.

Um longo gaúcho em meio ao cerrado

Um longo gaúcho em meio ao cerrado. Os gaúchos migrantes estabelecem rituais para matar a saudade e perpetuar longe de casa suas tradições e costumes. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil.

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.

BOMBACHAS

Sem-terra conquista uma vida confortável

Paulista faz vida confortável no cerrado. Os gaúchos migrantes estabelecem rituais para matar a saudade e perpetuar longe de casa suas tradições e costumes. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil.

Pedro fica rico no cerrado

Pedro fica rico no cerrado. Os gaúchos migrantes estabelecem rituais para matar a saudade e perpetuar longe de casa suas tradições e costumes. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil. Eles usam a tecnologia e o trabalho para transformar a terra em um solo fértil.

ANTES ERA GAÚCHO DA FRONTEIRA. AGORA É GAÚCHO DE TODO O BRASIL.

BOMBACHAS

O Brasil de bombachas - 5

Gaúchos lutam para sobreviver na selva

A partir da década de 50, e especialmente na de 70, agricultores do Rio Grande do Sul desbravaram o norte do país

CARLOS WAGNER




Fora do norte do Rio Grande do Sul, os gaúchos lutam para sobreviver na selva. A imagem mostra dois homens em um ambiente rural, possivelmente uma fazenda ou uma área de cultivo.

Moisés e Lúndes lutam pela floresta. A imagem mostra dois homens em um ambiente rural, possivelmente uma fazenda ou uma área de cultivo.

Moisés e Lúndes lutam pela floresta. A imagem mostra dois homens em um ambiente rural, possivelmente uma fazenda ou uma área de cultivo.

Moisés e Lúndes lutam pela floresta. A imagem mostra dois homens em um ambiente rural, possivelmente uma fazenda ou uma área de cultivo.

Na mata do mato de caxambu e Lúndes lutam pela floresta para Teresopolis do Norte.



A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.



Jornal Zero Hora, série especial "O Brasil de Bombachas", capítulo 5, 14/04/95.


A febre do ouro contagia os agricultores

Gaúchos vendem tudo o que têm, abandonam as lavouras e se arriscam em perigosas aventuras atrás de pepitas




Agua Fria: Roberto de Lima, o "Gaúcho", um agricultor de terras em Canoas e hoje lá para procurar os pepitos.

Uma saga gaúcha em busca de ouro. A imagem mostra um homem em um ambiente rural, possivelmente uma fazenda ou uma área de cultivo.



A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.



Colono vira seringueiro e aprende a viver na selva

Erbach abandonou Santa Rosa há 40 anos para morar na Amazônia



Exatidão: Erbach abandonou Santa Rosa há 40 anos para morar na Amazônia.

Cobra sucuri é o símbolo dos perigos da Amazônia



Monstruosa: A cobra sucuri é o símbolo dos perigos da Amazônia.



QUEM CULTIVA A FORÇA DE VONTADE SEMPRE VENCE. SEJA NO OIAPQUE OU NO CHUÍ.



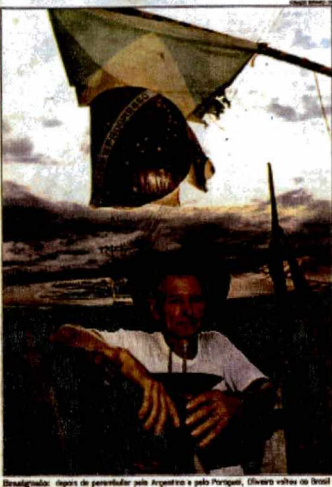
O Brasil de Bombachas. Uma iniciativa da New Holland em homenagem aos gaúchos de todas as terras e de todos os tempos. Coleção.

O Brasil de bombachas - 6

PORTO ALEGRE, SANTA-FÉ, 21 DE ABRIL DE 1985

Terras castelhanas têm colônias de gaúchos

Agricultores do Rio Grande do Sul entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai e mudam o perfil de vastas regiões



CARLOS MAGALHÃES

Não há dúvida que os gaúchos do Rio Grande do Sul, quando entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.

Os gaúchos do Rio Grande do Sul, quando entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.

Desmatamento: depois de permitir a entrada de gaúchos no Uruguai, a Argentina e o Paraguai, o Brasil vê o perfil de vastas regiões mudando.

BOMBACHAS

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.

NEW HOLLAND

O time vencedor não tem idade.

Jornal Zero Hora, série especial
"O Brasil de Bombachas", capítulo 6,
21/04/95.

O Brasil de bombachas

Fandangos no Paraguai lembram o Rio Grande

Os costumes do Sul são perpetuados nos Centros de Tradição Gaúcha, em reuniões movidas a chimarrão e gaúcho

José Roberto Pereira, 35 anos, nasceu no Rio Grande do Sul, mas vive no Paraguai há mais de 10 anos. Ele é um gaúcho, e isso é algo que ele não quer esquecer. Ele é um gaúcho, e isso é algo que ele não quer esquecer.



Uma festa gaúcha em um salão elegante. Os participantes estão vestidos com roupas tradicionais, e a atmosfera é festiva. O evento parece ser uma celebração da cultura gaúcha.

Curly e Kell Hertz animam os bailes. Os dois são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.

Curly e Kell Hertz animam os bailes. Os dois são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.

O BRASIL DE BOMBACHAS

Uma homenagem da New Holland aos gaúchos de todas as terras e de todos os tempos.

NEW HOLLAND

O time vencedor não tem idade.

O Brasil de bombachas

Fronteira do Uruguai se tornou território de gaúchos

Mais de 500 produtores brasileiros mudaram a economia da região

O gaúcho do Rio Grande do Sul, quando entra no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.



Segredo é aproveitar oportunidades. Os gaúchos do Rio Grande do Sul, quando entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.



Floresta deu lugar a lavouras. Os gaúchos do Rio Grande do Sul, quando entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.



Brasileiro e argentino se apaixonam. Os gaúchos do Rio Grande do Sul, quando entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.



Floresta deu lugar a lavouras. Os gaúchos do Rio Grande do Sul, quando entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.

Floresta deu lugar a lavouras. Os gaúchos do Rio Grande do Sul, quando entram no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, mudam o perfil de vastas regiões. Os gaúchos, que são conhecidos por sua coragem e bravura, são também conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo. Eles são conhecidos por sua habilidade em lidar com o fogo, e isso é uma das razões pelas quais eles são tão respeitados e temidos.

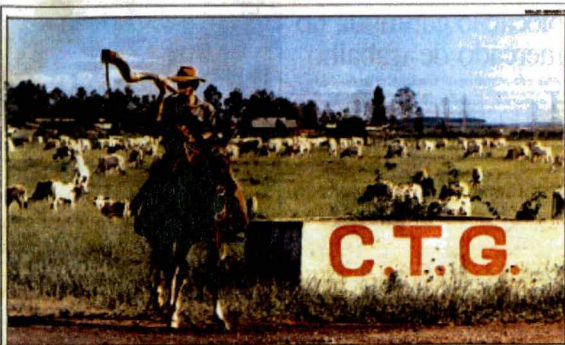
PARA OS GAÚCHOS, A SAÍDA NÃO FOI O AEROPORTO. FOI O TRABALHO.

O Brasil de Bombachas. Uma homenagem da New Holland aos gaúchos de todas as terras e de todos os tempos. Coleção.

NEW HOLLAND

O time vencedor não tem idade.

O Brasil de bombachas - 7



Compartilha de Rio Negro: a paisagem rural, com o rio Negro, o rio Grande do Sul, e o rio que continua a ser chamado rio Negro por todos os gaúchos onde anda

Novas fronteiras se abrem para os gaúchos

Região agrícola colonizada por produtores do Rio Grande continua sendo um fabuloso mercado de trabalho

Carla Wagner

“Hoje temos 17 milhões de hectares de terra disponível para cultivo no Brasil”, afirma o diretor de Defesa do Solo do Departamento de Agricultura, Florestas e Pesca do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Carlos Roberto de Almeida. “O Brasil tem 17 milhões de hectares de terra disponível para cultivo no Brasil”, afirma o diretor de Defesa do Solo do Departamento de Agricultura, Florestas e Pesca do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Carlos Roberto de Almeida.

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.

O Brasil de bombachas

Empreendedores têm colocação garantida no mercado de trabalho

Qualificação e algum capital asseguram as oportunidades

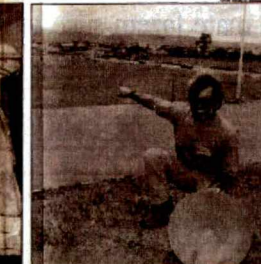
Hoje em dia, para se tornar um empresário no Brasil, não basta ter um bom negócio. É preciso também ter uma boa colocação no mercado de trabalho. Isso porque, segundo o Ministério do Trabalho, a maioria dos empregos no Brasil é ocupada por pessoas que não têm qualificação adequada para o trabalho. Isso significa que, mesmo que você tenha um bom negócio, pode não conseguir encontrar funcionários qualificados para trabalhar para você.

Migrações provocam bons negócios

No meio do século, a cidade gaúcha de Frederico Westphalen, no Rio Grande do Sul, tornou-se um importante polo de atração para migrantes de outras regiões do Brasil. Isso aconteceu porque, naquela época, o Rio Grande do Sul estava passando por uma crise econômica e muitos gaúchos estavam procurando por novas oportunidades de trabalho em outras partes do país.



Produtor: fazendeiro gaúcho em trabalho



Alfabetizado: alfabetizado gaúcho em trabalho

Aventureiros perseguem seus sonhos nos confins do Brasil

Na busca por uma vida melhor, muitos gaúchos deixaram suas terras natal e buscaram novas oportunidades em outras partes do Brasil. Isso aconteceu porque, no Rio Grande do Sul, a terra estava ficando cada vez mais cara e muitos gaúchos estavam procurando por novas oportunidades de trabalho em outras partes do país.



Produtor: fazendeiro gaúcho em trabalho



Produtor: fazendeiro gaúcho em trabalho

Comércio ligado à agricultura prospera

A implementação de técnicas modernas de cultivo, a melhoria das condições de trabalho e a melhoria das condições de vida dos produtores rurais são fatores que contribuem para o crescimento do comércio ligado à agricultura.

A SAGA DOS GAÚCHOS TEM MUITO CHÃO PELA FRENTE. E EM QUALQUER TERRA DO MUNDO, A NEW HOLLAND FAZ QUESTÃO DE ESTAR PRESENTE.

Jornal Zero Hora, série especial
"O Brasil de Bombachas", capítulo 7,
28/04/95.

O Brasil de bombachas

Churrasco, gaita e erva-mate fazem sucesso

Orgulho de perpetuar as tradições rio-grandenses converte-se em popularidade e em uma boa forma de ganhar a vida



Orgulho de perpetuar as tradições rio-grandenses converte-se em popularidade e em uma boa forma de ganhar a vida



Orgulho de perpetuar as tradições rio-grandenses converte-se em popularidade e em uma boa forma de ganhar a vida

Uma saga gaúcha: o orgulho de perpetuar as tradições rio-grandenses converte-se em popularidade e em uma boa forma de ganhar a vida.

A HOMENAGEM DA NEW HOLLAND AOS GAÚCHOS DE TODAS AS TERRAS E DE TODOS OS TEMPOS.

3-2 Quinta-Feira, 23 de março de 1995

via brasil

Gaúchos vão à Justiça contra propaganda de supermercado

Personagem gaúcho aparece como homossexual em TV catarinense

SILVIA QUEVEDO

Da Agência Folha, em Florianópolis

O Centro de Tradições Gaúchas Os Praianos, o maior de Santa Catarina, decidiu entrar com ação na Justiça contra uma campanha publicitária que associa o homossexualismo à figura do gaúcho tradicional.

Segundo o presidente do CTG, Oscar Giarretta, 45, o movimento tradicionalista gaúcho do Estado espera que a veiculação da propaganda na mídia seja proibida.

No final deste mês, a Federação do Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina deverá aprovar "moção de repúdio" à rede de supermercados Angeloni, que promove a campanha em horário nobre de televisão.

Em um dos comerciais, o personagem do gaúcho, vestido a caráter e com pose de "machão", simula bater na equipe que o prepara para ser o garoto-propaganda do supermercado. Ele se recusa a usar maquiagem e a colocar o microfone porque não gosta de "enfeite".

Ao final, lembrando a "velha amizade e a cordialidade" do gaúcho, o personagem diz que é "só piada".



Antônio Carlos Falcão, garoto-propaganda da rede Angeloni

Gerente diz que é "só piada"

Da Agência Folha, em Florianópolis

Cid Lucena, 29, gerente de marketing da rede de supermercados Angeloni, disse que a propaganda é parte de uma campanha com 30 comerciais em que outros personagens contam piadas. "De modo algum esse comercial nos pareceu ofensivo ao gaúcho. É óbvio que é só uma piada."

Natural de São Borja (RS), o ator Antônio Carlos Falcão, 40, que encarna todos os personagens, diz que ele é que se sente "ofendido" com o "ranço gaúcho".

"Não se pode fazer piada com o gaúcho que a coisa vai ao Judiciário."

O adversário

Técnico de Honduras é gaúcho

Do enviado a Los Angeles

Um gaúcho de 46 anos com fama de incentivar a violência em seus jogadores há 12 dias o técnico da seleção hondurenha.

Ernesto Guedes estreou oficialmente na derrota de 3 a 1 para o Canadá, na quarta-feira.

Na sua opinião, o futebol hondurenho é "igual ao gaúcho" —tem força e velocidade.

Ele filmou a goleada do Brasil sobre o Canadá com um vídeo. Depois, analisaria o adversário.

O último time que Guedes treinou no Brasil foi o Marília (SP), no ano passado. Em 1992, teve

uma breve passagem pelo Botafogo. Foi treinador do Grêmio e de muitos clubes do interior gaúcho.

Seu contrato com a seleção hondurenha é de três anos. Seu principal objetivo é classificar o país para a Copa do Mundo de 98. As eliminatórias começam em setembro.

"Vamos jogar ofensivamente contra o Brasil porque não importa o resultado", disse.

Ele esclarece que os três hondurenhos com sobrenome Pineda em sua seleção não são parentes. "Nasceu em Honduras, o sobrenome é Pineda", brincou. (MM)

ZERO HORA

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 9 DE JUNHO DE 1996

ESPORTES

BOLA DIVIDIDA



GRÊMIO BOLIVIANO

A paixão pelo Grêmio ultrapassou as fronteiras e firmou raízes na distante Cochabamba, na Bolívia. Um grupo de estudantes fundou a "Llama Grêmista". Eles garantem ser a primeira torcida organizada do clube no Exterior. O grupo, com 25 integrantes (nem todos estão na foto), conta com bandeira

própria, camisa e o sentimento comum de adoração pelo time. Os torcedores acompanham as partidas através de imagens captadas pelas antenas parabólicas e as notícias pelos exemplares de Zero Hora que os familiares enviam. A sede da "Llama" fica na Casilla 1057, Cochabamba.

VIDA BRASILEIRA

O novo eldorado

Depois de colonizar Mato Grosso e Rondônia, os brasileiros empurram a fronteira agrícola comprando terras na Bolívia

MARCOS PIVETTA, de Santa Cruz de la Sierra

O gaúcho Joaquim Stefanello ficou rico plantando soja e criando gado numa região que todos imaginavam ser o último Eldorado brasileiro. Ele chegou de volta de lá há dois anos, mas não se dá por satisfeito. Ele quer mais, e já está planejando voltar para o Brasil. Ele tem 52 anos, é casado, tem dois filhos, e já possui 120 mil hectares de terras no Estado de Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso — áreas 100 vezes maior que a propriedade original da família, em Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Hoje, nos 52 anos, poderia estar aposentado e curtindo uma vida confortável. Em vez disso, na semana passada Stefanello começou a colher sua terceira safra de soja num novo Eldorado: a Bolívia. Sua nova aventura começou há dois anos, quando cruzou a fronteira com o comércio da madeira e de uma das três filhas, a empresária agropária Aurélio. Hoje, é dono de 10 mil hectares em Três Cruces, a 95 quilômetros da cidade de Santa Cruz de la Sierra e a 400 quilômetros da fronteira com o Brasil. "Nunca tinha visto nada igual", diz Stefanello. "É o lugar mais fácil de ganhar dinheiro no mundo".

Cerca de 200 grandes fazendeiros brasileiros instalados na Bolívia nos últimos três anos. É uma nova fronteira agrícola de terras férteis e baratas que oferece novas oportunidades de fortuna quanto o Paraná da década de 50 ou o Mato Grosso dos anos 70. Em território boliviano, há cerca de dez vezes mais terra disponível por hectare do que no Brasil. Além disso, o preço da terra é muito mais barato. Um hectare custa entre 200 e 300 dólares, enquanto no Brasil custa entre 2 mil e 3 mil dólares. Além disso, a terra é muito mais fértil. A produção de soja, por exemplo, é muito mais alta. Um hectare produz entre 3 e 4 toneladas de soja, enquanto no Brasil produz entre 1 e 2 toneladas. Além disso, a terra é muito mais barata. Um hectare custa entre 200 e 300 dólares, enquanto no Brasil custa entre 2 mil e 3 mil dólares.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.

Força de trabalho — A maioria dos brasileiros que vão para a Bolívia tem perfil parecido com o de Joaquim Stefanello. São desbravadores experientes de regiões novas, cuja família já possui terras em outras regiões. São homens que já possuem terras em outras regiões.



Stefanello com a filha (central) e Metzlaff, quarta geração de uma família que vive no mundo

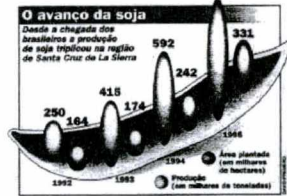
grosseiro Daniel Metzlaff, 30 anos. Ele e o irmão, Hildor, administram uma fazenda de 9 mil hectares em Los Troncos, a 140 quilômetros de Santa Cruz, e fazem parte da quarta geração de migrantes na Bolívia. Em pouco mais de um século, os Metzlaff deram meia volta ao mundo e habitaram dois continentes e dois hemisférios. O bisavô migrou da Alemanha para a Uruguai no final do século passado. O avô foi para o Rio Grande do Sul, onde a família permaneceu até hoje. No começo da década de 70, o pai decidiu mudar-se para Mato Grosso. Há três anos, chegou a Bolívia com a esposa e os filhos. Hoje, a família possui terras em Santa Cruz, onde estão hoje. "Vimos para fazer a vida, ter filhos e ficar na Bolívia", diz Daniel. Ele usa chapéu preto, camisa alvejada, e botas. Suas roupas típicas de quem se criou no campo, e só abandonou a plantação de soja e milho para ir às aulas na faculdade de veterinária em Santa Cruz.

É curioso observar no mapa o avanço da fronteira agrícola brasileira nas últimas décadas. Depois de abrir a foz e machucado às florestas do norte paranaense, os desbravadores rumaram inicialmente para Mato Grosso, depois para o sul do Paraná, finalmente para Rondônia. Em território brasileiro, a expansão terminou ali, cortada pelos conflitos fundiários que o governo não conseguiu resolver no Pará, pela má gestão dos ecologistas e pela destruição da Floresta Amazônica em regiões

longamento do Centro-Oeste brasileiro. O departamento de Santa Cruz compreende um terço do território boliviano e produz 95% da soja, 80% do milho e 70% do algodão do país. É uma região de clima quente, terras baixas e extremamente férteis. Por essas características, está livre dos problemas de seca, uma cultura típica das encostas do Altiplano boliviano. "Esta é a Bolívia da plantação, das novas gerações de quem veio para a Bolívia", diz Sérgio Lantieri, chefe do Departamento de Santa Cruz.

Segunda maior cidade do país, com 600 mil habitantes, Santa Cruz de la Sierra é um centro urbano próspero e ainda em construção. A paisagem lembra as cidades do norte do Paraná em meados do século 20, com a diferença de que, no tempo de ouro, há milhares de pessoas circulando por lá. Hoje, há milhares de pessoas circulando por lá. Hoje, há milhares de pessoas circulando por lá.

Paulo, La Paz e Miami. Também tem pequenos shopping centers e diversas facilidades frequentadas por estudantes brasileiros (veja quadro à p. 52). "Quando meu marido me convidou para vir para cá, imaginei que fosse um lugar onde eu teria plantações de coca e tráfico de drogas", conta Doris Amaral Campos, mulher do paulista Raul Amaral, dono de 2.000 hectares no regime de Três Cruces. "Hoje, acho tudo uma delícia. As pessoas são educadas, há pouca violência e todos estão trabalhando em crescer e prosperar". Raul Amaral planeja sua terceira safra de soja em Rondônia. Mato Grosso. No final do ano passado, abriu uma fazenda na região de Santa Cruz em sociedade com um boliviano e outro brasileiro. Como ainda não possui negócios em Mato Grosso e dois filhos no Brasil, Raul viu a cada quinze dias para Rondônia. Mas deixa a mulher e duas filhas pequenas num confortável apartamento de 300 metros quadrados que comprou recentemente em Santa Cruz. "Se achasse um comprador, vendia a casa fazenda que tinha em Mato Grosso e investia tudo na Bolívia", diz Raul.



O paulista Raul Amaral e a esposa Doris, com os filhos, em uma fazenda em Santa Cruz de la Sierra

é a estabilidade da economia, que já completa dez anos. A inflação no país é quase de Primeiro Mundo. No ano passado, foi de 7,5%. Além de oferecer taxas de juros menores que no Brasil, os bancos bolivianos permitem a abertura de contas em dólar e todo o lucro obtido no país pode ser enviado para o exterior, sem restrições. Os produtos agrícolas não pagam impostos e importações são muito mais baratas. Depois do Plano Real no Brasil, a comparação de preços tornou-se ainda mais favorável. Hoje é mais barato lá. Um trator custa um terço menos que nas revendedoras do Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Pelo preço de um par de tênis importado, os brasileiros compram um trator na Bolívia da mesma marca. "Aqui a terra é muito mais barata", diz o administrador da fazenda de Roberto Supa, coordenador do Brasil do boliviano, um programa financiado pelo governo americano para atrair investidores para a Bolívia.

A migração de fazendeiros para a Bolívia faz parte de uma expansão econômica das fronteiras brasileiras, já conhecida em outras regiões. A primeira vez, ainda na década de 70, foi a dos "brasilagros", pequenos agricultores expulsos pela mecanização das lavouras no Paraná, que se estabeleceram na fronteira para comprar terras no Paraguai. Nos últimos dez anos, o fenômeno se repetiu no Uruguai, com a diferença de que, em vez de agricultores pobres como no caso paraguaio, os novos proprietários lá são grandes pecuaristas gaúchos. Até o ano passado, havia 2 mil brasileiros proprietários de terras no Uruguai. Sua fazenda ocupavam 4% do território do país com meio milhão de hectares de boi. Também há brasileiros fazendo fazendas na fronteira com a Venezuela e com o Peru.

São Paulo — Há Bolívia, os brasileiros estão bem de vida, mas ninguém os chama de ricos. As fazendas, recém-desmatadas, ainda têm infraestrutura precária e raras são as que têm todos os luxos e eletrônicos. Por isso, a maioria dos novos fazendeiros mora na própria cidade de Santa Cruz. Alguns ainda pagam aluguel. "Para comprar casa, não vai faltar tempo", diz o gaúcho Stefanello. "A casa é de 100 metros quadrados, com banheiro, cozinha, sala e quarto. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade.

japoneses são maioria. O governo boliviano não libera a importação de carros usados. Dessa forma, ninguém consegue comprar um carro e trabalhar com os veículos do lado. No meio dos grandes fazendeiros brasileiros, há também espaço para pequenos agricultores que tentam a sorte no exterior. Um grupo de 25 deles, associados da Coocoma, uma cooperativa agrícola de Marigüé, norte do Paraná, chegou em outubro passado numa área de 8 mil hectares em Três Cruces. Dividiram em cotas, a propriedade vai funcionar em sistema de cooperativa. "Estamos só no começo do projeto", diz o médico agrônomo Antônio Manoel, 35 anos, administrador da fazenda. O único no grupo a se mudar para a Bolívia ad agora. "A ideia é replicar o tamanho da fazenda nos próximos meses e trazer mais gente para cá." Um caso exemplar entre esses pequenos agricultores é o do paranaense Adolfo Valério, 50 anos. Em 1982 Valério foi plantar soja em Rondônia. Mato Grosso, e chegou a ser dono de 5 mil hectares de terra. Três anos mais tarde, não conseguiu pagar os juros do financiamento no banco e faluiu. Passou então a trabalhar como administrador de fazendas para grandes agricultores em Mato Grosso. Em outubro passado, a sorte voltou a lhe sorrir. Um conhecido convidou-o para administrar de sua propriedade em Santa Cruz de la Sierra de 300 hectares de terra na região. "Aqui, se Deus quiser, vou ficar rico novamente", conta Valério.

Medicina sem vestibular

Brasileiros lotam cursos bolivianos

Há cerca de 1.300 brasileiros estudando medicina na Bolívia. O motivo: as universidades bolivianas não têm exames vestibulares e cobram mensalidades bem mais baixas que as brasileiras. Com apenas 1.300 dólares, o aluno paga um ano inteiro de mensalidades. Nessa universidade privada de São Paulo, esse dinheiro cobre apenas dois meses de estudo. Em Santa Cruz de la Sierra, 150 alunos brasileiros ocupam mais de um terço das vagas da Universidade Católica Boliviana San Pablo. Há cerca de 400 na Universidade Cristiana da Bolívia, que oferece 1.000 vagas de mesmo curso. Os 700 restantes estudam na Universidade do Valle, em Cochabamba, uma cidade mais próxima à capital, La Paz.

O sonho de se formar médico na Bolívia, ganhando pouco e sem ter de prestar vestibular, corre risco de virar pesadelo na volta ao Brasil. "Este diploma pode não ter validade aqui", avisa Maria de Lourdes Negreira, coordenadora do programa Estudantes-Convênio da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação. O MEC reconhece apenas os certificados emitidos por universidades públicas bolivianas que façam parte do convênio para intercâmbio de estudantes com o Brasil. Esse não é o caso da maioria das bolivianas que

estão cursando medicina na Bolívia. Os estudantes sabem muito bem disso. "Ninguém tem certeza se nosso diploma vai ser aceito no Brasil", mencionam os alunos. Alguns já estão pensando em voltar ao Brasil. Outros já estão pensando em voltar ao Brasil. Outros já estão pensando em voltar ao Brasil.

Alguns brasileiros em Santa Cruz diplomados de futuro doutor

como uma lenda. Antes da chegada dos primeiros brasileiros à Bolívia, ninguém levava muito a sério essa história. O gaúcho Air Serejovich, que há onze anos tinha uma distribuidora de sorvetes em Campo Grande, conta que ficava intrigado toda vez que ouvia a história de fazendeiros brasileiros. "Eles compravam terrenos de milha, mas nunca levavam adiante", lembra. "E, então, o milagre aconteceu: daquele que criou mais adiante para crescer em terras brasileiras". Serejovich desconfia do milagre há seis anos, quando foi convidado de parte de uma fazenda de Santa Cruz. Impressionado com o que viu, tornou-se um dos primeiros brasileiros a comprar fazenda na região. Em 1990, com o Plano Collor, sua empresa de sorvetes quebrou. Era o empurrão que faltava para que ele se desvencilhasse de 300 hectares de fazenda em Mato Grosso do Sul para apostar tudo na Bolívia. Hoje, aos 39 anos, é dono de uma propriedade quase cinco vezes maior, por-

vezes mais barata. A inflação no país é quase de Primeiro Mundo. No ano passado, foi de 7,5%. Além de oferecer taxas de juros menores que no Brasil, os bancos bolivianos permitem a abertura de contas em dólar e todo o lucro obtido no país pode ser enviado para o exterior, sem restrições. Os produtos agrícolas não pagam impostos e importações são muito mais baratas. Depois do Plano Real no Brasil, a comparação de preços tornou-se ainda mais favorável. Hoje é mais barato lá. Um trator custa um terço menos que nas revendedoras do Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Pelo preço de um par de tênis importado, os brasileiros compram um trator na Bolívia da mesma marca. "Aqui a terra é muito mais barata", diz o administrador da fazenda de Roberto Supa, coordenador do Brasil do boliviano, um programa financiado pelo governo americano para atrair investidores para a Bolívia.

A migração de fazendeiros para a Bolívia faz parte de uma expansão econômica das fronteiras brasileiras, já conhecida em outras regiões. A primeira vez, ainda na década de 70, foi a dos "brasilagros", pequenos agricultores expulsos pela mecanização das lavouras no Paraná, que se estabeleceram na fronteira para comprar terras no Paraguai. Nos últimos dez anos, o fenômeno se repetiu no Uruguai, com a diferença de que, em vez de agricultores pobres como no caso paraguaio, os novos proprietários lá são grandes pecuaristas gaúchos. Até o ano passado, havia 2 mil brasileiros proprietários de terras no Uruguai. Sua fazenda ocupavam 4% do território do país com meio milhão de hectares de boi. Também há brasileiros fazendo fazendas na fronteira com a Venezuela e com o Peru.

São Paulo — Há Bolívia, os brasileiros estão bem de vida, mas ninguém os chama de ricos. As fazendas, recém-desmatadas, ainda têm infraestrutura precária e raras são as que têm todos os luxos e eletrônicos. Por isso, a maioria dos novos fazendeiros mora na própria cidade de Santa Cruz. Alguns ainda pagam aluguel. "Para comprar casa, não vai faltar tempo", diz o gaúcho Stefanello. "A casa é de 100 metros quadrados, com banheiro, cozinha, sala e quarto. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade.

vezes mais barata. A inflação no país é quase de Primeiro Mundo. No ano passado, foi de 7,5%. Além de oferecer taxas de juros menores que no Brasil, os bancos bolivianos permitem a abertura de contas em dólar e todo o lucro obtido no país pode ser enviado para o exterior, sem restrições. Os produtos agrícolas não pagam impostos e importações são muito mais baratas. Depois do Plano Real no Brasil, a comparação de preços tornou-se ainda mais favorável. Hoje é mais barato lá. Um trator custa um terço menos que nas revendedoras do Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Pelo preço de um par de tênis importado, os brasileiros compram um trator na Bolívia da mesma marca. "Aqui a terra é muito mais barata", diz o administrador da fazenda de Roberto Supa, coordenador do Brasil do boliviano, um programa financiado pelo governo americano para atrair investidores para a Bolívia.

vezes mais barata. A inflação no país é quase de Primeiro Mundo. No ano passado, foi de 7,5%. Além de oferecer taxas de juros menores que no Brasil, os bancos bolivianos permitem a abertura de contas em dólar e todo o lucro obtido no país pode ser enviado para o exterior, sem restrições. Os produtos agrícolas não pagam impostos e importações são muito mais baratas. Depois do Plano Real no Brasil, a comparação de preços tornou-se ainda mais favorável. Hoje é mais barato lá. Um trator custa um terço menos que nas revendedoras do Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Pelo preço de um par de tênis importado, os brasileiros compram um trator na Bolívia da mesma marca. "Aqui a terra é muito mais barata", diz o administrador da fazenda de Roberto Supa, coordenador do Brasil do boliviano, um programa financiado pelo governo americano para atrair investidores para a Bolívia.

A migração de fazendeiros para a Bolívia faz parte de uma expansão econômica das fronteiras brasileiras, já conhecida em outras regiões. A primeira vez, ainda na década de 70, foi a dos "brasilagros", pequenos agricultores expulsos pela mecanização das lavouras no Paraná, que se estabeleceram na fronteira para comprar terras no Paraguai. Nos últimos dez anos, o fenômeno se repetiu no Uruguai, com a diferença de que, em vez de agricultores pobres como no caso paraguaio, os novos proprietários lá são grandes pecuaristas gaúchos. Até o ano passado, havia 2 mil brasileiros proprietários de terras no Uruguai. Sua fazenda ocupavam 4% do território do país com meio milhão de hectares de boi. Também há brasileiros fazendo fazendas na fronteira com a Venezuela e com o Peru.

São Paulo — Há Bolívia, os brasileiros estão bem de vida, mas ninguém os chama de ricos. As fazendas, recém-desmatadas, ainda têm infraestrutura precária e raras são as que têm todos os luxos e eletrônicos. Por isso, a maioria dos novos fazendeiros mora na própria cidade de Santa Cruz. Alguns ainda pagam aluguel. "Para comprar casa, não vai faltar tempo", diz o gaúcho Stefanello. "A casa é de 100 metros quadrados, com banheiro, cozinha, sala e quarto. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade.

vezes mais barata. A inflação no país é quase de Primeiro Mundo. No ano passado, foi de 7,5%. Além de oferecer taxas de juros menores que no Brasil, os bancos bolivianos permitem a abertura de contas em dólar e todo o lucro obtido no país pode ser enviado para o exterior, sem restrições. Os produtos agrícolas não pagam impostos e importações são muito mais baratas. Depois do Plano Real no Brasil, a comparação de preços tornou-se ainda mais favorável. Hoje é mais barato lá. Um trator custa um terço menos que nas revendedoras do Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Pelo preço de um par de tênis importado, os brasileiros compram um trator na Bolívia da mesma marca. "Aqui a terra é muito mais barata", diz o administrador da fazenda de Roberto Supa, coordenador do Brasil do boliviano, um programa financiado pelo governo americano para atrair investidores para a Bolívia.

A migração de fazendeiros para a Bolívia faz parte de uma expansão econômica das fronteiras brasileiras, já conhecida em outras regiões. A primeira vez, ainda na década de 70, foi a dos "brasilagros", pequenos agricultores expulsos pela mecanização das lavouras no Paraná, que se estabeleceram na fronteira para comprar terras no Paraguai. Nos últimos dez anos, o fenômeno se repetiu no Uruguai, com a diferença de que, em vez de agricultores pobres como no caso paraguaio, os novos proprietários lá são grandes pecuaristas gaúchos. Até o ano passado, havia 2 mil brasileiros proprietários de terras no Uruguai. Sua fazenda ocupavam 4% do território do país com meio milhão de hectares de boi. Também há brasileiros fazendo fazendas na fronteira com a Venezuela e com o Peru.

São Paulo — Há Bolívia, os brasileiros estão bem de vida, mas ninguém os chama de ricos. As fazendas, recém-desmatadas, ainda têm infraestrutura precária e raras são as que têm todos os luxos e eletrônicos. Por isso, a maioria dos novos fazendeiros mora na própria cidade de Santa Cruz. Alguns ainda pagam aluguel. "Para comprar casa, não vai faltar tempo", diz o gaúcho Stefanello. "A casa é de 100 metros quadrados, com banheiro, cozinha, sala e quarto. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade.

São Paulo — Há Bolívia, os brasileiros estão bem de vida, mas ninguém os chama de ricos. As fazendas, recém-desmatadas, ainda têm infraestrutura precária e raras são as que têm todos os luxos e eletrônicos. Por isso, a maioria dos novos fazendeiros mora na própria cidade de Santa Cruz. Alguns ainda pagam aluguel. "Para comprar casa, não vai faltar tempo", diz o gaúcho Stefanello. "A casa é de 100 metros quadrados, com banheiro, cozinha, sala e quarto. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade. A maioria parte das unidades para as fazendas e só volta lá a semana. Não é exatamente uma casa, mas uma necessidade.

vezes mais barata. A inflação no país é quase de Primeiro Mundo. No ano passado, foi de 7,5%. Além de oferecer taxas de juros menores que no Brasil, os bancos bolivianos permitem a abertura de contas em dólar e todo o lucro obtido no país pode ser enviado para o exterior, sem restrições. Os produtos agrícolas não pagam impostos e importações são muito mais baratas. Depois do Plano Real no Brasil, a comparação de preços tornou-se ainda mais favorável. Hoje é mais barato lá. Um trator custa um terço menos que nas revendedoras do Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Pelo preço de um par de tênis importado, os brasileiros compram um trator na Bolívia da mesma marca. "Aqui a terra é muito mais barata", diz o administrador da fazenda de Roberto Supa, coordenador do Brasil do boliviano, um programa financiado pelo governo americano para atrair investidores para a Bolívia.

A migração de fazendeiros para a Bolívia faz parte de uma expansão econômica das fronteiras brasileiras, já conhecida em outras regiões. A primeira vez, ainda na década de 70, foi a dos "brasilagros", pequenos agricultores expulsos pela mecanização das lavouras no Paraná, que se estabeleceram na fronteira para comprar terras no Paraguai. Nos últimos dez anos, o fenômeno se repetiu no Uruguai



CENA BRASILEIRA

O sertão virou pomar

Petrolina (PE), no Vale do São Francisco, exporta frutas e muda imagem do sertão

GILBERTO NASCIMENTO E JOÃO PRIMO (OTÍDIO), DE PETROLINA

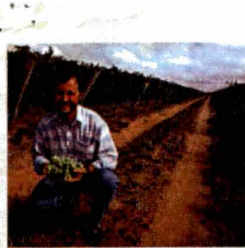
As águas do "Velho Chico" criaram um cinturão verde, abrindo novos horizontes para a população

Quando chega pela primeira vez à região de Petrolina, no sertão de Pernambuco, costuma-se acreditar que está pisando em solo nordestino. Vista do alto, a cidade de 220 mil habitantes, às margens do rio São Francisco, é um imenso cinturão verde. A imagem comum da seca no sertão é substituída por símbolos do progresso, como os edifícios de dez andares na orla e os casarões com piscinas, quadras de esporte e antenas parabólicas. Petrolina e a vizinha Juazeiro (BA), situada na margem contrária do atenuado São Francisco, formam um

moderno pólo exportador de frutas — uvas, mangas, melões e acerolas — para os Estados Unidos e Europa. O segredo do sucesso é a lavoura irrigada. Os primeiros projetos na área começaram há 20 anos e agora, literalmente, dão os melhores frutos. A água do "Velho Chico" — levada a uma distância de 40 quilômetros por bombas e canais — é bombeada por mangueiras especiais e garante o êxito da plantação. O sol o ano inteiro evita o risco das pragas que vêm com as chuvas. É curioso: em pleno Nordeste seco e ensolarado, a chuva atrapalha o desenvolvimento das frutas.

O sucesso da lavoura no São Francisco foi o caso no Sul e Sudeste do País, regiões que — até há pouco — eram responsáveis por quase toda a exportação brasileira de frutas. Resultado: muitos produtores do Sul passaram em direção ao novo Eldorado, que oferece uma grande vantagem. Sob o sol constante, as frutas podem ser colhidas em qualquer época do ano. A região produz 50 toneladas de uvas por hectare ao ano, enquanto a média no Sul do País é de apenas 10 toneladas. "É o único lugar do mundo que consegue um desempenho como esse", comemora o gaúcho Jorge Garziera, o maior produ-

11/01/1998-05/95



O gaúcho Garziera tornou-se o rei da uva no NE



Andria Mota: salário melhor e problema para conseguir médico

tor de uvas de mesa no País e um dos pioneiros do cultivo no São Francisco. Garziera é dono de 12 fazendas, que produzem nove mil toneladas de uvas ao ano e faturam em torno de US\$ 10 milhões. Só a produção de uva e manga injetará este ano na economia de Petrolina e região um total de US\$ 140 milhões. A principal variedade de uva de mesa produzida no vale é a uva, preferida pelos europeus. Com a uva vinífera, a região produz o vinho Boticelli, um dos caros de vinhos do vale. Feito com as melhores frutas colhidas na fazenda Milano, em Santa Maria da Boa Vista, a 70 km de Petrolina, o Boticelli já é exportado para a Dinamarca.

Tal qual Ribeiro Preto, no interior paulista, Petrolina carrega o título de "California brasileira". Quem lhe deu o apelido foi o americano Robert McNamara, ex-secretário de Defesa dos EUA, quando visitou a cidade — em 1969 — para conhecer os primeiros projetos de irrigação na área. Distante 800 km do Recife, Petrolina completa 100 anos (no próximo dia 21) celebrando indicadores sociais invejáveis diante da realidade do sertão. A rede de esgotos abrange 75% da área urbana, enquanto a média do Nordeste

não ultrapassa 16%. A renda per capita anual oscila entre US\$ 2,5 mil e US\$ 3 mil. Petrolina paga R\$ 340 reais por mês a seus professores por 200 horas/aula mensais, enquanto há municípios do interior do Ceará que remuneram seus mestres com a absurda cifra de R\$ 16 ao mês. Quarenta crianças em cada mil nascidas morrem antes de completar um ano de idade. O índice é baixo e comparado com a média regional, de 60 mortes por mil. "Nossa meta é chegar a menos de 25 crianças mortas por

mil, o que representa um índice de Primeiro Mundo", diz o prefeito Fernando Bezerra Coelho (PMDB), 37 anos, administrador de empresas e ex-aluno do presidente Fernando Henrique Cardoso na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo.

Na cidade, os sinais de prosperidade estão por toda parte. No dia de seu aniversário, Petrolina inaugurou o primeiro shopping center do interior do Nordeste, com 104 lojas instaladas em uma área de 25 mil metros quadrados. Os investimentos somam US\$ 5 milhões. Ao lado do shop-

A briga dos Coelho

O maior empecilho da lavoura irrigada no pólo Petrolina/Juazeiro foi o ex-governador de Pernambuco e ex-presidente do Senado Nilo Coelho, morto em 1983. Natural de Petrolina, ele governou Pernambuco "de costas para o mar", como gostava de dizer. Empreendedor e obstinado, ele incentivou o governo a investir nos projetos pioneiros do Vale do São Francisco. Mas a família Coelho, que domina a política em Petrolina há mais de 40 anos, hoje está dividida. Há uma feroz disputa entre os herdeiros políticos de Nilo Coelho. Os dois ramos da família são representados, de um lado, pelo prefeito Fernando Bezerra Coelho, do PMDB, aliado do governador

Miguel Arraes e de outro lado os deputados Osvaldo (Federal) e Geraldo Coelho (estadual), ambos do PFL. Osvaldo, Geraldo e Paulo (pai do prefeito) são irmãos. Osvaldo e Fernando se consideram os herdeiros legítimos de Nilo Coelho.

O prefeito Fernando homenageou Nilo Coelho ao dar seu nome ao centro de convênios, que será inaugurado em Petrolina no dia 21. Enquanto isso, Guilherme Coelho, filho do deputado Osvaldo, dirige a TV Grande Rio, retransmissora da Rede Globo, que atua diretamente em sua programação a administração do prefeito. O mesmo ramo da família controla ainda sete emissoras de rádio na região. Osvaldo Coelho tem nomeado ao longo dos anos os dirigentes da Codenvi, o organismo que comanda os projetos de irrigação no Vale do São Francisco. Na última campanha presidencial, Fernando Coelho apoiou a campanha de Lula à Presidência da República, a pedido de Arraes, enquanto Osvaldo e Geraldo inclinaram em favor de FHC.

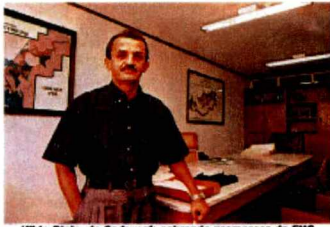
O prefeito Fernando Bezerra Coelho e o líder de lá



Revista Isto É, 03/05/95.

ping, a prefeitura está erguendo um centro de convênios com 15 mil metros quadrados de área construída.

Mas nem tudo é um mar de rosas em Petrolina. Se em 1975, quando a irrigação apenas começava, a cidade tinha 20 mil habitantes, hoje ela se preocupa com o próprio crescimento. A fruticultura no Vale do São Francisco emprega mais de 50 mil pessoas e, fugindo da seca, cada vez mais retirantes de cidades próximas e do interior de Ceará, Paraíba e Piauí rumam para a região. Mesmo com os bons indicadores sociais em Petrolina, a absorção dos migrantes é traumática. "Não podemos passar dos 500 mil habitantes, pois se o fluxo migratório se concentrar aqui a cidade ficará inviabilizada", alerta o prefeito Fernando Coelho. Os produtores, por sua vez, também reclamam da falta de infraestrutura adequada. "O poder público é que precisa agora cumprir o seu papel garantindo saúde, escola e moradia", diz Jorge Garziera, o "rei da



Hildo Diniz, da Codenvi: cobrando promessas de FHC

uva", que era professor da Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves (RS) e chegou à região há 20 anos. Foi de carro e trua em um reboque 12 variedades de uvas viníferas para serem testadas. Dizem que aqui é o Eldorado, mas o nosso pólo produtor ainda utiliza a mesma estrutura de 20 anos atrás", observa o engenheiro agrônomo Fernando Almeida, paulista de 33 anos, diretor executivo da Valesport, um pool de 37 exportadores que comercializa frutas tropicais nos Estados Unidos, Grã-Bretanha,

Alemanha, França e Bélgica. Os produtores reclamam das estradas esburacadas com mais de 800 quilômetros, que ligam Petrolina ao porto de Suape, no Recife. Na área rural, os trabalhadores que têm garantia de trabalho e carteira assinada — em boa parte, até com moradia e escola para os filhos na fazenda — enfrentam problemas ao necessitar de um hospital, por exemplo. Andria Mota da Silva, 30 anos, ex-reitora no município de Pesqueira (PE) e que agora colhe uvas na fazenda Catulânia, em Santa Maria da Boa Vista, com frequência enfrenta uma dura jornada. É obrigada a andar mais de três horas a pé até alcançar uma rodovia e tomar um ônibus para conseguir levar o filho doado, de quatro anos, ao médico. Ela e o marido, que também trabalha na colheita de uva, recebem um salário mínimo, cada um. Agora, decidiram voltar para a terra natal, em junho. "Aqui a gente tem emprego e ganha melhor, mas gasta muito para sobreviver", reclama. Há, porém, algumas iniciativas que devem ampliar a ligação entre Petrolina e o resto do País. O Ministério da Aeronáutica deve abrir, em breve, licitação para ampliar a pista do aeroporto de Petrolina e ainda construir um terminal de carga internacional. Isso deve aumentar ainda mais a capacidade de exportação do pólo.

Em 1991, o pólo Petrolina/Juazeiro exportou três mil toneladas de mangas e mil toneladas de uvas. Neste ano, deve haver um crescimento de 1.000% nas exportações. Os exportadores de uva do São Francisco criaram até uma espécie de câmara setorial própria — o Brazilian Grapes Marketing Board (BGBM) — para fiscalizar a produção, garantir o controle de qualidade e negociar os produtos com os países interessados.

O sucesso do pólo Petrolina/Juazeiro está diretamente ligado aos investimentos feitos pelo governo na cultura irrigada — a partir do final da década de 70 —, que soma 126 mil hectares. Hoje, o potencial hídrico do Vale do São Francisco é de 800 mil hectares, mas apenas 250 mil estão em operação. Portanto, muito investimento ainda pode ser feito. "Se o governo FHC der a prioridade prometida na campanha, ampliaremos a capacidade em 70%", avalia Hildo Diniz da Silva, superintendente da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codenvi).

11/01/1998-05/95

FERIADÃO VEM AÍ.

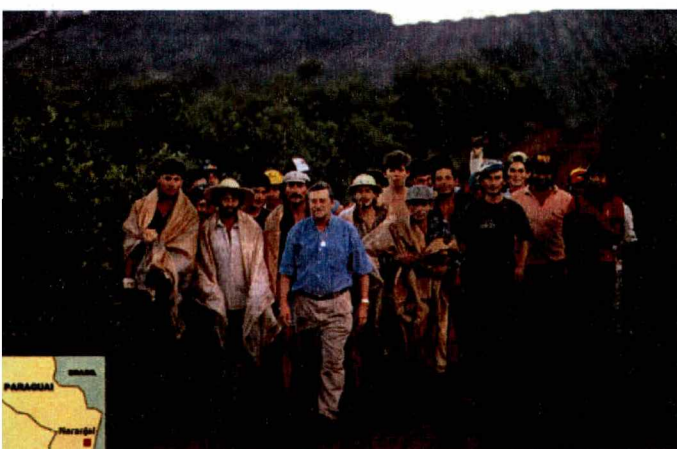


aga o seguro de seu carro e ganhe este cartão de crédito pra passear. Quanto mais você usar este cartão, menos seguro você paga.

NACIONAL SEGUROS



Revista Veja,
19/07/95.



O colonizador Willy Ludeke em sua plantação no Paraguai: picada de 70 quilômetros no matozal

IMIGRAÇÃO

O país pula a cerca

Em busca de terras novas e oportunidades, meio milhão de brasileiros ignora as fronteiras e vai gerar riquezas nos países vizinhos

JAIME KLINTOWITZ

Segundo cálculos do Ministério das Relações Exteriores, há 1,7 milhão de brasileiros vivendo no exterior. Por volta de 80 anos, centenas de milhares de brasileiros partem em busca de melhores oportunidades em países ricos. É gente que aperta parafusos em Tóquio, lava pratos em Londres ou engraxa sapatos em Nova York. Mas os emigrantes brasileiros não são formados apenas por mão-de-obra desqualificada que desempenha tarefas menores em cidades do Hemisfério Norte em troca de salários em moeda forte. O próprio levantamento calcula que nada menos que meio milhão de brasileiros está vivendo e trabalhando nos dez países com que o Brasil

tem fronteira. Os vizinhos não têm do que se queixar. Esses 500.000 imigrantes brasileiros plantam 60% do arroz uruguaio, 90% da soja paraguaia, extraem 80% do ouro da Venezuela. São gaúchos, paranaenses, nordestinos, matogrossenses que, sem perder os laços com o Brasil, se transferiram para os países vizinhos para ser proprietários de terra, criadores de gado, garimpeiros, comerciantes, pequenos e grandes empresários.

Procure-se no atlas outro povo envolvido em saga similar — é inútil. O fenômeno é coisa brasileira. O que os brasileiros têm de próprio é a vocação para identificar e ocupar nichos em setores da economia em que nossa experiência e tecnolo-

gia são superiores às dos países vizinhos. É o caso do carqueia Luis Serán, 42 anos. Três anos atrás, ele introduziu no transporte interestadual venezuelano um conceito inteiramente novo: ônibus com horário de partida. Foi uma revolução. O sistema de transporte na Venezuela está entregue a proprietários autônomos de ônibus, geralmente os próprios motoristas. São veículos caindo aos pedaços e sujos. Muitas vezes, insatisfeito com a pequena lotação, o motorista-proprietário simplesmente desembarca os passageiros e fala para seguirem viagem de taxi.

Filho de um empreendimento de ônibus do Rio de Janeiro cujas empresas foram em-

Lavoura no quintal do vizinho

A presença brasileira nos dez países com os quais o Brasil divide uma fronteira de 15.719 quilômetros

VENEZUELA
22.000 garimpeiros brasileiros tiram da terra 90% da produção de ouro e 90% de diamantes. Em Ciudad Bolívar, brasileiros dominam o comércio de diamantes. Arquivos Vendas de Roraima devem começar a produzir no próximo ano.

COLOMBIA
Apenas 1.000 brasileiros garimpeiam ouro neste país, cujo acesso é dificultado pela selva fechada, pela ação de guerrilheiros e dos narcotraficantes.

PERU
Mais de 5.000 brasileiros trabalham em garimpos de ouro.

BOLÍVIA
200 fazendeiros instalaram-se nas terras férteis de Santa Cruz de la Sierra nos últimos três anos. Outros 10.000 garimpeiros, sedutores e madeireiros brasileiros estão no Departamento de Pando.

campadas pelo governador Leonel Brizola na década passada. Serão acompanhados a marcha do garimpo e abriu uma empresa de desbastes em Boa Vista, capital de Roraima. Na virada da década, quando o fim da corrida do ouro quase riscou Boa Vista do mapa, Serão atravessou seu ônibus para a Venezuela. Não demorou a perceber que tinha o olho em terra de cego. Se no Brasil o diesel representa 30% do custo do transporte, lá fica em 2%. Serão — agora com o nome espanholado para Serão — instalou-se com a mulher e dois filhos em Puerto Ordaz, o polo industrial do sul da Venezuela. Começou com dois ônibus e hoje tem quinze, todos pintados de branco para evidenciar a limpeza. Com a pequena frota, interliga três Estados e faz a linha internacional para Boa Vista. Seus planos são ambiciosos. "Este é um país virgem em transportes", diz. "Um espaço aberto para ser preenchido por quem entende do negócio."



VEJA, 19 DE JULHO, 1995

ANcapital
PAGINA 8

QUINTA-FEIRA • 12 DE OUTUBRO DE 1995

Jornal A Notícia,
12/10/95.

FLORIANÓPOLIS

EVANDRO ASSUMPÇÃO
ESPALHA PARA-INCÓGNITA

A partir da década de 60, com a instalação da Universidade Federal, e na década seguinte com a vinda da Eletrosul para o bairro Pantanal, trazendo levadas de forasteiros, Florianópolis passou a ser porto de chegada para um fenômeno conhecido no País: a migração. Eles chegaram devagar, porém num fluxo constante, atrás de sossego e natureza, coabitando em uma capital com um insólito clima de cidade do interior, onde ainda é possível conciliar as vantagens da vida urbana com o ritmo lento e bucólico. Eles são os estrangeiros — de outros estados e até mesmo países — que adotaram a cidade e não fazem planos de ir embora. Alguns usam até se intitular mancebões da Ilha. O resultado é que, aos poucos, os contornos de uma cultura em mosaico vão tomando o conta da Ilha.

O prefeito Sérgio Grandão é um desses "estrangeiros". Nascido em Veranópolis (RS) em 1958, ele trocou a terra gaúcha pelos campos de Lages para acompanhar o pai, que se transferiu para Santa Catarina quando ele tinha cinco anos. Ele fez o ginásio no Senai em Lages e aos 16 anos veio para Florianópolis estudar na Escola Técnica, onde foi professor e de onde seguiu para a vida pública. Depois de exercer mandatos de vereador e deputado estadual, Grandão se define como um apaixonado pela cidade. "Não posso superar os desajustes de Deus que determinam o local em que a gente vai nascer, mas tenho filhos, nascidos aqui e somos o que se pode considerar um mancebão da Ilha", diz o prefeito.

Além de Grandão, outros políticos — alguns por dever de ofício — acabaram optando por fixar residência na Capital. Se ele não três poderes, fica difícil para quem vive no interior imaginar que o funcionalismo público baseado na Ilha faça diariamente uma opção pelo expediente não repetitivo quando há 16 foras, 42 pontos para voto no

armazém mas não primam muito pela boa educação, fazendo barulho por onde passam.

Turistas de passagem ou forasteiros dispostos a raízes na Ilha, eles são o retrato da invasão preconizada pelo irmão de Bia, o falecido compositor Luis Henrique Rosa. O músico recomendava aos amigos nos anos 70 que aproveitassem as belezas da Ilha enquanto ela não ficasse superpovoadas. Em 79 Luis Henrique trouxe a cantora norte-americana Liza Minnelli a Florianópolis. "O pessoal ficou na glória, vinha gente até de canoa para ver a Liza. Lá no Sambajú ela comeu pitanga, andou de canoa e se esbaldou. Foi de uma simplicidade enorme. Ela não tem estrelismo", lembra Bia.

QUALIDADE DE VIDA

Os conflitos acabaram vindo junto com a população que mudou-se para a Capital. Foi a rivalidade existente entre os gaúchos e ilhéus, por exemplo, que motivou o jornalista Jakson Kaiser, há dez anos morando na cidade e natural de Porto Alegre, a elaborar um projeto de tese de mestrado em Antropologia Social. Acabou desistindo de estudar especificamente o tema por verificar dois motivos básicos para o problema: a rivalidade existe em função de diferenças culturais e por uma questão geográfica. "Em função da vizinhança a mesma rivalidade existe entre o pessoal do interior e o que vive no litoral, entre paulistas e cariocas, por exemplo", observa ele.

Jakson relata que viveu para ele "perseguindo um sonho pessoal" de morar perto do mar e em busca de qualidade de vida. A observação de seu cotidiano entre os catarinenses o fez voltar-se para o estudo antropológico de seus raízes. "Acabei optando por buscar uma análise do conflito cultural enfrentado pelos gaúchos, como eles interagem com as culturas locais e de que forma constroem sua identidade fora do Rio Grande do Sul", afirma o pesquisador.

Em dezembro fazendo uma pesquisa de campo em Barretos, que possui o maior CTG (Centro de Tradições Gaúchas) de Minas Gerais. Segundo Kaiser, todo migrante costuma demonstrar uma certa dose de antropofagia.

"É uma das características de toda população que se desloca e provoca uma perda de identidade, precisando encontrar sua nova identidade", diz. Aparentado pela cidade, Jakson diz que não está nos seus planos sair do Rio Vermelho, onde passou a morar recentemente. A parábola vai ajudar a torcer pelo time do coração, o Grêmio, que em dezembro disputa em Tóquio o mundial



Gaúchos são a maioria na cidade

Com uma população estimada em cerca de 255 mil habitantes, Florianópolis não dispõe de dados oficiais sobre a origem de cada um deles, mas as estatísticas do Tribunal Superior Eleitoral demonstram que a quase metade da população da cidade é formada em sua maioria por gaúchos, cuja colônia supera até mesmo a dos catarinenses do interior de São Paulo.

O presidente da recém-criada Fundação pro-Florianópolis, Norberto Ungaretti Júnior, assegura que não é o sentimento de xenofobia (aversão à cultura e pessoas estrangeiras) o ponto em comum entre eles e os cerca de 800 simpatizantes, em sua maioria nativos, que dizem existir em torno da entidade. "A xenofobia é burra, mas a rivalidade existe, na mesma proporção que entre cariocas e paulistas, ou catarinenses e nordestinos de Figueirópolis", compara Ungaretti.

Segundo ele, há muita gente que vem de fora com ar de superioridade, desprezando um sentimento de rejeição entre o pessoal local. Para garantir que a entidade não receba a pecha de anti-migrante, dois itens foram colocados no estatuto da Fundação: um deles diz que entre suas atividades está "buscar mais integração entre Florianópolis e demais cidades de Santa Catarina". Outro aponta a meta de "estimular o convívio e a integração de todos os habitantes do município".

Funcionário do TRE, Ungaretti se diz um cidadão comprometido com a cidade em que nasceu, e é por isso que estimula o surgimento da Fundação. Ungaretti: busca de integração

"Não queremos apagar e promover tudo que diz respeito ao desenvolvimento e ao progresso da cidade", assegura. Nesse sentido, entre as atividades já desenvolvidas pela entidade está um fórum quinzenal de debates, que realizou discussões no clube Doar com a participação do prefeito Sérgio Grandão e do deputado estadual João Henrique Blass, além do presidente da Câmara de Vereadores, DJ Machado. Em pauta as questões relativas à cidade.

Segundo Ungaretti, o único pré-requisito para ingressar na entidade é a paixão por Florianópolis. "A naturalidade não conta, pois há muita gente de fora que nutre um forte sentimento pela terra e não raro encontram estrangeiros com paixão maior do que muitos ilhéus", argumenta ele. Entre os "estrangeiros" que já incorporaram a identidade com a Ilha e são figuras de destaque, na opinião de Ungaretti, estão o advogado Márcio Amorim, o publicitário Antônio Severo e o arquiteto André Schimidt. "Eles são exemplos de ilhéus", afirma o presidente da Fundação. Ele lamenta que sua entidade tenha nascido com a má fama de xenofobia.

"Algumas pessoas mal sabem que não participam apenas por pensar que o preconceito para tanto era ter nascido na Capital, o que não é verdade", observa Ungaretti, que fez uma pesquisa e constatou que, dos 21 cargos de primeiro escalão da Prefeitura da Capital, 15 são ocupados por pessoas de fora.

DE ONDE ELES SÃO*



Sotaque forasteiro em Florianópolis

Com escala em São Paulo durante dez meses no final dos anos 80, o destino final do pesquisador alemão Marcos Weininger acabou sendo mesmo a capital catarinense, onde se estabeleceu desde julho do ano passado. Aos 35 anos, nascido em Munique, Marcos faz doutorado em linguística na UFSC. O motivo pelo qual ele optou por Florianópolis vale para o Brasil inteiro — o sol e o calor do País. Foi aqui que ele iniciou-se na prática do mergulho, buscando as belezas submarinas do litoral catarinense. Na Alemanha ele chegou a parar um fio de até 30 graus abaixo de zero no inverno, e não se contentava com as temperaturas amenas de três meses entre o verão e a primavera europeias. "O que mais lá são os nove meses de transição durante o outono e o inverno, que são muito bonitos mas sem um charvado danado", recorda ele.

Casado com a jornalista brasileira Antoninha Santiago há sete anos, Marcos fala fluentemente em Português e tem consciência de que fez o caminho inverso do que hoje a maioria dos estudantes brasileiros, que costumam buscar cursos no exterior para seguirem a carreira acadêmica. "Na Europa, em geral, há muita gente fazendo pós-graduação e a concorrência é muito grande, um orientador tem dezenas de alunos para cuidar, enquanto na UFSC um professor cuida de três ou quatro, com uma orientação de maior qualidade", explica ele, que pesquisa a estrutura de síntese do alemão para tentar aprimorar o sotaque da língua. "O alemão tem a fama de ser difícil, e na verdade ele está sendo é mais estimado", sustenta. As circunstâncias também contribuíram para que o casal fixasse residência na capital catarinense.

O alemão conta que inicialmente ele e a mulher pensavam em estabelecer-se em São Paulo, vendo Florianópolis como uma opção de férias. "O que não podemos verificar foi que a situação em São Paulo estava se deteriorando e em Florianópolis me encantou, inclusive com a facilidade que seria de integrar a UFSC", lembra ele, que já deu aulas junto à universidade. O acesso à Internet — a rede mundial de computadores — facilita o trabalho de pesquisa e a interação do pesquisador com o mundo. Marcos costuma passar cerca de quatro horas diárias na frente do micro-computador.

"Em 1987, quando conheci a cidade, Florianópolis era muito mais provinciana do que hoje", relembra, contando que foi impossível achar dinheiro — o cartão de crédito na rede bancária da cidade nasceu lá época. Por outro lado, ele revela encontrar menos com a hospitalidade e abertura dos brasileiros. "O Brasil um dia pouco por ser do mundo e que não se sentia que é estrangeiro. O povo é acolhedor em função de ser um país imigrante", e pleia o alemão.



Weininger: aluno da UFSC



VIDA BRASILEIRA

A diáspora gaúcha

A maior leva migratória da década muda a cara do país plantando soja no Nordeste, uvas no Centro-Oeste e feijão e arroz na Amazônia

John Fazio Camacho, Jr.

[illegible]

na ativa. Está em total paz. Estimativa de 1,2 milhão deitos estão vivendo em condições dignas no país, fora os Estados nortais, segundo a mais de 10% da população do Rio Grande do Sul. Podem ser encontrados na Transamazônica, na fronteira de Rondônia com a Bolívia, no norte do Mato Grosso e, mais recentemente, nas áreas de expansão do Odebrecht, Maranhão e do Tocantins. Não há nenhuma discussão, lá está o caso.

«Os gaúchos formam o principal grupo de pioneiros do Brasil desde segunda metade do século», diz o geógrafo Rogério Basso, professor titular do Departamento Federal Fluminense, autor de uma tese de doutorado sobre o assunto. «Eles tendem a ser agricultores, são agentes de mudança política, mas, em compensação, são grandes devastadores da natureza e acrílicos à tecnologia».

Ainda assim, não se pode esquecer o papel da família Rolim. A casa de descendentes da primeira leva imigrante brasileira, Os

Os pampas transbordam

Salada (3A) - Vendendo frescos e prontos de alface, o abacate verde, como alface Schiroti, custa de 2.500 cabeça de gado

Estimativa - Cada 100 kg de alface verde, com 10% de perda, produz 90 kg de alface verde

Costo da Produção - O custo de produção de 100 kg de alface verde é de R\$ 1.500,00

Preço de Venda - O preço de venda de 100 kg de alface verde é de R\$ 2.500,00

Lucro Líquido - O lucro líquido de 100 kg de alface verde é de R\$ 1.000,00

Investimento - O investimento necessário para a produção de 100 kg de alface verde é de R\$ 1.500,00

Risco - O risco de perda de alface verde é de 10%

Conclusão - A produção de alface verde é uma atividade lucrativa e de baixo risco

indícios de esgotamento galocha estão presentes em regiões novas, como a Amazônia e o cerrado. Os galcoiros derrubam a floresta não porque enxerjam menos preocupados com o meio ambiente que os demais brasileiros mas porque precisam da terra para plantar — da mesma forma como os paulistas podiam ser apontados como os culpados da poluição do ar porque a maioria das fábricas do país ainda está

[illegible]

arrastados com supérfluo de e
verbo-tanto de gamafas, quôlo
é como se levassem o Rio Gra
nas coisas. Em todo o Brasil, ha
tros de Tradição Gaúcha, os CTO
cultivam danças e costumes típic
Após, a cidade que atrai os A
é um bom exemplo dessa disti
1975, Artur de Zúñiga Marm
catariense filho de gaúchos, ef
de Caxias do Sul, faziam um

para transformá-la num centro impressionista com a sagração e o trabalho colateral de uma casa de régua. "Ainda vamos morrer neste lugar", disse Afalardo. Não desistiu e o casal largou uma vida confortável em Curitiba, onde tinha uma empresa de transportes, e mudou-se para a floresta. Localizada no Amazonas, próximo à divisa com o Pará e Mato Grosso, Afalardo possui algumas ruínas do antigo modo de vida, mas, ao mesmo tempo, com incorporação de claustra. Por barco, ou pelo rios dos dets d'au Mamau. Mas a cidadela da impressão ou do forasteiro.



Revista Veja,
24/01/96.



com a chegada de uma nova leva de guelches. Volvêda Chiriquá, 24 anos, nascida em Venezuela, chegou em julho do ano passado, acompanhada de mais de 200 irmãos e irmãs. Ela mora com a família de Corrali, que liga Honduras a Porto Mielles, capital de Rancagua. Para si própria, encontrou um casal de parentes, que moram em Santa Catarina, Delmar Lauch e Gersona. E sempre abre a porta para quem precisa de um pouco de ajuda. "Eu sou uma doadora. Eu não me lembro de nunca pedir nada de ninguém, mas planejo construir um sobrado no lugar. Lá vivam cinco, dez, quinze crioles, sendo cada um especializado em algo a respeito, mas não se atrapalhem. A diferença aqui é o calor, mas o trabalho é feito em qualquer lugar", diz Cilene. "Travess 12", o maior grupo de guelches, chegou em julho de 2010, sob o lema "M", sigla para o movimento de luta "M", informa o prefeito de Maracú, Elvira Guerra de Sousa, presidente do comitê de

carra de Porto Veloz de Caruaru. Os policiais estão mantendo tudo sob o mais absoluto sigilo. Mestre Grizmo é do Sotão ouso (o nome original de gafiteiros nos Carões-Carões, Os 34 CTUs era fundamentalmente uma zona 117 criada por eles para a prática de atividades por eles mesmos. Políticos em tempos de eleições não podiam penetrar de apoio dos "mestres", mantendo-os criados para designar os migrantes. Segundo o Leão, a 238 quilômetros de Caruaru, é uma cidade conhecida por ser o maior produtor de Bananas para o povo, com 30.000 habitantes, uma de crescimento anual de 17% a 14 e a zona abrangida por 12.455 de floresta. A maior zona de vida é hoje criada por eles, com o nome de "zona de desconfiança". O nome Caruaru, segundo o mestre, é apenas

do do Iati). Nos primeiros dias, Priscila de Lencz maliciosa a sua primeira festa. Num calor contínuo, mais de 1.000 convidados e um grande salão de grande área da antiga casa-moradia são preenchidos com gente jovem, com o som de uma música que pulsa ao ritmo de uma festa para o verão. A festa começa a meio da tarde, com o som de uma música que pulsa ao ritmo de uma festa para o verão. A festa começa a meio da tarde, com o som de uma música que pulsa ao ritmo de uma festa para o verão. A festa começa a meio da tarde, com o som de uma música que pulsa ao ritmo de uma festa para o verão.

Paixão nacional

Do plantar soja no Nordeste, cultivar um milho Grando e atrair turistas no Nordeste, os gaúchos brasileiros e estrangeiros da fronteira sul do Brasil, na região de fronteira com o Uruguai, vivem de comércio e turismo. O gaúcho brasileiro, de nome e sobrenome, é conhecido por sua paixão nacional, o futebol. O gaúcho brasileiro, de nome e sobrenome, é conhecido por sua paixão nacional, o futebol. O gaúcho brasileiro, de nome e sobrenome, é conhecido por sua paixão nacional, o futebol.



em sair de lá. Depois
meu primeiro gosto
foi por dentro da cidade
na 4.000 anos por ali
de uma ilha. Depois
de uma ilha de ci-
ência, a psicologia
permite a luta de
uma. Uma história, a
rua de fronte. Depois
para, para, para
acordo de lápis. Lá-
stima, uma. Depois
de uma, uma. Depois
para se incorporar
com, com, com
hopping de Moraes.

Roberto de Moraes —
médico dentista, —

[illegible][illegible][illegible]

Pastorales itinerantes em Salinas (acima) e em Rio de Janeiro (abaixo).

na TV de Marabá (acima) e hoje em Barragem, no Rio de Janeiro, em um programa repassado de Rio Grande do Sul

O advogado Alvaro Schmitt, 42 anos, é um caso peculiar. Ingressou no movimento político e social do Maranhão como advogado contra grandes fazendas e latifúndios. Foi eleito deputado estadual em 1962, quando foi derrotado por Paulo Freixo. Schmitt não conseguiu emprego e partiu para o Maranhão. Foi advogado e hoje é um dos fundadores mais ativos da Frente. Tem 25 mil hectares de terra, 7.500 cabeças de gado e 10 mil pés de cana-de-açúcar de colheita. Foi secretário de fazendas e fazenda do Maranhão, entre 1984 e 1986. Tem quatro filhos com Viviane Myrd, 36 anos, filha de Jorge Mello, também proprietário de grandes fazendas. Schmitt chegou a comprar 3 hectares de terra em São Paulo, mas não conseguiu vendê-los. Hoje mora em São Luís, enquanto pensa a cada dia de

TERRA ESTRANGEIRA Pioneiros chegaram nos anos 70 com Itaipu e hoje cerca de 250 mil moram e trabalham no país

Brasileiros dominam a soja no Paraguai



gaúcho Eloi Antônio Lui, 40, acompanha pulverização de agrotóxico em sua lavoura de trigo em Santa Rita, Departamento do Alto Paraná

JOSE MASCHIO
da Agência Folha, no Paraguai

A tecnologia foi a maior arma para que brasileiros (conhecidos como itaipuanos) dominassem a produção de soja no Paraguai.

Hoje, segundo dados da embaixada do Paraguai em Brasília, os agricultores brasileiros respondem por 70% da produção de soja do país, que foi de 2,4 milhões de toneladas em 1989 e pode ultrapassar 3 milhões de toneladas na próxima colheita de verão.

A embaixada estima em 250 mil o número de brasileiros no Paraguai.

Esse ciclo começou com a construção da hidrelétrica de Itaipu (a Itaipu Binacional), no início da década de 70, quando os governos do Brasil e do Paraguai firmaram um acordo de colonização das terras paraguaias por brasileiros.

No início de 80, houve a segunda demanda de brasileiros.

Focam para o Paraguai brasilei-

ros capitalizados (para o setor de agroindústrias e grandes propriedades rurais) e os sem-terra, que tentavam buscar uma alternativa à falta de possibilidades no Brasil.

A última leva de brasileiros para o Paraguai aconteceu a partir de início dos anos 90.

Eravam brasileiros que buscavam ocupações na área de comércio e indústria, no rastro dos agricultores bem-sucedidos.

"A vantagem do Paraguai, em relação ao Brasil, é que aqui o que você produz é seu", explica Vilmar Richter, 50, produtor e corretor em Marial (135 km a oeste da fronteira com o Brasil).

Richter e mais três irmãos são produtores de soja e financiadores de pequenos produtores brasileiros em Naranjal.

Este ano, os irmãos Richter plantaram 90 ha de trigo e pretendem semear 250 ha de soja. Mas finalizaram mais de 500 ha de trigo.

"Aqui dá para ter lucro de 30% por safra", diz Vilmar Richter.

"Ocupação pacífica" preocupa vizinhos

dos enviados especiais

Sindicatos de trabalhadores rurais da Bolívia divulgaram, no ano passado, documento que classifica de "ocupação pacífica" a expansão dos brasileiros em Santa Cruz de la Sierra.

O documento, assinado pela "Central Obrera Departamental", afirma que "o movimento expansionista pretende despojar a Bolívia de amplos territórios, desde que respeitem a legislação do país."

Ronnie Scott, gerente da Anapo, diz que alguns brasileiros estão desmatando áreas marginais, com

sérios prejuízos ao meio ambiente.

No Uruguai, Robert Frugoni, gerente da associação dos cultivadores, diz que a expansão dos brasileiros está elevando os custos de produção.

"Em um mercado tão reduzido, a disputa por terra e água impede o desenvolvimento harmônico", diz Frugoni.

A presença brasileira também causa constrangimentos no Paraguai. Juan Buñia Ramírez, da embaixada paraguaiense em Brasília, diz que há problemas de relacionamento causados por alguns brasileiros.

"Não existe por falta de sensibilidade, mas confiamos que esses brasileiros logo irão perceber que o preconceito não leva a nada e que a nova pátria deles é o Paraguai", diz.

Gaúcho chegou de mala vazia e hoje planta 250 ha

da Agência Folha, no Paraguai

O gaúcho Eloi Antônio Lui, 40, tinha 21 anos quando resolveu arriscar a vida no Paraguai.

Hoje é um dos mais bem-sucedidos brasileiros da localidade de Panamby, distrito de Santa Rita, no Paraguai.

Lui deixou a região de Palotina (oeste do PR) —onde trabalhava com o tio como empregado— para cortar madeira na região hoje

conhecida como Panamby.

"Eu tinha uma mala e duas peças de roupa, e no início fiquei sozinho muito tempo no mato, cortando madeira", diz.

O acordo com o tio era abrir uma área de terra no Departamento (Estado) de Alto Paraná.

Segundo ele, o tio —pai de Alir e Alfeu Lui, maiores produtores de soja do departamento de Alto Paraná— ofereceu percentagem na produção e cedeu equipamentos

básicos.

"Na época foi tudo manual, não existiam tratores por aqui e eu plantei soja e colhi na mão", afirma Lui.

A primeira colheita lhe rendeu cem sacas de soja. Três anos depois, em 1980, ele conseguiu comprar dez hectares.

Atualmente, possui 250 hectares em Santa Rita, onde planta soja, trigo e milho.

Pai de três filhos adolescentes,

todos nascidos no Paraguai, mas registrados no Brasil, Lui gastou US\$ 200 mil para construir uma sede nova na fazenda.

"No Brasil, hoje eu seria um sem-terra", diz.

Presidente do Conselho Comunitário de Panamby, ele não pensa em voltar ao Brasil.

"Tenho um irmão no Sul que trabalha em 12 ha e não ganha o suficiente para pagar a conta de luz. Isso não é vida."

TERRA ESTRANGEIRA Solos férteis de Santa Cruz de La Sierra dispensam fertilizante e reduzem os custos de produção

Lavoura de soja dá mais lucro na Bolívia

BRUNO BIECHER
embaixador brasileiro

Terras baratas, solos férteis e custos de produção mais baixos que no Brasil atraíram, de 90 para cá, cerca de 150 agricultores brasileiros para o Paraguai.

"Hoje a irrigação diminuiu um pouco, porque os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz", diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

estavam impositos", diz Ricardo

Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação Nacional dos Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo).

No início dos anos 90, produtores como o gaúcho Vilmar Richter chegaram a comprar terras na Bolívia pelo preço de US\$ 200 ha.

"O preço diminuiu um pouco, mas não muito", diz o brasileiro Vilmar Richter.

Os produtores brasileiros preferem usar o canal de irrigação de Santa Cruz, diz o brasileiro Ricardo Scott, gerente da Associação



Economia

O novo eldorado verde

Soja, dinheiro e cidades brotam numa faixa de Rondônia ao Piauí que tem o tamanho da Espanha

Ricardo Grinbaum, de Sapaez

A cidade de Sapaez ainda não aparece no mapa do Brasil porque foi fundada há apenas um ano e meio. Ela fica no norte de Mato Grosso, na foz da Floresta Amazônica. Tem 4 000 habitantes e ruas de terra que se tornam impenetráveis em dias de chuva. Não pense que Sapaez é uma aldeia de cabanos de sapé, pobre e pendida na selva. Ela é próspera, cercada por um horizonte plano e verde, completa-

mente tomado por plantações. Neste ano, suas fazendas produziram 510 000 toneladas de soja, 1 000 de milho e 450 de arroz, vendidas por 110 milhões de dólares. O PIB per capita da cidade elevou-se a 27 500 dólares (a média brasileira é de 4 600 dólares). Sapaez fica numa ponta da nova fronteira agrícola brasileira, pouco conhecida pelos que moram em outras regiões do país. Só recentemente essa fronteira despertou o interesse do governo e dos fazendeiros. Mas é aí, segundo eles, que o país poderá dobrar sua produção agrícola. "Aí temos tecnologia. Se tivermos mercado e crédito, poderemos multiplicar por dois nossa produção agrícola em apenas quinze anos", diz Célio Campolina, professor de economia regional da Universidade Federal de Minas Gerais.

A área territorial é enorme. Para ter uma ideia, pegue o mapa e risque uma linha entre o norte de Mato Grosso, onde está Sapaez, e o sul do Piauí, que

é a outra ponta da nova fronteira. A linha terá 1 600 quilômetros de extensão, praticamente como o país ao meio, e passa pelos Estados do Tocantins e do Maranhão. Essa marca está sendo seguida por investimentos na cultura de soja, arroz, milho, algodão e em gado. Nos últimos três anos, os fazendeiros ocuparam 3 milhões de hectares com novas plantações, o que representa cerca de 6% de toda a área cultivada no Brasil. Ou seja: o que era um sério impedimento do tamanho da Bélgica virou campo semeado. Essa Bélgica verde no Brasil central está atraindo pequenos agricultores do Sul, pessoas que perderam o emprego no Nordeste, deka-segus de São Paulo que juntaram capital trabalhando no Japão. Demitidos, médicos, professores de inglês procuram trabalho em cidades que ganham vigor na beira das fazendas. O Ministério da Agricultura calcula que 1 milhão de pessoas aportou nessa frente

nos últimos três anos. Há interesses estrangeiros. O governo da China propôs montar um núcleo agrícola no Estado do Tocantins no ano passado. Queriam instalar 50 000 colonos chineses numa área de 1 milhão de hectares. Brasília não concordou.

Japoneses — Americanos estão comprando terras na região de Balta, no sul do Maranhão. Imobiliárias de Curitiba oferecem na Alemanha e na Áustria terras em Mato Grosso. Por onde se anda nos territórios das fronteiras agrícolas encontram-se japoneses da Jica, o órgão oficial japonês de estímulo comercial. Eles estudam financiamento, junto com o governo brasileiro, para projetos no valor de 900 milhões de dólares para colonização de áreas de fronteira agrícola no Brasil. São responsáveis também pela elaboração do plano de desenvolvimento agrícola do Estado do Tocantins, a ser concluído no fim do ano. Além de

fatura crescente em sacas de soja e arroz, a febre entre Mato Grosso e Piauí está produzindo milionários. O paranaense Blairo Maggi tem 41 anos e o seu nome ainda não ficou famoso. Ele é o novo rei da soja brasileira, oito anos antes pertencente ao empresário paulista Olney de Moraes. Fatura 280 milhões de reais por ano, produzindo e vendendo soja de outros fazendeiros. Maggi e seu pai, André, de 70 anos, eram fazendeiros no Paraná e foram para Mato Grosso em 1981. São donos de mais de 100 000 hectares de terra (100 hectares já são uma boa fazenda no Sul ou no Sudeste), exportam 400 000 toneladas de soja e vendem 300 000 toneladas no mercado interno.

Foram os Maggi, pai e filho, que criaram Sapaez e investiram, por baixo, 2,5 milhões de dólares na cidade. Uma usina hidrelétrica dos Maggi fornece energia para a cidade, com potência para abastecer 20 000 habitantes. Eles estão para inaugurar uma hidrelétrica, que custará 60

Fila de caminhões com 7 mililitros em Sapaez, para descarregar a safra, e o novo rei da soja, Blairo Maggi (acima): 110 milhões de dólares a cada colheita

milhões de dólares. O BNDES entrou com financiamento de 24 milhões, o governo do Amazonas com 12 milhões e os Maggi tiraram 24 milhões do bolso. A hidrelétrica é uma dessas coisas gigantesca que acontecem em silêncio, num Brasil muito grande para tomar conhecimento do que se passa em cada uma de suas pontas. A hidrelétrica liga Porto Velho, capital de Rondônia, ao Porto de Ilhéus, no Rio Amazonas, a 200 quilômetros de Manaus (veja mapa na pág. 112). Balas gigantesca com soja produzida em Mato Grosso, Rondônia, Acre e sul do Amazonas seguem pelo Rio Madeira até Ilhéus. Nesse ponto, a soja é embarcada em navios graneleiros, que descem o Rio Amazonas, entram no Oceano Atlântico e navegam para portos carapens e asiáticos. O primeiro graneleiro fará esse trajeto no próximo dia 12. O presidente Fernando Henrique prometeu acompanhar a caravana. "Com essa hidrelétrica, ficamos livres do custo alto com o escoamento da soja pelos portos do sul", diz Blairo.

Por essa hidrelétrica, o frete entre o norte de Mato Grosso e Rondônia — porto holandês onde chega a maioria dos gra-

neleiros que abastece a Europa — será de 75 dólares a tonelada. O trajeto até Rotterdam passando pelo Porto de Paratagui custa atualmente 105 dólares por tonelada. A diferença é lucro no bolso do comerciante e do produtor. É uma boa diferença, já que ele exporta milhares de toneladas. Há outro novo caminho de escoamento das safras de grãos da nova fronteira. Ele é feito a partir da cidade de Balta, no sul maranhense. Balta foi um núcleo importante de produção de arroz, mas decuiu na década de 80. Renascença agora, nos anos 90. A Companhia Vale do Rio Doce permitiu o transporte de grãos pela sua ferrovia que liga Carajás ao Porto de São Luís, no Maranhão. A produção da região de Balta é transportada até a estação ferroviária em Imperatriz, e de lá segue por trem até o porto. O frete de Balta até Rotterdam fica em 37 dólares a tonelada. O produtor paranaense paga 41 reais para que sua soja chegue a Rotterdam. A diferença parece pequena à primeira vista. Mas é ela que cria o atrativo para o agricultor plantar num Estado como o Maranhão, onde as terras costumam ser de cinco vezes menos que no Paraná. Antes, não valia a pena, mesmo com terras boas e baratas, porque a remessa da soja até o exterior nem chegava a ser viável. Falava o corredor norte de exportação, que agora existe.

Oito anos atrás, Balta estava paralisada. Em 1990, os fazendeiros colhiam 8 000 toneladas, estimadas pelo vanta-



gem do frete. A produção tem quase dobrado ano a ano. Em 1997, eles colhiam 254 000 toneladas e chegam que atingem o marco de 500 000 toneladas daqui a três anos. Todas as semanas chegam entre seis e oito grupos de agricultores do Sul, Sudeste e Centro-Oeste interessados em comprar terras. Há dez anos se comprava 1 hectare de terra virgem pelo preço de um prato frito. Hoje, o hectare a ser aberto custa 300 reais. Se já estiver preparado, sem muito, chega a 1 000 reais. Ainda assim, é mais barato que a terra em Estados como Rio Grande do Sul e Paraná. O avanço das fazendas para o fundo do sertão está criando cidades do dia para a noite e revitalizando povoados que se encontravam em decadência. A cidade de Pedro Afonso, no Estado do Tocantins, estava parada no tempo e quem chegava láidade de trabalho partia para outras lugares. Em agosto do ano passado, com financiamento do governo japonês, quatro fazendas foram montadas, cada uma com 1 000 hectares, a 15 quilômetros da cidade. Estão cultivando arroz e soja e plantando frutas e milho no ano que vem. A primeira safra não foi colhida, mas Pedro Afonso já mudou de feição. Dois postos de gasolina foram montados e três bares novos, três lojas de móveis, quatro açougues, dois supermercados. Chegam um advogado, o primeiro de Pedro Afonso, um professor de inglês e um de informática. O ex-prefeito José Edgardo de Andrade, que desentendeu o plano para a criação dessas fazendas, está encalhado. "Estamos numa cidade estagnada. Agora temos futuro", diz.

Os fazendeiros de Pedro Afonso ganharam terras outorgadas pela Companhia, uma empresa formada pelos governos brasileiro e japonês. Receberam equipamentos, como tratores e máquinas de irrigação, e fertilizantes. Cada um assumiu uma dívida de 1 mi-

A linha gigantesca protege a soja no convés de uma balta no Rio Madeira Interior e a balta vista de longe

lão de dólares, que deve ser paga em quinze anos. Seu compromisso é pagar, após a colheita, a dívida e dirigir pessoalmente a fazenda. Só se habilita para o programa o agricultor que prova que é competente. O interesse do governo japonês nesses financiamentos é aumentar a oferta mundial de alimentos, para não ficar dependente de poucos fornecedores.

Soja no Piauí — O Piauí é o Estado mais pobre do país, mas a riqueza está brotando por quatro imbuídos da família Borlorozzo, de Araraquara, no interior de São Paulo. Eles têm 500 hectares em Araraquara, mas, há oito anos, resolveram atacar nas vizinhanças de Urquid. No início, rezejavam-se na administração da fazenda. Dormiram em redes, em barracos cobertos de palha. Bumbo, só uma vez por semana. Agora, moram em Teresina, com todo o conforto, e faturam 5,3 milhões de

reais por ano. "Foi uma aventura, que terminou melhor do que esperávamos", diz Amílton, o irmão caçula. Existem fazendeiros chegando a Roraima de olho em 4 milhões de hectares de terra boa. Fazendeiros do sul e do centro de Rondônia estão abundando cultivos pouco lucrativos para plantar soja e arroz em larga escala. Vão aproveitar a Hidrelétrica Porto Velho — Ilhéus. No sul do Amazonas, na região da cidade de Humaitá, trinta produtores investiram 25 milhões de dólares no ano passado para a abertura de fazendas. Todos vieram de Estados do Sudeste. A soja já beirou a Amazônia. Quem abriu a fazenda possuiu na região amazônica de Humaitá foi o agricultor messianista Roman Rentes, de 41



Quase do tamanho da Espanha

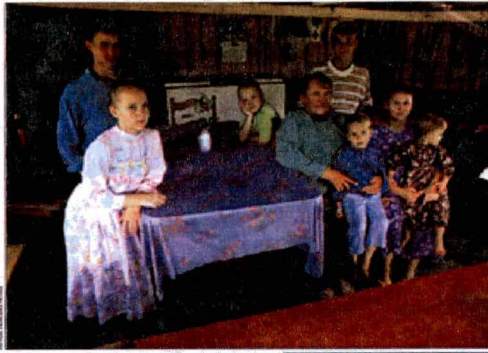
Os fazendeiros de soja começaram a ocupar os 45 milhões de hectares de terras boas que ficam no norte do país

A faixa verde-amarela delimita a nova fronteira agrícola do país, onde se está plantando soja

112 2 de abril, 1997 veja

anos. Ele chegou à cidade em 1994 disposto a tentar o solo da região. Nascido na Sibéria, Roman já abriu terras no Paraná, em Mato Grosso e na Bolívia. Foi convidado pelo governo do Amazonas para experimentar o solo ao redor da cidade. Quando chegou, recebeu um desafio. Uma propriedade de terras da região disse que lhe daria um hectare se conseguisse colher arroz naquela área. Havia inclusive um estado da Embrapa apontando a região como imprópria para a agricultura. "Tive medo de fazer um churrasco para comemorar a primeira safra", brinca Roman. O agricultor russo aplicou 500.000 dólares de sua poupança em Humaitá e plantou neste ano 600 hectares de arroz e soja. "Vim para ficar. Essa região vai explodir e quero aproveitar".

As terras da nova fronteira estão situadas na faixa do cerrado. Foram desprezadas durante muito tempo porque o solo do cerrado é ácido. Sem tratamento, é pouco produtivo. Na década de 70, técnicos da Embrapa descobriram maneiras baratas de corrigir o solo e desenvolveram sementes que se adaptam bem ao cerrado. Com essas técnicas, surgiram as fazendas ricas de Goiás, Triângulo Mineiro, Mato Grosso do Sul e oeste da Bahia. Em meados da década de 80, a terra já estava cara nessa região. Por isso, os agricultores começaram a procurar hectares baratos mais ao norte. O resultado é essa nova linha agrícola em desenvolvimento. Alguns números, levantados pelo Ministério da Agricultura, mostram o tamanho da transformação que ali está acontecendo. Entre Mato Grosso e o sul do Brasil existe um território de terras planas, que facilitam a operação de grandes tratores e colheitadeiras. Há muita água e muitos meses de sol. Segundo o Ministério da Agricultura, existem 45 milhões de hectares de terreno cultivável nessa faixa, ainda inexplorados. É mais ou menos a quíntupla da área cultivada de toda a Espanha. Tanto o solo quanto as condições climáticas, só ocorre na África, nas savanas. Apenas na Chapada dos Parecis, ao redor de Sa-



Família do russo Roman Reutov, em Humaitá (acima): plantação de arroz e soja no meio da selva amazônica

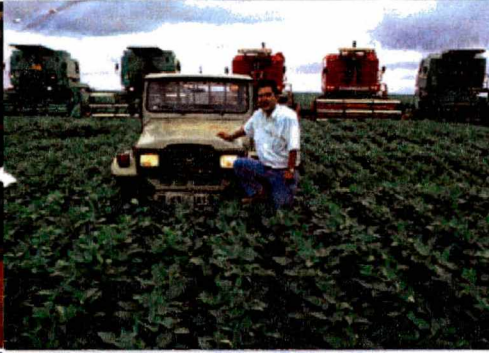
pezal, há 20 milhões de hectares a ser explorados. Isso equivale ao estoque de terra que sobrou nos Estados Unidos. Esses números refletem o tamanho da potencialidade econômica dessa faixa do Brasil central. Se metade da área for aproveitada, a produção brasileira de soja se igualará à dos Estados Unidos, o maior produtor mundial, atualmente. O momento bom está aí: os estoques mundiais de alimentos descem aos níveis mais baixos desde a II Guerra Mundial, e o preço dos produtos agrícolas está em alta. O consumo mundial de soja é de 130 milhões de toneladas anuais. Mantendo o atual ritmo de crescimento, o consumo mundial base em 200 milhões em 2010. "Essas condições boas devem continuar por muito tempo, e é uma excelente oportunidade para o Brasil ganhar dinheiro", diz André Passa, engenheiro agrônomo da MB consultoria, um dos maiores especialistas em agricultura do país.

Indústria — Inúmeros outros benefícios surgiram com um melhor aproveitamento da nova fronteira. A agricultura é uma atividade que transfere renda do solo para a indústria, para o comércio e para os serviços, de maneira quase imediata. "O impacto na economia é brutal. Cada nova área de lavoura atrai um crescimento explosivo em outras atividades", afirma o economista



Clelio Campolina. Cada bilhão de dólares obtido de culturas como a soja, o arroz e o milho gera 500 milhões em outras encomendas na própria agricultura, na indústria e em gastos em serviços. O cálculo é do professor Joaquim Guilhoto, da Esalq, faculdade de agronomia em Piracicaba.

A agricultura tem uma peculiaridade. O dinheiro que ela produz normalmente fica onde é gerado e se espalha pelas cidades da região. Por isso, ela



Massao (acima): médico do Sul planta soja no Maranhão. Webber (abaixo): a riqueza em Mato Grosso

milho e soja, a ração dos frangos. As fazendas da nova fronteira tendem a atrair para suas redondezas os frigoríficos, as esmagadoras de soja, as fábricas de fertilizantes. "O Brasil é um caso raro no mundo. Na maior parte dos países, a economia e a população migram mais para a costa, onde se localizam as empresas voltadas para a exportação. No Brasil, houve uma interiorização do desenvolvimento movida pela ocupação das fronteiras agrícolas", diz o economista Alvaro Zito, professor da USP, um estudioso do assunto.

Salto no escuro — Áreas em processo de desenvolvimento são territórios em que há risco, perigo e enorme possibilidade de fracasso. Mas elas oferecem também a chance de refazer a vida e colocar a mão em dinheiro grosso. O médico paranaense Osvaldo Massao, de 42 anos, chegou à região de Balsas há onze anos. Cansado de dar plantão nos hospitais de São Paulo, resolveu tentar a sorte plantando arroz no município de São Raimundo dos Mangabeiras. Junto com dois sócios e sob a orientação do pai, agricultor no Paraná, Osvaldo abriu no primeiro ano uma área de 100 hectares. Morou um ano acampado com a mulher em uma barraca de lona preta. Tinha por vizinhos animais como oca, cobra e onça. Massao e seus sócios deram um salto no escuro. Hoje são donos de 4.000 hectares de arroz, feijão, milho e

soja e devem faturar, neste ano, 2,2 milhões de dólares. "Quem está no Sul descobre as oportunidades que esta região oferece", observa o ex-médico.

Em 1982, o gaúcho Isidoro José Webber, então pequeno criador de suínos no Paraná, viajou em férias para a região de Sapezal, em Mato Grosso. Foi um passeio de avião — o primeiro voo de sua vida — e gostou das terras. Vendeu a fazendinha no Paraná e comprou 3.000 hectares de cerrado. "Ela não resistia vendo aquela terra bonita. Resolveu comprar os cartuchos e montar uma grande fazenda." Pode-se dizer que Webber é hoje um grande fazendeiro sossegado. Tem mais de 7.000 hectares de terra, receita anual de 3 milhões de reais e uma dívida de 200.000 no banco, pagável em dez anos. Uma parte de seu lucro é distribuída entre os filhos. O filho de Webber é um avião Cessna 210 e um Passat alemão que chacha pela pelos buracos de Sapezal.

A fronteira tem sua crítica de fracasso, é bom lembrar. A vida é difícil. Telefone é luxo, o socorro médico muitas vezes está a cem quilômetros e o lazer normalmente é cerveja e churrasco. É bom esquecer que existem cinema, hambúrguer do McDonald's, shopping center e praia. As estradas são infirmas e as distâncias, enormes. Se quebra o rolamento do trator, o fazendeiro precisa buscar a peça a 500 quilômetros. Os financiamentos são mais difíceis do que nos Estados do Sudeste e do Centro-Oeste. A atração é que tudo está por fazer na fronteira. Médicos, advogados, dentistas e professores são bem-vindos a essas cidades distantes. Em algumas delas, nem terão concorrência. Os preços são muito baixos. Uma churrascaria realiza um churrasco pela refeição em Balsas, no Maranhão. Com 110.000 reais, compra-se um lote de 5.000 metros quadrados, no ponto mais nobre de Pedro Afonso, no Tocantins, à beira do Rio Sono. As ruas desse bairro não têm nem asfalto nem calçada, mas ainda não dá para ser muito exigente no coração do país.

NOVO OESTE O empresário André Maggi mora em casa de madeira, acorda às 4h e é prefeito sem salário de Sapezal

Novo rei da soja é antítese do antecessor

Maioria dos produtores vem do Rio Grande do Sul e do Paraná

Folha de São Paulo,
06/04/97.

do enviado especial a Sapezal (MT)

A Chapada dos Parecis é, de várias formas, um divisor de águas no Mato Grosso.

Em primeiro lugar, literalmente lá que começam a correr as primeiras águas que vão desaguar, milhares de quilômetros depois, no rio Amazonas. Ao sul do chapadão, as terras mais baixas do Estado pertencem à Bacia do Prata.

Do ponto de vista migratório, a região também marca uma linha divisória no Estado: nos municípios da Chapada dos Parecis predominam gaúchos e paranaenses, enquanto nas cidades mais próximas ao Pantanal há uma prevalência de paulistas e mineiros.

Invariavelmente, a elite do chapadão tem sobrenomes italianos ou alemães. Famílias como Schneider, Dal'Maso, Maggi, Webl, Simonetti, Mufatto, Sachetti formam até 80% do total de produtores de Sapezal.

Eles começaram a chegar à região no início dos anos 80. Na época, não havia estrada e a viagem desde Tangará da Serra, a 230 km, no sopé da chapada, podia levar até uma semana se fosse no perío-

do de chuvas (setembro a abril).

Os pioneiros "limparam" os campos do cerrado e plantaram soja. No começo, a produtividade era baixa, porque o solo do chapadão precisa ser preparado para se tornar fértil.

"Primeiro a gente queima. Depois põe 5 toneladas de calcário por hectare, de 300 kg a 500 kg de fósforo/ha, mais meia tonelada de adubo/ha. Daí é só plantar de 50 kg a 90 kg de semente de soja", receita Sérgio Sachetti, 39.

Nascido em Santa Catarina, ele e oito irmãos plantam 8 mil hectares de soja e algodão em Sapezal. A família começou na agricultura em 1973, no Paraná. Dez anos depois, mudou para Itiquira (MT). Em 94, expandiu a produção para Sapezal.

A história dos Sachetti é a regra entre os maiores produtores na Chapada dos Parecis. Eles vêm do sul do país, têm tradição agrícola e investem em tecnologia — o que significa tratores, colheitadeiras, defensivos e fertilizantes.

Produtividade

Pesquisador da Embrapa e diretor-técnico da Fundação Mato Grosso, Dario Harimoto é um dos

maiores especialistas em soja do país. Ele diz que uma boa produtividade na chapada está em torno de 3,6 toneladas por hectare.

A média dos EUA, maior produtor mundial de soja, não ultrapassa as 3 toneladas por hectare.

Segundo Harimoto, a vantagem da Chapada dos Parecis é o clima, pois "chove como um relógio", e a topografia extremamente plana. É possível sobrevoar a região por centenas de quilômetros sem avistar nenhuma elevação no terreno.

Alia-se a isso o melhoramento genético das sementes e o desenvolvimento da técnica adequada de manejo do solo. Esse avanço tecnológico foi viabilizado pelo investimento anual de R\$ 400 mil dos produtores nas pesquisas da Fundação Mato Grosso.

A ambição e a assimilação das novas tecnologias agrícolas são duas características dos imigrantes dos Estados do sul que, segundo eles próprios, os ajudaram a se estabelecer na região.

É raro encontrar um grande produtor nascido no Mato Grosso. Os nativos formam, em boa parte, a mão-de-obra que trabalha nas plantações. (JRT)

"Muito peão vai virar patrão"

do enviado especial

O produtor gaúcho Inácio Webl, 52, está preocupado. Em 1983, ele tinha 84 hectares em Toledo, no Paraná. Hoje, possui 7,4 mil hectares e é o segundo maior produtor de soja de Sapezal. Fatura US\$ 3 milhões por ano.

A preocupação de Webl é com os filhos. "Dos quatro (dois homens e duas mulheres), três vão voltar a ser empregados", diz, lembrando sua própria trajetória.

É que apenas uma filha trabalha com ele na fazenda. "É meu braço direito". A outra foi ser professora. Os dois filhos, para sua decepção, viraram caminhoneiros.

"Para ter sucesso aqui, precisa ficar na terra, trabalhar na terra. Ser colono. Mas, para meus filhos, eu acho que isso é uma humilhação", lamenta-se.

Sua história sempre foi ligada à terra. "Comecei roçando mato para os outros". Economizou e conseguiu comprar 12 hectares. Plantava trigo, soja e criava porcos. O que ganhava, investia em terras.

Em 1981, aceitou o convite de um corretor para visitar o Mato Grosso. Não tinha intenção de comprar nada. Só topou ir porque nunca tinha viajado de avião e morria de vontade de voar.

Gostou do chapadão e acabou comprando 3 mil hectares por US\$ 23,00 por hectare. Hoje, cada hectare já produzindo não sai por menos de US\$ 1 mil.

"Deixei o Paraná por ambição", afirma Webl. Esse é um sentimento que, hoje, ele identifica mais em estranhos no que nos filhos. "Tem muito peão aí que vai virar patrão. É só uma questão de tempo". (JRT)

Gaúcho abre sua 2ª fronteira

do enviado especial

Aos 63 anos, o gaúcho Evaldino Dal'Maso está desbravando, em Sapezal, a sua segunda fronteira agrícola. Na primeira vez, quando tinha 20 anos, saiu de Passo Fundo (RS) para trabalhar no Paraná.

"Toledo era uma fronteira nova na época. Foi mais difícil do que agora, porque tudo era manual, na base da foice e do machado".

Também aos 20 anos, seu filho Eleanor, 36, saiu do Paraná, onde o pai tinha ido tentar a sorte, para ser pioneiro no Mato Grosso.

A família chegou a Sapezal em 81, quando só havia meia-dúzia de colonos. "A maior parte da terra do Estado na época era devoluta. E parentes dos governadores eram os posseiros", conta Eleanor, hoje presidente da Câmara de Sapezal.

Ele diz que pagaram o equivalente a duas sacas de soja por hectare para obter a posse da terra. "Para legalizar a papelada no Incra custou o dobro", conta.

Atualmente, os Dal'Maso plantam 2,7 mil hectares de soja e têm uma produtividade de 3,2 toneladas por hectare. "Temos muitas áreas novas (em 1ª ou 2ª plantio). Com tempo e tecnologia chegaremos a 3,5 toneladas por hectare."

Ele calcula que não compensa ultrapassar a barreira de 4 toneladas/ha. Para obter essa produtividade, os investimentos passam a ser tão grandes que a margem de lucro começa a diminuir.

Como a maioria dos produtores da região, os Dal'Maso não recorrem a bancos. O financiamento é direto com o fornecedor, em sacas de soja. (JRT)

RODEIO DA RUAÇA



PROVAS: O laço é uma das competições do evento, que tem entrada gratuita

ANALYSIS
Top de Marketing '97
ADV8/5C

R\$ 1,00

ANcapita

SENAI - CENTRO DE TREINAMENTO DE SENAI - RUA PROF. DR. YRIBARA VIEIRA, 100 - JARDIM AMORIM - SÃO PAULO - SP - 05060-000



CAWPERO Prova, uma das atrações do rodeio

Rodeio movimenta São José

Público de 50 mil pessoas provocou grande engarrafamento

O CTG Os Pratinhos, de São José, há 26 anos, realiza rodeio que só per-

de para Oktoberfest, de Blumenau, em número de público. Desde quin-

ta-feira, 50 mil pessoas em média assistiram a apresentações campeiras e artistas que encerra-

Festa em São Joaquim revive tradição gaúcha

São Joaquim — O Centro de Tradições Gaúchas Municipal Catariense realiza a partir de amanhã, até dia 21, o II Rodeio Integração Caminhos da Neve. O evento pretende levar mais de 50 mil pessoas ao Parque Nacional da Neve, local onde acontecem os shows, bailes, torneios de laço, gineceiras, concursos de dança e uma série de outras atrações de caráter tradicionalista. Estarão presentes mais de 40 CTGs dos três estados do Sul com suas invenções artísticas e equipes de laçadores.

Segundo um dos organizadores, José Nérito de Souza, haverá local grátis para camping. O passe de veículos custará R\$ 5,00. Os ingressos ao parque também serão gratuitos, todos os dias, assim como as mesas para os diversos bailes programados. Será instalado, ainda, um palco sob lona onde acontecerão shows e os bailes. Os ingressos para os eventos nesse local custarão R\$ 5,00 (feminino) e R\$ 10,00 (masculino).

Saiba mais

Programação do II Rodeio Integração Caminhos da Neve

SEXTA-FEIRA, DIA 17
21 horas Show-baile com Os Nativos (forô)

SABADO, DIA 18
17 horas Show-baile com o grupo Roca Campesina (forô)
23 horas Baile de formatura do curso de dança Catariense
Gaudírio do Vale

DOMINGO, DIA 19
19 horas Show com Gaudírio do Vale (forô)
Show com Os Catarienses e Roca Campesina (forô)

SEGUNDA-FEIRA, DIA 20
23 horas Show-baile com Os Serenatos (forô)

TERÇA-FEIRA, DIA 21
18 horas Show-baile com Os Danos da Fronteira (forô)

AN - Integrado

Rodeio começa hoje à tarde

Competidores de vários estados brasileiros e de outros países participam a partir de hoje, às 15h30min, no Centro de Tradições Gaúchas Herança do Velho Pai, do 11º Rodeio Intercontinental. Os organizadores esperam um público superior a 50 mil nos quatro dias de festa. O encerramento será no domingo, às 15h30min, com a entrega de troféus. Participam das provas homens, mulheres e crianças.

Na abertura, haverá disputa do troféu Pedro Maurilio, com a prova de laço.

Matérias na imprensa catarinense, inclusive com destaque de capa, entre abril e maio de 1998.

24 GERAL - TRADIÇÃO

Rodeio transforma Rio Negrinho em centro de diversão

Alisei Pelli
RIO NEGRINHO

A mistura de ritmos musicais que se ouve nos equipamentos de som dos quatro mil campistas denuncia a marca do 18º Rodeio Intercontinental de Rio Negrinho: a união de milhares de pessoas numa festa para todos os gostos. Preservando as tradições gaúchas, o que era para ser um espaço para as competições de laço e gineceira vai além e exibe um complexo de lazer que integra música, esporte, arte e comidas típicas. A fazenda Boverato sedia o evento e as empresas ali oferecem um público equivalente à população de Rio Negrinho, estimado em 32 mil pessoas, numa infraestrutura de 25 hectares, que consumiu um investimento de R\$ 30 mil por parte dos organizadores. O retorno, garantido em parte pelas quase 20 mil pessoas que passaram pelo lugar até sábado, deve chegar aos R\$ 260 mil, revertidos ao CTG Amor e Tradição, promotor da festa.

"Gostei do turismo da cidade, as 500 pessoas que não saíram durante os

quatro dias, o comércio e o público que prestigia", resume o diretor de marketing do evento, Vilmari Fagundes. A família Celesti, que frequenta o rodeio há sete anos, é o maior exemplo da fidelidade do público que Rio Negrinho conquista a cada ano. Carlos Celesti, 38 anos, achou que era pouco sair de São Bento do Sul apenas com uma barraca, e obteve autorização para construir um legítimo delfino criollo na área. Pelo Rancho do Piauí Gaudírio, que reúne uma família de nove pessoas, circularam 700 visitantes. "É um local extraordinário", diz Celesti, que ainda exibe o talento artístico dos dois filhos no rodeio. Patrick, 14 anos, e Bruno, 9, formam o grupo Piauí Gaudírio, que se apresenta todos os anos.

Um pouco mais distante, um grupinho animado mostra que o Rodeio Intercontinental está inserido no processo de globalização. A festa, que leva a determinação impossível de uma homepage, www.BaileGaucho.com.br, é uma brincadeira para mostrar que todos estão ligados a uma mesma rede.



NO LAÇO: Rodeio Intercontinental de Rio Negrinho aconteceu na fazenda Boverato

ANôcia

Tempo bom leva 38 mil a Rio Negrinho

Maiores rodeio crioulo do Estado e quinto maior do Brasil atraíram tradicionalistas e simpatizantes de diversas regiões para provas de laço e exposição de produtos

SANBORN JONES

Rio Negrinho. — A queda de temperatura seguida de um vento forte contrasta com o sol e o calor que os visitantes sentem ao entrar no Centro de Tradições Gaúchas Herança do Velho Pai, do 11º Rodeio Intercontinental. O evento, que acontece entre 17 e 21 de maio, atrai milhares de visitantes de todo o Brasil e de outros países. O rodeio é considerado o maior do gênero no Brasil. Segundo o diretor de marketing do evento, Vilmari Fagundes, o público chegou a 38 mil pessoas nos quatro dias de festa. O encerramento será no domingo, às 15h30min, com a entrega de troféus. Participam das provas homens, mulheres e crianças.



DEBATE: 180 CTGs de sete estados estiveram representados na prova de laço do rodeio

Padres trocam botina por pilão

Los Angeles

Los Angeles. — Os pais de quatro crianças de 10, 12, 14 e 16 anos trocaram botinas por pilões e se tornaram competidores no 18º Rodeio Intercontinental de Rio Negrinho. Os pais, que são tradicionalistas, foram convidados pelos organizadores para participar das provas de laço e gineceira. Os pais, que são tradicionalistas, foram convidados pelos organizadores para participar das provas de laço e gineceira.

Los Angeles. — Os pais de quatro crianças de 10, 12, 14 e 16 anos trocaram botinas por pilões e se tornaram competidores no 18º Rodeio Intercontinental de Rio Negrinho. Os pais, que são tradicionalistas, foram convidados pelos organizadores para participar das provas de laço e gineceira. Os pais, que são tradicionalistas, foram convidados pelos organizadores para participar das provas de laço e gineceira.

TRADIÇÕES VIVAS

Rodeio crioulo reúne 130 mil

O evento no CTG Os Pratinhos durou uma semana e distribuiu prêmios em gineceira, tiro de laço e habilidade com a rédea em várias categorias

ÍNDIO GUSPO

São José. — Cerca de 130 mil pessoas participaram do 18º Rodeio Intercontinental de Rio Negrinho. O evento, que aconteceu entre 17 e 21 de maio, atrai milhares de visitantes de todo o Brasil e de outros países. O rodeio é considerado o maior do gênero no Brasil. Segundo o diretor de marketing do evento, Vilmari Fagundes, o público chegou a 130 mil pessoas nos quatro dias de festa. O encerramento será no domingo, às 15h30min, com a entrega de troféus. Participam das provas homens, mulheres e crianças.



O ponto alto do rodeio foram as competições que atraíram 1.500 espectadores

Ramon Ledesma. — Os pais de quatro crianças de 10, 12, 14 e 16 anos trocaram botinas por pilões e se tornaram competidores no 18º Rodeio Intercontinental de Rio Negrinho. Os pais, que são tradicionalistas, foram convidados pelos organizadores para participar das provas de laço e gineceira. Os pais, que são tradicionalistas, foram convidados pelos organizadores para participar das provas de laço e gineceira.

Tradicionalismo invade Rio Negrinho

Jornal A Notícia,
15/04/98.

Rodeio Crioulo da fazenda Evaristo chega à 18ª edição e deve atrair mais de 40 mil pessoas de amanhã a domingo

SANDRO GOMES

Rio Negrinho — A cada ano, milhares de pessoas vão até a Fazenda Evaristo para, ao som da música tradicionalista, degustar um churrasco preparado ao fogo de chão no maior rodeio do Estado de Santa Catarina e quinto maior do Brasil. E não será diferente a partir de amanhã até dia 19, quando acontece a 18ª edição da festa. Para quem comparece aos rodeios da Fazenda Evaristo, a impressão é de que o evento já nasceu grande. Na verdade, muitas mudanças foram realizadas desde que o 1º Rodeio Crioulo de Rio Negrinho aconteceu, em 1980.

Gilson Stoeberl, um dos filhos do idealizador do rodeio, Evaristo Stoeberl, já falecido, explica de que forma nasceu a festa, que neste ano espera concentrar 40 mil pessoas nos 25 hectares reservados. A área total da fazenda chega a 1.600 hectares. Gilson diz que a ideia de tornar a fazenda a sede de um megaevento surgiu em 1979, quando seu pai foi convidado a participar de um rodeio em Papanduva.

O convite partiu de Darcy da Silva, que na época morava em Rio Negrinho. Hoje, Darcy está no Mato Grosso. Evaristo aceitou o convite e sequer imaginava as consequências da ação. Em Papanduva, Evaristo, muito conhecido da comunidade tradicionalista, foi desafiado por uma morte, quando seu pai foi convidado a participar de um rodeio em Papanduva.

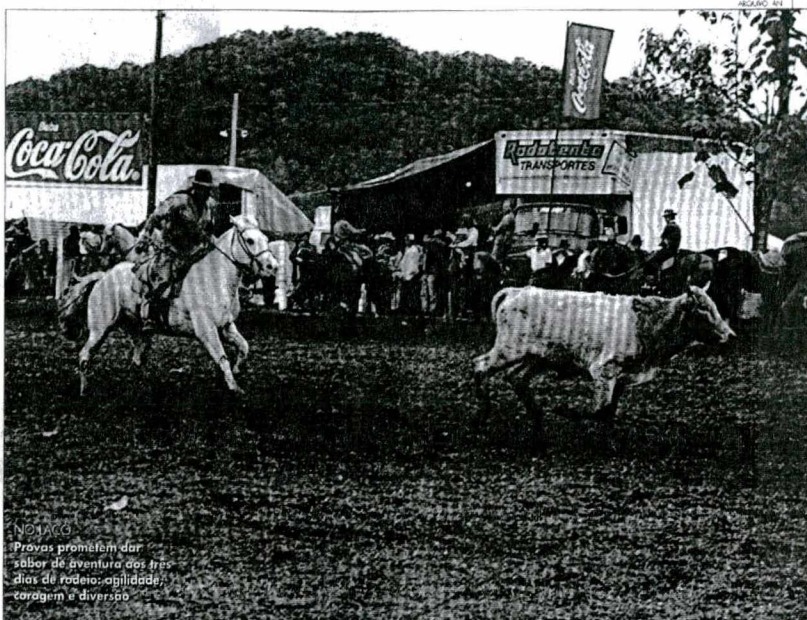
HISTÓRIA

O sucesso do feito entusiasmou o principiante laçador, que desceu da montaria e como primeira atitude comprou o cavalo que lhe ajudou a conquistar o mérito. E já de posse do "Cavalo de Aço", que era o nome do animal, anunciou: "Daqui para frente vocês terão um concorrente", manifestando que ele próprio iria realizar seu rodeio. E a promessa está sendo cumprida até hoje, mesmo depois de sua morte, há dois anos e meio, quando foi vitimado por um câncer de pulmão.

Em 1978 já havia a intenção de construir a sede da fazenda. **Tratava-se de uma descampada** a área. Com a promessa feita em Papanduva, Evaristo teve que acelerar seus planos. No mesmo ano em que participou da festa papanduvense, o patrão Evaristo, como era carinhosamente conhecido, já estava com todo o espaço descampado, limpo e desloteado. Um ano mais tarde, em 1980, era inaugurada a sede da fazenda e para comemorar, como havia prometido, Evaristo realizou seu primeiro rodeio. O sucesso foi total. Cerca de 300 pessoas compareceram. Naquela época a área destinada ao rodeio era aproximadamente 10% da que é utilizada hoje.

Com o passar dos anos, o rodeio foi crescendo, graças ao carisma do patrão que era conhecido em diversas regiões brasileiras e recebeu o apoio de seus amigos. Há quatro anos os seis filhos de Evaristo, entre eles Gilson e mais três cunhados, assumiram a direção da festa, que tem o público acrescido em 9 mil pessoas ao ano.

No ano passado o público atingiu a casa dos 30 mil. Para este ano, 40 mil visitantes estão sendo esperados, ou seja, 7 mil a mais que a população total de Rio Negrinho.



Fazenda Evaristo terá infra-estrutura de cidade dedicada ao lazer

O sucesso é verificado ano a ano no rodeio organizado pela família Stoeberl e pelo Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Amor e Tradição, cuja sede também é na fazenda. Como é inevitável o crescimento de milhares de novas pessoas em cada evento, a preocupação com infra-estrutura começou a receber mais atenção. Em 18 anos foram investidos US\$ 850 mil em melhorias. Um dos investimentos foi a construção de salão de bailes.

Nos primeiros rodeios realizados, apenas as provas de laço aconteciam na sede da fazenda. Os bailes eram realizados na cidade. "O pessoal vinha para o rodeio, saía para os bailes na cidade e depois voltava para a fazenda", explica Gilson. Isto gerava transtornos. "O pessoal bebia, acabava tendo acidentes", diz Gilson. A partir deste ponto surgiu a ideia de se construir o salão de bailes da Fazenda Evaristo, inaugurado em 1992, com capacidade para 3.500 pessoas. No baile de inauguração, durante o 10º rodeio, 3.600 pessoas compareceram.

No mesmo ano era comemorado o centenário de Rio Negrinho.

Além da construção do salão, o patrão Evaristo foi mais longe. Construiu três palcos ao ar livre, onde atualmente renege-se as atrações culturais convocadas a animar os fandangoes. Os palcos ficam em locais mais baixos para que o gramado sirva de arquibancada natural. A cancha de laço também foi projetada em alívio. O mesmo acontece no motocódromo, arquitetado ano passado para sediar uma das etapas do Campeonato Catarinense de Supercross, em que a platéia fica acomodada no alto do gramado, podendo acompanhar as provas de um ângulo privilegiado.

CIDADE DE CAMPANA

Hoje, a área do rodeio está transformada numa pequena cidade. Durante o evento conta com um supermercado, açougue, farmácia, borracharia, mecânico, eletricitista, encanador, veterinário, tudo 24 horas. Posto de combustí-

vel fica de plantão no trevo de acesso a Rio Negrinho.

Um salão de beleza atende as prendas que necessitam de retoques na maquiagem. Aqueles que ainda não aderiram ao movimento tradicionalista podem fazê-lo durante o rodeio. Há uma loja especializada em trajes para prendas e peões. As roupas podem ser alugadas. Para o socorro, duas ambulâncias e um helicóptero, que também faz vôos panorâmicos.

Tudo isto sem mencionar a área para acampamentos. São 1.000 lotes colocados à disposição dos campistas. No camping, os espaços estão divididos para jovens, casais e CTGs. No ano passado, 1.600 barracas foram armadas. Para 98, a previsão é de que no mínimo 2 mil tendas sejam colocadas no local. Há áreas específicas para trailers. A estrutura está dotada com mais de 100 banheiros com chuveiros elétricos. O sistema de distribuição de água e energia foi reforçado e na fazenda também há sinal para telefonia móvel.

Amanhã começam as emoções

do 18º Rodeio Crioulo de Rio Negrinho, com as gineteadas em touro e cavalo. A "Mesa da Amargura", em que cinco peões ficam sentados ao redor de uma mesa no centro da arena, também acontece quinta. O último peão que vencer a cadeira ganha uma motocicleta de prêmio. Em 1997, o rodeio contou com a participação de peões de 186 CTGs do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Santa Catarina. Neste ano, a previsão é de que 200 CTGs estejam representados. Expandindo fronteiras, o rodeio já está chamando a atenção de ginetes argentinos. Pela segunda vez eles estarão participando com cerca de 150 ginetes.

LEILÃO DE CAVALOS

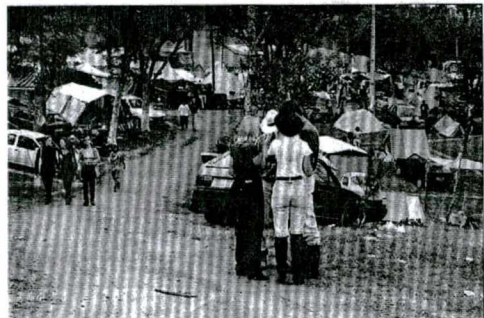
Em torno de 60 cavalos puro-sangue da raça crioula estarão em leilão às 19 horas de sábado. Gilson Stoeberl, um dos organizadores, diz que há a possibilidade de também ser viabilizado leilão com a raça manga-larga.

Programação

BAILES		
No salão	Às 19h	Preços
SEXTA-FEIRA (17/4)	Tevalirito Filho; Dante Ramon (desemp); Rafael e Cristiano; Piazzi Gaudério; Grupo Sato Chão; Grupo Batista; Monizinho; Papai Negro Gatoz (compêdio internacional de bailes no rodeio de Vacaria); e inúmeras artistas de Bento Gonçalves, Vacaria, Florianópolis, Curitiba, Lages e da região Planalto Médio.	Lote para camping R\$ 45,00
Os Garotos de Ouro		Passa de veículo R\$ 30,00
SÁBADO (18/4)		Entrada individual R\$ 3,00
Os Minutos		Ingresso do baile R\$ 15,00
DOMINGO (19/4)		Ingresso do rodeio R\$ 10,00
Os Nativos		Vão panorâmico R\$ 70,00

AS - Bolognini

ARQUIVO JN



CAMPING: Previsão é de que duas mil barracas sejam armadas no local

Festa em Lages começa sexta

Lages — O 2º Rodeio Integração Caminhos da Neve começa sexta-feira a vir até domingo, no Parque Nacional da Maçã, em São Joaquim. Trata-se de um evento tradicionalista, que pretende levar ao parque, nos quatro dias do evento, cerca de 50 mil pessoas. José Nérito de Souza, um dos organizadores, informa que serão mais de 40 Centro de Tradições Gaúchas (CTGs) presentes, dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. "Apenas o nosso CTG, Minuano Catarinense, com seus 28 piquetes filiados, pretende levar mais de 600 laçadores ao parque", destacou.

Nérito destaca que os pontos altos do rodeio deverão acontecer no sábado, domingo e na terça-feira, feriado de Tiradentes. "Teremos seis bailes-shows com atrações como Gaiato da Fronteira, Os Serranos, Os Nativos, Os Garotos de Ouro, Os Cabalés, Raça Campeira e Gaudérios do Vale", destacou. "Além disso haverá atrações campeiras como laçadas, gineteadas, concurso de danças de salão, churrasco, chimarrão, entre outros atrativos típicos do tradicionalismo gaúcho", disse. A iniciativa do 2º Rodeio Integração, em São Joaquim, é do Centro de Tradições Gaúchas Minuano Catarinense (Loreno Siega)



SEGURA PEÃO: Gineteadas promete ser a grande atração em Lages

COMPORTAMENTO

Ah! Eu sou gaúcho!

Adesivos exibem o orgulho de quem nasce no Rio Grande do Sul

Não é uma simples paródia do "Ah! Eu tô maluco!" O grito "Ah! Eu sou gaúcho!", propagado nos estádios de futebol pelas torcidas do Grêmio e do Internacional, exprime um sentimento muito particular de quem nasce no Rio Grande do Sul. Este ano, o orgulho gaúcho está mais visível, estampado nos carros que circulam pelas maiores cidades do Brasil. Adesivos da bandeira do Rio Grande do Sul, um coração com as cores do Estado e outros com frases como "gaudério dos pampas" estão decorando automóveis pelo País afora. "Praticamente acabaram, pois tenho vendido muito", afirma Darci de Paula Vieira, proprietário de uma loja de artigos gaúchos em Embu, na Grande São Paulo. Na capital paulista, Darci é um "gaúcho expatriado", ou um gaudério, que na linguagem do Sul quer dizer algo como forasteiro.

O músico Kleiton Ramil, 45 anos, da dupla Kleiton e Kledir, também é um "gaúcho expatriado". Nascido em Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul, o cantor mora hoje no Rio de Janeiro, onde chegou com 25 anos. Duas décadas depois, porém, ele ainda preserva o hábito de tomar chimarrão todos os dias. Kledir diz que só depois que saiu do Rio Grande é que adquiriu consciência mais nítida do que é ser gaúcho. "Ao comparar meu jeito com o de pessoas de outras regiões, percebi que tinha um comportamento original", constata. Este ano, Kledir colou um adesivo com a bandeira do RS em seu carro, fazendo par a um outro que ele tem colado no seu violão há anos. "O adesivo é uma forma de o gaúcho exilado mos-

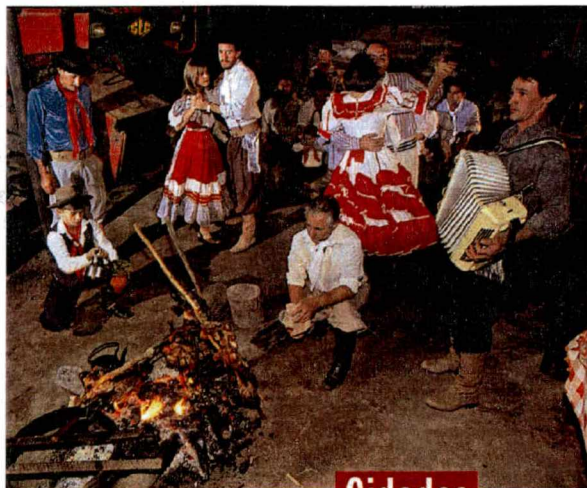
trar ao mundo que tem uma identidade e dizer que sente orgulho dela." Há 30 anos em São Paulo, o vendedor Flávio Mena, 58 anos, natural de Livramento, cidade gaúcha na fronteira com o Uruguai, ouve, pelo menos uma vez por semana, músicas típicas dos pampas, como as do cantor Gaúcho da Fronteira. "Foi em São Paulo que passei a ouvir mais as canções de lá." Também este ano, Flávio foi presenteado pelo namorado da filha com o adesivo da bandeira do RS. "Mas não tem nada a ver com separatismo", ressalva o vendedor. Parte desse orgulho tem raízes na conturbada história do Sul do Brasil. "O Rio Grande, por motivos históricos, poderia ter-se constituído em um Estado independente ou, ainda, pertencer à América Espanhola", diz o antropólogo Ruben Oliven, que lançou em 1992 o livro *A parte e o todo*, que trata, entre outros assuntos, do papel do RS na formação de uma identidade brasileira. "Exatamente por isso, o gaúcho é, de certo modo, um brasileiro por opção", arremata Oliven.

O antropólogo explica que os gaúchos, originalmente trabalhadores que cuidavam do gado nos pampas, é um migrante por vocação. Já o escritor Luis



Bandeira gaúcha em carro paulista: mania nacional

Fernando Verissimo, 61 anos, diz que, por viver em um canto do Brasil, o povo do Sul teme ser renegado pelo resto do País. "O gaúcho é um pouco inseguro", brinca Verissimo. O estudante de Direito Felipe Milanez Pereira, 20 anos, nascido em Porto Alegre e morando há seis anos em São Paulo, toma chimarrão diariamente e veste discretas bombachas de vez em quando. O orgulho gaúcho o leva a cometer até uma heresia regional. Fanático torcedor do Internacional de Porto Alegre, hoje Felipe torce pelo arqui-rival, o Grêmio, sempre que este joga contra times de outros Estados. Barbaridade, tchê! ■



Cidades



Festa ao estilo gaúcho e Gobbi no trator: um quinto da população produz 90% da safra

Revista Veja, 22/07/98.
A revista informa sobre a criação do município de Chapada Gaúcha, visitado pelo pesquisador quando ainda se chamava Vila dos Gaúchos e se mobilizava pela emancipação.

Bah, é Minas, tchê

No cerrado mineiro, gaúchos transformam uma região pobre num oásis de produção agrícola

O município de Chapada Gaúcha, localizado 740 quilômetros ao norte de Belo Horizonte, é uma ilha do Rio Grande do Sul desgarrada de seu território original. Fica em pleno cerrado mineiro, mas parte de seus habitantes fala com o sotaque carregado dos descendentes de italianos e alemães do sul do país. Suas festas são regadas a rodas de chimarrão, danças ao som do folle dos gaiteiros e churrascos de fogo-de-chão. A prosperidade do município também destoa da paisagem. Embora esteja situado numa das regiões mais pobres de Minas Gerais, dentro do chamado Polígono da Seca, suas terras são um celeiro de produção de alimentos. Tudo isso é resultado da presença de 300 famílias de migrantes gaúchos que, nos últimos vinte anos, desembarcaram lá, atraídos por um projeto de colonização em terras devolutas do governo.

As primeiras famílias chegaram ao local em 1978, quando tudo ali era mata virgem de cerrado. A terra era tão barata que, na época, com o preço de 50 hectares no Rio Grande do Sul compravam-se 1 000 hectares na chapada mineira. "Nosso trabalho mais difícil foi amansar a terra, que não era de boa qualidade", conta Altemir Alves de Souza, cuja família foi uma das pioneiras no

projeto de colonização. "Alguns técnicos do governo chegaram a dizer que, para produzir alguma coisa aqui, só se chovesse adubo", lembra. Os gaúchos insistiram, organizaram-se numa cooperativa e transformaram o local. No ano passado, foram cultivados 18 000 hectares de soja, milho, cana-de-açúcar, mandioca, feijão e arroz. Mesmo sem irrigação, a produção foi de 50 000 toneladas e gerou uma renda de 8 milhões de reais. Os gaúchos representam apenas 20% da população do município, mas foram responsáveis por cerca de 90% de toda a safra. Evandro Gobbi, 23 anos, produz 1 000 toneladas anuais de

soja e milho. Seu pai, morto há dois anos, foi um dos primeiros a chegar. "Viemos só com a roupa do corpo e quase passamos fome", diz Evandro. "Hoje, vejo que meu pai estava certo em acreditar naquele sonho."

Pão e ração — Os Gobbi e os demais agricultores da cidade fazem parte de uma onda migratória que levou mais de 1 milhão de gaúchos a deixar a terra natal para tentar a vida fora nas décadas de 70 e 80. A cidade mineira é a segunda parada do agricultor gaúcho Narciso Rohte, de 33 anos. Há seis anos, ele pegou as economias da família, que morava em Mato Grosso do Sul, e comprou uma gleba de 50 hectares na Chapada. "Vi que no Centro-Oeste só os grandes produtores tinham vez", justifica. Hoje, a área de sua propriedade está triplicada. Rohte é um dos 365 pequenos produtores que trabalham integrados em associações e compõem a Cooperativa Agropecuária Mista de Chapada Gaúcha, Cooami.

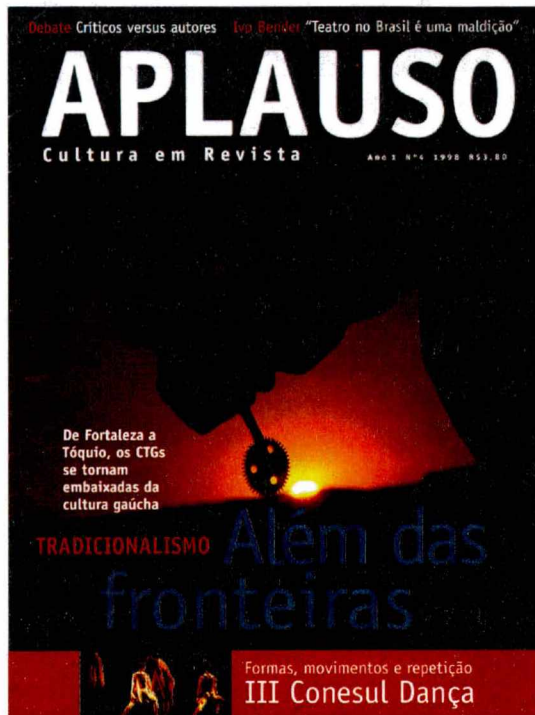
A organização dos gaúchos seduziu o Banco do Nordeste. Nos últimos dois anos, a instituição liberou cerca de 10 milhões de reais para financiamento de um distrito agroindustrial na região. Galpões foram equipados para funcionar como panificadora, alambique, abatedouro de suínos, beneficiadora de arroz, fábricas de laticínios, ração, confeitarias e açúcar mascavo. A contribuição dos gaúchos para o desenvolvimento da região foi reconhecida há dois anos, quando a então vila se emancipou de São Francisco. Agora, a tarefa dos imigrantes é construir a sede do novo município. "É um desafio tão grande quanto aquele de vinte anos atrás", diz o gaúcho Narciso Baron, o primeiro prefeito, eleito em 1996. Nos últimos dois anos, o total de residências na zona urbana saltou de 300 para mais de 800.

Onde fica

A Chapada Gaúcha fica no norte de Minas Gerais, em pleno cerrado



José Edward, de Chapada Gaúcha



Revista Aplauso, agosto de 1998. Publicação de cultura gaúcha, que obteve os benefícios da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, destaca a globalização do gauchismo.

Globalização à gaúcha

Cada vez mais, os CTGs espalham-se pelo mundo e assumem o papel de grandes disseminadores da cultura gaúcha

Por Sean Ragan

É noite de sábado. Aos poucos, prendas e pelos são chegados à estância para um fandango. Enquanto o vinho quente passa de mão em mão, em vista do fogo, o churrasco vai aquecendo, assim imagine que essa cena já pode ser vivida no interior de alguma região campestre do Rio Grande do Sul, está muito enganado. Ela não está acontecendo, nesse exato momento, no Rio de Janeiro, em São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Bahia, Estados Unidos ou Japão. O "perre" que na mão de 50 anos invadiram os rio-grandenses, fazendo nascer o tradicionalismo, atravessou fronteiras e contaminou pessoas e culturas de outros lugares. Todos compartilhando um mesmo sentimento: amor aos valores gaúchos.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) nasceu em Porto Alegre, impulsionado pelo desejo de um grupo de jovens de lutar por um resgate às raízes do campo. Ele surgiu dentro de si a força das raízes e do desejo de nunca perdê-las. Idealizado, o tradicionalismo passa a ser uma terra em que homens bravos vivem em harmonia com o seu meio e seu tempo. Um lugar em que os sentimentos são verdadeiros e os valores da família ainda ecoam. Para os leitores, um dos fundadores do MTG, destaca que o movimento é a expressão do sentimento genuíno dos que vivem afastados das estâncias. No início, o movimento se chamava "Rio-Grandes", já que a maioria está restrita a alguns grupos locais. "Nosso lema é: viver e morrer em casa, não a distância. A bandeira, o brando e o amor, esses são nossos valores. Não é que vão dar uma identidade comum a todos que chegam ao Rio Grande", é, principalmente, assim que vivem.

"Não existe um mal, meu patético
P'ra a qual não embrezei nada!
Muito de deus e amor
Que já criou tanto sofrimento.
Pois não se afoga quem não tem,
Nem se quebra a ferro quente!
É aquela que a guasca sente
Quando está longe da Pátria!"
João Carlos Bruch

Se depender de Jullio Delazer, que há 35 anos mora nos Estados Unidos, um pedacinho dos países gaúchos vai se reencontrando no coração de Los Angeles. Para visitar os sandálios da terra em que nasceu, Delazer foi lá, no dia 20 de setembro de 1992, o CTG Bento Gonçalves. Aos finais de semana, cerca de 80 pessoas se reúnem em um parque de cidade para fazer churrasco e tomar chimarrão. Entretanto, o que mais chama a atenção no movimento surgiu em plena coreia: quando é a nacionalização dos pelos e prendas: são brasileiros de vários estados, espanhóis, paraguaios, bolivianos, guatemaltecos e até norte-americanos. Todos vestem pilcha e festejam os valores gaúchos. Delazer acredita que os estrangeiros "são atraídos pela tranquilidade e serenidade do movimento".

O crescimento dos CTGs fora do Rio Grande do Sul é um forte indicativo de que o movimento também está tomando o rumo da globalização. Além de Los Angeles, existem Centros na Flórida, no Japão, na Holanda, na Malásia, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e em vários outros países. O escritor Barbara Lian, um dos principais teóricos do movimento, acredita que o tradicionalismo está se universalizando. "Na medida em que a globalização avança e transforma o ser humano em uma cifra, perdendo-se valores pela capacidade de consumo, o tradicionalismo é a única alternativa em que a família convive em ambiente de pura cordialidade".

nos últimos anos, a grande família gaúcha tem registrado sinais de vitalidade e crescimento. De acordo com os números do MTG, que funciona como uma espécie de federação das entidades gaúchas, existem 1.500 CTGs registrados no Rio Grande do Sul e em torno de 800 no resto do Brasil. O número pode variar, se forem contados os grupos folclóricos, associações nativistas e piquetes não-MTG. "Nos dez últimos anos, houve um crescimento de 90% no movimento. Eramos apenas 10% de quem somos hoje", festaja o presidente do MTG, Divaldo Bruch.

"Dura o canto gaúcho e brasileiro
Dessa terra que no amor de deus está."



Nunca o movimento tradicionalista gaúcho teve tanta força. A cada ano, cresce o número de CTGs, espalhados nos lugares mais inusitados do planeta